



3 1761 06352124 9

HISTORIA DA POESIA PORTUGUEZA
(do século XV a XVI)

Seculo XVI

HISTORIA
DE
CAMÕES

POR
THEOPHILO BRAGA

PARTE II
ESCHOLA DE CAMÕES

(Livro II — Os poetas epicos)

PORTO

IMPRESSA PORTUGUEZA — EDITORA

1875

PQ

9212

B73

pt. 2

bu. 2



LIVRO II

OS POETAS EPICOS

CAPITULO I

Primeiras tentativas de uma Epopêa nacional

Assim como na primeira Renascença as Gestas se converteram em Chronicas, na segunda Renascença do seculo xvi as Chronicas tornam-se Epopêas eruditas. — *a)* Affonso Giraldes e o *Poema da batalha do Salado*. — Relações com a Chronica em redondilhas de Rodrigo James. — A Prophécia do Leão dormente, do seculo xix, apparece no Bandarra em 1540. — *b)* Diogo Brandão, e a *Lamentação á morte de Dom João II*. A fórma hespanhola do poema da Cava. — *c)* Diogo Velho, *Coplas á descoberta da India*. — Como se vulgarisára a tradição de um designio providencial reservado aos Portuguezes. — A inscripção sybilina de 1508. — *d)* João de Barros, e os rudimentos de uma Epopêa portugueza: ainda a fórma da outava castelhana ou de lamentação: reminiscencias da tentativa de Barros no canto II dos *Lusiadas*. — *e)* Luiz Anriques, e o poema da *Tomada de Azamor*. O syneretismo historico do ideal patrio no nome *Luzitania*. — Allusão a Virgilio. — Camões nas estancias supprimidas dos *Lusiadas* falando de Azamor, excede em belleza o poeta do Cancioneiro. — A necessidade de uma epopêa revelada com a maior clareza em 1564. — Como a Eneida tinha de ser fatalmente o modello da Epopêa.

As Canções de Gesta da idade media, que foram a expressão epica do mundo moderno, sob o regimen da erudição da primeira Renascença do seculo XIII affectaram um caracter historico, tornaram-se Chronicas rimadas, como as escreviam Benoit de Sainte More, Phi-

lippe de Mouskes ou Rodrigo Jannes. (1) No seculo XVI a fórte Renascença classica levou pelo servilismo da imitação gregã e romana a traduzir-se outra vez a chronica em epopêas academicas. Assim, se no seculo XIII um Affonso o Sabio basêa a *Chronica general de España* sobre os romances tradicionaes do povo diluindo-os em prosa, no seculo XVI um Lorenzo de Segura traduz e retalha a prosa dos Chronicons em versos de redondilha. (2) São dois actos que se ligam e completam mutuamente, filhos do mesmo syncrétismo que se deu em toda a Europa. Vejamos como a Epopêa do seculo XVI nasce d'esta segunda corrente. Antes do poema dos *Lusiadas*, a litteratura portugueza apresenta algumas tentativas de epopêa; como lhe faltava esse nucleo vital de toda a concepção epica, o mytho obliterado na tradição, serviu-se dos successos historicos na sua exposição mençs poetica, pela ordem chronologica. Faltavamos tambem esse respeito pelas grandes Gestas da edade media, que nós parodiámos ironicamente, como se vê na *Gesta de mal dizer*, de Affonso Lopes Baião. O poema de Affonso Giraldes á batalha do Salado é uma imitação das fórmas metricas usadas na côrte de Affonso XI; o poema de Diogo Brandão á morte de D. João II enumera os feitos de D. João I, Dom Duarte, Dom Affonso V e Dom João II, imitando o antigo metro de arte maior, chamado na poetica hespanhola *estyllo de lamentação*, que o marquêz de Santillana constitua em ge-

(1) *Formação do Amadis de Gaula*, cap. 1.

(2) *Epopêas da raça mosarabe*, p. 283.

nero litterario; as Coplas de Diogo Velho á Descoberta da India dão-nos o fio da tradição prophetica do *Leão dormente* com que, tanto o poema de Rodrigo Jannes como o popular Bandarra, symbolisam o rei de Portugal. João de Barros é o primeiro que, presentindo a unidade nacional, reconhece a necessidade de uma epopêa que seja a expressão d'essa consciencia; e o chronista esboça com difficuldade o quadro de uma epopêa em fórmãs archaicas do verso de arte maior. Luiz Anriques conhece já o symbolo da unidade politica de Portugal representado pela identificação imaginaria dos *Lusitanos* com os Portuguezes; estuda Virgilio e cita o canto sexto; tira a invocação poetica dos sentimentos christãos; assiste como heroe á victoria de Azamor, mas faltava-lhe a elle e a todos os outros o genio, essa qualidade moral que leva o homem, como diz Carlyle, a firmar-se nas cousas e não nas apparencias das cousas. Camões sentiu intimamente a realidade d'isto que eram apenas sonhos e vagas aspirações.

Porque é que as tentativas de uma epopêa nacional começaram em Portugal pelas chronicas rimadas até chegarem ao poema historico? Portugal constituiu a sua independencia em uma epoca em que a fecundidade profunda das creações da idade media estava terminada; foi por isso que entrámos logo em uma actividade historica, e já não era tempo nem de crear nem de elaborar essas *tradições* fundamentaes d'onde se derivam as epopêas, e que produzem as litteraturas. N'este ponto Portugal teve uma certa analogia com o povo romano,

que pelo seu immenso cosmopolitismo e pelo seu espirito juridico entrou muito cedo no periodo consciente da civilisação. Como Virgilio, Camões não fez a sua epopêa exclusivamente de um facto historico, mas tomou um centro em volta do qual agrupou as poucas tradições nacionaes que pode alcançar. Foi este instincto que deu a Camões o primeiro logar sobre os poetas epicos do mundo moderno, depois de Virgilio. Repetimos com Comparetti, no seu livro capital *Virgilio nel medio evo*, explicando o motivo porque a fórmula epica litteraria é rarissima entre os gregos e exuberantissima entre os romanos: « Ma il sentimento dei romani era tanto gagliardo e potente, e la natura loro di popole storico era tanto fortemente pronunziata che un solo le epopee storiche presso di loro furono piu numerosé che presso di altri, ma ebbero anche maggior successo di quello si sarebbe potuto aspettare dal epopea storica anche la meglio concepita, quando la freddeza sua naturale non fosse stata compensata dal calore straordinariamente intenso e persistente del sentimento a cui era rivolta e che anche l'avea suggerita. » (1) O mesmo character historico do povo portuguez, que o fez abraçar sem difficuldade a civilisação romana, deu a Camões essa mesma intuição poetica de Virgilio, e naturalmente explica a constante redacção de epopêas historicas no seculo xvii, para as quaes está o poema os *Lusiadas*, como a *Eneida*

(1) *Op. cit.*, t. 1, p. 10.

está para os poemas de Lucano, de Stacio, de Silio Italico e de Claudiano.

Assentada esta base critica, vejamos como das fórmas da chronica rimada passámos para a epopêa historica.

a) Affonso Giraldes e o «Poema da Batalha do Salado.»

Uma das principaes paginas historicas em que foi empregada a lingua portugueza é esse fragmento da descripção da batalha do Salado, que anda junto ao *Nobiliario*; este golpe capital no dominio dos Arabes, que assegurou a estabilidade e segurança das nacionalidades da Peninsula, assim como despertou o interesse dos poetas foi o assumpto do primeiro poema narrativo escripto na lingua portugueza. A *Batalha do Salado*, era uma especie de chronica rimada escripta por Affonso Giraldes, em quadras de redondilha, como se pôde conhecer pelos fragmentos publicados por Brandão e Bluteau; (1) hoje está totalmente perdido este monumento, mas tanto pela fórma metrica, como pelo espirito da sua concepção podemos julgal-o como uma imitação d'esse celebre poema conhecido pelo nome *Cronica en coplas redondillas de Alfonso Onceno*, escripto por Rodrigo Jannes, que, como Affonso Giraldes, se achou tambem na batalha do Salado. O poema castelhano foi descoberto por Diego Hurtado de Mendoza em 1573; não

(1) Recollidas nos *Trovadores galecio-portuguezes*, p. 269.

accentuaremos a sua importancia com relação á historia e litteratura hespanhola, basta-nos apenas alguns confrontos com os fragmentos de Affonso Giraldes:

St. 335: E dioles grandes franquezas
 Por Castilla mas valer,
Todas aquestas noblezas
El buen rey fizo fazer.

Em um dos fragmentos de Affonso Giraldes achamos quasi textualmente reproduzidos os dous ultimos versos por esta fórma:

Todas estas cortezias
 Este rei mandou fazer.

Uma das poucas estrophes que restam do poema portuguez, aparece no poema de Jannes uma vez com a mesma rima, outra com um verso inteiro:

St. 821: Don Gonçalo Martines de Oviedo
 Caudillo de los castellanos,
 Todos lidiavan sin medo
 Matando en los paganos.

St. 1326: Todos gran muy sin medo.
 Para cumplir su perdon,
 E Gonçalo Gomes de Azevedo
 Levava el su pendon.

Eis a estrophe portugueza:

Gonçalo Gomes de Azevedo
Alferes de Portugal,
Entrava aos Mouros *sem medo*
Comô fidalgo leal.

Se os fragmentos do poema portuguez fossem mais extensos, por ventura se achariam paradigmas mais caracteristicos da imitação da Chronica de Jannes. Na *tradição* portugueza, que reaparece no seculo XVI nas prophcias de Bandarra, falla-se ainda no *Leão dormente*, e no *Porco selvagem*, com que pela occasião da batalha do Salado se representava a lucta do rei de Portugal na sua alliança com Affonso XI contra os Mouros. Na *Chronica en coplas redondillas* achamos o mesmo espirito das prophcias de Bandarra, mas com o seu sentido historico:

St. 1807: Merlin, sabidor sutil,
Dixo luego esta rraçon:
Acabados los annos mill
E los tresientos de la Encarnacion.

Cinquenta e nueve conplirán
Los annos de esta fasanna
La mar fonda passarán
De bestecas muy grand canpanna.

Muchas cosas acontecerán,
Maestro, creeldo çiertamente,
Fuertes batallas seran
En las tierras el Poniente.

Reynará un leon provado
 En la provençia de Espanna,
 Será fuerte e apoderado,
 Sennor de muy grande canpanna.

.....

Escontra el sol Poniente
 En el tiempo d'este leon,
 Reyna un *Leon dormiente*,
 Muy manso del coraçon.

E el leon coronado
 Que en este tienpo regnar,
 El será desafiado
 Del puerto de allen la mar.

Salir-se ha el *Puerco espin*,
 Sennor de la grand espada,
 De tierras de Benamarin,
 Ayuntará grand albergada.

Con bestias bravas e perros marinos,
 Las águas fondas passaran,
 Cobrirán montes e caminos
 En la Espanna aportarán.

.....

E todos se ayuntarán
 Con el *Puerco* apoderado,
 Estas nuevas llegarán
 Luego al Leon coronado.

El leon temblar fará
 Las tierras de Oriente
 E com grand sanna saldrá
 Por las terras del Poniente.

E de toda la su gente
 Levará poca criason,
Despertará el Leon dormiente
 Que ovo dormido a grand sason.

Los Leones se abraçarán
 Amos com muy grand plazer,
 Al puerto estrecho llegarán,
 Deseosos por comer.

El Puereo apoderado
 Non saldrá de una montanna,
 El Leon coronado
 Bramará con muy grand sanna.

En las covas de Ereóles
 Abrán fuert lid enplazada,
 Muchas bestias matarán
 Al Puereo de la grand espada.

El *Leon dormiente* bençerá
 El Dragon de la grand fromera,
 El leon coronado arrancará
 El puereo por una ladera.

El Puereo será bençido
 Escapará de la muerte,
 A Marruecos será bolvido
 Com muy grand desonrra fuerte.

Nas prophcias de Bandarra apparecem estas mesmas allegorias *tradicionaes*:

Oh senhor, tomai prazer
 Que o grão *Porco selvagem*
 Se vem já de seu querer
 Metter em vosso poder
 Com seus portos e passagem. (St. LXVI.)

Já o *Leão* é esperto,
 Mui aberto,
Já acordou, anda caminho,
 Tirará cedo do ninho
 O *Porco*, e he mui certo,
 Fugirá para o deserto,
 Do *Leão* e seu bramido... (St. LXXV.)

Um grão *Leão* se erguerá
 E dará grandes bramidos;
 Seus brados serão ouvidos
 E a todos assombrará:
 Correrá e morrerá,
 E fará mui grandes damnos,
 E nos reinos africanos
 A todos sugeitará. (St. LXXVIII.)

Vi um grã *Leão* correr
 Sem se deter
 Levar sua viagem,
 Tomar o *Porco selvagem*
 Na passagem
 Sem nada lh'o defender. (St. xciv.)

O Rei novo é *acordado*
 Já dá brado, etc. (st. xciv.)
 Já o *Leão* vae bradando
 E desejando
 Correr o *Porco selvagem*,
 E tomal-o na passagem
 Assim o vae declarando. (St. cvii.)

Estes versos, que tanto tem occupado a imaginação portugueza desde o seculo XVI até ao seculo XVIII, acham-se explicados pelo poeta-chronista Rodrigo Janes:

St. 1832: Estas palabras apuestas
De los *Leones* e *Puerco espin*
Asi como sson conpuestas
Profetisólas Merlin.

.....

El Leon coronado
Sobre que fundó rrason,
Fue este rrey bien aventurado
De Castilla e de Leon. (Alfonso XI.)

E el otro *Leon dormiente*
Aquel rrey fue su natural
Que rrenó en el Poniente
Que llaman de Portugal. (D. Affonso IV)

E el bravo *Puerco espin*
Sennor de la grand espada.
Fue el rrey de Benamarin,
Que a Tarifa tovo çercada.

Rrey de Granada fué el Dragon,
Granada la grand fromera,
Este rrey de grand coraçon
Cuydó ganar la frontera.

Las bestias bravas e perros marinos
Que aportava en la Espana,
Moros fueron viejos e ninnos
Que y perderan grand conpanna.

Pelas relações entre a *Chronica en coplas redondillas* e o poema de Affonso Giraldes, é que se póde explicar a connexão entre as trovas de Bandarra renovadas em Portugal depois da tomada da Goleta com as antigas allegorias propheticas da victoria do Salado, em

que figura Affonso IV como o *Leão dormente*. Na Chronica de Rodrigo Jannes figura tambem a rainha D. Maria, vindo a Portugal interceder para com que seu pae auxilie Affonso XI seu marido contra a terrivel invasão musulmana. O colorido poetico que Camões achou n'esta *tradição* historica, bem nos revela que elle não recebeu esse lindissimo episodio dos *Lusiadas* unicamente por via das Chronicas officiaes do reino, que em geral narram os factos palidamente; e o poeta não iria idealisar esse passo politico, se nas primeiras tentativas de epopêa historica se não houvesse já aproveitado o que elle tem de bello e de humano.

b) Diogo Brandão, e a «Lamentação á morte D. João II»

É este poeta um dos principaes vultos do *Cancio-neiro* de Resende, (1) irmão mais velho da decantada Maria da sentidissima Ecloga *Crisfal*; imitador da escola hespanhola do seculo XV, ignora as formas da epopêa moderna impostas pela Italia, mas presente o valor dos poemas historicos diante dos immensos successos da côrte de Dom João II. Em uma longa elegia á morte de Dom João II, adopta a antiga outava dos trovadores, como Affonso Sabio ou Francisco Imperial, com o tom narrativo de uma chronica. A tradição classica não o preoccupa :

(1) *Poetas palacianos*, p. 308.

Dizer dos antigos, que sam consummidos,
 nam quero, em Gregos falar, nem Romãos,
 mas nos que nos cáem aqui d'antre as mãos,
 vistos de nós e de nós conhecidos.

Diogo Brandão expõe rapidamente a successão dos reis de Portugal desde Dom João I até D. João II, tendo sempre para os vagos aphorismos moraes do desprezo do mundo:

Antigos exempros a parte deixados
 sem os alheos querer memorar,
 os mortos em Canas deixemos estar
 com outros mil contos que sam já passados.
 Deixem de ser aqui relatados:
 abaste falar nos possuidores
 d'esta nossa terra, que d'ella abaixados
 foram assi como pobres pastores.

Que se fez d'aquelle que Ceyta tomou
 por força aos Mouros com tanta vitoria,
 o intitulado de: *Boa-Memoria*,
 que a si e aos seus tão bem governou?
 As cousas tam grandes, que vivend'acabou
 afora nas batalhas mostrar-se tam forte,
 com outras façanhas em que s'esmerou
 nunca poderam livral-o da morte.

Seu filho primeiro, bom rey *Dom Duarte*,
 que foy tam perfeyto e tam acabado,
 reynando muy pouco, da morte levado
 foi, como quiz quem tudo reparte.
 Seus irmãos, os Infantes, que tanta de parte
 na vertude tiveram, polo bem que obraram
 tendo nas vidas trabalhos que farte,
 com tristes soçessos alguns acabaram.

O sobrinho d'estes, Infante de grorea,
 progenitor de quem nos governa,
 que foy de vertudes tam crara luzerna,
 tambem ouve d'elle a morte vitorea.
 Com tudo nom póde tirar-lh'a memorea,
 de sér esforçado e forte na fée,
 tomou este princepe, dino de estorea
 per força a Mouros o grand'Anafée.

O *quinto Affonso* nom quero calar,
 que assi como teve vitorea crecida,
 tantos trabalhos teve na vida
 que lhe causaram mais ced'acabar;
 Tambem acabou o filho de dar
 fim a esta vida de tanta miseria,
 no qual determino hum pouco falar
 posto que emprenda muy alta materia.

Este foy aquele bom rey *dom Joham*,
 o mais eycelente que ouve no mundo,
 rey d'estes reinos, d'este nome o segundo
 humano, catholico, sojeito aa razan... (1)

Quando Camões traçou episodicamente o quadro da historia de Portugal, não foi levado como Diogo Brandão unicamente pela synthese moral para que são trazidas todas estas outavas; tinha em vista fazer sobresaír pela poesia os lances mais vivos da historia de cada reinado. A intenção moral não basta para a obra de arte; Diogo Brandão, não só pela ignorancia da eschola italiana, como pela estreiteza do seu ideal não podia encetar a grande epopêa portugueza, que a nossa vida historica exigia.

(1) *Canc. geral*, t. II, p. 190.

c) Diogo Velho, Coplas á Descoberta da Índia

As allegorias propheticas que vimos no poema imitado por Affonso Giraldes, receberam no principio do seculo XVI um sentido novo com relação á descoberta do Oriente. Em 1516 escreveu Diogo Velho, da Chancellaria, umas coplas em que sob a allegoria da caça descreve as grandes riquezas de Portugal alcançadas pelas novas descobertas maritimas; era esta *tradição* em parte mysteriosa que ia creando a aspiração para uma epopêa da nacionalidade. Nos povos catholicos, em quem se obliteraram completamente os *mythos* das raças a que pertencem, a Epopêa não tem essa condição organica para desenvolver-se, e é por isso artificial sem o sentimento profundo da generalidade que se propõe representar. Na epopêa portugueza ha este vago espirito prophetic *tradicional*, que substitue o elemento *mythico* que falta aos outros povos; é esta aspiração mysteriosa que conserva Camões nos *Lusiadas*, conciliando da maneira mais harmonica a concepção individual com os caracteres da criação anonyma. Vejamos como Diogo Velho narra sob a antiga allegoria os maiores factos da vida historica de Portugal:

O da gram mata Lixboa
onde toda caça vôa,
Arabya. Persia e Gôa
tudo cabe en seu curral.

Calequo è Cananor
 Malaqua, Tauriz menor,
 Adem, Jafo interior
 todos vêm per hum portal.

.....

Ouro, aljofar, pedraria,
 gomas, e especiaria,
 toda outra drogaria
 se recolhe em Portugal.

Onças, liões, alifantes,
 monstros e aves falantes,
 porçelanas, diamantes
 é já tudo muy geral.

Gentes novas escondidas
 que nunca foram sabidas,
 sam a nós tam conhecidas
 como qualquer natural.

Jacobytas, Abassynos,
 Catayos ultramarinos,
 buscam Godos e Latinos,
 esta porta principal.

.....

Que o anno de quinhentos
 e com mil primeiro tentos
 descobriram os elementos
 esta caça tam real.

Em este segre çintel
 reyna el rey Dom Manoel,
 que recolhe em seu anel
 sua devisa e seu sinal.

Porque he muy virtuoso,
excelente e justiçoso,
Deos o fez tam poderoso
rei de çetro imperial.

Sua santa parçarya
rainha dona Maria
estas maravilhas lia
per espirito divinal.

Esta he gentil andina
pera cantar com a Mina,
Çalym, Zamor, Almedina
tambem he de Portugal.

Rezam he que nam nos fique
a alma do ifante Anrique,
e que por ela se soprique
ao nosso deos çelestial;

Porque foy desejador
e o primeiro achador
d'ouro, servos e hodor,
e da parte oriental.

O poderoso rey segundo
Joham perfeito, jocundo,
que seguiu este profundo
caminho tam divinal.

O cabo de Boa Esperança
descobriu com temperança
por synal e demonstrança
d'este bem que tanto val.

.....

E Manoel sobrepojante
rei perfeito, roboante,
sojugou mais por diante
toda a parte oriental.

.....

Aquelle grande prudente
Profetisou do Ponente
 e de toda sua gente
 caçar caça tam real.

O gram rey Dom Manoel
a Jebussen e Ismael
tomará e fará fiel
a ley toda universal.

Já os reys do Oriente
 a este rey tam excelente
 pagam páreas e presente,
 a seu estado triumphal.

.....

As novas cousas presentes
 sam a nós tam evidentes,
 como nunca outras gentes
 jamais viram mundo tal.

He já tudo descoberto,
 o muy longe nos é perto;
 os vindouros tem por certo
 o thezouro terreal. (1)

Diogo Velho descreve os successos do seculo XVI como uma prophecia que acabava de ser realisada; allude á divisa de Dom Manoel com o mesmo intuito mysterioso de Damião de Goes. O severo Chronista, apesar do seu espirito critico incutido pela amizade de Erasmo, não pôde eximir-se ao prestigio deslumbrante

(1) *Canc. geral*, t. III, p. 462.

de certas coincidencias. Diz elle, falando tambem da divisa da *Esphera armillar*: «N'este tempo Dom Manoel não era casado, nem tinha tomado divisa segundo costume dos princepes, pelo que el-rei Dom João lhe deu por divisa a figura da *Esphera* porque os mathematicos representam a fôrma de poma a machina do céo e terra, com todos os outros elementos, cousa de espantar, e que parece não carece de mysterio prophetico, porque assim como estava ordenado por Deos que elle houvesse de ser herdeiro de el-rei Dom João, assim quiz que o mesmo Rei a quem havia de succeder, lhe desse uma divisa per cuja figura se demonstrasse a entrega e cessão que lhe fazia, para, como seu herdeiro, proseguir depois da sua morte na verdadeira aução que tinha na conquista e dominio da Asia e Africa, como fez com muito louvor seu e honra d'estes reinos.» (1) Quando Camões creava o sonho de el-rei Dom Manoel nos *Lusiadas*, era levado a esta fôrma do maravilhoso não pelas velhas *machinas* aristotelicas, mas pela *tradição* viva dos designios propheticos a que até os proprios chronistas obedeceram. A influencia classica da Renascença veiu contribuir com as suas interpretações das obras da antiguidade para se formar essa extraordinaria *tradição* das descobertas portuguezas; e como quer Humboldt, a celebridade rapidamente adquirida da passagem da *Medea*, (act. II, v. 371 sq.) que se applicou á descoberta do Novo Mundo, veiu dar nascimento a essa inscripção sybilina de que

(1) Goes, *Chr. de D. Manoel*, t. 1, cap. 5, p. 11.

fala com assombro Castanheda na *Historia do Descobrimento da India*, cuja fraude foi descoberta pelo juriconsulto Cesar Orlando. (1) Eis a linguagem de Castanheda:

«... a India, cujo descobrimento estava prophetisado d'antes pola Sibila Cumea, segundo se conta em um authentico livro que anda impresso em latim que se intitula *Da Sagrada Antiquidade*, em que se contém muitos letreiros antigos, que foram buscados e achados em muitas partes d'Asia, d'Africa e d'Europa per mandado do Papa Nicoláo quinto e d'alguns senhores ecclesiasticos tão curiosos d'estas antiguidades, que com muito grande despeza as mandaram buscar pelo mundo. E antre estas foi achado um letreiro segundo no mesmo livro conta Valentim Moravia: que diz que no anno de mil e quinhentos e cinco, que foi seis annos depois d'este descobrimento, aos nove dias d'Agosto nas raizes do Monte da Lua, a que chamamos agora a rocha de Cintra, junto da praia do mar foram achadas debaixo da terra tres columnas de pedra quadradas, e cada uma tinha em uma das quadras cortadas nas mesmas pedras umas letras romanas, das quaes em uma das columnas se poderam ler por ás outras estarem gastadas do tempo, e ainda estas que se leram foram as pedras em que estavam cosidas com grande arte.

«E estava uma regra como titulo que dizia em latim:

(1) Humboldt, *Hist. de la Geographie du Nouveau-Continent*, t. 1, p. 166.

Sibilae vaticinium occidius decretum

«Que na linguagem portugueza quer dizer: Profecia da Sibila determinação aos do Occidente.

«E abaixo d'esta regra estavam quatro versos latinos que diziam:

*Volvens saxa literis et ordine rectis,
Cum videas oriens occidentes opes,
Ganges, Indus, Tagus erit mirabile visu,
Merces commutabil suas uterque sibi.*

«Que quer dizer na nossa lingua:

Serão revoltas as pedras com as letras direitas e em ordem,
Quando tu Occidente vires as riquezas d'Oriente.
O Ganges, Indo e o Tejo será cousa maravilhosa de vêr,
Que cada hum trocará com o outro as suas mercadorias.

«E ainda dizem alguns que poucos dias antes de Nicoláo Coelho chegar a Sintra foram achadas estas columnas e foi dito a el-rei Dom Manoel por cujo mandado Ruy de Pina, que era a esse tempo era chronista, tirou em linguagem esses quatro versos e o titulo. E quando el-rei Dom Manoel viu o que diziam ficou muito espantado com todos os de sua côrte, e houve sobre isso diversos pareceres, porque uns o eriam, outros diziam que por nenhum modo podia ser, e que aquillo eram gentilidades a que se não devia dar nenhum credito. E estando a cousa assim em duvida, dizem que chegou Nicoláo Coelho que a desfez com a nova do des-

cobrimto da Índia. E foi a prophécia avida por verdadeira...» (1) Estas tradições propagavam-se e exaltavam a imaginação.

Acerca da estatua da Ilha do Corvo, escreve Damião de Goes: «No cume d'esta serra da parte do Nordeste, se achou uma Estatua de pedra pósta sobre uma lagea, que era um homem em cima de um cavallo em osso, e o homem vestido de uma capa como bedem, sem barrete, com uma mão na cóma do cavallo e o braço direito estendido, e os dedos da mão encolhidos, salvo o do segundo, a que os latinos chamam index, com que apontava contra o ponente. Esta imagem que toda saía massiça da mesma lagea, mandou el-rei D. Manoel tirar pelo natural por um seu creado debuxador que se chamava Duarte d'Armas, e depois que viu o debuxo, mandou um homem engenhoso natural da cidade do Porto, que andara muito em França e Italia, que fosse a esta Ilha pera com aparelhos que levou tirar aquella antiqualha, o qual quando d'ella tornou dixé a El-rei que a achára desfeita de uma tormenta que fizera o inverno passado. Mas a verdade foi que a quebraram por máo azo e trouxeram pedaços d'ella, só a cabeça do homem, e o braço direito com a mão, e uma perna, e a cabeça do cavallo, e uma mão que estava dobrada, e alevantada, e um pedaço de uma perna, o que tudo esteve no guarda roupa de el-rei alguns dias, mas o que se depois fez d'estas cousas ou onde se puzeram, eu não o pude

(1) Castanheda, *Hist. do Descobr.*, liv. I, cap. 23.

saber.» (1) Damião de Goes tambem fala de uma outra inscripção analoga á dos marmores de Cintra, achada na Ilha do Corvo em 1529 por Pero d'Afonseca, o qual «soube dos moradores que na rocha, abaixo donde estivera a Estatua, estavam talhadas nas mesmas pedras da rocha umas letras, e por o logar ser perigoso para se poder ir onde o letreiro está, fez abaixar alguns homens per cordas bem atadas, os quaes imprimiram as letras, que ainda a antiguidade do tempo não tinha cegas, em cêra que para isso levaram; comtudo as que trouxeram impressas na cêra eram já mui gastadas e quasi sem fórma, assi que por serem taes, ou por ventura, por na companhia não haver pessoa que tivesse conhecimento mais que de letras latinas, e este imperfeito, nenhum dos que se ali acharam presentes soube dar razão nem do que as letras diziam, nem ainda poderam conhecer que letras fossem.» (2)

d) João de Barros, e os rudimentos da Epopêa portugueza

Pelo estudo da historia dos grandes feitos dos portuguezes, João de Barros foi o primeiro que exprimiu a necessidade de fazer sentir o genio nacional revelando a sua consciencia em uma epopêa. Na Novella cavalheiresca o *Clarimundo*, escripta para ensaiar a penna que havia de traçar as *Decadas*, apresenta elle um pequeno esboço de epopêa, partindo tambem d'uma

(1) *Chron. do príncipe D. João*, cap. ix.

(2) *Ib.*, 9 x.

revelação prophetica dos extraordinarios destinos que Portugal havia de realisar. No canto II dos *Lusiadas* (est. 44-55) seguiu Camões esta mesma fórmula prophetica; mas embora a não imitasse directamente, é hoje indubitavel que a leitura das primeiras *Decadas* determinou-lhe a concepção da sua epopêa. Em 1533 recitou João de Barros diante de Dom João III um Panegyrico, e aí censura que os poetas palacianos se esgotem escrevendo trovas namoradas, em vez de cantarem os feitos de armas. Predominava a eschola lyrica hispano-italica; lia-se com fervor as Eclogas de Bernardim Ribeiro e o *Crisfal*; era a época das complicadas intrigas amorosas; quem deixaria a doçura idyllica pela *furia grande e sonora*, a agreste avena pela tuba canora? Quando Camões estava preso, e incerto no seu destino, foi o enthusiasmo das primeiras duas *Decadas* que lhe suscitou o desejo de visitar a India e de tomar parte activa nos feitos que queria cantar. Entre os antecessores de Camões cabe a João de Barros o principal lugar, e talvez unico, por ter despertado o pensamento dos *Lusiadas*. Transcrevemos o poemeto que anda intercalado no *Clarimundo*, (cap. III, do liv. 4.) por ser o maior esforço para provocar a criação de uma epopêa; consta de quarenta outavas em endechas, ou *estyllo de lamentação*, como se lhe chamava na poetica do seculo XV. João de Barros é aqui bastante ingenuo e pittoresco, mas na sua justa concepção da epopêa da navegação portugueza, querendo ser poeta não pôde livrar-se a feição grave e fria do chronista:

Ó tu, immensa e sacra verdade,
 Verdade da summa e clara potencia,
 Que mandas e reges com tal providencia
 As cousas que obraste na mente, e vontade;
 Ó trino em pessoas, e só divindade,
 Infunde em mim graça pera dizer
 As obras tão grandes, que hão de fazer
 Os Reis Portuguezes com sua bondade.

No tempo que Affonso o Emperador
 Dera seu sangue por dar galardão
 Aaquelles que dôr nunca sentirão
 Em o derramar por seu Redemptor,
 Dará tambem por mais seu louvor,
 A Henrique em dote matrimonial,
 As terras da Terra do gram Portugal
 Pera as possuir como justo Senhor.

Aqueste com ferro mui victorioso
 Rompendo as carnes de centos de Mouros,
 Leixará de obras tão grandes tesouros
 Quanto no céo estará triumphoso:
 Succedendo a elle o mui generoso
 ElRei D. Affonso Henriques primeiro
 Primeiro em nome, e em verdadeiro
 Rei enviado por Deos glorioso.

O campo de Ourique ja'gora he contente
 Da grande victoria que n'elle será,
 Onde Christo em carne apparecerá
 Mostrando as chagas publicamente.
 Ao qual este Rei Santo, e prudente
 Dirá: O' meu Deos, a mim pera que?
 Sê aos herejes imigos da Fé,
 Fé, em que eu ardo d'amor mui ardente.

Ó Armas divinas, que aqui sereis dadas,
 Dadas por Christo por mais perfeição,
 Ter-vos-hão todos tal veneração
 Quanto com obras sereis exalçadas.
 Porque pelas terras ireis espalhadas
 Banhadas em sangue de nossa victoria,
 Cobrando de imigos tão grande memoria
 Que sobre todas sereis collocadas.

E tu esforçado Dom Sancho serás
 Aquelle a quem elles hão de seguir
 Té chegar ao Rio de Gualdaquivir
 Que com sangue de imigos escurecerás:
 E por mais mereceres, depois tomarás
 A cidade de Silves contraminando
 E as almas de corpos sempre tirando
 De corpos de Mouros que alli matarás.

Alcaçer do Sal será bom penhor,
 O' mui poderoso Dom Affonso segundo,
 De tuas obras cá n'este mundo,
 E no outro corôa de conquistador;
 E partindo para elle mui vencedor,
 Aos teus leixarás Dom Sancho Capelo
 Por Rei de virtudes e obras de zelo
 De zelo mui santo, e clemente senhor.

Bolonha, Bolonha, quanto hasde perder,
 E tu Portugal quanto hasde cobrar.
 No terceiro Affonso, que se hade chamar
 Rei do Algarve, por seu gram saber!
 Aqueste por mais se ennobrecer
 Dourados castellos em campo vermelho.
 Porá na orla das Quinas, e espelho,
 Em que totalas armas se poderão ver.

Paderne, Alvor, Silves, e Loulé,
E Faro sentem já o destroço
Do grande poder, e bravo esforço
D'elle que hade pugnar pela Fé.
E o santo favor que foi sempre, e he
Em ajuda das obras de tal qualidade,
Será n'estas suas com prosperidade
Que as erga, exalce, e ponha em pé.

O justo Diniz, tão nobre e clemente,
Lhe succederá como filho primeiro
Em obras de Principe mui verdadeiro,
E em todas as cousas sabido, e prudente.
E por mais estender seus povos e gente,
Fundará as villas e nobres lugares,
Igrejas maiores, sagrados Altares,
Em que se louve por mui excellente.

O Quarto Affonso será commovido
Com rogos d'aquelle seu sangue amado
Que leixe o seu Reino, por ser no Salado
Em ajuda e soccorro delRei seu marido.
E d'aqui ficará assi tanto temido
Antre inficis, e danados pagaons
Quanto no conto dos nossos Christãos
Pera sempre louvado, e mui conhecido.

O rigor da justiça se hade leixar
A ti Dom Pedro, Dom Pedro Primeiro
O nome de Crú por ser verdadeiro
Verdugo d'aquelle, que males obrar.
Mas tu por ella hasde ter e cobrar
A gloria que dão a quem a mantem;
E serás isento dos males que têm
Aquelles que julgam por se affeiçoar.

Bem vejo Fernando andar agastado,
E mui descontente por hum grande mal,
Sendo o primeiro, que em Portugal
Hade sentir tão grave cuidado.
Mas não leixará seu Real estado
Isento de fama e obra famosa
Pois cercará a mui populosa
Lisboa de novo com muro dobrado.

Santa Maria de Agosto será
De ti Dom João de Boa memoria,
Memoria honrosa de quanta victoria
N'este tal dia o teu braço terá.
E onde se mais claramente verá
O quanto em ti cobrar Portugal,
Será n'aquella batalha real
Que d'aquí a gram se ordenará.

E a Loba marinha, e gran tragadora,
Ceita dannosa aos navegantes,
Não tem poder, nem forças possantes
Que ás tuas forças resista nma hora.
Mas fazendo-se serva de Grande Senhora
Já te obedece, Magnanimo Rei,
Rei que por lei, e povo, e grei
Darás teu sangue sem alguma demora.

O' Duarte Primeiro, se pudesses viver
Mais de seis annos depois de ser rei,
Que povos, e terras, que vejo e sei
Que mui facilmente poderas vencer!
Mas tu soubeste melhor escolher,
Leixando esta vida tão trabalhosa;
E ir por aquellas onde a gloriosa
Madre de Deos havemos de ver.

Tanger e Alcacer não hão de escapar
Do grande poder de Affonso o Quinto.
O' Joanne seu filho, que obras que sinto,
Que asde fazer quando se entrar
A villa de Arzilla pelo Albacar!
Isto em tempo que a sua idade
O peso das armas com difficuldade
Nas brandas carnes poderá sustentar.

Ó tempos, ó tempos, tempos de guerra
De guerra com Mouros e paz com Christãos,
Quem fosse então por beijar as mãos,
As mãos que terão por divisa Esphera!
Ó divinas obras, nas quaes se esmera
A fama famosa do gran Manoel,
Quem se visse n'aquelle tropel
Que vós cercareis as partes de terra!

Os mãos e ingratos que a Christo mataram,
Por elle tão santo, e poderoso rei
Serão convertidos, tornados á Lei
Á lei da graça que elles negaram.
E assi cobrarão o que nunca cobraram,
Depois de perder o que tinham perdido
Com suas maldades, e endurecido
O mão coração, que nunca abrandaram.

Bem como o rio que com invernada
Derriba e estraga o que acha adiante,
E se he impedido se faz mais possante
Pera sahir com furia dobrada:
Assi a força d'este será esmerada
Em quem a ella quizer resistir,
E a quem na obedecer, amar e servir,
Mansa, pacífica, e mui aplacada.

Que falas, que dizes, ou dize que ouviste
 Çafim com todalas tuas cabildas,
 Pois tão temeroso já agora te humildas,
 As armas d'aquelle, que tu nunca viste?
 Não temas, não temas, que não serás triste
 Quando te vires em poder de quem
 A todos teus males tornará em bem,
 Em bem repousado, que nunca sentiste.

E tu Aduquella com teu Azamor
 Tambem eu vos vejo com ferro lavrados,
 E com sangue dos vossos tambem já regados
 Que sexta feira será bom penhor.
 Penhor do que digo, e grande louvor
 Das armas d'aquelle que isto farão:
 As quaes de contino assi lavrarão
 As terras de imigos por este temor.

Afotas, Asas, com os de Cumania,
 E seu poderoso e grande Xarife
 Vendo hum seu pequeno esquife
 Se ajuntarão com os de Acania.
 E vindo todos com grande alegria
 Entrarão carregados com cheio alforge,
 Na cidade d'ouro chamada Sam Jorge
 Por ser achada n'aquelle tal dia.

Os crús Andiotés da gran terra Danda
 Com os Aciros, Lanûs, Beramûs,
 Sabendo a nova, dirão: Ora sus,
 Vamos servir aquella que manda.
 Terras e mares o seu nome anda
 Por todalas partes tanto temido
 Que dá poder ao menos valido
 E ao poderoso depõe e desmanda.

E aquelle gram Cabó de Boa Esperança
Que tanta de terra esconde ao mundo,
Virá mui alegre com rosto jocundo
A lhe obedecer sem alguma tardança.
De terras e povos fazendo uma dança
Vindo cantando com doce harmonia,
Estas palavras de grande alegria:
Vivamos contentes com tanta bonança.

Com tanta bonança, pois temos rasão;
Que Deos he comnosco, segundo o pública,
O seu nome santo, que nos testifica
Vivermos a vida sem mal e paixão,
E na outra cobrar e ter salvação
Das almas, que agora temos danadas
Seguindo já todas suas pizadas
Pizadas de casta e limpa tenção.

E quem a todos trará a dianteira,
E para tal festa estará mais a pique,
Será o fiel e leal Moçambique
Vindo Çofala por sua bandeira.
A qual é louvada por ser thesoureira
Do mais precioso e pesado metal,
E com vozes alegres dirá: Portugal
Me fez para sempre sua prisioneira.

E n'esta envolta virá mui contente
A Ilha do Sancto em grellhas assado,
Trazendo destro um rico toneado
Da flor que ella tem por mais excellente.
Cercando em torno toda aquella gente
De Ilhas pequenas suas comarcans
Mostrando-se todas muito louças
Por serem sujeitas ao Rei do Poente.

Quilôa, Mombaça, Melinde, Patêm,
Baraba cidade, e Abalandarim,
Com a fraca gente do forte Apenim,
Zapenda, Guardafú, e o Cabo que tem,
Trarão comsigo a grande Adem
Inda que venha ensanguentada,
E com sua dura cabeça quebrada,
Das forças do Rei d'aquem e d'alem.

E o Rei de Ormús, Macrão e Neutaques,
Dinlicente, Rezbutos, Cambaia,
Com os Guzarates que he gente que ensaia
Mal sua vida em guerreiros embates.
E Meliquiaz com seus baluartes
Com elles virá tambem n'esta involta,
E Chaul e Dabul á redea solta
E Gôa tomada por muitos combates.

Batigala, Angediba, e Onor,
Com a terra toda do grão Malabar,
Em tão alegre tempo não hão de negar
Companhia ao forte e grão Cananor.
O qual se nomêa por grande senhor
Em ser guardado e mui difendido
Com Naires fidalgos, que accitam partido
De morrer e viver por pouco valor.

Tambem virá aqui a forte cidade
Calecut e Cochim, e a Ilha Ceilão,
Onde se acha o povo christão
Que tem e mantem alguma verdade.
Ainda que faz a mór needade
Na romagem do Cabo do gram Çamorim,
Pois dando as vidas com lastima (assim)
Obrar n'isso cuida excelsa piedade.

E os Quelinís, Chatins nomeados
Por ser estrangeiros e não mercadores,
Ajuntar-se-hão com quantos primores
Acharem n'aquelles que são guerreados
Dos de Narsinga, pouco esforçados
Por mingua de armas e de coração,
Que em corpos e boa disposição
São bem assás proporcionados.

E póstos em ordeã mui concertada
Esperarão pela rica Malaca,
Que vem carregada com uma carraca
Das terras e povos de que ella é amada,
Onde entra Simão com sua enseada,
E Patane, que tem por desenfadamento
Ver guerra de gallos e o vencimento
Que cada um ha na sua liçada.

Champa e a China com a Cidade
Que perderá o povo dos Persas,
Passando por terras muito diversas
Logo virá com gram brevidade,
Em busca dos Lequeos, que tratam verdade
Levando consigo a Burnea gente,
E ajuntandos todos farão um presente
De fé e amor e gram lealdade.

O qual trarão por mui certo sinal
Que inda que fossem os derradeiros
N'aquelle tempo serão os primeiros
Para servir e amar Portugal.
E Çamatra, que córta a Equinocial
Com todos Reinos, e povos que abarca,
Ajuntar-se-ha com a grande Comarca
D'aquella e Archipelago oriental.

E n'este alegre e novo prazer,
E grande triumpho que tôdos farão,
Entre João e Angane, e Binão
Armado das fôrças e forte poder
De Pantasilea, que quiz parecer
Na antiga batalha d'aquelles troyanos
Que no cabo e fim de tempos e annos
Por grego engano fará fenecer.

Pois Banda com todolos-Reis de Timor,
Ambona, Maluco, e as mais que não digo,
Todas virão trazendo comsigo
Um amor, e outras temor:
Porque estes dois meios são o tenor
Por onde se rege dos homens a vida,
E elles a fazem ter mui commedida
Aos mais grandes reis, e fraco pastor.

Agora, agora em feitos maiores -
Dobrada, Senhor, me dá tua ajuda,
Pois minha lingua se turva e se muda
Nas obras que vejo de tantos louvores.
Não negues aqui o furor dos favores,
Pois nunca o negaste a quem t'o pediu,
E em sua Fé levou e sentiu
Que tu és o Senhor dos grandes Senhores.

A ti, Portugal, que estás descontente,
Quero eu dar alegre esperança,
Com que dos males hajas vingança
Dos males passados de toda tua gente.
A justa justiça do muito clemente
El-rei Dom João d'este nome terceiro,
Fará com que vivas em mui verdadeiro
Descanço eterno e muito contente.

E quando se vir em força perfeita
 Do mal se punir, e a quem merecer
 Dar galardão por não parecer
 A sua verdade e via direita;
 Então da ovelha a vós será acceita
 No meio dos altos e mui fortes prados,
 E os mansos cordeiros fartos guardados
 Do lobo danado cá vida lhe espreita.

Pois tu que não queres com sono acordar
 Espera, espera um grande despejo;
 Oh meu Deos, Senhor, quantas obras vejo,
 Em que não vejo por onde entrar. (1)

Com que tristeza se lamenta João de Barros por não vêr surgir um genio que comprehenda o alcance poetico do grande facto da descoberta do Oriente; na *Decada I* exclama: « Certo, grave e piedosa cousa de ouvir! vêr uma Nação a que Deos deu tanto animo, que se tivera criado outros mundos já lá tivera metido outros padrões de victorias, assim he descuidada na posteridade do seu nome; como se não fosse tão grande louvor dotal-o por penna como ganhal-o pela lança! » (2) O verso quasi proverbial de Camões, *Se mais mundo houvera lá chegára*, — e tambem a alliança que sempre estabelece entre a *penna* e a *espada*, além de pequenas particularidades, convencem-nos que a generosa aspiração de João de Barros o impressionára profundamente.

(1) *Clarimundo*, cap. 4, liv. III.

(2) *Decada I*, liv. 5, cap. 11.

e) Luys Anriquez, poema sobre a «Tomada de Azamor»

O poema historico mais completo tentado antes mesmo da comprehensão das fórmãs epicas da Renascença, é o que escreveu Luiz Henriques para celebrar a victoria do Duque Dom Jayme em Azamor, em 1513. Pouco se sabe da vida d'este poeta, mas quasi todas as suas composições revelam algum factó ou época por onde se nos dá a conhecer: em 1491 celebrou o desastre do principe Dom Affonso; em 1495 escreveu uma *Lamentação* á morte de Dom João II, em outavas segundo o estylo usado por Affonso o Sabio; em 1498 commemorou tambem a trasladação dos oßsos de Dom João II, e em 1506 paraphraseou o hymno *Ave maris Stella*, «*estando o reyno muy enfermo de peste e de fomes.*» Pelos seus versos sabe-se que tambem esteve em Valença de Aragão, aonde galanteava uma dama «*que lhe disse que a deixasse de servir, porque era mal criada e o tratava mal.*» Finalmente seguiu a vida das armas achando-se na Mina. Luiz Henriques revela nos seus versos o fio de certas tradições que o levavam para a concepção da epopêa; o nome de Portugal já se lhe substitue na mente pela designação erudita de *Lusitania*, com que se quiz dar a este povo uma origem ethnologica independente de Hespanha. Na lamentação á morte de D. João II, diz elle:

Ó morte cruel, sem tempo chegada
a ty, *Lusitania*, de lastima dina.

(*Canc. ger.*, t. II, p. 246.)

Assy, *Lusitanos*, que vossa graveza
deveis confortar com rey tão humano.
(*Ib.*, p. 248.)

Em 1481 é que o nome de *Lusitano* é empregado significando o povo portuguez, no Discurso latino recitado pelo bispo Dom Garcia de Menezes diante de Sixto IV. (1) A renascença erudita aproveitou-se d'essa vaga designação empregada pelos geographos gregos, e diante do facto da unidade nacional consummado por Dom João II, transportou para o passado essa unidade confundindo o nome de Portugal com *Lusitania*. Antes de Henrique Cayado e Cataldo Siculo adoptarem esta designação de um modo poetico nos seus metros latinos, já Luiz Henriques a empregava nas outavas historicas de lamentação. O syncretismo poetico do nome de uma tribu com o nome de uma nacionalidade entrou na corrente scientifica por Ayres Barbosa, André de Resende, Margalho, Osorio, Goes até ás ultimas phantasmagorias por Frei Bernardo de Brito; mas este syncretismo representa uma noção verdadeira a que se tinha chegado: a consciencia da unidade nacional com que começava para nós o grande seculo XVI. Quando Camões formou eruditamente o nome da epopêa d'esta nacionalidade, serviu-se da palavra impropria mas que primeiro tinha expresso a consciencia d'essa unidade. Quando Ayres Barbosa usou em uns versos latinos a palavra *Lusitadas* como patronymico dos portuguezes,

(1) Hereul., *Hist. de Port.*, t. I, 10.

ainda a confusão entre *lusos* e portuguezes pertencia á pesada erudição; quando Camões designou com ella o seu poema, já essas imaginarias origens ethnologicas tinham ensoberbecido as imaginações do vulgo.

Luiz Henriques concilia esse ideal erudito com o sentimento catholico que o não deixa imitar os poetas classicos, aonde elle via como parte essencial ás invocações, sempre reproduzidas nas modernas epopêas. No poemeto á trasladação de Dom João II condemna a invocação das Musas:

As Musas, que invocam famosos poetas
em suas obras e doce poesia
a estas não chamo, nem quero por guia,
caso que sejam muy justas e netas.
Ajuda demando de quem os planetas
e céos obedecem desde *ab inicio* :
a elle invoco, que n'este exercicio
dê parte da graça que deu ós prophetas. (1)

Em umas trovas de Luiz Henriques « *a um homem que não cria que elle fizera umas trovas de arte mayor porque levavam muita poesia* » revela-nos um largo conhecimento da mythologia romana, e principalmente da epopêa de Virgilio:

ni menos que el duque, *el fijo d'Anchises*
foy al Erebo, *segun el prudente*

(1) *Canc. geral*, t. II, p. 249.

*Virgilio recuenta, por el conseguiente
que al su passage tremio la paluda,
ni que Lapenca passó morte eruda
por el piadoso, qual ela lo siente. (1)*

Por todos estes conhecimentos Luiz Henriques foi insensivelmente levado para a composição de um poema historico; na conquista de Azamor foi tambem heroe, mas a realidade do que conta deu-lhe essa simplicidade e rudeza de uma Gesta da idade media; se as suas outavas fossem monorrimas, seria rigorosamente uma Gesta, escripta no tempo em que ellas se tinham tornado Chronicas. Elle começa como o antigo jogral que pedia a attenção do povo que se agrupava em redor:

A quinze d'Agosto de treze e quinhentos
da era de Cristo, nosso redentor,
do que se passou estae muy attentos,
no dia da madre do mesmo senhor:
O duque eycelente, nosso guyador,
Dom James, da casa d'antigua Braguança,
de gente levando muy grande pujança
geral capitão partiu vençedor.

Nom peço favor que possa contar
o que se passou na santa viagem,
nem menos ajuda me praz d'invocar
as antiguas Musas, nem sua linhagem.

O poeta descreve o brasão prophetico da nacionalidade com o mesmo ideal de independencia e grandeza da patria, que inspirou João de Barros e Camões:

(1) *Ibid.*, p. 269.

Levando comsigo a *bandeira* real
 que nunca vencida se póde dizer,
 pois he invencivel *aquel sinal*
tomado das chagas que quiz padecer
 O summo bem nosso com muitos marteiros,
 porque salvasse o mundo perdido;
 tambem senefica os trinta dinheiros
 per cujo preço foi Cristo vendido.

Na Oração de Vasco Fernandes de Lucena diante de Innocencio VIII em 1485, vem pela primeira vez manifestamente declarado o sentido allegorico das armas portuguezas. Gil Vicente e Sá de Miranda, alludiram mais tarde nos seus versos a este mesmo emblema com que o sentimento catholico se envolvia com o ideal da nacionalidade. A causa da tomada de Azamor foi um pretexto para tornar sympathico o Duque Dom Jayme e laval-o da nodoa do assassinato da duqueza de Bragança; Luiz Henriques o dá bem a entender:

Onde per ele lhes fuy deccarado
 toda a tenção del rey, seu senhor,
 que foi *envial-o sobre Azamor*
pola maldade do erro passado.
 C'a todos pidia que d'amor e grado
 quizessem sem outra vontade, nem zello
 em sua tomada tambem commetel-o
 pera que sempre lhes fosse obrigado.

Era uma aventura romantica, que se repetiria na côrte ainda depois de terem expirado os velhos poetas que foram a essa expedição, como o corajoso Dom João de Menezes, que Sá de Miranda diz que ainda viu, exul-

tando por esses bons tempos. Tambem chegaram a Camões essas tradições da arbitrariedade e do cavalheirismo impetuoso, e no canto VIII dos *Lusiadas* celebrava elle a façanha de Azamor. No manuscripto dos *Lusiadas*, que possuia Manoel Corrêa Montenegro, amigo de Camões, encontram-se essas outavas em louvor do Duque Dom Jayme, que a Censura supprimiu. Póde-se affirmar positivamente, que o Santo Officio cortou esta passagem do poema, visto que Luiz de Camões era amigo intimo do successor de Dom Jayme, Dom Theodosio, que elle celebrou no tempo em que frequentava as escholas de Santa Cruz de Coimbra, e cujo progenitor quereria conservar no pantheon da sua epopêa:

Este deu grão principio á sublimada
 Illustrissima casa de Bragança,
 Em estado e grandeza avantajada
 A quantas o hespanhol Imperio alcança.
 Vós, aquelle que vae com forte Armada
 Cortando o Hesperio mar, e logo alcança
 O valoroso intento que pertende,
 E a villa de *Azamor* combate e rende.

He o Duque *Dom Gemes*, derivado
 Do tronco antigo e successor famoso
 Que o grande feito emprehende, e acabado
 A Portugal dá volta victorioso;
 Deixando d'esta vez tão admirado
 A todo o mundo, e o Mouro tão medroso,
 Que inda atégora nunca ha despedido
 O grão temor entonces concebido.

E se o famoso Duque mais avante
 Não passa c'ò a catholica conquista
 Nos muros de Marrocos e Trudante,
 E outros lugares mil á escala vista,
 Não é por falta de animo constante,
 Nem de esforço e vontade prompta e lista,
 Mas foi por não passar o limitado
 Término, por seu rei assignalado.

Achou-se n'esta desigual batalha
 Um dos nossos, de imigos rodeado;
 Mas elle de valor, mais que de malha,
 E militar esforço acompanhado,
 Do primeiro o cavallo mata e talha
 O colo a seu senhor, com desusado
 Golpe de espada; e passo a passo andando
 Os torvados contrarios vae deixando.

N'estas quatro outavas, que a Inquisição amputou, apresenta Camões mais poesia do que Luiz Henriques nas suas marteladas trinta e cinco; o poeta do *Cancioneiro* ignorava a estructura da outava italiana inventada por Boccacio e admittida na epopêa por Ariosto, e relata como um chronista; Camões dramatiza, mostrando a força de character do Duque Dom Jayme que interrompe as suas victorias para cumprir estrictamente a vontade real, e inventa logo um episodio. Luiz Henriques, que tomou parte na tomada de Azamor, nada testemunhou que o levasse a esboçar um quadro pittoresco. O poema de Luiz Henriques, por isso que era escripto no antigo metro de *lamentação*, affecta tambem um character archaico; esta mesma affectação inspira o poemeto do *Despojo de Arzilla*. A *Miscellanea*, de Garcia de Resende, nada significa n'estes esforços para uma epopêa.

A necessidade de uma epopêa nacional tornara-se uma monomania publica. O celebre impressor João de Barreira, dedicando em 1564 ao filho do Conde da Vidi-
gueira a *Historia das cousas que o muy esforçado capitão Dom Christovam da Gama fez nos reinos do Preste João*, que achou escripta por um Miguel de Castanhoso, companheiro de trabalhos do Capitão, formúla claramente a aspiração de uma epopêa que celebrasse a empreza do Gama: « Nam sem razão o grande Alexandre se mostrava descontente por nam cair em seus tempos hum Homero, que seus feitos e façanhas celebrasse... E se alguma hora este Homero se houvera de desejar, houvera de ser n'estes tempos, em que acharia materias dignas de seu estylo. Porque se os errores de Ulysses lhe pareceram materia conveniente a seu engenho, e os feitos de Achilles, mais alta empreza era e maior campo de mostrar a divindade de seu espirito, a navegação do Conde Almirante Dom Vasco da Gama vosso avô, de aqui até a India: e os feitos de Dom Christovam da Gama seu filho, vosso tio, na terra da Ethyopia. Porque por a viagem de Ulysses e os casos que em poucas le-
goas do mar Mediterraneo lhe aconteceram, achará a navegação de vosso avô desde o ultimo occidente até o nascimento do sol, *por mares nunca navegados*, por gentes nunca vistas nem ouvidas, descobrindo novos mundos, novas terras, novo céo e novas estrellas. Levantando a gloria de seu rei: e poendo as Quinas reaes de Portugal onde Alexandres nem Cesares poderam chegar. De que vicram ser tributarios os reis do Oriente aos de Por-

tugal: enriquecendo o Tejo com os despojos do Ganges e do Indo: cousa maravilhosa e que parece impossível. Cujos grandes e heroicos feitos são pelo mundo tão celebrados, que não ha parte onde não estê na memoria dos homens a gloria de seus trabalhos viva e immortal: e o será emquanto durar o mundo.» (1)

Ainda faltavam outo annos para que a surpreendente epopêa dos *Lusiadas* viesse satisfazer esta aspiração da nacionalidade. Camões lembra-se do interesse com que Alexandre lia a Homero, e termina com essa phrase dirigida ao monarcha, que ficará «Sem á dita de Achilles ter inveja.»

(1) Reproduzida na *Collecção de opusculos reimpressos e relativos á Historia das Navegações*, t. 1, 1855.

CAPITULO II

Os «Lusiadas», epopêa da Nacionalidade portugueza

Diferença entre as epopêas nacionaes ou de raça, e as epopêas historicas ou eruditas.—Caracter consciente da obra litteraria.—Relações entre uma e outra fórma epica, como base para a critica: a) *Elemento mythico*, explica-nos o *maravilhoso* artificial ou *ex machina* das epopêas historicas.—O *Maravilhoso* de Camões, confunde a Mythologia grega com o Christianismo.—Causas d'este syncretismo.—b) *Elemento tradicional*, por onde os mythos recebem caracter historico.—Os *episodios* são as tradições ou o seu equivalente nas epopêas eruditas.—Tradições sobre que se funda o poema dos *Lusiadas*.—c) *Elemento historico*, predominante na epopêa erudita.—O facto da descoberta do Oriente e a collectividade do heroe, explicados pela poesia da navegação portugueza.—Juizo de Humboldt, de Schlegel e Quinet sobre os *Lusiadas*.—d) *Elemento pessoal* na epopêa erudita: Camões falla de si e das suas desgraças.—Os *Valentones* nos *Lusiadas*.—Como a personalidade do poeta salvou o poema de se perder.

Um facto caracteristico de todas as litteraturas romanicas do seculo XVI é esse desejo manifestado e tantas vezes ensaiado pelos eruditos, de elaborarem cada qual com mais fervor a Epopêa da sua nacionalidade. (1) Mas o que se entendia então por Epopêa? Perdida a tradição da idade media pelo entusiasmo classico da Renascença, e mal comprehendida a Antiguidade, os eruditos viram que as duas mais altas civilisações, a grega e a romana, apresentavam monumentos littera-

(1) *Introdução á Hist. da Litteratura portugueza*, p. 313.

rios especiaes, que nem todos os poetas podem realisar, caracterisados com uma acção historica, com dimensões gigantes, com descripções e narrações, intervenção de divindades e com prodigios de bravura; acharam que a *Iliada* e a *Odyssea* eram assignadas por Homero, da mesma fórma que Virgilio assignava a *Eneida*, e cren-do que as forças humanas ainda não estavam esgotadas, empregaram todos os esforços individuaes para imitarem essas epopêas. Se o seculo XVI não tivesse repellido das suas tradições a idade media, comprehenderia como se produz a obra anonyma e collectiva, derivando-a das fundas raizes das primeiras creações humanas, os my-thos religiosos; veria como essas fórmas, que se não per-dem, seriam animadas de novo pela imaginação com in-teresse historico; conheceria finalmente que essa obra de todos, seria não a simples expressão calculada da unidade nacional, mas a causa primaria d'ella, o vin-culo que a sustentaria, o palladio da sua integridade. Mas esta legitima fórma da Epopêa já se não podia in-ventar no seculo XVI; era passado esse momento, como nas transformações chimicas, em que os elementos que dão o alcool por bem que se combinem só compõem vinagre. Estava fundada a estabilidade civil e a commo-didade burgueza, entre as duas mós do Apocalypse — os exercitos permanentes e a intolerancia catholica. A ordem social e a ordem moral foram realisadas perfei-tamente por estes dois poderes, da mesma fórma que o pezado rodo de pedra reduz as sinuosidades pittores-cas de um terreno ao monotono lanço de mac-adam.

O espirito de independencia e de sarcasmo, a *balia* e a liturgia grotesca acabaram sob os regulamentos policiaes e as Constituições episcopaes; a seiva poetica da idade media findou; a arvore frondente do *Maio*, tornou-se o póste da forca e da picóta. Mas diante dos progressos economicos, as novas nacionalidades governadas por Codigos romanistas, illustradas pelo clero latinista, esqueceram-se das suas origens, das suas relações com a vida medieval, e por causa d'este esquecimento se levantaram as terriveis fronteiras de odios de bandeira, de heranças dynasticas e de tantos sonhos ôccos que se sabe terem existido porque se sabe do muito sangue que fizeram derramar. Foi n'esta condição que a Renascença fez acirrar o appetite da Epopêa. Crendo-se independentes pelo facto da separação de fronteiras demarcadas pelos contractos de casamentos e heranças reaes, e pelo facto de uma industria florescente que as descobertas maritimas provocaram, as Nações romanicas pela intelligencia dos seus sabios aspiraram á forma litteraria que exprime a consciencia que um povo tem da sua vida propria.

D'esta falsa situação moral e politica, caiu-se n'essa lastimavel mas inevitavel imitação da Antiguidade, que veio satisfazer tão caprichosa aspiração. Ter uma epopêa era para o seculo XVI, como para a burguezia gorda de hoje o ter lústres; em vez de elaborarem as tradições das suas origens, o que já não era possivel, porque a Idade media era considerada a noite da barbarie, obedeceram á corrente da Renascença, e confundindo a

Iliada, como obra individual, com a *Eneida*, deram esses productos hybridos, que em vez do nome de epopêas merecem que se lhes chame Chronicas metrificadas.

Camões venceu esta difficil corrente da erudição, concebendo um poema em que o character das epopêas cyclicas ou anonymas não desaparece completamente na obra litteraria. É esta a fórmula por onde a critica chegará a alcançar a verdade e o valor dos *Lusiadas*.

Antes de Camões, a tentativa de uma epopêa nacional acha-se manifestada por differentes contemporaneos: Jorge de Monte-Mór preoccupou-se com o assumpto historico da descoberta do Oriente: «Andava reunindo materia para compôr um poema do *Descobrimento da India oriental*, quando lhe sobreveiu a morte em 26 de fevereiro de 1561.» (1) Ferreira propõe a Caminha o compôr uma epopêa sobre esse mesmo assumpto; Antonio de Abreu ensaia-se na descripção epica de Malaca, e Pedro da Costa Perestrello rasga, ao lêr os *Lusiadas*, o seu poema do *Descobrimento de Vasco da Gama*. Nenhum d'estes poetas possuia o *ramus aureus* que dá ingresso no mundo dos heroes; Camões foi unico, como acontece na crystalisação dos extraordinarios diamantes. Para comprehender Camões é preciso conhecer os esforços que só elle pôde fazer triumphar; os poetas que lhe succederam, dentro ainda do mesmo seculo, quasi sob a mesma influencia moral, nunca mais puderam conseguir essa aliança do espirito de um povo com

(1) Vid. *Anno hist.*

a concepção individual; Jeronymo Côrte Real, Luiz Pereira, Francisco de Andrade e Sá de Menezes voltaram, invocando a gelida Caliope, a escrever Chronicas metrificadas.

Para comprehender o espirito que inspira e anima as palavras da epopêa dos *Lusiadas*, e o interesse que eleva este poema acima de todas as epopêas litterarias do mundo moderno, basta perceber o sentido da seguinte imagem historica: Quando Murad IV tomou de assalto Bagdad, mandou que todos os habitantes fossem passados á espada; começada a carnificina, nas convulsões do terror um persa chamado Seakuli levantou a voz e pediu que o levassem ante Murad, porque antes de morrer tinha importantes revelações a fazer. Na presença do terrivel imperador, lançou-se por terra exclamando: — Senhor, não faças morrer commigo uma arte que vale tanto como o teu imperio; ouve-me cantar, e depois ordenarás a minha morte. — O imperador fez-lhe signal para que cantasse; Seakuli improvisou, pulsando a sua harpa, um canto sobre a ruina de Bagdad. O sanguinario Murad sentiu-se abalado por aquelle canto e mandou suspender a matança.» (1) Portugal, arrasado pela intolerancia religiosa á absorpção de Philippe II, chegou a esta catastrophe de Bagdad; estava destinado a ser assimilado pela ambição de Castella; foi o livro dos *Lusiadas* que representou este povo como vivo, como autonomico, com a sua lingua, com a sua

(1) Stendhal, *Vie d'Haydn*, p. 158.

historia, grande pelo seu esforço para a civilização da humanidade, finalmente como digno de lutar pela liberdade. É a esta luz que a Europa tem lido os *Lusiadas*, e é por isso que os considera como o documento mais eloquente da nacionalidade portugueza.

Escripta na grande epoca da Renascença, a epopêa dos *Lusiadas* resente-se fatalmente da influencia de Virgilio; a imitação erudita julgava a *Iliada* e a *Odyssea* como obra individual, mas não se atrevia nem tinha força para reproduzir certos modos de conceber e de exprimir as paixões privativas dos poemas de elaboração collectiva de que os cantos homericos são formados; a imitação exercia-se fatalmente sobre a *Eneida*, porque, inventada por um dado poeta da côrte de Augusto sobre uma acção por elle escolhida, com um fim por elle calculado, com a linguagem logica de quem domina todos os seus sentimentos e sabe explicar as suas paixões, com metaphoras e comparações estudadas para effeito scenico, na *Eneida* estava o modelo para toda e qualquer epopêa, substituindo apenas os nomes dos heroes e os logares, e deixando ficar as invocações, o maravilhoso ou machinas, com os recursos dos sonhos, das visões, dos concilios dos deoses, das mensagens, etc. A *Eneida* tornou-se o canon dos poetas epicos do seculo XVI; vista pelo lado material da fôrma, pareceu facil o contrafazel-a, e contrafizeram-n'a á vontade.

Os criticos portuguezes ficaram n'este unico ponto de vista; pôde-se dizer que nenhuma analyse dos *Lusiadas* tem sido feita que não desenvolva com meudos pa-

radigmas a imitação da *Eneida*. Qual a conclusão a que se tem chegado por esta via? Ao simples pleonasmo de que Camões escreveu sob o influxo da Renascença. Outros, como Barreto Feio e Herculano estenderam-n'o sob o leito de Procusto da Poetica de Aristoteles, e procuraram justificar Camões do modo como executou o canon da *unidade de acção* e de *heroe*, como empregou as *machinas* e intermeiou os *episodios*. Seguiram os processos que Brillart Savarin na *Physiologia de gosto* applicava aos guisados. Foi por isso que até Schlegel, Humboldt e Quinet, nunca existiu em Portugal uma comprehensão superior dos *Lusiadas*.

Como poderia haver regras preestabelecidas para criticar uma epopêa, se essas regras eram deduzidas de obras não comprehendidas, como os poemas homericos, e confundidas com productos artificiaes, como a epopêa de Virgilio? O *Tratado do Poema epico* do P. Le Bossu é a condensação pedante de todo este canonismo exterior e incongruente; commenta Aristoteles e Horacio, explicando-os pelas realisações das grandes obras; com o espirito do P. Le Bossu tem sido feita sempre a analyse dos *Lusiadas*, como se póde vêr no prologo de Barreto Feio.

Só depois que a critica moderna descobriu o estado psychologico em que se inventam as creações epicas, depois que Wolf explicou como a Grecia inteira collaborára na *Iliada* e *Odyssea*; que a India, a Persia, a Scandinavia, a Allemanha, a França e a Finlândia trouxeram á luz da sciencia as suas epopêas seculares, é que

se conheceu, que as epopêas moldadas sob o typo virgiliano tinham o character epico do mesmo modo que uma cifra tem o character de uma linguagem; confundem-se entre si a epopêa anonyma e a individual como o diamante com o vidro lapidado. Mas a epopêa litteraria existe porque contrafez a obra collectiva, fazendo um esforço para renovar essa criação extemporanea que já não pertence nem á época nem ao estado de espirito que a põe em moda e fóra das suas condições vitaes. Ha uma relação entre estas duas fórmulas como entre o corpo e a sombra que o reproduz; o que é natural e bello no corpo torna-se muitas vezes uma monstruosidade, uma aberração na sombra. Assim os *mythos* religiosos, que recebem character *historico* na epopêa anonyma, tornam-se essa absurda macaqueação litteraria chamada o *Deus ex machina*, ou a intervenção do *maravilhoso* para salvar o heroe ou dificultar-lhe a acção; assim tambem do conjuncto das diversas tradições locaes, que vêm agrupar-se no todo da epopêa cýclica, a que no *Mahabharata* se chama *ityasas*, e nas *Gestas* da edade media *Cantilenas*, d'esta collaboração geral fizeram esses pequenos quadros recortados e diversamente embrechados nos poemas com o nome de *Episodios*. (1) Estes simples factos bastam para mostrar quaes as regras por onde se hão de julgar as epopêas litterarias, isto é, vêr até que ponto o poeta na sua synthese se aproximou da

(1) Le Bossu e os que o seguem, derivam o *episodio* da Tragedia; mas esta fórmula litteraria sac da fórmula *liturgica* do Mytho, como a Epopêa do seu *sentido*.

fôrma tradicional d'essa criação primitiva. De todas as epopêas modernas, os *Lusiadas* são os que mais lucram com a analyse sob este criterio novo; foi por esse caracter de generalidade inconsciente, por essa aproximação das concepções primitivas, que o poema de Camões foi recebido com assombro em todas as litteraturas e reconhecido como bello e verdadeiro pelos maiores criticos do seculo XIX. Sigamos estes novos principios:

a) Elemento mythico: o Maravilhoso nos «Lusiadas»

Quasi todas as epopêas apresentam no seu *maravilhoso* a lucta de divindades oppostas, defendendo ou difficultando a empreza do heroe; tornou-se isto um logar commum dos poetas, um recurso de imaginação habitual para prolongar e engrandecer o assumpto. É isto o que nos dizem os rhetoricos, e na fé dos doutrinarios da Arte, em geral tem sido empregado este recurso pelos poetas heroicos com a mesma intelligencia; tal é a inferioridade do *maravilhoso* n'esses poemas litterarios concebidos em épocas de bom senso, quando a razão e as forças moraes nem admittem, nem precisam de intervenção divina. Póde-se dizer que o *maravilhoso* é sempre absurdo. Conhecidas porém as relações que existem entre as epopêas anonymas e as epopêas litterarias, o que era insensato por não ter sentido, torna-se verdadeiro e profundo, porque representa o movel que dirigiu uma raça para a obra da sua independencia. Quando uma raça entra na vida historica, desenvolvem-

do-se livremente dentro das condições fataes da organização e do meio, a obra que melhor conserva a tradição das suas luctas é a Epopêa. O caracteristico vital de um povo são as suas divindades; Israel não se confunde com nenhum outro povo, apesar de todos os cativeiros, por que vive dentro das barreiras do seu monotheismo. Mas as fortes nacionalidades distinguem-se justamente pela liga dos seus elementos heterogeneos; os deoses do fraco são assimilados no mesmo olympto á custa de violencias, identificam-se vencidos. Na Grecia, por exemplo, os Doricos têm por seu deos principal a Apollo, os Jonios têm por divindade suprema a Neptuno; quando a unidade gregã se realisou n'essa admiravel civilisação, a lucta entre Doricos e Jonicos ficou representada no antagonismo das suas divindades. Isto que se dá com a Grecia, deu-se primeiro na India e na Persia; este conflicto de elementos, que nem constituia a unidade nacional, é, segundo Lemeke, uma das principaes condições de desenvolvimento do genio poetico. É por isso que as grandes epopêas cyclicas correspondem ao periodo historico em que os povos começam a ter uma vida propria e independente; por isso a tradição das suas luctas interessa a todos e se torna um vinculo moral da nacionalidade. Sob este ponto de vista, o sentido do *maravilhoso* na epopêa litteraria tem o seu porquê racional, restituído pela correlação entre a obra individual e a obra anonyma. As fórmãs da litteratura tambem têm a sua tradição que se não perde, embora se lhes oblitere o sentido e a importancia. Essas pobres *machinas* rhe-

toricas são pois a tradição, transmittida inconscientemente aos poetas eruditos, do conflicto dos diversos elementos de uma nacionalidade representado pelos seus differentes deoses. Não é isto um principio *a priori*; é a resposta que dá a historia ao analysar a estrutura das epopêas antigas.

No poema dos *Lusiadas* ha tambem o mesmo conflicto de divindades, que se oppõem e que protegem a grande empreza dos portuguezes; *Baccho*, representando o genio da India, oppõe-se á descoberta do Oriente, convocando os deoses do mar para suscitarem todos os perigos ás Náos do Gama; *Venus* intercede pelos portuguezes, pelo amor que tem a este povo que fala uma lingua que lhe lembra á imaginação a linguagem do Latio. Tal é a parte essencial do *maravilhoso* dos *Lusiadas*; o espirito de Camões e o estado da vida moderna no seculo XVI não podiam acceitar esta ficção como um producto organico da sua raça; os povos catholicos perderam a sua mythologia, e sobretudo as nações recentes como a portugueza, do seculo XII, não podiam já ter um periodo mythologico antes de se constituirem. Portanto, Camões comprehendeu esta inferioridade, mas substituiu a nossa falta por uma synthese philosophica; em differentes logares do poema é elle o primeiro que declara que as suas divindades são vãs e mentirosas. Como synthese philosophica, o *maravilhoso* dos *Lusiadas* tem de ser interpretado, do mesmo modo e com a mesma seriedade com que se procura a intenção artistica de Goethe ao fazer o apparecimento de Hellena no

Fausto. Os *Lusiadas* são uma admiravel obra de arte. A censura do Santo Officio do seculo XVI advertiu nas licenças para a publicação do poema, que os nomes de deoses gentilicos eram uma liberdade poetica; o seculo XVII e XVIII viu o *maravilhoso* dos *Lusiadas* através das materiaes explicações de Dacier e Lé Bossu, e em Portugal aonde dominava a intolerancia catholica, nunca se pôde cõsiderar a alliança da mythologia grega com o maravilhoso christão, senão como um attentado, um absurdo, uma mácula indesculpavel do poema de Camões. Este defeito que arrancou tantos urros ao padre José Agostinho de Macedo, é justamente o que nos mostra hoje a superioridade e independencia do espirito de Camões, que viu como artista os recursos poeticos do christianismo, apezar de ter vivido na epoca de um sombrio terror religioso que atrophiaava a intelligencia e a vida civil. O seculo XIX, pelo conhecimento perfeito das litteraturas antigas e pelas novas theorias da arte, é que estava realmente preparado para refazer a synthese philosophica attingida por Camões nos *Lusiadas*; no livro de Quinet, o *Genio das Religiões*, vem essa fórmula que elle não desenvolve, mas de uma absoluta verdade historica: «o poema de Camões é verdadeiramente o poema da alliança entre o Occidente e o Oriente.» Estas poucas palavras encerram em si um livro, que tarde poderá ser escripto, quando houver um espirito que recapitule a marcha da intelligencia humana para a descoberta das suas origens, desde as migrações indo-europêas até ao estudo comparativo da linguagem, ás ori-

gens das religiosas e das fórmulas litterarias, trevas immensas sobre as quaes a India espalhou a sua immensa luz da connexão historica.

Mas o maravilhoso dos *Lusiadas* leva á intelligencia d'essa bella fórmula. *Baccho* é a divindade inimiga; representa o genio da India e oppõe-se a que os portuguezes effectuem a sua empreza. Como é que os eruditos portuguezes do seculo XVII e XVIII podiam vêr no mytho de *Baccho* outra cousa senão um ridiculo deos do vinho? Foi esta comprehensão que levou os parodiadores do seculo XVI a inverterem o primeiro canto dos *Lusiadas* ao *de vinho* com o titulo de *Festas Bacchanaes*. Ainda não estava fundada a *Sciencia das Religiões*, e os mythos eram vistos como invenções arbitrarías ou dos sacerdotes ou do diabo. Camões, pela sua liberdade de espirito, chegou á comprehensão da antiguidade por uma certa intuição poetica. Se ao representar o antagonismo do genio indiano se servisse da personificação do deos *Soma*, como *Baccho* tambem deos do vinho, e nascido como elle da côxa da Indra, Camões teria procedido com mais rigor scientifico mas não com a verdade poetica; filho da Renascença via o genio religioso da India através da Grecia pelas conquistas de Alexandre Magno; no seculo XVI o deos *Soma* não lhe podia ser conhecido, porque os livros dos *Vedas* estavam occultos nos mais remotos presbyterios brahmanicos, e os missionarios portuguezes mandavam arrasar os templos e queimar-lhes os seus livros. Para o genio da India conhecer o Occidente, só por via da Grecia o poderia; essa tra-

dição já era sabida no seculo XIII na Peninsula, e no *Poema de Alejandro* se lê:

*Bacus si no oviesse el su lugar dexado
Non oviera el regno de India ganado. (v. 236)*

Toda a tradição encerra um fundo de verdade; as Renascenças do seculo XIII e XVI conheceram a connexão das divindades da Grecia com as da India, mas inverteram a filiação historica. *Baccho*, ao contrario do que pensou a Renascença classica, veio da India para a Grecia; é o deos cosmopolita que não consentia esse character de cosmopolitismo aos portuguezes. A importancia secundaria que *Baccho* tem nos poemas homericos, prova que elle é um dos deoses mais modernos do olympo grego; deos mediador introduzido pelas colonias da Asia menor, traz comsigo os progressos da civilisação védica na ordem moral e social.

Baccho é denominado pelos gregos o deos do *vinho*, (*oinos*) e pelos latinos egualmente pelo mesmo epitheto (*vinum*). O *Soma* era invocado pelos aryas como um deos, e nos Vedas é denominado *vinas*, ou o amado; segundo Kuhn e Alf. Maury, *vinas* vem da raiz *ven*, amar, ser favoravel, do mesmo modo que a palavra grega *oinos*. (1) Ora o *Soma* era o summo acido da planta *sarcostemona viminalis*. Mas, segundo Alfred

(1) Maury, *Histoire des Religions de la Grèce ancienne*, t. 1, p. 118, not. 6.

Maury, esta correlação dos nomes poderia ser fortuita; fortalece-se com a identidade da legenda grega com o typo védico. Soma, também nascido da coxa de Indra, é chamado o forte ou *Dakcha*, do mesmo modo que Dionysos ficou mais conhecido pelo epitheto de *Baccho*; Langlois, desenvolvendo em uma memoria o confronto de Baccho com o Soma indiano, aproxima este epitheto do sanskrito *Bhakcha*, o sacrificio. Soma tem o titulo de Giri-Chthâh, o que se dá pelas montanhas, como Baccho o titulo de *Oreios*; Baccho era principalmente adorado nas montanhas da Thracia. Soma, nasce do *Mauthanam*, que significa a produção do fogo divino; Baccho tem o epitheto de *hyrigenes*, o nascido do fogo, porque é tirado pelo deos que o gerou do seio de sua mãe fulminada. Soma, nascido do fogo do sacrificio, é transportado ao céu pelas orações dos sacerdotes, e por isso é chamado *Dwidjanman*, o nascido duas vezes; Baccho, completando o tempo da gestação na coxa de Jupiter, é em vista d'este duplo nascimento chamado *Dithyrambos*, e *Dimetor*. (1) Este facto isolado já por si nos mostra a luminosa revelação da Renascença oriental; não era possível que houvesse no seculo XVI uma intelligencia que presentisse a unidade das creações religiosas da grande raça indo-europêa, mas é certo que, para os fins poeticos de Camões, nenhum outro deos podia representar o genio antigo da India se não Soma na sua naturalisação europêa de

(1) Factos colhidos em Maury, *op. cit.*

Baccho. O seu antagonismo tinha uma realidade; vindo do centro da Asia, pela Thracia, para a Grecia e para Roma, o curso da civilização europêa passára-lhe adiante, e na empreza da descoberta da India, os portuguezes levavam uma religião mais abstracta, mais espiritualista, como Camões representa no verso:

O falso deos adorara o verdadeiro.

Logo no primeiro canto dos *Lusiadas* intervem a divindade protectora dos portuguezes:

Para lá se inclinava a leda Frota ;
 Mas a Deosa em Cythera celebrada,
 Vendô como deixava a certa róta
 Por ir buscar a morte, não cuidada,
 Não consente que em terra tão remota
 Se perca a *Gente d'ella tanto amada*
 E com ventos contrarios a desvia
 D'onde o piloto falso a leva e guia.

Qual a razão por que Venus foi a divindade escolhida por Camões para protectora dos portuguezes? Camões conheceu a mythologia romana sob a fórma do syncretismo material da Renascença, isto é, através da hierarchia grega. Venus era sobretudo uma divindade italica, conhecida principalmente pelo nome de Feronia, protectora das praias e da navegação, segundo uma lenda conservada por Denis de Halicarnasso; (1) quando

(1) Preller, *Mythologia romana*, p. 263. (Trad. fr.)

o nome de Venus foi substituído ao de Feronia, deu-se na Italia a introdução dos cultos grego e phenício de Aphrodite, mas ainda assim conservou o seu attributo de reinar sobre o mar, sendo adorada nas costas do Mediterraneo. (1) Era a deosa que presidia ás relações internacionaes, e por isso tinha o nome de Concordia. O nome de Venus é derivado do mesmo radical *ven*, que designa o attributo de Baccho; o antagonismo existia nos mythos, e Camões o presentiu com uma admiravel intuição artistica. Como Venus é essencialmente uma divindade italica, segundo as ideias ethnologicas do seculo XVI que derivava a lingua portugueza directamente do latim urbano, era Venus a divindade que melhor symbolisava uma nação romanica entregue ás emprezas maritimas. Os commentadores viram o *maravilhoso* dos *Lusiadas* através das fabulas licenciosas e sem sentido profanadas por Ovidio; condemnaram o que hoje tanto se admira em Goethe. O apparecimento de Hellena não é mais bello do que o apparecimento de Venus, (cant. II, st. xxxiii, xli) cuja descripção excede em belleza todas as formas da Arte realisadas pela Renascença. Camões escolheu Venus como divindade protectora, porque seguia as ideias ethnologicas do seculo XVI:

Sustentava contra elle Venus bella,
Afeiçoada á Gente lusitana,
Por quantas qualidades via n'ella
Da antiga tão amada sua Romana.

(1) *Ibid.*, p. 267.

.....
 E na lingua, na qual quando imagina
 Com pouca corrupção crê que he a Latina.
 (1, 33.)

A parte mais condemnada no maravilhoso dos *Lusiadas* é aquella em que Baccho, para illudir os portuguezes, se finge sacerdote christão adorando o Espirito Santo; quem leu o poema com olhos catholicos não viu se não um desprimor rhetorico n'essa confusão de divindades. Mas, diante da sciencia comparativa das religiões, era o poeta que tinha rasão e avançava afoitamente a alegoria da unidade das formas religiosas. Eis as criminosas outavas:

Mas aquelle que sempre a mocidade
 Tem no rosto perpetua, e foi nascido
 De duas mães; que ordia a falsidade
 Por ver o navegante destruido;
 Estava n'uma casa da cidade
 Com rosto humano e habito fingido
 Mostrando-se christão, e fabricava
 Um altar sumptuoso que adorava.

Ali tinha em retrato affigurada
 Do alto e Santo Espirito a pintura,
 A candida Pombinha debuxada
 Sobre a unica Phenix, Virgem pura.
 A companhia sancta está pintada
 Dos doze tão torvados na figura,
 Que os que, só das linguas que caíram
 De fogo, varias linguas referiram.

Aqui os dous companheiros conduzidos
 Onde com este engano Baccho estava
 Põem em terra os gíolhos, e os sentidos
 N'aquelle Deos, que o mundo governava!

Os cheiros excellentes produzidos
 Na Panchaia odorifera queimava,
 O Thyoneo; e assi por derradeiro
 O falso Deos adorara o verdadeiro.
 (II, 10-12.)

Quando Camões escreveu este canto II dos *Lusiadas* já estava na India; com a curiosidade infatigavel dos espiritos scientificos do seculo XVI, viria ao seu conhecimento essa extraordinaria philosophia Vedanta, aonde os dogmas do Christianismo apparecem constituindo, muitos seculos antes do seu apparecimento, essa doutrina que penetrou na Judêa pelos Essenios, na Grecia pela eschola de Alexandria, e em Roma. Esta philosophia Vedanta era o desenvolvimento abstracto de certos mythos populares na região occidental da India; aí se acreditava na encarnação do deos Vichnu na fórma humana de Christna; este mediador nasce d'uma Virgem-Mãe Devaki, é annuciado pelas prophcias dos *Vedangas*, de *Pulasteja*, de *Narada*, do *Pururava*; o terrivel tyranno Kansa faz a degolação dos Innocentes para se livrar do castigo que lhe hade infligir Christna recém-nascido, que é educado entre os pastores da ribeira de Yamuna, até que faz a sua entrada triumphal em Mathura; quando no meio das luctas contra o tyranno os discipulos de Christna desfallecem, para os fortalecer, Christna mostra-se-lhes no seu esplendor, e é então que elle recebe dos discipulos o nome de *Iezeus*, a essencia pura. Quando, terminada a sua missão, está fazendo as abluções no Ganges, Christna é atravessado por uma seta de Angadas e pendurado por seus inimigos

em uma arvore; Adjurna, o discipulo amado vem para recolher o cadaver, e Christna elevava-se corporalmente para o céo. (1) Embora viesse ao conhecimento de Camões toda esta serie de analogias pela immensidade de dramas sobre Christna, que se representava na India, e abstraindo mesmo de toda e qualquer noção scientifica, é certo que a sua intelligencia audaz foi fatalmente levada a fazer nos *Lusiadas* esse syncretismo religioso que tanto tem chocado as rhetoricas de todos os tempos. Nos *Lusiadas* temos a prova d'esta hypothese, porque o poeta fala dos Christãos de Sam Thomé, por via dos quaes os orientalistas catholicos querem explicar estas analogias. (2) Tal é a verdade do *maravilhoso* de Camões; deixa de ser um artificio classico para

(1) Jacoliot, *La Bible dans l'Inde*. — Theodore de Pavie, *Christna et sa Doctrine*. — *Bagavad-Gita*; *Gita-Govinda*; *Prem-Sagar*, etc.

(2) O virulento detractor de Camões, o padre José Agostinho de Macedo, condemna o poeta por não ter seguido n'este ponto a narrativa da *Chronica* de Castanheda, liv. 1, cap. 9, aonde se acha a realidade da ficção: « Mandou dous degradados de alguns que trazia para aventurar em taes recados, e foram encontrar com dous mercadores, parece que christãos de Sam Thomé, que lhes mostraram pintada em uma carta a figura do Espirito Santo, e por ante elles fizeram sua oração em giolhos. » O implacavel padre, nas *Reflexões sobre o Episodio do Adamastor*, p. 11, braveja: « Eis aqui a passagem que despertou a lembrança da mais repugnante ficção que até agora lembrou á irritavel geração dos Vates. . . » A censura basca-se em Camões não seguir Castanheda, quando o opusculo começa por mostrar que os *Lusiadas* seguem na parte historica João de Barros e Castanheda. O syncretismo religioso incommodava o padre Macedo, e por isso volta á carga: « e começando pelo primeiro disparate do primeiro canto, que he Jupiter decretar

tornar-se o facto admiravel da miragem intellectual que a razão humana experimentava ao entrar na sua direcção critica.

Em muitos logares das suas obras, Camões mostra um conhecimento dos livros da idade media, que recolheram as lendas phantasticas que mais tempo se perpetuaram na imaginação, obstando a que se entrasse na via scientifica. Esses livros levaram-no fatalmente ao mesmo syncretismo religioso, como vamos vêr.

a queda do Mahometismo, até ao ultimo disparate do canto ultimo, que é Thetis, a mãe de Achilles, chorar a morte do Apostolo Sam Thomé.» (p. 30.)

Sabendo-se que a educação litteraria de Camões se fez no mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra, é natural que ali recolhesse a tradição que Macedo deriva de Castanheda, porque na livraria d'esse mosteiro se guardava a Relação manuscripta do *Descobrimento da India por Dom Vasco da Gamma*, escripta por um companheiro da não de Nicoláo Coelho, e hoje impressa: « E o capitam mandou dois homens ao Rey d'esta cidade para mais confirmar suas pazes, os quaes como foram em terra foi logo muita gente com elles até á porta do paço... E quando chegaram ao Rey, elle lhe fez muito gasalhado, e lhe mandou amostrar a cidade, os quaes foram ter a casa de dous mercadores xristãos e elles mostraram a estes dois homens uma carta em que adoravam, em a qual estava debuxado o Espirito Santo.» (Ed. Kopke, p. 39.) Por esta aproximação se vê, que o facto contido nas tres estancias dos *Lusiadas* se aproxima nas suas particularidades mais do Roteiro anonymo, do que de Castanheda. Camões cita ali a Virgem e os Apostolos, e no Roteiro vem: «ali lhe mostraram um retavolo em que estava nossa Senhora com Jhu Xto nos braços ao pee da cruz e os Apostolos. E os Indios quando viram este retavolo lançaram-se no cham, os quaes em quanto aqui estevemos vinham fazer suas orações.» (ed. Kopke, p. 46.)

Estes factos nos mostram que as analogias da crença foram muito cedo sentidas; apesar da incommunicabilidade dos livros sanskritos no seculo xvi, encontramos na *Vida de Sam Fran-*

O seculo XVIII, que ignorou a idade media, e que mal conheceu a Renascença, não soube entender Camões na alliança da mythologia com o christianismo; acharam anachronismos no que era um facto coherente com as tradições poeticas da egreja, que absorvera a si a actividade primeira das litteraturas modernas. Baccho, vestindo-se de sacerdote e adorando o Deos verdadeiro, é um absurdo que repugna á idealisação artistica, se lêmos os *Lusiadas* á luz do estado actual da crença catholica; mas se procurarmos interpretar a ficção segundo os sentimentos da época e das tradições com que foi concebida, então a sua verdade incute-se involuntariamente, e nos obriga a acceitar essa conciliação audaz da antiguidade com os tempos modernos.

Vejamos os factos anteriores á Renascença, que mostram, como mesmo dentro da egreja as tradições do paganismo foram recebidas para se exprimirem por ellas novos sentidos moraes: Philippe de Vitry, bispo de

cisco Xavier, do Padre João de Lucena, a seguinte invocação:

Oncery Narayna Noma (1)

Reduzida á verdadeira transcripção, deve ler-se:

Om ! Çri Naraya namas

Om! é o monosyllabo mystico, intraduzivel; exprime o sentimento de elevação religiosa. O resto da phrase significa: «A graça do Senhor seja commigo. Adoração á Alma suprema.» (2)

(1) *Op. cit.*, p. 102, col. 2. Ed. 1600.

(2) Servimo-nos das explicações do nosso amigo Vasconcellos Abreu, que entre nós se tem dedicado ao estudo do sanskritto.

Meaux, dos fins do seculo XIV, moralisando as *Metamorphoses* de Ovidio sob o ponto de vista christão, personificou em *Danae* a Virgem Maria, o cão *Lelaps* em propheta, e em *Cephalo* o Espirito Santo. Jesus Christo, já symbolisado por Dante em *Jupiter*, conserva esta mesma allegoria, já sob a fôrma de *Cysne* de *Leda*, ou da *chuva de ouro* de *Danae*, ou de *Appollo* quando pastor, ou de *Perseo* combatendo as *Gorgones* (as tres concupiscencias: mundo, diabo e carne) e livrando *Andromeda*. *Mercurio* representa a penitencia, e os Anjos são os *Titans*. Mesmo na parte mystica do christianismo, a erudição claustral chega a servir-se da fabula para explicar os tres grãos da ascése, em *Juno*, a vida contemplativa; em *Pallas*, a activa ou purgativa; em *Venus*, a unitiva. (1) Quando estes costumes estavam na Igreja no fim da edade media, quando os mais respeitaveis eruditos ecclesiasticos foram pagãos, como Bembo, Amyot, Rabelais e outros, que se inspiraram mais da antiguidade classica do que da Biblia, para que se hade querer analysar a construcção dos *Lusiadus* fóra da Renascença e desligada das tradições medievaes?

Camões não foi extranho a essa fôrma maravilhosa da sciencia na edade media; o sabio era uma especie de theurgo como Bacon, ou acreditava surprehender pela observação phenomenos extraordinarios, como Cardan; ou prophetisava, como Nostradamus. Este estado moral

(1) De Martonne, *La Piété du Moyen Age*, p. 27.—E. Cartier, *Du Symbolisme chrétien dans l'Art*, p. 37.

que acabou diante dos estudos das sciencias naturaes no seculo xvii, acha-se tambem em Camões, e é uma das manifestações mais características do seu *maravilhoso*. Nas redondilhas que tem por titulo *Carta a uma Dama*, reuniu elle muitas d'essas tradições maravilhosas da idade media. Basta indicarmos uma:

Escrevem certos authores,
Que junto da clara fonte
Do Ganges, os moradores
Vivem do cheiro das flores
Que nascem n'aquelle monte.

No poema do *Miroir du Monde*, citado por Leroux de Lincy, vem esta tradição na fórmula em que corria na idade media:

Si r'a vers le fleuve de Gange
Une gent courtoise e estrange,
Et ont droit faiture d'ome
Qui de l'odor d'accune pomme
Vive sans plus et si vont loing;
La pume lor a tel besoing
Qui si male puer sentaient
Sans la pume tantost mouraient.

Camões recolheu outra vez esta mesma tradição nos *Lusiadas*:

E junto d'onde nasce o longo braço
Gangetico, o rumor antigo conta
Que os visinhos da terra moradores
Do cheiro se mantêm das lindas flores.
(vii, 19.)

Na citada carta, conta o poeta a tradição maravilhosa da ave, a que Eliano dá o nome de *Porphyrus*; *Nebrixa*, de *Palemon*, e outros de *Camão*. É essa sciencia maravilhosa, essa geographia phantastica de Sam Brendan e de Marco Polo, essa hesitação entre o prestigio tradicional e o scepticismo critico, que produzem nos *Lusiadas* o encanto da verdade moral. Os grandes descobridores maritimos que se atiravam á incerteza da sorte, só vacillavam quando queriam conciliar a sua coragem com os dados recolhidos em Strabão ou Pomponio Mella. Camões é assim na ordem intellectual; elle viaja até ao Oriente, recebe a inspiração directa dos logares, mas escravisa-se á tradição classica dos geographos gregos. Quando traça os limites da empresa maritima dos portuguezes:

Da occidental praia luzitana
 Por mares nunca d'antes navegados,
 Passaram inda além da *Taprobana*...

toma a *Taprobana* como a terra mais oriental, segundo a tradição mediéfica, que acreditava que o sol brilhava aí muito antes de apparecer no nosso horisonte; no velho poema de *Waltharius*, vem:

Lucifer interea praeco scandebat Olympo,
 Lucens *Taprobane* clarum videt insula solem.
 (v. 1188-9.)

Entre os varios nomes com que apparece designada a ilha de Ceylão, *Langká*, *Tambraparni*, *Simhala* e

Palaisimundu, Camões abraçou de preferencia o nome vulgarizado pelos gregos, e com que a ilha é conhecida nos escriptos de Strabão, Plinio e Pomponio Mella. Eugenio Burnouf explica esta diversidade de nomes: «Ceylão desde os tempos mais remotos foi um ponto de reunião onde povos de diversas raças e linguagens se encontraram. Os nomes dos logares variaram com as nações que se estabeleceram ali; e esta diversidade que passou nas tradições historicas, cobriu a carta de Ceylão de denominações de todas as edades e de todas as origens.» (1) Este facto mostra-nos como a intuição poetica de Camões o levou a escolher esse ponto geographico dos navegadores antigos, como o limite ultrapassado pelos navegadores portuguezes. Continúa Burnouf: «Depois que as conquistas de Alexandre na India abriram aos gregos o caminho da Asia oriental, Onesicrito e Megasthenes, pela relação de Strabão e de Plinio, tiveram conhecimento da Ilha e lhe deram nas suas relações o nome de *Tampobane*, Ταμποβαν. Esta denominação apparece conjunctamente com as indicações positivas que a antiguidade nos transmite sobre Ceylão, e sômos auctorisados a consideral-a como a primeira que os gregos conheceram. Ora este nome de *Taprobana*, ao qual as ricas producções da Ilha que designava deram entre os antigos uma grande celebridade, nós o achamos na denominação sanskrita e singaleza *Tâmrâparna* e *Tâmbraparni*.» (2) «Além d'isso, esta ultima

(1) *Journal Asiatique*, v série, t. ix, p. 39. (1857.)

(2) *Ibid.*, p. 84.

designação tem mais interesse para a geographia comparativa, porque nos dá a origem do nome sob o qual os gregos conheceram esta Ilha celebre.» (1)

A profunda impressão dos escriptores gregos e romanos, que a intelligencia de Camões conservava diante do espectaculo surprehendente de novos céos e climas, longe de ser um defeito, é a condição peculiar que o tornou para a civilisação da Europa o genio conciliador da renascença oriental. A ficção do apparecimento de *Adamastor*, que nos revela o mundo maravilhoso da geographia da idade media, reúne as reminiscencias de Lucano e de Ovidio com o metaphorismo do genio poetico do Oriente. Macedo, o damnado ergotista, quer que seja imitado da *Pharsalia*, (liv. I) quando Cesar transpondo os limites assignados pela republica passa o Rubicon, e lhe apparece a figura da Liberdade romana amedrontando-o; quer que a forma de Gigante seja imitada de Ariosto, quando descreve Brunel, (cant. III.); quer que a transformação de *Adamastor* seja calcada sobre a metamorphose do astronomo Atlante em uma montanha; (2) se assim fosse, seria mais um documento da profundidade da tradição europêa com que Camões forma essa synthese da civilisação do Oriente e da Europa, de que o nosso seculo está tirando as mais imprevisas descobertas.

(1) *Ibid.*, p. 82.

(2) *Reflexões criticas*, p. 16, 21, 24. Aí diz, que até o nome de *Adamastor* se encontra em Claudiano. O Padre mente; em Claudiano vem apenas o appellido *adamas*, e a sua flexão *adamante*.

Na ficção do *Adamastor* ha tambem esse sentimento pantheista dos mythos orientaes, revelado na transformação do gigante:

Converte-se-me a carne em terra dura,
 Em penedos os ossos se fizeram ;
 Estes membros, que vês, e esta figura
 Por estas longas aguas se estenderam :
 Emfim, minha grandissima estatura
 N'este remoto Cabo converteram
 Os deoses ; e por mais dobradas magoas,
 Me anda Thetis cercando d'estas aguas.
 (Cant. v, 49.)

Conheceria acaso Camões as effusões mysticas do *Prém-Sagar*, aonde se diz de Christna: « Na vossa manifestação exterior, o céu é a vossa cabeça... a terra os vossos pés,... as nuvens os vossos cabellos... as arvores a vossa barba..., a lua e o sol os vossos olhos... Brahma o vosso espirito, Siva a vossa magestade, o vento o vosso halito, o movimento de vossas palpebras o dia e a noite, o trovão a vossa voz... etc.» Como *Adamastor*, Christna tambem tinha sido um Asura, da raça dos que haviam luctado contra a divindade. A impressão produzida pelo episodio do *Adamastor* na alma moderna é evidente no bello canto epico de Victor Hugo, intitulado o *Satyro*; depois que o *Satyro* entrou no Olympto e ameaçou os deoses, dá-se a transformação egual á do *Adamastor* depois da sua terrivel prophesia. (1)

(1) Tout en parlant ainsi, le Satyre devint
 Démesuré, plus grand d'abord que Polyphème,
 Puis plus grand que Typhon, qui hurle et qui blasphème,

Do apparecimento do Ganges no sonho de el-rei Dom Manoel, diz admiravelmente Quinet : « O rio Ganges, desde muito tempo perdido, é personificado como na epopêa indiana do *Ramayana*. » (1) Quando esse sonho phantastico do infante Dom Pedro e Dom João II, de mandarem descobrir as terras do Preste-João para formarem alliança com esse imaginario rei christão, teve a consequencia pratica da descoberta da India, como é que o poeta, que vivia em uma nação lançada na corrente das aventuras, podia achar na expedição de

Et qui heurte ses poings ainsi que des marteaux,
 Puis plus grand que Titan, puis plus grand que l'Athos;
 L'espace immense entra dans cette forme noire;
 Et, *comme le marin voit croître un promontoire*,
 Les dieux dressés voyaient grandir l'être effrayant;
 Sur son front blêmissait un étrange orient;
 Sa chevelure était une forêt; des ondes,
 Fleuves, lacs, ruisselaient de ses hanches profondes;
 Ses deux cornes semblaient le Caucase et l'Atlas;
 Les foudres l'entouraient avec de surds éclats;
 Sur ses flancs palpitaient des prés et des campagnes,
 Et ses difformités s'étaient faites montagnes;
 Les animaux qu'avaient attirés ser accords,
 Daims et tigres, montaient tout le long de son corps;
 Des avrils tout en fleurs verdoyaient sur ses membres;
 Le pli de son aisselle abritait des décembres;
 Et des peuples errants demandaient leur chemin,
 Perdus au carrefour des cinq doigts de la main;
 Des aigles tournoyaient dans sa bouche béante;
 La lyre, devenue en le touchant géante,
 Chantait, pleurait, grondait, tonnait, jetant des cris;
 Les ouragans étaient dans les sept cordes pris
 Comme des moucherons dans de lugubres toiles;
 Sa poitrine terrible était pleine d'étoiles.

(*Legende des Siècles*, p. 277. Ed. Hachette.)

(1) *Genie des Religions*, p. 57.

Vasco da Gama um facto natural? O *maravilhoso* nos *Lusiadas* é uma das feições mais verdadeiras com que ali se imprime o caracter portuguez. (1)

b) Elemento tradicional: Episodios dos «Lusiadas»

Quando os *Mythos* perdem a sua immutabilidade dogmatica, permanece a fôrma, que se transmite sempre; porém o sentido é que varia segundo as localidades, segundo o predominio dos elementos que constituem a raça, segundo as phases da vida historica. A este sentido espontaneo e livre, que facilmente se substitue, que se agglomera com uma absorvente efflorescencia em volta de qualquer pequena realidade que lhe sirva de pretexto para produzir-se e dar á imaginação o poder de crear e o prazer de acreditar, a este sentido é ao que se chama a *tradição*; é sob este aspecto e com este caracter que a tradição é o principal elemento das epopêas primitivas.

Quando nas litteraturas das épocas de civilização em que mais se exerce o genio critico, se pretende compôr uma epopêa erudita, insensivelmente se procura contrafazer artificialmente o molde primitivo; na epopêa grega as diversas tradições das differentes cidades concorrem com os seus numerosos dialectos para forma-

(1) Barbosa Machado, na *Bibliotheca Lusitana*, cita um poema de João Pereira Corte Real, intitulado *Transformacion del Cabo de Buena Esperança*, que nos parece derivar-se do episodio dos *Lusiadas*.

rem a acção complexa da *Iliada*. A estas tradições locais correspondem nas epopéas eruditas os *episodios*. Os criticos da craveira de Le Bossu consideravam o *episodio* como uma especie de diversão agradável e de recurso de amplificação para tornar a empreza do poema mais longa e grandiosa; era por isso que o derivavam da tragedia. Faz lembrar o systema dos philologos do seculo passado, que tambem formavam assim mechanicamente a creação da linguagem.

Mas a importancia organica da *tradição*, sobretudo nas litteraturas modernas, foi admiravelmente formulada por Fernando Wolf de um modo que póde tornar-se diante da philosophia uma segura lei historica: esse sabio critico achou, que a litteratura de qualquer povo é tanto mais original e fecunda, tanto mais persistente diante de todas as invasões do gosto de outro qualquer povo ou época, mais verdadeira emquanto ao sentimento nacional, emquanto á aspiração para a liberdade, quanto essa litteratura tiver uma base organica de *tradições* sobre que se funde e d'onde tire essa predisposição para um certo ideal, por onde se attinge a perfeita generalidade da obra de arte. As litteraturas que não tiram a sua seiva d'esse elemento anonymo e inconsciente, seguem o capricho das pequenas individualidades, imitam por moda, por épocas, por escholas, nunca serão iniciadoras. Wolf exemplifica com as constantes imitações da litteratura portugueza esta deficiencia de tradições nacionaes.

O genio superior de Camões levou-o a comprehen-

der de prompto que lhe era impossivel crear uma epopêa verdadeiramente portugueza, sem prender os fios d'esse esplendido tecido por entre a varia florescencia de *tradições* patrias. Os *episodios* dos *Lusiadas* são essas formosas tradições que elle soube descobrir, escolher e entremeiar, e em parte distribuir, para conduzir logicamente a acção da descoberta do Oriente.

É por isso que Fred. Schlegell, diz, fallando dos *Lusiadas*: « Este poema comprehende toda a poesia da sua nação. De todos os poemas heroicos dos tempos antigos e modernos, não ha outro que seja tão nacional em um gráo tão elevado. » Comprehendendo os principios que temos apresentado, com relação ao elemento tradicional e ao carácter imitador da litteratura portugueza determinado por Wolf, é que se vê o alcance da ideia de Schlegell, que considerava os *Lusiadas* com a importancia « *de uma litteratura inteira.* » (1)

Vejamos como o senso artistico de Camões foi descobrir os elementos nacionaes da sua epopêa :

1. **As Quinas.** — (LUS., cant. III, est. XLV, e LIII-LIV.) No seculo XVI estavam constituidas as nacionalidades da Europa; eram como outras tantas individualidades independentes, que levavam á facil noção abstracta do ideal da humanidade. Acabada a linguagem heraldica dos brasões senhoriaes, começava o distinctivo das armas e dos estandartes nacionaes. As Armas portuguezas fundam-se sobre as tradições da nossa independencia;

(1) *Histoire de la Litterature ancienne et moderne*, t. II, p. 115.

Camões conheceu essas lendas do principio do seculo xv, que vieram das relações monasticas para os chronistas e para os poetas. A erudição e o syncretismo historico reproduziram a tradição maravilhosa do *Labarum* de Constantino; (1) mas foi Camões que teve o poder de dar vulgarisação aos factos. Eis como elle conta o milagre de Ourique, quando Affonso I estava prestes a dar batalha, e lhe apparece Christo a annunciar-lhe a victoria:

A matutina luz serena e fria
 As estrellas do polo já apartava,
 Quando na Cruz o filho de Maria
 Amostrando-se a Affonso o animava;
 Elle adorando quem lhe apparecia,
 Na fé todo inflammado, assi gritava:
 — Aos infieis, Senhor, aos infieis,
 E não a mi que creio o que podeis !

.....

Já fica vencedor o Lusitano,
 Recolhendo os trophéos e prenda rica;
 Desbaratado e roto o Mouro hispano,
 Tres dias o grão rei no campo fica.
Aqui pinta no branco escudo ufano
Que agora em esta victoria certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em sinal d'estes cinco reis vencidos.

E n'estes cinco escudos pinta os trinta
 Dinheiros, porque Deus fôra vendido,
 Escrevendo a memoria em varia tinta,
 D'Aquelle de quem foi favorecido:

(1) Eusebio, *Dos louvores de Constantino*, liv. 1, cap. 28
 e seg.

Em cada um dos cinco, cinco pinta;
 Porque assi fica o numero cumprido,
 Contando duas vezes o do meio,
 Dos cinco azues, que em cruz pintado veiu.

Nas *Memoires d'Olivier de la Marche*, escriptas entre 1435 e 1488, é aonde se encontra mais minuciosamente contada a lenda das *Quinas* portuguezas. Quando no seculo passado o padre Antonio Pereira de Figueiredo reuniu novos testemunhos a favor do milagre de Ourique, falla das *Memorias de la Marche*, como desconhecidas em Portugal: «Como tendo buscado estas *Memorias* nas mais copiosas livrarias d'esta côrte ainda as não pude haver á mão. . .»

Pelo modo como Olivier de la Marche conta as tradições das Armas portuguezas, se conhece como ellas corriam em Portugal desde o principio do seculo xv: «je deviseray du faict de Portugal, des armes et de l'augmentation d'icelles, je m'en veuil aquiter selon que j'en ay peu savoir et enquerre: et aussi, pource que Portugal est un des nobles quartiers dont vous estes prochainement yssu, et qu'en cellui royaume par vos ancesseurs ont esté faites moult de belles et dignes de memoire, je me delecte à vous donner à entendre dont viennent et procèdent les armes dessusdictes au roy de Portugal; et si le lustre de tant diverses piéces, comme sont icelles armes, procedoit de conqueste violente et tyrannique, je m'en tairoye, et en laisseroye le recit à plus subtil que moy. Mais pource que les dictes armes ont été acquises et augmentées par vaillances et hautes

emprises faictes sur les Sarrasins, infideles et ennemis de nostre sainte foy chrestienne, je vous declaireray ce que j'en ay peu savoir, enquerir et apprendre, pour vous donner cueur et exemple que tous bienfaicts sont toujours remis en fresche memoire, combien qu'il y ayt long temps qu' ils soyent advenus.

«Je trouve que les premieres armes de Portugal sont d'argent, et de ce seul metal, sans autre mesleure: sinon qu' elles sont diaprees de mesme: et telles les portoit l'enfant don Henry, comte d'Estorgues. Icelui se maria à une filhe du roy de Castille: et depuis sont les dictes armes augmentées par quatre fois (comme j'en diray par cy après) et toujours pour accroistre et soustenir nostre sainte foy. Ce comte d'Estorgues, nommé Henry, et celle fille de Castille, eurent un fils nommé Alonse: le quel par sa grand chevalerie, travail, sens et vaillance, conquist sur les Sarrasins le royaume de Portugal. Et fut iceluy Alonse le premier roy crestien d'icelui royaume de Portugal, et fit, de sept villes, sept cités et sept eveschés: et de la ville de Bracque (*Braga*) fit archevesché; et moult donna et sacrifia de biens à l'Eglise, en augmentation de la foy de Jesus Christ. Depuis passa la riviere d'Ostrage (*o Tejo*) et en la plaine de Cambdorick (*Campo d' Ourique*) desconfit cinq roys sarrasins: et pour leur cinq banières qu'il avoit conquises, il mit et para ses armes, (qui estoyent d'un escu d'argent, comme dit est) de cinq escussons d'asur, et les assit en l'escu, en la manière que j'ay dit en blasant les dictes armes. Cestui roy Alonse prospera en li-

gnee de fils et de filles: dont il fit de grandes alliances: et de luy et des siens descendit le roy Alfonse, qui moult travailla en armes pour la foy chrestienne, moult de sarrasins fit mourir de son temps, et moult de vailances fit de sa personne; et dont moult foys fu en danger de mourir, tant en la prison des Infideles, comme des bleceures et batures qu'il receut sus son corps en diverses batailles et rencontres.

«Or advint que le Pape se troubla contre iceluy roy Alfonse, pource qu'il ne vouloit souffrir un dixième que le Pape vouloit lever en son royaume: et fut le roy de Portugal si travaillé des verges de l'Eglise, qu'il fut contraint d'aller en sa personne á Romme, et prit jour de comparoir devant le Pere Sainct, et le triomphant conseil des cardinaux. Le roy Alfonse vint, vestu d'une longue robe sur sa chemise, sans avoir chausses ny pourpoint: et, apres le devoir faict, tel que le Roy doit au Pape, en soy humiliant comme fils de l'Eglise, luy mesme proposa son cas et ses escuses, et comment pour la défense de la foy chrestienne il travalloit assez son royaume, en levant grandes tailles sur son peuple, et luy sembloit que le Pape ne luy devoit autre chose demander: et rémonstra comment par moult de foys il avoit aventuré sur les Sarrasins sa noblesse et mesmes sa personne, et dout il vouloit monstrier autant de playes receues pour la foy de Dieu maintenue, que luy seul en monstreroit sur soy presentement. Alfonse osta sa robe, et devestit sa chemise et monstra son corps tout nu: sur lequel fut veu un merveilleux nombre de playes; dont

cinq en y avoit si pres d'estres mortélles, que ce fut plus miracle que raison naturéle, que de la moindre il échapa sans mort recevoir. Le Pape et les Cardinaux, voyans ce noble tesmoignage, furent honteux et déplaisans du travail donné à ce noble et tres catolique roy, le firent benignement revestir, et apres plusieurs honorables excuses le recognurent bon et entier fils de l'Eglise; et par l'advis de tous, et en memoire de ses bienfaicts, luy fut ordonné de mettre en chacun des cinq escussons d'asur (qui sont es armes de Portugal,) cinq besans d'argent; et ainsi fut l'escu d'argent augmenté de cinq escussons d'asur, et de rechef paré de cinq besans d'argent en chacun escusson, comme dict est.

«Et puis que j'ay commencé à escrire de ce noble blason et armes de Portugal, je parferay le demourant de ce que je trouve des dictes armes, au mieux que je l'ay peu sçavoir et trouver. Par succession et origine naturéle, non pas de pere à fils, mais descendant de ligne, et par succession de temps, d'Alfonse vint l'enfant don Fernand, roy de Portugal. Cestui Fernand fut prince voyageur, et vint en France, et se maria à une noble dame nommee Marie, fille du comte de Boulogne, et en eut un fils nommé Henry, qui depuis fut roy de Portugal. Celuy roy Henry fit bordure, es armes de Portugal, des armes de sa mere: et combien que les armes de Portugal, quant à la bordure, soyent de gueulles, semées de chasteaux d'or, n'en deplaise aux peintres et aux deviseurs; car la bordure de gueulles est bonne: mais les chasteaux sont faux, selon l'entendement du roy

Henry, pource que ce doyvent estre gonfanons, qui sont les armes de Boulogne; mais pource que le païs est loing, et par l'oubliance do vray, l'on a les gonfanons (qui doyvent estre à trois lanbeaux) changés à chasteaux: *et cette opinion je tiens de plusieurs notables gens portugalois* qui ont esté de ma congnoissance. Or avons nous l'escu faict à trois fois, et la bordure, qui est la quatrième. Reste la cinquième cause de l'augmentation de cet escu: le quel est soustenu d'une croix de sinoble, dont les quatre bouts se monstrent fleuronés es quatre coings naissans dessous l'escu: *et de ce aucuns veulent dire* (1) que celle croix y fut adjoustee par un roy de Portugal, qui eut ceste grâce de Dieu, que combatant les Sarrasins, une croix s'apparut au ciel devant ses yeux, qui moult le conforta et sa compagnie. Le bon prince fit son oraison à Dieu, et dit:— Mon Dieu Je-

(1) Como o Padre Pereira, nos *Novos testemunhos*, cita Olivier de la Marche pelo extracto de Ortelio, julgou que esta parte, que enfraquecia a sua argumentação, pertencia ao proprio Ortelio. O Padre Recreio, na *Justa desaffronta*, contra o snr. A. Herculano, escreve: « Examinei em a fonte a passagem em que elle no 1.º testemunho transcreve de Abrahão Ortelio, e achei que á palavra latina — *apparuere* — ultima das palavras citadas por Pereira, se segue logo, apenas separada por um ponto e virgula, a disjuntiva — *aut ut alii tradunt, quod quinque vulneribus mortiferis sanciatu, Deo Opt. Max. opitulante non occuberit.* — Se estas palavras forem de Oliveiro de Marca, é bem de erer que fica mui enfraquecida a passagem que Pereira allegou em favor da apparição.» (Pag. 107.) Ninguem se deu ao trabalho de procurar as *Memorias* de Olivier de la Marche, e o argumento ficou no vago; diante da passagem que anotamos, conclue-se pelas proprias palavras de Recreio: « *é bem de ver que fica mui enfraquecida a passagem que Pereira allegou em favor da apparição.*»

sus-Christ, j'ay ferme foy en toy et en ta passion douloureuse. Monstre ta croix à tes ennemis infideles, qui en toy ne veulent croire. — Sur quoy dit l'histoire que la croix s'apparut aux Sarrasins, et prestement furent déconfits, et que pour ce fut mise sous l'escu, la croix naisant, et soustenant le dict escu. A quoy je ne contredy point: mais je trouve pour vray que les quatre bouts fleurons (qui sont de sinoble) furent mis par le bon Jehan, roy de Portugal: car il fut de la religion David (*d'Aviz*) (qui sont chevaliers, et portent, en signe de religion, la croix verte); et par sa vertu et renommee fut tiré, par les Estats de Portugal, hors de la religion, et faict roy: et de ceste matiere je parleray plus à plain en la poursuite de ce present escrit. Ainsi donques ce noble escu fu augmenté par quatre fois, depuis l'advenement du premier roy chrestien du royaume de Portugal, etc.» (1)

N'estas palavras de Olivier de la Marche se vê o estado de syncretismo das tradições portuguezas; a cruz de Aviz, introduzida nas Armas portuguezas depois da elevação de D. João I ao throno, foi explicada como a aparição milagrosa de Ourique. La Marche falla de notaveis portuguezes do seu conhecimento; e ao começar as suas *Memorias* mostra inveja dos talentos de *Vasco Fernandes de Lucena*, para poder começar bem a sua obra: «ou que je n'ay, par don de grâce, la clergie, la memoire ou l'entendement de ce vertueux escuyer *Vas*

(1) *Collection complete des Memoires relatifs à l'Histoire de France*, rec. par Petitot, t. IX, 2^me serie, p. 107.

de Lusane, portugalois, à present echanson de madame Marguerite d'Angleterre, duchesse douairière de Bourgogne (lequel a fait tant d'oeuvres, translations, et autres biens dignes de memoire, qu'il fait aujourdhuy à estimer entre les sachans, les experimentés et les recommandés de nostre temps).» Entre as obras de Vasco de Lucena, a que (1) aqui allude Olivier de la Marche, deve contar-se tambem um *Traité des faiz et haultes prouesses de Cyrus*, escripto em 1470. (2) Entre os portuguezes citados por La Marche, deve figurar tambem um certo *Juan Vasques*, possuidor de uma das ricas bibliothecas do seculo xv: «natif de Portugal, maître d'hotel de Dame Isabeau de Portugal, duchesse de Bourgogne.» (3) Á sua livraria pertencia uma *Histoire de Troie la grant*, e um livro intitulado *Horae Beatae Mariae Virginis*, in-16, encadernado em couro, ornado de uma cercadura historiada em prata, com dois fechos, manuscrito de velino, executado no meado do seculo xv, com 280 folhas e doze miniaturas; tem as armas de Portugal quasi apagadas, e sobre a folha da guarda o escudo de Vasques, com o de sua mulher, com a data:— Brugiiis, MCCCCLXVIII. Recolhemos aqui esta noticia, porque com o titulo de *Livro das Horas de Santa Maria* se encontra esta mesma obra no Catalogo dos livros de uso de el-rei Dom Duarte. É certo que por Vasco Fernandes de Lu-

(1) *Op. cit.*, p. 92.

(2) *Catalog. da Bibl. de Borg.*, t. II, p. 198. Apud Busche, *Mem. cit.*

(3) Busche, *Mem. cit.*, p. 8.

cena e João Vasques, viria ao conhecimento de Olivier de la Marche a tradição das Armas portuguezas. O Padre Antonio Pereira de Figueiredo cita uma edição gothica, sem data, de uma Oração de Vasco Fernandes de Lucena, recitada diante de Innocencio VIII em 1485, da qual traduz este trecho: « D'esta singular e famosa victoria (de Ourique), tomou o mesmo principe occasião de dar aos reis de Portugal por insignias e armas em campo de prata cinco escudos, coalhados cada um de cinco dinheiros; quando antes, é constante, que era um só o Escudo, e esse coalhado todo de dinheiros. Os cinco Escudos, pois, dispostos da mesma sorte a modo de Cruz, que outra cousa nos mostram, senão os trinta Dinheiros preço do Sangue de Jesus Christo, pelos quaes o entregou o cruelissimo Judas aos Fariseos? O mesmo principe, antes de dar signal para a batalha, posto de joelhos em oração viu ao Salvador pendente da Cruz. Aqui foi tal a confiança do real animo, tal a fé, que tinha esculpida no coração, que sem se aterrar nada com tão estupendo milagre, passou a fallar assim ao Senhor: Que não era necessario que elle Jesus Christo apparecesse a um homem que firmissimamente cria na sua divindade: Que antes se mostrasse aos hereges e a todos os que viviam apartados da verdadeira religião. » (1)

O Padre Antonio Pereira cita o testemunho do conego cartorario de Santa Cruz de Coimbra, D. Manoel Galvão, recolhido em 1556, quando contava já outenta

(1) *Novos testemunhos*, p. 15.

annos de idade, com que attesta a existencia de relações coevas do milagre. Sabendo-se que Camões foi educado nas escholas menores de Santa Cruz de Coimbra, fica explicado o modo como esta tradição poetica se fixou na sua imaginação.

A tradição nacional, apesar de ser de origem erudita, veiu inspirar tambem as obras mais caracteristicas da litteratura portugueza; em um romance do *Triumpho de Inverno*, em que Gil Vicente affecta a fôrma popular, liga o sentido das Armas portuguezas á descoberta do Oriente :

Tambien diste á Portugal
 De Moros siendo cercado
 El Rey Don Alonso Enriquez
 Que se le hubo ganado.
 Este santo caballero
 Del tu poder ayudado,
 Venció cinco reis moros
 Juntos en campo aplazado.
Tus santas llagas le diste
Em pago de su cuidado,
Que las dejasse por armas
A' su reino senalado.
 Recuerda-te, Portugal,
 Quanto Diós te tiene honrado;
 Dio-te las tierras del sol
 Por comercio á tu mandado;
 Los jardines de la tierra
 Tienes bien señoreado:
 Los pomares de Oriente
 Te dan su fruto preciado . . . (1)

Sá de Miranda, exaltando Coimbra por possuir o corpo de D. Affonso Henriques, refere-se tambem á tra-

(1) *Obras de Gil Vicente*, t. II, p. 479.

dição nacional de que a poesia dos quinhentistas se aproveitaria; elle falla na *Fabula do Mondego*, dirigida a Dom João III:

..... de su Rey primero
 Que en el campo vencio tanto Rey moro,
Quando otro Rey mayor le appreció
Por nós otros erguido en el madero,
 Y aquel padre primero
 Que con el bien no pudo:
Por lo qual vuestro escudo
Real, lleva pinturas tan divinas,
De tales Reyes, y tal misterio dinas.

Quando Camões escreveu os *Lusiadas*, já a tradição das *Quinas* servia de base para essa outra utopia dos politicos do seculo XVI, a *Monarchia Universal*; Portugal estava destinado a ser o *Quinto Imperio* do mundo; estas ideias penetraram nos *Lusiadas*, e são a sua base mythica. (1)

2. **Egas Moniz.** — (LUS., cant. III, est. XXXV a XLI.) Todas as tradições que cercam o typo historico do fundador da nacionalidade portugueza bastavam para formar uma esplendida epopêa, se a intelligencia d'este povo não tivesse sido desde muito cedo dominada pela cultura latina; essas tradições poeticas ficaram sem cir-

(1) Vid. *Hist. de Camões*, t. 1, cap. 1. Ainda em 1850 se deu um grande combate na imprensa portugueza ácerca do *milagre de Ourique*; faz pena o vêr quão longe ainda se estava do espirito scientifico em Portugal, e a falta de luz historica com que Herculano se defende por ter despresado essa lenda. Mas como elle estava do lado da razão, o tempo fez prevalecer o seu juizo.

culação, não occuparam a imaginação popular, porque os eruditos latinistas lhe deram a fôrma litteraria de *Legendas*. Isto que se deu em Portugal acha-se confirmado na Provença, aonde as tradições nacionaes eram formosas e ricas, mas immobilisando-se na fôrma erudita, nunca deram logar á concepção de uma epopêa. Enumeramos aqui as tradições que cercam o typo de D. Affonso Henriques pela successão poetica com que dariam uma epopêa nacional:

a) O nascimento do príncipe doente, e restituído á saude e vigor pelo voto do seu aio Egas Moniz.

b) Regresso do conde D. Henrique da Terra Santa; como antes da sua morte chama seu filho revelando-lhe o plano da independencia de Portugal, e pedindo que o realise.

c) Amores de D. Thereza com o conde de Trastamara; procura despojar seu filho do territorio portuguez. Combate contra a hoste de sua mãe, e prende-a no castello de Lanhoso. A praga de D. Thereza contra o filho, realisada em Badajoz.

d) O cêrco de Guimarães pelo monarcha de Leão que exige o reconhecimento da sua suzerania. — Levanta-se o cêrco sob a promessa de fidelidade, garantida por Egaz Moniz. Como se desliga nobremente da sua palavra, entregando-se á vingança do rei de Leão.

e) A lucta contra os Sarracenos; o milagre de Ourique e a creação das Armas de Portugal. — A tomada de Lisboa e a lenda de Martim Moniz e da velha que sabe o plano do cêrco.

f) Lucta com o Papa; a nomeação do Bispo negro.

g) A tomada de Santarem. — Como livra seu filho de um arriscado lance de armas. — O poema latino do seu canto de victoria.

Conhecendo-se estas numerosas tradições nas phrases laconicas dos Nobiliarios, e na ingenuidade novellesca dos Chronistas do reino, causa pena vêr como os poetas portuguezes, desvairados pela erudição latina, nunca puderam descobrir este veio da poesia nacional, entregando-se a rimar aventuras de Ulysses, como Gabriel Pereira de Castro na *Ulyssêa*, ou Manoel de Sousa Macedo no *Ulyssipo*; ou phantasiando allegorias, como Francisco Botelho de Moraes no *Alfonso*, e o Conde da Ericeira na *Henriqueida*. Um vago instincto lhes revelava, é verdade, que a epopêa sáe das origens nacionaes, mas o syncretismo de una erudição banal e auctoritaria inutilisou-lhe todos os esforços.

Educado nas Escolas de Santa Cruz de Coimbra, Camões recolheu aí quasi todas as tradições, que pelo facto da abertura do tumulo do monarcha no principio do seculo XVI, receberam um certo vigor que as tornou a vulgarisar.

Quando Sá de Miranda, nas suas poesias lyricas deixou indelevel a impressão de tempo, fallando de Coimbra, como a:

Cidade rica do *santo*
Corpo de seu rei primeiro...

com muita mais razão o poeta epico não podia deixar de reconhecer o valor d'esta tradição nacional, sobretudo quando Dom Bento de Camões, que o educara, descrevia as visões maravilhosas em que o monarcha lhe apparecia.

Egas Moniz, o rico potentado do Douro, é que ficou por garante do reconhecimento de Dom Affonso Henriques á suzerania de Affonso VII; quando o seu pupillo se eximiu da dependencia do rei de Leão, Egas Moniz foi-se entregar descalso e com a corda ao pescoço, com sua mulher e filhos, para que Affonso VII vingasse n'elle o quebrantamento da sua garantia. É este o inimitavel quadro traçado por Camões n'essas seis outavas dos *Lusiadas*. A arte portugueza da edade media fecundou-se tambem d'esta tradição nacional, como se descobriu no baixo-relêvo do mosteiro do Paço de Sousa, aonde se via o cavalleiro com a corda ao pescoço, (1) como o demonstrou o academico Antonio de Almeida e o beneditino Velho-Barbosa, provando a sua antiguidade. Este accordo entre a arte e a poesia nacional mostrariam só por si a verdade da tradição, se os documentos do seculo XIV não contivessem no seu laconismo todas as particularidades que a tornam dramatica. No *Livro velho das Linhagens*, a phrase *a guiza de lealdade* explicando o levantamento do cêrco de Guimarães, fundamenta o acto heroico de Egas Moniz: «este Egas Mo-

(1) Herculano, *Hist. de Port.*, t. II, 509.—*Mem. da Acad.*, t. XI.

niz criou el-rei Dom Affonso de Portugal, o primeiro que hi houve, e fez erguer o emperador que jazia sobre Guimarães com campanha *a guiza de lealdade*, e fez senhor do reino o criado (sc. pupillo) apezar de sa madre a rainha D. Tareja de cuija parte o reino vinha.» (1)

A parte por onde viria ao conhecimento de Camões a tradição de Egas Moniz pode determinar-se no *Espeelho de Casados*, do Dr. João de Barros, publicado em 1540; aí diz: «Egas Moniz, varom inclito e portugues em tanto amou a El-Rey D. Affonso Anriquez que elle criara, que para que nam fosse subdito a El-Rei de Castella se lhe foi offerecer com a molher e filhos que os matasse; a historia é vulgar.» (2) Podemos fixar este livro como o que suscitaria a Camões o interesse do episodio, porque depois de celebrar a façanha de Egas Moniz, conclúe:

Oh grã fidelidade portugueza,
De vassallo que a tanto se obrigava!
Que mais o Persa fez n'aquella empreza,
Onde rosto e narizes se cortava?
Do que ao grande Dario tanto peza
Que mil vezes dizendo suspirava,
Que mais o seu Zopyro são prezara,
Que vinte Babylonias que tomara.

O Dr. João de Barros tambem aproxima este mesmo facto: «El Rey Dario tinha um amigo per nome *Zopyro*, o qual por enganar os Babilonios cortou a ssi

(1) Mon. hist., *Scriptores*, p. 159.

(2) Ed. de Tito de Noronha, fl. xxii.

mesmo os narizes e a cara; por elle dezia Dario que queria ante prender um tal Zopiro, que cem Babilonias.»

Os romanceiros hespanhoes do seculo XVI sentiram a grandeza epica d'este feito de Egas Moniz, e Juan de la Cueva, no *Côro Febeo*, tratou-o em um formosissimo romance; (1) é de crêr que Juan de la Cueva o conhecesse por via dos *Lusiadas*, ou pelo menos por via da tradição oral portugueza, como se explica pelo seguinte facto: «indicamos los amores que tuvo con una linda sevillana, doña Brigida Lucia de Belmonte, à quien conoció en casa de Gonzalo Argote de Molina. La muerte de esta joven, causó tan honda aflicion en el animo de nuestro poeta, que le produjo grave y peligrosa enfermedad, teniendo que abandonar Sevilla para restablecerse de ella, *yendo a la residencia de unos deudos suyos, en la provincia de Tras-os-Montes, del vecino reyno de Portugal.*» (2) O *Côro Febeo* só foi publicado em 1587, o que nos mostra como o romance de Egas Moniz poderia ter-se derivado dos *Lusiadas*. No poema de Camões cita-se tambem a tradição em que, o filho D. Affonso Henriques

A mãe em ferros asperos atava:
 Mas de Deus foi vingada em tempo breve:
 Tanta veneração aos paes se deve!
 (III, 33.)

(1) Vid. *Romanceiro e Cancioneiro geral portuguez*, t. v, p. 165.

(2) Vega y Arguelles, *Hist. de la Escola poetica sevillana*, p. 225.

Mas o alto Deos, que para longe guarda
 O castigo d'aquelle que o merece,
 Ou para que se emende ás vezes tarda,
 Ou por segredos que o homem não conhece;
 Se até aqui sempre o forte rei resguarda,
 Dos perigos a que elle se offerece;
Agora lhe não deixa ter defesa
Da maldição da mãe, que estava presa.

 Que em ferros quebra as pernas, inda acceso
 A' batalha, onde foi vencido e preso.
 (ib. 69, 70.)

No titulo VII do *Nobiliario* do Conde Dom Pedro se lê esta mesma tradição: «E ella quando viu que a assi prendia disse:— Affonso Henriques, meu filho, prendeste-me e meteste-me em ferros... rogo a Deus que preso seiades assi como eu som; e porque me vós metestes ferros nos meus pés, quebradas seiam as tas pernas com ferros: mande Deus que assi seia esto.» (1)

3. **Giraldo Sem Pavor.**—(Lus., cant. III, est. 63.) O titulo heroico da idade media *Sans peur*, revela-nos como a tradição portugueza se enriqueceu de formosos elementos poeticos. Acha-se esta tradição da tomada de Evora aos mouros por Giraldo Sem-Pavor, em André de Resende, na *Historia da antiguidade da cidade de Evora*, e em Frei Bernardo de Brito, na *Chronica de Cister*, aonde phantasía com plena liberdade. Estas indicações nos bastam para determinar a fonte d'onde Camões colheu a tradição, que elle soube tão energicamente condensar n'esta estrophe:

(1) Mon. hist., *Scriptores*, p. 255.

E a nobre cidade, certo assento
 Do rebelde Sertorio antigamente,
 Onde ora as águas nitidas do argento
 Vem sustentar de longe a terra e a gente,
 Pelos arcos reaes, que cento e cento
 Nos ares se alevantam nobremente,
 Obedeceu por meio e ousadia
 De Giraldo, que medos não temia.

Tendo provado na *Vida de Camões* como a sua educação litteraria se fez nas Escolas de Santa Cruz de Coimbra, isto nos explica a fonte da tradição de Giraldo Sem-Pavor, commum ao poeta e a André de Resende. Na *Chronica Gothorum*, que se guardava na Livraria de Santa Cruz de Coimbra, se lê: «Era MCCCIV civitas Elbora capta et depredata et noctu ingressa a Giraldo cognominato *sine pavore* et latronibus sociis ejus, et tradidit eam Regi D. Alfonso, etc.» (1) André de Resende, na sua Carta a Bartholomeu Quebedo, allude a esta mesma chronica, como existente no Mosteiro de Santa Cruz: «in epitomen redactam, sed antiquam, ab ipisus regis temporibus latine, ut illa ferebant tempora, scriptam, quae à Sanctae Crucis Conibrigensis, ubi idem rex sepultus est, Canonicis reverenter adservatur.» (2) Podemos concluir que o poeta, durante a influencia de D. Bento de Camões, Geral de Santa Cruz, é que conseguiu ter conhecimento d'esses antigos monumentos, d'onde recolheu as tradições maravilhosas da fidelidade de Egas Moniz e da bravura de Affonso Henriques, da

(1) Mon. hist., *Scriptores*, fasc. 1, p. 15.

(2) *Op. cit.*, fl. 12.

praga rogada por sua mãe e da derrota de Badajoz. A maior parte das tradições portuguezas não tem caracter nem existencia popular, por que este povo ignorou sempre a sua historia; as nossas tradições são *legendas*, no sentido rigoroso da palavra, isto é, factos de tradição erudita, primeiramente escriptas antes de serem popularisadas. Giraldo Sem-Pavor andava homisiado da côrte de D. Affonso Henriques, e vivia á solta no Alemtejo, que então pertencia aos Mouros, com uma quadrilha com que se defendia e com que pilhava tanto nas povoações arabes como christãs. Quando D. Affonso Henriques ia descendo para o Alemtejo no impeto da sua conquista, Giraldo Sem-Pavor entendeu que era tempo de se congraçar com o rei por um grande feito de armas.

Resolveu tomar Evora, e para isso tomou uma torre de almanara, deu rebate falso aos da cidade, que saíram de noite a combater a correria dos christãos, e Giraldo que estava de embuscada introduziu-se na cidade, fechou as portas e procedeu ao saque, mandando-a depois offerecer a D. Affonso Henriques como penhor da sua reabilitação.

Cabe aqui discutir a lenda de *Martim de Freitas*, Alcaide de Coimbra, que recusou entregar a cidade ao conde de Bolonha, que desapossara seu irmão D. Sancho II do reino; Camões tendo vivido em Coimbra e examinado o archivo de Santa Cruz, não cita esta lenda. Não será o seu silencio uma prova contra a genuinidade d'ella? Camões falla da deposição de D. Sancho II como uma conspiração da aristocracia:

Mas o reino de altivo e costumado
 A senhores em tudo soberanos,
 A rei não obedece, nem consente
 Que não fôr mais que todos excellente.

Por esta causa o reino governou
 O Conde bolonhez, depois alçado
 Por rei, quando da vida se apartou
 Seu irmão Sancho sempre ao ocio dado.
 (Lus., III, est. 93, 94.)

Que bello episodio não comporia Camões, se a entrega das chaves do Castello de Coimbra ao Rei morto em Toledo, existisse vulgarisada na tradição. O *Nobiliario* do Conde D. Pedro, no titulo VII narra a deposição de D. Sancho II, dizendo é verdãde, que só Coimbra se não entregou ao Conde de Bolonha, mas por que elle não foi ali: «E veo o conde e tolheu o reyno a seu irmão e quantas boas villas hi avia, *que non ficou senom Coimbra. E esta nom ficou senom porque nom foi hi o Conde, cá se hi veera assy a filhara como as outras.*» (1) Diante d'este prosaismo da conjuração aristocratica e ecclesiastica, como é que poderia Camões urdir esse poetico episodio da lealdade de *Martim de Freitas*? Os romancistas historicos do seculo XVI, como Lorenzo de Sepulveda ou Juan de la Cueva ou Garcilasso de la Vega, pondo em verso os episodios mais formosos da historia portugueza, não conheceram esse lance epico da fidelidade do Alcaide que entrega as chaves ao cadaver d'aquelle a quem só devera preito.

(1) Mon. hist., *Scriptores*, fasc. II, p. 256.

O primeiro que cita esta lenda é Ruy de Pina, na *Chronica de D. Sancho II*, cap. 11 e 12; escrevendo na côrte de D. João II, que luctava contra a prepotencia da nobreza e do clero, convinha-lhe divulgar um eloquente exemplo de submissão á soberania. O espirito das suas *Chronicas* explica o movel que o levou a dar relevo a qualquer apagada tradição de fidelidade, de que houve exemplos, como no repto de D. Fernão Garcia de Sousa, em Trancoso. Como o clero na deposição de D. Sancho II fôra um infame instrumento de traição, Camões não podia receber em Santa Cruz de Coimbra outras tradições senão as que pintassem o monarcha deposto com todas as más qualidades. A intelligencia superior do poeta comprehendeu isto, e retrata-o ironicamente, dizendo que D. Sancho II não foi nenhum Nero, nenhum Sardanapalo, Heliogabalo ou Phalaris, rehabilitando indirectamente a sua desgraça antes dos processos criticos do chronista Brandão.

4. A rainha D. Maria. — (Lus., cant. III, est. 100-117.) É admiravel o senso artistico como Camões sentiu que sob a palida narrativa das *chronicas* existia um profundo quadro poetico, quando a filha de D. Affonso IV, D. Maria, casada com Affonso XI de Castella, lhe veiu pedir soccorro contra a colligação das forças mouriscas que se ajuntaram para a batalha decisiva de Tarifa. Na *Chronica rimada de Alfonso Onceno*, de Rodrigo Yanes, apparece esta primorosa situação, que o troveiro como contemporaneo do successo não pôde deixar em silencio, pela sua sublimidade. Camões, sem conhecer a

Chronica de Yanes, deu a este lance o mesmo movimento dramático do velho troveiro:

Entrava a formosissima Maria
 Pelos paternos paços sublimados;
 Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
 E seus olhos em lagrimas banhados:
 Os cabellos angelicos trazia
 Pelos eburneos hombros espalhados:
 Diante do pae ledó que a agasalha,
 Estas palavras taes chorando espalha...

Na *Chronica rimada*, de Rodrigo Yanes, vem a ansiedade de Affonso XI e o pedido á rainha D. Maria para que interceda com seu pae:

St. 1173: La reyna que esto oyó,
 Guissóse muy noblemiente,
 De Ssevilla se salió
 Un dia amaneciénte.
 E yva muy apresada,
 El Andalusia atraversó,
 Por Portogal fue entrada
 A Guadiana passó.
 Su padre oyó el mandado
 De la fija que mucho amó,
 Resçibióla muy bien de grado,
 Por la rinda la tomó
 Ssus cosas luego fablaron,
 En plasa e en poridat,
 E muy ayna entraron
 Por Ébora la çibdat.
 Unos dias y folgava
 La reyna con su gente,
 Con el rey luego fablava,
 Sus palabras cuerda miente.
 Presente estava su madre,
 E presente su hermano;
 E dixo:— Rey, sennor padre,
 Besso esta vuestra mano.

Como a buen rey sesulo,
 Mi padre, mi amigo,
 Mi espejo, mi escuço,
 Mi consejo, mi abrigo.

Por lo buestro bengo yo,
 Esto sabet sin arte,
 E bien assi por lo mio,
 A que cabe muy grand parte.

Padre, si bos pluguier,
 La razon entenderedes,
 El rey de Castiella quér
 Provar se bien me queredes.

Bos, rey, siempre me amastes,
 Io a vós sin fallimiento,
 De house annos me casastes,
 Casastes me con grand contento.

Casastesme con grand sennor,
 Rey alto, de grand bondat,
 Non saben atal mejor
 En el mundo, esto és verdat.

De quien sso yo bien casada,
 Non por que me alabe,
 De si so la mas honrada
 Reyna que onne sabe.

Bos, buen rey, non lo buscastes
 E por bos cobré corona,
 E pues me bien comensastes,
 La sina sea muy buena agora.

El comienço es la rays.
 La sima llama la flôr,
 Aquesta rason vos dis
 El rey don Alfonso, mi sennor.

En el comienso vos saluda,
 E embiavos desir, rey,
 Que vayades en su ayuda,
 Por honrar la santa ley.

.....

Sennor, dademe recabdo,
 Por Dios, esto sea luego,
 Rey dixo muy de grado:
 —Fazer quiero vuestro rogo.

*

Fija mia muy amada,
 Mis regnos quiero dexar,
 Por yr en`esta cruzada
 Al noble rey ayudar.
 E por salvar mis peccados,
 Que he fechos sin mesura,
 Que me sean perdonados
 En el reyno del altura,
 Delante el grant judgador,
 Con la lus que es complida,
 La reyna dixo: «Sennor,
 Dios bos mantenga la vida.
 Siempre seades homrado,
 Rey, sennor, por este bien,
 E de Dios Padre heredado.»
 Todos dexieron amen. (1)

Pelas relações que existem entre este poema de Yanes e o da batalha do Salado, de Affonso Giraldes, é verosimil suppôr que tivesse sido conhecido em Portugal; não crêmos, porém, que escrevendo os *Lusiadas* nos lances mais tempestuosos da sua vida, Camões tivesse conhecimento d'esses dois poemas, ambos ineditos e ignorados. Este encontro com o poema de Yanes mostra-nos simplesmente como Camões chegou á verdade pela sua perfeita comprehensão dos elementos vivos ou organicos da epopêa.

5. *Ignez de Castro*.—(LUS., cant. III, est. 118-137.)
 Le Clerc, ao traçar o quadro do desenvolvimento intellectual da Europa no seculo XIV, fallando dos esforços para se tornar escripta a lingua portugueza, accrescenta: «Mas o mesmo seculo e o mesmo paiz legaram

(1) *Poema de Alfonso Onceno*, str. 1173 a 1195.

á posteridade outras aventuras mais patheticas e menos fabulosas (do que o *Amadis*) como a de *Inez de Castro*.» Fernão Lopes, o Froissart da nossa historia, recolheu em toda a sua sublimidade poetica a tradição d'estes amores e da tremenda vingança dos assassinos de Inez. Os *Nobiliarios* tambem alludem vagamente ao castigo de Pacheco e ao crime de Coelho. No seculo xv, Garcia de Resende tratou pela primeira vez em unas admiraveis Coplas lyricas esta bella tradição da nossa historia; os seus versos têm essa ingenuidade medieval, que exprime tão bem a verdade da natureza. (1) Em um seculo de convenção rhetorica, Camões conseguiu elevar-se á eloquencia da verdade, porque possuia ideal na sua alma, porque era dotado de uma perfeita organização artistica. A não ser assim, seria impossivel a qualquer outro espirito lutar com a superioridade de Fernão Lopes como narrador, ou com a ingenuidade poetica de Garcia de Resende como lyrico; Camões, excedendo-os em belleza, ultrapassou os limites da arte nacional, deixando no episodio de *Ignez de Castro* a obra prima de todas as litteraturas. O episodio de Ignez prende-se á epopêa portugueza pelo nexu mais intimo e organico que a evolução das fórmulas litterarias exige. Passando a sua mocidade em Coimbra, aonde se deram os amores e o desastre de Ignez, Camões recebeu da tradição popular o primeiro interesse pelo que havia de poetico n'esse episodio. Nos

(1) *Floresta de Romances*, p. 3.

Commentarios manuscriptos de D. Marcos de Sam Lourenço aos *Lusiadas*, ào explicar os versos:

*As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram...*

vem: «As filhas do Mondego, diz Camões que, longo tempo fizeram memoria d'esta morte de Dona Inez, o que se entende nas *Cantigas* que logo saem e se compõem quando algum caso notavel acontece, como quando mataram D. Alvaro de Luna, em Castella. *Estas cantigas e romances duraram mais na bocca das moças de cantaro e lavadeiras, principalmente onde a gente é alegre e presenteira como a de Coimbra, onde esta historia passou.*» (1)

Nos *Cantos do Archipelago* publicámos um romance á morte de Ignez, (2) ainda com o character popular, não obstante ser recolhido de lição manuscripta. Os Romanceiros hespanhoes trataram estes amores com todo o colorido epico d'essa fórmula que se tornou culta no seculo XVI; é interessante vêr como a tradição se foi obliterando na sua verdade historica á medida que Lasso de la Vega, Timoneda, e os romancistas anonymos celebraram o *colo de garça*. A vitalidade d'esta tradição nacional, depois de ter dado o maior realce á epopêa portugueza, foi o centro de elaboração em volta do qual o genio dramatico se desligou, na *Castro* de Ferreira, da subserviençia dos assumptos da mythologia ou da historia classica.

(1) Apud Jur., *Obras de Camões*, t. 1, p. 323, 328.

(2) *Cantos do Archipelago*, n.º 59, p. 345.

6. **O Infante Santo.**—(Lus., cant. IV, est. 52, 53.) A publicação da *Vida do Infante Dom Fernando*, escripta pelo seu secretario que o acompanhou no cativoiro, Frei João Alves, é que inspirou a Camões essa bella outava em que resumiu todo o sentimento da tradição:

Viu ser captivo o santo irmão Fernando
 Que a tão altas empresas aspirava,
 Que por salvar o povo miserando,
 Cercado, ao Sarraceno se entregava.
 Só por amor da patria está passando
 A vida, de senhora, feita escrava,
 Por não se dar por elle a forte Ceita:
 Mais o publico bem que o seu respeita.

Esta inconsiderada expedição fôra animada por uma bulla do papa, ante a qual teve de ceder a vontade do rei e o bom conselho do Infante Dom Pedro; quando se tornava urgente entregar Ceuta pelo resgate do Infante, foi unicamente o estado ecclesiastico que se oppôz, com o fundamento de que as egrejas voltariam a ser mesquitas. A belleza d'esta tradição foi admiravelmente comprehendida por Calderon de la Barca na sua comedia famosa do *Principe constante*.

N'este mesmo canto dos *Lusiadas* descreve Camões o typo do Condestavel, que as cantigas populares celebravam como o defensor da patria e o pae dos pobres. Todas as vezes, que a tradição epica apresenta uma base popular, fica evidente o processo artistico como Camões conseguiu dar ao seu poema o character nacional.

7. Velloso. — (Lus., cant. v, est. 30-36.) No *Roteiro de Vasco da Gama*, escripto por um dos companheiros que foram na expedição, vêm a tradição d'este marinheiro, que o poeta retrata como um dos *Valentones* do seculo XVI:

E Velloso no braço confiado,
E de arrogante cré que vae seguro . . .

Camões aproveitou-se admiravelmente da simples tradição conservada por Barros e por Castanheda, e sem alterar a verdade, deu-lhe o realce de um gracioso colorido poetico; e com phrases que se tornaram proverbias. Eis a realidade em a narração do *Roteiro*: « Este mesmo dia um Fernão Velloso, que ia com o capitão mór, desejava muito ir com elles a suas casas pera saber de que maneira viviam e comiam, ou que vida era a sua. E pediu por mercê ao capitão mór que lhe dêsse licença para ir com elles a suas casas, e o capitão vendo importunado d'elle, que o não leixava senão que lhe dêsse a licença, o leixou ir com elles, e nós tornamo-nos ao navio do capitão mór a cear, e elle se foi com os ditos negros. E tanto que elles de nós foram apartados, tomaram um lobo marinho e foram-se ao pé de uma serra em uma charneca e assaram o lobo marinho e deram d'elle ao Fernão Velloso, que ia com elles, e das raizes das ervas que elles comiam. E acabado de comer disseram-lhe que se viesse pera os navios e nom quiserom que fosse com elles. E o dito Fernão Velloso como veio

em direito dos navios começou logo de chamar, e elles ficaram metidos pelo mato, e nós estavamos ainda ceando, e quando o ouvimos, leixaram logo os capitães de comer e nós outros com elles e metemo-nos na barca á vella, e os negros começaram de correr ao longo da praia, e foram tam prestes com o dito Fernam Velloso, como nós. Em nós o querendo recolher, elles nos começaram atirar com umas azagayas que traziam, onde foi ferido o capitão mór e tres ou quatro homens.» (1) O *Roteiro* termina com esta phrase, que dava um verso endecassyllabo :

« Então nos recolhemos aos navios. »

E Camões termina :

Logo nos recolhemos para a Armada.

Cada uma das estrophes em que o poeta celebra esta tradição, termina com um jovial epigramma, que provoca um immenso interesse por Velloso. Quando estavam na Armada, conjecturando ácerca da ousadia do aventureiro que se arriscara a ir de noite e sósinho com os selvagens, eil-o que:

Apparece; e *segundo ao mar caminha,*
Mais apressado do que fõra vinha.

(1) *Roteiro de Vasco da Gama*, p. 7. Ed. Kopke, Porto, 1838.

E quando iam nas lanchas em soccorro de Velloso, se vêem assaltados pela cáfila dos negros, termina o quadro:

Mas nós, como pessoas magoadas
A resposta lhe demos tão crecida,
Que em mais que nos barretes se suspeita
Que a côr vermelha levam, d'esta feita.

Já seguros na náó é que chovem as chufas com o desafogo natural de quem se anima com o riso:

Disse então a Velloso um companheiro
(Começando-se todos a sorrir,
— Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro
É melhor de descer que de subir?
« Si, he; (responde o ousado aventureiro)
Mas quando eu para aqui vi tantos vir
D'aquelles cães, depressa um pouco vim,
Por me lembrar que estavas cá sem mim.

Camões restituiu o drama e a vida ao ligeiro incidente do *Roteiro*, de Barros e de Castanheda.

8. Naufragio de Sepulveda.—(Lus., cant. v, est. 46-48.) Com um raro tino artistico, Camões intercalou nas propheticas ameaças do Adamastor, o desastre de Manoel de Sousa Sepulveda e a morte de sua formosissima mulher no medonho naufragio do galeão *Sam João*, na terra do Natal em 1552. Escusamos de tornar a referir aqui a lenda tenebrosa dos amores de Sepulveda e Dona Leonor de Sá; Camões nas tres estrophes dos *Lusiadas* ultrapassa o laconismo profundo de Dante. Era preciso para se elevar á altura d'aquella eloquencia ter

recebido a impressão immediata do desastre. Tendo partido a Náo *Sam Bento*, de Lisboa, em 1553, ainda cá não tinha chegado a nova do desastre; o primeiro navio que recebeu a triste relação do successo foi aquelle em que ia Camões, o qual, segundo o testemunho de Mesquita Perestrello, chegou a Gôa, em principios de Fevereiro de 1554. A Náo *Sam Bento* aportou em Moçambique; ali se achava Alvaro Fernandes, o guardião da náo perdida na terra do Natal, e por elle é que se soube as mais atrozes particularidades do naufragio. No prologo da relação impressa em Lisboa em 1554, se lê: «E passou tantos trabalhos antes de sua morte que não podem ser eridos senão de quem lh'os ajudou a passar, que entre os mais foi um *Alvaro Fernandes, Guardião do Galeão, que me contou isto muito particularmente, que por acerto achei aqui em Moçambique o anno de mil e quinhentos e cincoenta e quatro.*» Diante d'esta declaração terminante a nossa affirmacão torna-se uma realidade. Camões sentiu a dolorosa poesia dos naufragios dos galeões da India, e elle mesmo faz nos *Lusiadas* a relação do seu naufragio, salvando-se á nado na Foz de Mécon. A poesia popular portugueza concentrou em um romance de redondilhas, de formação anonyma, todos os lances mais violentos que se acham relatados com uma eloquencia absoluta na *Historia tragico-maritima*. (1) Este livro encerra essas folhas volantes, que aquelles que escaparam atravessando os desertos e as

(1) Vid. o desenvolvimento d'esta affirmacão no *Romanço geral*, p. 191, e *Cantos populares do Archipelago*, p. 425.

tribus selvagens, ao chegar á patria redigiam para que alguém os soccorresse na sua miseria; nunca a linguagem humana tocou a viva realidade na sua expressão simples, como na descuidada narração dos pobres marinheiros que pediam apenas compaixão para a sua nudez. Essas relações avulsas são a unica prosa natural em que a lingua portugueza foi empregada; chronistas, novelheiros e pregadores escreveram com o cuidado em extinguir a espontaneidade para imitarem as construcções latinas, para substituirem os sentimentos individuaes aos apophtegmas de moralistas antigos. Foram corpos vivos que imitaram a rigidez cadaverica. Se não existissem as relações de naufragios podia-se dizer que a prosa era uma construcção artificial da lingua portugueza, um esforço. Eram essas relações parciaes que iam produzindo na mente do povo a impressão que fez cantar o bello romance da *Náo Catherinetta*; muitas vezes os proprios marinheiros escreviam em verso a narrativa das suas desgraças. Temos uma prova d'este facto no que succedeu por occasião do naufragio da *Náo Gloria* em 1752; o procurador da Náo, Custodio Nogueira Braga, escreveu a *Relaçam em que refere o successo verdadeiro da Náo Gloria*, com as côres pittorescas que mais se apoderam da imaginação do povo. Transcrevemos aqui alguns trechos, pela extrema importancia que tem as relações de naufragio em verso:

Primeiro do que tudo, o Commandante
Os cofres tira, em sacos, vigilante,
E os poem a salvamento,

De quem bem merecia o hum por cento,
 Pois deixando perder o que levava
 Só o dinheiro dos cofres lhe lembrava;
 Que tendo só de seu o que trazia,
 Como caza em que andava e em que vivia,
 N'esta infeliz desgraça, e tão notoria
 Foi igual companheiro da não Gloria,
 Pois do forte naufragio que tiveram
 Ella e mais elle, ambos se perderam;
 Que se o socorro salvou em tanta lida
 Foi por servir seu rei por toda a vida.

Poucos navios, botes lhe mandaram,
 E os poucos por poucos não bastaram,
 Ainda alguns d'aquelles que vieram
 Na confusa tormenta se perderam.
 A gente augmenta a lastimosa lida,
 E com a obediencia já perdida
 Cada qual em si cuida,
 E do commum governo se descuida;
 Pois vendo-se o perigo sem falencia
 Cada um quer mandar sem obediencia. (1)

Sobre este mesmo desastre appareceu egualmente a *Nova relação do lamentavel naufragio que se experimentou em a não N. Senhora da Gloria*, tambem em verso; começa com um tom dorido e religioso:

Vós, que por mar e terra descuidados
 Caminhaes nos perigos desatentos,
 Augmentando os delictos e peccados
 Sendo inferno os seus tormentos;
 Escutae um pouco os meus lamentos
 Nascidos da jactura lastimosa,
 De um lenho ousado,
 De uma não pomposa. Etc.

(1) Pag. 5. Folheto in-4.º de 8 paginas.

Era esta a nossa poesia nacional, era assim que se havia de formar a epopêa cyclica das navegações portuguezas, se este povo não tivesse sido bestializado pelo obscurantismo religioso e cesarista. Continuando sobre esta segunda relação, vêmos o poeta abandonar os endecasyllabos que lhe não cáem com espontaneidade, e vir insensivelmente á redondilha popular,—contando:

O lamentavel fim que teve
 A Náo Senhora da Gloria.
 Náo por todos acclamada
 A melhor que el-rei tinha,
 E por tal foi numeada
 Para comboyo da Bahia.
 La na Ribeira das Náos
 Estando ella dado fundo,
 Com receiôs que pudesse
 Correr os mares do mundo,
 Porque como era velha,
 Se poz a votos um dia,
 Por se não arriscar n'ella
 Os cabedaes da Bahia.
 Toda a Mestrança foi vêr,
 E seu voto foram dar
 Se a Náo podia vencer
 Esta viagem no mar.

.....
 Quando foi o sexto dia
 Agua ia de tal sorte,
 Armou-se tambem gamota
 Pelo risco que corria,
 Até que vieram dizer
 Ao nosso Commandante,
 Que no payol da farinha
 Entrava agua bastante.
 Toda a gente esmoreceu,
 Gemia e suspirava
 De ver que por toda a náo
 Tanta agua nos entrava.

Estava a não de tal sorte,
 Agora quero explicar,
 Que se estava apartando
 Tudo do seu logar.

.....
 Da popa até á prôa
 Estava cheia de gente,
 Para salvarem as vidas
 Cada qual mais diligente.
 Os plantos tão lastimosos
 Que toda a gente fazia,
 Era dôr do coração
 A quem quer que os ouvia. Etc.

O final da relação accusa a triste sympathia do marinheiro que vê ir ao fundo o navio que amava:

Acabou-se a soberba,
 Acabou-se a vangloria,
 Acabou-se a inveja,
 Deu fim a triste não Gloria. (1)

O naufragio de Sepulveda, eternisado por Camões, recebeu tambem a fórma popular das comedias de cordel, representadas em todo o seculo XVIII. Jeronymo Côrte-Real fundou um poema historico sobre o interesse provocado pelas estrophes de Camões.

9. Doze de Inglaterra. — (LUS., cant. VI, est. 43-69.)
 Conhecendo-se quanto estavam em voga na côrte de Dom João I as novellas da Tavola Redonda e do Santo Greal, como o nome dos personagens d'esses poemas das aventuras do amor haviam penetrado na vida civil

(1) Folha volante de 16 p. Catalunha, Imprensa de Francisco Guevarz.

da aristocracia portugueza, é que se vê como o genio de Camões soube cãracterisar pela formosa tradição dos *Doze de Inglaterra* toda a feição moral e historica d'essa época em que o povo começou tambem a ter existencia politica. É no meio dos enfados da viagem incerta, e quando o destino prepara novas catastrophes para os navegadores vencerem, quando vigiam na amurada entre os silvos da rajada e o somno da fadiga que os acomette, que se lembram de procurar a distracção nos contos de amores e de bravura:

Remedios contra o somno buscar querem,
Historias contam, casos mil referem.

Aqui figuram esses dois personagens lendarios da expedição de Vasco da Gama, o namorado Leonardo Ribeiro e o chistoso Fernão Velloso, que apparecem em outros logares dos *Lusiadas*. Do primeiro, diz Manoel / Corrêa Montenegro: « Este soldado se chamava *Leonardo Ribeiro*, segundo me disse Luiz de Camões, perguntando-lhe por elle, mancebo desenvolto, deizador e grande namorado. » (1) De Fernão Velloso, fallam Castanheda e João de Barros nas suas chronicas, e com o mesmo character com que o retrata o poeta vem no *Roteiro de Vasco da Gama*. Quando os marinheiros queriam passar a vigilia tempestuosa com contos de alegria:

(1) *Comment.* ao cant. vi, est. 40.

1 Não era Montenegro

Responde Leonardo, que trazia
 Pensamentos de firme namorado :
 — Que contos poderemos ter melhores
 Para passar o tempo, que de amores ?

« Não he, disse Velloso, cousa justa
 Tratar branduras em tanta aspereza.
 Que o trabalho do mar que tanto custa
 Não soffre amores, nem delicadeza :
 Antes de guerra férvida e robusta
 A nossa historia seja . . .

Encarregam Velloso de contar a historia do ge-
 nero que elle approva, e eis o motivo, porque escolhe uma
 tradição nacional :

... porque os que me ouvirem d'aqui aprendam
 A fazer feitos grandes de alta prova,
 Dos nascidos direi de nossa terra,
 E estes sejam os *Doze de Inglaterra*.

Seguem-se depois essas bellissimas, galhardas e ini-
 mitaveis estrophes, em que o poeta relata a aventura
 dos doze cavalleiros que foram em desagravo das damas
 inglezas á antiga patria dos paladins de Arthur ; Ariosto
 nunca foi mais feliz no *Orlando*, e quadros assim distri-
 buidos por todos os *Lusiadas*, é que levaram Fr. Schlegel
 a considerar Camões muito superior a esse ultimo
 troveiro da Italia.

D'ondo recolheria Camões esta tradição nacional,
 que apparece pela primeira vez aproveitada por elle ?
 As chronicas do reino não alludem a semelhante lenda ;
 Manoel Corrêa, commentando o episodio, explica cir-

cumstancias que se não acham no poema, como que seguindo uma Relação manuscripta : « Esta historia conta aqui Luiz de Camões, mas porque no verso nunca se diz tão claramente que se escuse declaração, fiz aqui este breve discurso... » E commentando o ultimo verso da outava 43, diz : « A differença que ha entre esta Relação e os versos de Luiz de Camões é, que na *Relação se diz, que a briga foi a pé com maças de ferro no principio e depois com espadas*. Luiz de Camões, diz que foi a cavallo. Mas não temos certeza, por ser cousa sem memoria, em Inglaterra dizem que a ha. » Qual seria esta Relação, que Manoel Corrêa cita, e que diversificava da versão adoptada por Camões? Sob o n.º 94 da Bibliotheca do Conde de Vimeiro, do fim do seculo XVII, existia uma : « Miscellanea em que estão versos e cartas curiosas ; poesias de Pedro Affonseca de Vasconcellos ; instrucções de Gaspar Gil Severim a seu filho, quando embarcava ; *Catalogo dos Doze de Inglaterra* ; dos grandes de Hespanha, etc. » (1) Informaram-nos de que nos Manuscriptos da Bibliotheca do Porto, junto de uma Chronica do infante Dom Pedro, existia uma Relação do principio do seculo XVI sobre os Doze de Inglaterra ; (2) debalde a procurámos, e depois de uma systematica investigação deixamos ao acaso a sua descoberta. Na *Pedatura luzitana*, inedito genealogico do seculo XVII, fallando-se de Alvaro Vaz de Almada, accrescenta :

(1) Collecção da Acad. de Hist. 1724.

(2) O prof. A. Soromenho, que fôra empregado d'aquelle estabelecimento, e o sr. visconde de Juromenha.

«e foi um dos doze pares de Inglaterra.» (1) Pelo desenvolvimento que Manoel Corrêa deu á annotação d'este facto, podemos suppôr que elle reproduziu inteiramente a Relação a que allude, perdendo-se apenas a fórma litteraria, que era o valor que para nós teria agora esse monumento; quando elle escreve: «*Então começaram de se combater, primeiro com maças de ferro e depois com espadas...*» deixa o vestigio por onde se conhece que seguia a Relação de que fallára. Manoel Corrêa cita apenas o nome de cinco d'esses cavalleiros: «entre os quaes era um *Alvaro Vaz de Almada*, que depois foi Conde de Abranches em França, e outro *Alvaro Gonçalves Coutinho*, de alcunha o Magriço, filho do primeiro marechal Gonçalo Vasques Coutinho e irmão de Dom Vasco Coutinho, primeiro conde de Marialva. E outro, dizem que se chamava *João Pereira Agostim*, filho segundo de Gil Vasques da Cunha, senhor das terras de Basto e de Montelongo e alferes-mór d'el-rei Dom João de Boa-Memoria. Os outros, um d'elles se chamava *Pacheco* (2) e outro *Pedro Homem*, e outros, que eram por todos doze e todos mui esforçados e valerosos cavalleiros.»

Em um folheto publicado em Lisboa em 1732 com o titulo *Desafio dos Doze de Inglaterra, que na côrte de Londres se combateram em desagravo das damas inglezas, escripto por Ignacio Rodrigues Védouro*, cita-se os nomes

(1) Tomo III, fl. 212 v. Ms. da Bibl. Portuense.

(2) *Lopo Fernandes Pacheco*, e *Pedro Homem da Costa*.

dos aventureiros, completando-os com os cinco já transcriptos, *Ruy Gomes da Silva, Alvaro Mendes Cerveira, Ruy Mendes Cerveira, Martim Lopes de Azevedo, Luiz Gonçalves Malafuia, Soeiro da Costa e Alvaro de Almada*. Este folheto (1) tem suas pretensões a chronica, mas é escripto n'esse estylo rhetorico que deixa a nú a intenção calculada; segue o poema na descripção do combate a cavallo, e por fim declara que foram os seus subsidios os *Lusiadas* com os *Commentos* de Manoel Corrêa, de Faria e Sousa, e o Conde da Ericeira Dom Fernando de Menezes.

Da mesma fôrma que as tragedias gregas foram o desenvolvimento scenico dos episodios da *Iliada*, assim na epopêa de Camões procuraram os escriptores dramaticos do seculo XVII o assumpto tradicional; Jacintho Cordeiro, escreveu uma comedia famosa intitulada *Os Doze de Inglaterra*, e na renovação litteraria do Romantismo, Garrett tambem tentou escrever um poema sobre o *Magriço*.

10. As sete partidas do Infante Dom Pedro. — (Lus., cant. VIII, est. 37.) Camões allude á tradição das viagens do Infante Dom Pedro, na estancia:

Olha cá dois Infantes, *Pedro e Henrique,*
 Progenie generosa de Joanne;
Aquelle fez que fama illustre fique
D'elle em Germania com que a morte engane.

(1) Guarda-se na Bibliotheca da Academia, E. 463-26.

O primeiro que fez referencia ás longas viagens do Infante Dom Pedro foi João de Mena, nas trovas que lhe dirigiu:

Nunca fué despues, ny ante,
 quyen vyesse los atavios
 é secretos de Levante,
 sus montes, insoas, é ryos,
 sus calores y sus frios,
como vós, senhor Infante. (1)

Foi talvez por via de João de Mena, que a tradição se vulgarisou em Hespanha, a ponto de a citarem como popular Gongora e Cervantes; no cap. XXIII, da segunda parte do *Don Quijote*, ao fallar do Marquez de Mantua, diz que fizera voto: «*de andare las siete partidas del mundo, con mas pontualidad que las tuvo el Infante Don Pedro de Portugal, hasta desencontral-a.*» Em uma memoria sobre as relações dos portuguezes com Flandres, escripta por Emile Vanden Bussche, se lê a respeito da viagem do Infante cantada por Camões: «Pelo fim de Dezembro de 1425, o filho do rei de Portugal, desembarcado em Ostende, veiu visitar Bruges, passando por Odenbourg. Demorou-se mais de um mez na cidade burgueza, aonde tiveram lugar festas em sua honra, entre outras um torneio sobre o Bourg a 31 de Janeiro de 1426. Os nossos archivos não dizem de que filho do rei de Portugal se trata, mas é provavel que

(1) *Canc. geral*, t. II, p. 72. — *Poetas palacianos*, p. 115.

seja Dom Pedro, duque de Coimbra.» (1) Commentando os dois versos de Camões escreve Faria e Sousa: «Aquel és Don Pedro, que corrió muchas partes del mundo, con que dió motivo, a que de su peregrinacion se escrevies- sen cosas que parecen fabulas, a quien ha visto poco: principalmente un quaderno que vulgarmente se llama *Auto do Infante Dom Pedro.*» Faria e Sousa refere-se ao folheto de cordel intitulado: *Livro do Infante D. Pedro de Portugal, o qual andou as sete partidas do mundo, feito por Gomes de Santo Estevam, hum dos doze que foram em sua companhia.* (2) A edição mais antiga d'esta chronica rudimentar é de 1595, citada na Bibliotheca de Gallardo com o titulo: *Los siete sabios de Roma — con el libro de Infante Don Pedro de Portugal que anduvo las quatro partidas del mundo. Barcelona, 1595, in-4.º* Este titulo explica o porque se deu o nome de *Sete partidas*, a essa relação tradicional. Sá de Miranda, que cita tantas tradições portuguezas nos seus versos, falla do Infante Dom Pedro na Carta a D. João III:

Da mesma casa real
Em verdade um grande Infante
Tratado por manhas mal,
Bradava por campo equal
E imigos claros diante, etc.

(1) *Memoire sur les relations qui existerent autrefois entre les flamands de Flandres, particulièrement ceux de Bruges et les Portugais*, Deuxième partie, II, p. 4.

(2) Temos á vista uma edição de 1644.

11. Ilha dos Amores. — (Lus., cant. IX, est. 52-84.) — A belleza fundamental do episodio da Ilha encantada que vem ao encontro dos navegantes cançados, está em prender-se por um lado nas tradições da idade media portugueza, por outro nas crenças eruditas da Renascença. Isto nos mostra as duas correntes poeticas em que fluctuava o espirito de Camões, e sobretudo a verdade artistica da sua concepção. Houve uma origem organica e viva para essa ficção risonha; é esta a unica *realidade* que se deve procurar. A tradição celtica das ilhas encantadas constitue o maravilhoso das *Viagens de Sam Brendan*, citadas por Azurara, (1) que acreditava n'ellas, e que serviram tambem de guia aos nossos primeiros navegadores; (2) os heroes dos poemas da Tavola Redonda, já cantados na côrte de Dom Diniz, (3) e imitados na época de Dom João I, (4) tambem se recolhiam cansados das batalhas á Ilha de Avalon; e ainda no seculo XVI, depois do desastre de Alcacer-Kibir, o povo portuguez fez de el-rei Dom Sebastião o seu rei Arthur, e collocou-o na ilha maravilhosa da Antilia para d'aí vir realizar as prophcias do *Quinto Imperio* do mundo. (5)

No Globo de Martim de Behain, encontra-se notada

(1) *Chronica da Conquista de Guiné*, p. 45.

(2) Visconde de Santarem, nota ao loc. cit. de Azurara.

(3) *Trovadores galecio-portuguezes*, p. 181.

(4) Fernão Lopes, *Chr. de D. João I*, P. II, cap. 76.—*Chr. do Condestabre*, p. 12. Ed. 1848.

(5) Vid. *Origens celticas da lenda de D. Sebastião*, no *Canc. Popular*, p. 207.

a *Ilha de S. Brendan*, «entre o 1.º e 8.º latitude norte, e 313.º e 319.º longitude occidental do meridiano da Gran Canaria,» e «a *Ilha Antilia* ou das *Sete Cidades* ao norte do tropico de Cancer, entre 24.º e 26.º latitude norte e 326.º e 329.º longitude occidental.» (1) Na *Via-gem* do Barão de Rozmitale et Blana, em 1465, vem a tradição de um rei portuguez que mandou tres navios á descoberta, e que depois de andarem dois annos no mar chegaram a uma ilha maravilhosa, aonde acharam subterraneos cheios de ouro e prata. D'estes tres navios apenas um voltou a Portugal, porque os outros foram submergidos pela tempestade que os afastou da ilha; mas ao chegarem á patria esses extraordinarios aventureiros, vinham encanecidos e ninguem os quiz reconhecer, ou antes, quizeram tomal-os como piratas que deram cabo dos outros navegadores. (2) A tradição recolhida pelo Barão de Rozmitale preocupava os nossos navegadores, e Camões não inventou a ficção da *Ilha dos Amores* só por um recurso rhetorico, como os seus criticos sempre julgaram.

No seculo xv reinava em Portugal a monomania das *Ilhas encobertas*; a 10 de Dezembro de 1457, Dom Affonso v fez doação ao infante D. Fernando de quaesquer ilhas que descobrisse; a 19 de Outubro de 1462, concede D. Affonso v ao infante D. Fernando uma ilha,

(1) José de Torres, *Originalidade da navegação do Oceano Atlantico Septentrional, e do descobrimento de suas Ilhas*, § III, na *Revista dos Açores*.

(2) Apud Ferdinand Denis, *Portugal*, p. 80.

que Gonçalo Fernandes de Tavora avistou ao oes-no-roeste das Canarias e da Madeira; a 12 de Janeiro de 1473, faz o mesmo rei mercê á infanta D. Beatriz de todas as ilhas que descobrir emquanto proseguir na busca da *ilha que apparecia por vezes* da ilha de S. Thiago; a 21 de Junho de 1473 mercê a Ruy Gonçalves da Camara, de uma ilha que por si ou seus navios achasse no Oceano, não além de Cabo-Verde; a 10 de Novembro de 1475 explica a doação feita a Fernão Telles, que ella é extensiva á ilha das *Sete Cidades* e outras cujo caminho se dizia perdido; e em 3 de Março de 1486 faz ainda mercê a Fernão d'Ulmo da ilha que se presume ser das *Sete Cidades*, ou ilhas ou terra firme que ía descobrir. Finalmente no fim do seculo XVI a monomania das *ilhas encantadas* ainda provocava doações regias, como a de Philippe II, de 1 de Julho de 1591 a Gonçalo Vaz Coutinho, para mandar descobrir uma nova ilha que se avistava da ilha de S. Miguel, e em 26 d'Abril de 1595 o rei expede ao mesmo governador uma carta dando-lhe licença para descobrir essa ilha que «*apparece ás vezes da de Sam Miguel*». (1)

Quanto ás fontes eruditas da Renascença, Camões inspirou-se das tradições maravilhosas dos geographos antigos, cujos nomes cita nas estrophes mais eloquentes da sua epopêa. Educado sob um forte regimen classico nas escholas de Santa Cruz de Coimbra, Camões

(1) José de Torres, *Originalidade da navegação do Oceano Atlantico*; todos estes factos foram por este illustre açoriano descobertos no Archivo Nacional.

deixou-se penetrar pelo idealismo platonico, que distingue o seu lyrismo do de todos os outros Quinhentistas. Isto nos confirma o seu conhecimento do Dialogo de Platão, em que Critias realisa o ideal da *Republica* na terra da *Atlantida*. Camões conhecia o *Timeo* de Platão; pelo menos Strabão e Plinio, que cita, fallam da fabula da *Atlantida* sem se fiarem na sua realidade; os platonicos Philon e Proclus não se atreveram a duvidar da ficção do mestre; e os geographos, que a Europa do seculo XVI quiz sempre conciliar com as suas descobertas, acreditaram n'essa phantastica ilha, como vêmos em Posidinius, em Ammiano Marcellino e em Marcellus. Os padres da Egreja, que eram auctoridade para toda a ordem de problemas, fallam da *Atlantida* tão despreocupados de scepticismo, que pela sua linguagem se conhece que para elles era impossivel pôr em duvida a existencia d'essa ilha. A descoberta da America veio suscitar novo interesse a esta fabula academica, e viram na *Atlantida* «pequenas similhanças com a America.» (1) Pela rapida exposição d'estes factos se conhece em que fundo tradicional essa flor poetica do canto IX dos *Lusiadas* immergiu as suas raizes, e como se alimentou segundo a verdade do natural. É este o verdadeiro ponto de vista critico; conhecendo as tradições populares e classicas, o espirito de Camões accitava o maravilhoso da geographia antiga resalvando a idade

(1) La Mothe le Vayer, d'après Chassang, *Histoire du Roman*, p. 44.

positiva das suas convicções; é por isso que elle proprio declara o sentido moral da ficção, a sua intenção allegorica:

Que as nymphas do Oceano tão formosas,
 Thetys e a Ilha angelica pintada,
 Outra cousa não he, que as deleitosas
 Honras, que a vida fazem sublimada;
 Aquellas preeminencias gloriosas;
 Os triumphos, a fronte coroada
 De palma e louro, a gloria e maravilha,
 Estes são o deleite d'esta Ilha.

(IX, est. 89.)

Não obstante esta declaração cathgorica do poeta, a critica portugueza obstinou-se a vêr na *Ilha dos Amores* uma *realidade historica*, e procurou-a á custa de affirmações gratuitas e de subtilezas ingenuas. Manoel Corrêa ~~Montenegro~~, commentando os *Lusiadas*, e muitas vezes authorisando-se com o que ouvira dizer ao proprio Camões, seu amigo, declara-nos qual a intelligencia do episodio no fim do seculo XVI: « Muitos têm para si, que esta Ilha seja a de *Santa Helena*; mas enganam-se, porque foi um *fingimento* que o poeta aqui fez, como claramente consta da letra.» (1) Quem eram esses que lhe davam tal realidade? Quando Fernão Alvares do Oriente veiu a Portugal, aportou na Ilha de Santa Helena, e descreve essa formosa paragem dos galeões da India com termos quasi semelhantes ao do canto IX dos *Lusiadas*: « Entrava o sol na casa do namorado bruto

(1) *Comment.*, fl. 250.

de Pasiphae, sezão aos navegantes como aos pastores favoravel, quando chegámos ao porto, de longe já tão desejado d'aquella ilha graciosa, que a mãe do grande Constantino no seu dia descobriu por beneficio d'aquelles que em tão comprida viagem entregassem a vida aos perigos e descontos do mar salgado. Aqui achámos mil motivos para nos refazermos dos enfadamentos do caminho com recreações varias, que offerece terra tão bem afortunada. N'um gracioso valle, plantado todo de arvores fructíferas, fizemos o nosso alojamento, em estancias sombrias, para o qual nos emprestaram seus ramos os seccos arvoredos... O em que empregavamos mais o tempo eram cantares festivaes, alegre conversação, caças gostosas, discorrendo as serras que em todas as partes nos davam materia de passa-tempo. Líamos pelos troncos das arvores *nomes e feitos de varões illustres, que comò por tropheo de suas façanhas deixavam alli á memoria consagrados...*» E em um Soneto á Ilha de Santa Helena, repete Fernão Alvares:

Pois és premio gentil de Varões claros,
Que por seu rei contentes vão passando
Dos ventos o rigor, das aguas frias.

Na *Lusitania transformada*, Fernão Alvares descreve o canto das Nymphas, que ainda ali suspiram apaixonadas e saudosas pelos primeiro navegadores: «D'estas estanças que cantavam as duas angelicas Sirenas e dos nomes que por ellas ouvimos mil vezes repetidos, ficámos colligindo serem da companhia das Nereidas, que

Venus benevola em favor dos primeiros Argonautas do largo Oceano ajuntou n'aquella Ilha, aonde obrigadas do seu amor lhe entregaram o preço das suas pessoas, que as mais das vezes costuma ser mal galardoado.» (*Op. cit.*, p. 365.) Fernão Alvares do Oriente, que experimentou a longa viagem da India e ao mesmo tempo foi amigo de Camões, tinha razão para conhecer á impressão agradável do apparecimento da Ilha de Santa Helena, que elle descreve coberta de *lyrios*, como no episodio dos *Lusiadas*. O logar em que o poeta colloca a ficção da Ilha no fim da longa expedição, levou a collocar-a no oceano atlantico, como infere o Morgado de Matheus: «Segue-se a bellissima ficção da Ilha, que Venus conduz e dispõe a receber os seus protegidos descobridores da India para ali descansarem e dar-lhes o premio de terem finalisado a sua gloriosa empreza; o que prova (se tal questão pôde ter importancia) ser esta Ilha imaginada, não nos mares da India, mas proxima ao termo da viagem do Gama.» (1) Se fosse preciso para a formação do poema dar uma realidade historica á *Ilha dos Amores*, seria fatalmente a *Ilha de Santa Helena*, que se encontra depois das tormentas do Cabo, e tem a fauna e a flora da Europa, o typo sobre que o poeta idealisara.

Depois da explicação de Fernão Alvares d'Oriente, seguiu-se a hypothese de Manoel de Faria e Sousa, commentando este logar do poema: «Es de saber que esta

(1) Ed. 1817, p. cviii-ix.

Isla, que el poeta finge moverse, y aver salido al encuentro de los navegantes, con tanta variedad y excelencia de regalos, es la *Anchediva*: porque alli venieron ellos a hacer la aguada de que trata la est. 51, y á la que llaman de S. Blas; para que se vea cuantas leguas de engaño han corrido los que dijeron, que la Isla aqui pintada es la de *Santa Elena*: porque estando ella mucho mas acá del cabo de Buena Esperanza, y la *Anchediva* mucho mas allá, y en la cabeza de la propria India, queda siendo la diferencia no menos que de casi todo el viaje. Y por que á los poetas cualquier menudencia les sirve de motivo para una estupenda fábrica, el que el nuestro tuvo para esta, es uno que alli refiere el proprio Barros, en que vine á dar fin de muchos dias y de muchas imaginations... Fué pues el caso que llegando los navegantes en frente de la isla de *Anchediva*, un corsario animoso, llamado Timoya, se resolvió á robarlos, usando de un stratagemata para embestirlos; y fué que compuso ocho navios de remo unidos e cubiertos de ramos verdes, de manera que á los que apartados estaban, viendo aquel bulto, sin noticia de lo que era, antes les parecia una isleta, que otra cosa alguna. Entrado el Timoya con su gente en esse bosque, fué remando en el para donde estaban nuestras naves: y viendo Vasco de Gama morir-se aquello, que a su parecer era un pedazo de montaña con arboleda verde, digo: Que vision es aquella?» (1) Ignacio Garcez Ferreira

(1) A passagem de Barros é *Dec. I*, liv. 5, cap. 11. — *Faria e Sousa, Comm.* ao c. ix, est. 53.

fez o syncretismo d'estas duas opiniões, dizendo que a arribação a Anchediva provocou na imaginação do poeta a formação da Ilha, e o clima de Santa Helena o colorido descriptivo. Uma vez lançados no campo da phantasia, caminha-se insensivelmente para o absurdo. Em 1849 publicou no Porto o snr. José Gomes Monteiro um opusculo em fôrma de Carta *Sobre a situação da Ilha de Venus*, aonde para collocar Camões em um pedestal tão elevado que os mais altos monumentos não possam dardejear sobre elle as suas sombras, conclue, que a ilha de Venus, teve uma realidade historica, e que é nada menos que *Zanzibar*. Os argumentos para esta affirmacão heteroclitica, são algumas subtilezas grammaticaes sobre a significacão de pronomes e adverbios, *estes, aqui, cá*, etc., e a comparacão da fauna e flora de Zanzibar com a vegetacão e animaes com que o poeta decóra a sua ilha imaginaria; sobre esta segunda parte da argumentacão escreve Adolpho Coelho: «o proprio snr. G. Monteiro, apesar de todos os seus esforços não conseguiu achar nada que lhe comprovasse a existencia n'aquella paragem de cinco das quatorze arvores mencionadas por Camões; vê no cysne que o poeta põe na Ilha de Venus liberdade poetica, descobre apenas na Africa oriental tres das flôres da Ilha de Venus, mas emquanto á cecem, ao lyrio roxo, á flôr Cephisia, aos jacinthos, ás boninas, etc., não chegou a resultado algum.» (1) Tal é a argumentacão que levou o auctor da

(1) *Sciencia e Probidade*, p. 23.

Carta a situar a Ilha de Venus em *Zanzibar*; o seu espirito ficou assombrado com tamanha descoberta, e exclama com entono: «*Eis aqui sondado o fundo espirito de Camões n'esta brilhante e original criação do seu genio.*» (1) Infeliz catheterismo, fundado nos processos criticos de Garcez Ferreira, confundindo os dous logares Melinde e Zanzibar.

A verdadeira critica moderna, manifestada por Humboldt, Scherr e Carriere, dá á intelligencia da *Ilha dos Amores* o sentido allegorico, que o proprio Camões declarou na estancia outenta e nove. Manoel Corrêa ~~Montenegro~~, que conversou com o poeta, diz-nos que lhe despertou essa ficção o conhecimento do *Sonho de Scipião*, de Cicero; de facto Cicero seguiu as ideias platonicas e quasi que copía a phantasia da Atlantida do *Timéo*. Eis as proprias palavras de Manoel Corrêa: «N'este fingimento d'esta Ilha, com tantos favores e gasalhado de Thetis princeza do mar, que os agasalhara e servira, imita o Poeta a Marco Tullio. O qual nos seus livros *De Republica*, que muitos viram e lêram... pois que de todos os livros da *Republica* de Cicero não temos mais que este pequeno fragmento, a que chamamos commumente *Sonho de Scipião*... Em o qual *Sonho* finge Tullio, que Publio Scipião Africano estando dormindo lhe appareceu seu verdadeiro pae Paulo Emilio e Publio Scipião, que o perfilhou, e o grande Africano, e outros senhores romanos já defunctos, os quaes depois que lhe

(1) *Carta... sobre a situação, etc.*, p. 23.

contaram tudo o que na vida lhe havia de acontecer (como fez aqui Thetis aos portuguezes) e as honras e triumphos que na vida haviam de receber, que é o galhado e suavidade d'esta Ilha, para que com maior alvoroço soffressem os trabalhos, se dispuzessem para os perigos, lhe mostraram a formosura dos Céos, o curso e ordem dos planetas e estrellas, dizendo-lhe que aquelle logar estava deputado para os que n'esta vida corressem com suas obrigações... E quanto a mim isto quiz dizer aqui o nosso Poeta; que depois que Thetis agasalhou Vasco da Gama e aos mais Portuguezes, o levou a um campo muito formoso, cheio de rubis e esmeraldas, que é o logar aonde vão parar os que seguem a virtude, d'onde lhe mostrou o céu com todos os seus planetas, etc.»

Manoel Corrêa, que pertence ao seculo XVI, e tambem obedeceu a essa supersticiosa admiração pelos livros da antiguidade classica, tem direito para nos explicar qual o meio scientifico em que se fortalecia a intelligencia, de Camões. O *Sonho de Scipião* de Cicero é modelado sobre o *Timeo* de Platão; a ficção da *Atlantida*, phantasiada n'este dialogo, penetrou nas obras dos geographos antigos, que os navegadores do seculo XV e XVI conheceram e com que tanto foram embaraçados nas suas descobertas; coincidindo com este meio erudito da Renascença o estado das tradições celticas, conservadas ainda no povo portuguez, (1) é que se comprehende o

(1) Na tragicomedia *Triumpho de Inverno*, Gil Vicente, em um romance com fôrma popular falla da descoberta do Oriente, como um dom da providencia:

verdadeiro sentido da ficção da *Ilha dos Amores* e o seu valor legitimo como elemento epico. (1)

Mostrando a superioridade dos *Lusiadas* sobre a *Araucana* da Ercilla, Frederico Schlegell escreve: «A India, este paiz tão rico, tinha cabido em partilha á sua nação; e era um assumpto muito mais feliz para o poeta. Sente-se na obra de Camões, que elle mesmo era guerreiro, mareante, aventureiro, e que aspirava a correr mundo. Camões quer ser verdadeiro, e começa o seu poema heroico de uma maneira opposta á de Ariosto começando o seu. Elle esperava triumphar da riqueza das ficções de Ariosto pelo ascendente da verdade, engrandecendo pela sua poesia acções ou emprezas muito acima de tudo o que Ariosto cantava de Rogeiro, personagem imaginario. O poema de Camões, sobretudo no começo, tem algumas relações com o de Virgilio, que no seculo XVI era considerado como a norma ge-

Lo al que te dio la llave
De lo mejor que ha creado ;
Todas las Islas inotas
A ti solo ha revelado (*Obras*, II, 479.

E na comedia de *Rubena*:

Vae logo ás *Ilhas perdidas*,
No mar das penas ourinbas,
Traze tres *fa.ças marinhas*. (*Ib.*, III, 101.)

(1) De Gubernatis, que tão lucidamente estudou a formação das epopêas indianas, segue esse mesmo principio: «Il poeta epico é impotente senza la antica leggenda popolare.— La *Commedia* di Dante nostro, non sarebbe mai stata immutabile, se le superstiziose tradizionii popolare del nostro medio evo non davano un solido e durevole fondamento alla sua immaginazione.» *Piccola Encyclopedia indiana*, p. 236.

ral para a epopêa de um genero elevado e serio, mas que embarçava muito o gênio pela sua influencia. Da mesma sorte que o navegador audacioso abandona logo o porto e se alarga pela vasta extensão do Oceano, tambem Camões não tarda a perder de vista o seu modello, n'este poema em que faz a circumnavegação do mundo com o Gama, através dos perigos e dos temporaes, até que chega ao seu fim e até que os alegres vencedores põem pé na terra desejada. Assim como deliciosos perfumes vêm recrear os sentidos dos nautas e allivial-os das fadigas no meio das ondas, annunciando-lhes a proximidade da India; assim tambem um inebriante vapôr se exala d'este poema escripto sob o céo meridional e que reflecte todos os seus calores. Ainda que o estylo é simples, e o plano e concepção do auctor são graves, comtudo o seu poema excede, pela viveza das côres e pela riqueza da imaginação o de Ariosto, a quem Camões poderia arrebatrar a palma do genio. Elle não se limita, com effeito, a cantar o Gama e a descoberta da India, a dominação e as emprezas dos Portuguezes n'este paiz; o poema encerra além d'isso, tudo quanto a historia antiga da sua nação apresenta de bello, de nobre, de grande, de cavalheiresco e de commovente, coordenado em um todo unico. Este poema comprehende toda a poesia da sua nação. De todos os poemas heroicos dos tempos antigos e modernos, não ha outro que seja tão nacional em tão elevado gráo. Nunca desde Homero, nenhum poeta foi honrado e amado pela sua nação tanto como Camões; de sorte que tudo quanto

*

esta nação decahida da sua gloria immediatamente depois d'elle, conservou de sentimentos patrioticos, se liga a este unico poeta, que póde com justo titulo substituir muitos outros e mesmo uma litteratura inteira.» (1) Tal é a ideia de Schlegel, que seguimos n'este novo ponto de vista critico dos *Lusiadas*.

c) Elemento historico: «Poesia da navegação»

A epopêa de Camões, tanto pela época em que foi escripta como pelo espirito litterario que a inspira, não offerece á critica a mínima difficuldade de interpretação emquanto ao sentido intimo, ás allusões politicas, ás intrigas pessoas contemporaneas. Camões tirou o interesse do seu poema dos factos historicos mais imponentes, mais conhecidos; a sua epopêa é clara como o facto da descoberta do Orientè. A divisa a *Fé* e o *Imperio*, com que o poeta engrandece os seus heroes, era justamente o ideal politico da nacionalidade portugueza no seculo XVI; a ideia do *Imperio* representa esse sonho de grandeza politica, que seduziu quasi todos os povos, e que é mais conhecido pelo nome de *Monarchia universal*, ôca utopia que custou rios de sangue para realisar a vã tentativa da unidade politica cimentada pela unidade religiosa; a *Fé* representa o catholicismo imposto pelo dogmatismo intolerante, tal como se desmascarou no concilio de Trento. Estas duas mós que tri-

(1) F. Schlegel, *Hist. de la Litterature ancienne et moderne*, (trad. franc. de 1829) t. II, p. 113 a 115.

turaram a nação portugueza e lhe extinguiram as condições de vitalidade, pouco poderiam inspirar a qualquer poeta que as tomasse á letra; a prova está, em que todos os esforços tentados antes de Camões para a concepção de uma epopêa nacional foram baldados. Camões deu á fôrma odiosa de *Imperio* a impersonalidade do *Peito Lusitano*, e ao canonismo terrível da *Fé* esse sentimento melancolico de um christianismo popular que os antigos Padres da egreja reconheceram como puro, e que era o que alentava a coragem moral dos navegadores. Nos *Lusiadas* a feição christã é um caracteristico nacional dos mais bem comprehendidos; antes de o estudarmos sob este aspecto, vejâmos primeiro a importancia do facto historico com relação a nós e depois com relação á civilisação europêa. Os versos de Camões:

Cessem do sabio Grego e do Troyano
As Navegações grandes que fizeram...

não foram produzidos por um orgulho individual; o chronista Castanheda formúla da mesma sorte o argumento fundamental para a formação de uma epopêa: «E a (descoberta) da India foi feita por mar... e com navegação de um anno e d'outo mezes e de seis ao menos: e não á vista de terra senão afastados trezentas e seiscentas leguas partindo do fim do Occidente e navegando até o do Oriente sem verem mais que agua e céo, rodeando toda a Sphera, cousa nunca commettida dos mortaes, nem imaginada para se fazer. Com immensos

trabalhos de fome, de sede, de doenças e de perigos de morte, com a furia e impeto dos ventos, e passados estes se vêem na India em outros de espantosas e crueis batalhas, com a mais feroz gente e mais sabedor na guerra e abastada de munições para ella, que outra nenhuma da Asia.» Castanheda traçou o argumento dos *Lusiadas* inconscientemente; emquanto ao facto material da difficuldade da descoberta, as intelligencias do seculo XVI só conheceram que um espirito mais vasto animava a civilisação moderna, e que as grandes navegações reclamavam um novo Homero. Mas a descoberta do Oriente teve um absoluto dominio sobre a vida intellectual e economica da Europa, e foi pela comprehensão d'esta verdade que a Europa adoptou os *Lusiadas* como uma das grandes epopêas da humanidade. Recolhâmos aqui as palavras desinteressadas de Quinet, no *Genio das Religiões*, aonde expõe esta comprehensão superior do poema.

Quinet, ao explicar a Renascença do genio oriental na Europa moderna, encontra o facto inicial nos *Lusiadas*: « Com effeito, os portuguezes, que, pela descoberta do Cabo da Bôa Esperança, deram a Asia á Europa, foram tambem os primeiros que coroaram pela imaginação a alliança que a industria acabava de renovar. Este povo apparece por um momento na historia, sómente para effectuar este prodigio. Acabada a obra, volveu ao silencio. Como não teve senão um momento de esplendor, tambem não teve mais do que um poeta, um livro. Esse poeta é Camões, que torna a abrir á imaginação

as portas do Oriente; este livro é os *Lusiadas*, que reúne com os perfumes de Portugal, o ouro, a mirra, o incenso do Levante, temperados muitas vezes com as lagrimas do Occidente. Pela primeira vez o genio poetico da Europa deixa a bacia do Mediterraneo; torna a entrar nos Oceanos da antiga Asia. Sem duvida, as recordações da Grecia e do mundo christão acompanham o poeta aventureiro no meio das ondas, que nenhum remo havia ainda ferido. Póde-se até dizer, que sob estes céos ardentes, se acha nas suas estancias uma agonia que se assemelha á nostalgia. As imagens, as saudades, as esperanças, os phantasmas divinizados, as serêas do Occidente, surgem do fundo das aguas. Balançam-se em volta do navio, e eis porque o poema de Camões é verdadeiramente o poema da alliança do Occidente e do Oriente. Ali encontraes conjunctamente as reminiscencias da Europa, e os tépidos olôres da Asia, n'este genio que é o accôrdo entre a Renascença grega e a renascença oriental. Ao mesmo tempo que ouvís ainda o murmuro das ribas europêas, o ecco do mundo grego, romano, christão, vós ouvís tambem repecutir-se na extremidade opposta o grande grito de: Terra! — que fez estremecer o seculo xv no momento da descoberta das Indias e das Americas; vós sentis em cada verso que o baixel da Humanidade aferra a praias desde longo tempo esperadas; vós respiraes as brisas novas que infunam a vela do pensamento humano, e os céos dos trópicos se reflectem na vaga mais pura do Tejo. Se os deoses da antiga civilisação, transportados sob um outro céo, pa-

recem retemperar-se, rejuvenescerem ali, d'outra parte, que fórmãs, que crêações inspiradas immediatamente por esta natureza renovada na solidão! O rio Ganges, desde longo tempo perdido, é personificado como na epopêa indiana do *Ramáyana*. O Titan grego, que quer fechar a passagem do baixel do Gama que leva o futuro, levanta-se mádido dos mares equinociaes, engrandecido com a differença que vae do mar das Indias ao mar das Cycladas. E até esta lingua portugueza, tão guerreira e tão languida, tão sonora e tão ingenua, tão rica em vogaes accentuadas, parece um interprete, um élo natural entre o genio do Occidente e o genio do Oriente. Mas o que constitue o nexu de tudo isto; será preciso dizel-o? É o coração do poeta; é esse coração magnanimo que abrange os dous mundos e os une no mesmo amplexo de poesia, em uma mesma humanidade, em um mesmo christianismo. Em tudo encontrareis uma alma tão profunda como o oceano, e como o oceano ella une as duas ribas oppostas.

«Não me posso resolver a deixar já Camões; e não deixarei apparecer a minha piedade por este grande homem? Tudo n'elle me agrada; primeiro, a sua vida, a sua poesia, o seu character, o seu coração immenso. Sómente me admiro que o seu nome não seja mais vezes citado agora; porque não conheço nenhum poeta, que melhor corresponda, que melhor se associe a uma grande parte das ideias e dos sentimentos vulgarisados n'este seculo, pois que esta epopêa sem batalhas, sem assédios, inteiramente pacifica, (cousa quasi inaudita)

só apresenta o eterno combate do homem e da natureza, isto é, a lucta com que os escriptores do nosso tempo nos tem entretido tantas vezes. Nos *Lusiadas* ha dialogos formidaveis entre o piloto e o oceano; de um lado, a humanidade triumphante sobre o seu baixel empavezado; do outro os cabos, os promontorios, as tempestades, os elementos vencidos pela industria. Não é isto o espirito do nosso tempo? A epopêa que melhor o representa não é a do Tasso; ella é muito romanesca. Nem tão pouco a de Ariosto; aonde haverá hoje a graça, a serenidade, o sorriso do ultimo dos tropeiros? Tambem não é a epopêa de Dante; a idade media está já tão longe de nós? Mas o poema que abre com o seculo XVI a éra dos tempos modernos é aquelle que sellando a alliança do Oriente com o Occidente, celebra a idade heroica da industria, poema não de peregrino, mas de viajante, sobretudo do mercador, verdadeira *Odyssea* no meio das feitorias, dos amostradores nascentes das grandes Indias e do berço do commercio moderno, como a *Odyssea* de Homero é uma viagem através dos berços das pequenas sociedades militares e artisticas da Grecia.» (1)

Estes sentimentos novos, em que o genio do Oriente se revelava ao mundo occidental (raças, mythos religiosos, linguas, tradições) haviam de crear uma poesia nova, como expressão de uma outra phase moral em que se ía entrár. Era a poesia da grande navegação, a unica ver-

(1) Quinet, *Genie des Religions*, liv. II, § II.

dadeiramente portugueza, porque é uma resultante da actividade nacional, apesar de ter sido ignorada pelos Quinhentistas. A poesia de um povo nem sempre é a que inspira as obras dos seus poetas; ainda n'isto imitámos Roma. Nos mais antigos poetas romanos, onde se esperava achar uma feição nacional, pelo menos o verso saturnino *accentuado* na sua ingenuidade rude, isso mesmo se oblitera ante a influencia da imitação grega. Dá-se o mesmo factó com os nossos escriptores; sómente em Camões se acha concentrado o espirito aventureiro e christão das expedições maritimas que tornou Portugal a nação moderna que mais cedo entrou na vida historica. Esta poesia dos mares tem uma epopêa cyclica interminavel — o Naufragio. Encontra-se espalhada pelas paginas da *Historia tragico-maritima*, na sua expressão pittoresca, impensada e crente; quasi que se surprehende ali o genio de uma nação no labor mysterioso da construcção da sua epopêa. O horror dos escolhos de que se foge, a tormenta que negreja no horisonte, o santelmo que vem pousar no tope do mastro a annunciar a bonança, as ondas urrando violentas a despedaçarem-se nos promontorios que desenhám fórmás incertas através da penumbra da cerração, o perfume da terra que se presente e mal se avista, o amor da patria e a fé viva fortalecendo na aventura, eis o colorido humano e nacional d'esta creação portugueza. Quando Camões escreve :

Vereis amor da Patria, não movido
De premio vil; mas *alto e quasi eterno*...

retratava esse sentimento peculiar do ausente, que produziu n'este povo o estado moral que lhe fez crear a palavra intraduzivel em todas as linguas—a *Saudade*. No seculo xv, quando começam as tentativas das explorações maritimas nas côstas da Africa, e se vivia embalado na esperança da descoberta das Ilhas encantadas, el-rei Dom Duarte analysava philosophicamente este estado psychologico em que o povo portuguez entrava: «E porém me parece este nome de *Suydade* tam proprio que o latim, nem outra linguagem que eu saiba, nom he para sentido semelhante. De se haver algumas com prazer, e outras com nojo ou tristeza, esto se fez, segundo me parece, por quanto *suydade* propriamente he sentido que o coração filha por se achar partido da presença de alguma pessoa ou pessoas que muyto per afeição ama, ou o espera cedo de veer; e esso medes dos tempos e lugares em que per delataçon muyto folgou; digo afeição e deleitação, porque som sentimentos que ao coração pertencem, d'onde verdadeiramente nace *suydade*, mais que da rasom nem do siso. E quando nos vem alguma nembrança d'algum tempo em que muyto folgamos, nom geeral mas que traga rijo sentido, e por conhecermos o estado em que somos seer tanto melhor, nom desejamos tornar a el por leixar o que possuímos; tal lembramento nos traz prazer, e a mingua do desejo por juizo determinado da razom nos tira tanto aquelle sentido que faz *suydade* que mais sentimos a folgança por nos nembrar o que passamos, que a pena da mingua do tempo ou pessoa: e questa *suy-*

dade he sentida com prazer mais que com nojo nem tristeza.» (1)

Na Elegia I, que escreveu Camões na sua viagem para a India, tambem exclama:

Porque, chegado ao Cabo da Esperança,
Começo da *saudade* se renova,
Lembrando a longa e áspera mudança.

E na Elegia II:

Mas n'alma minha triste e *saudosa*
A *saudade* escreve, e eu traslado...

Espalhando a continua *saudade*
Ao longo de uma praia *saudosa*...

Dom Francisco Manoel de Mello, que sentiu admiravelmente a poesia dos naufragios, explica a relação entre este sentimento da *saudade* e ás expedições maritimas do seculo XVI: «Parece entre os portuguezes a *saudade* por duas causas, mais certas em nós, que em outras gentes do mundo; porque de ambas d'essas causas tem seu principio. Amor e ausencia são os paes da *saudade*; (2) e como nosso natural é entre as mais nações conhecido por amoroso, (3) e *nossas dilatadas via-*

(1) *Leal Conselheiro*, cap. xxv, p. 151. Ed. Paris.

(2) Na poesia popular portugueza repete-se este mesmo pensamento:

A paixão tem uma filha
Que se chama *saudade*,
Eu sustento mãe e filha
Bem contra minha vontade.

(*Canc. popul.*, p. 122.)

(3) Vid. supra, p. 6.

gens occasionam as maiores ausencias, d'ahi vem que d'onde se acha muito amor e ausencia larga as saudades sejam mais certas, e esta foi sem falta a razão por que entre nós habitassem como no seu natural centro... He a saudade uma mimosa paixão d'alma, e por isso tão sutil, que equivocadamente se experimenta, deixando-nos indistincta a dor da satisfação. He um mal de que se gosta, e hum bem que se padece, quando fenece troca-se a outro maior contentamento, mas não que formalmente se extinga: porque se sem melhoria acaba a saudade, he certo que o amor e o desejo se acabaram primeiro. Não he assi com a pena: porque quanto he maior a pena, he maior a saudade, e nunca se passa ao maior mal, antes rompe pelos males; conforme succede aos rios impetuosos, conservarem o sabor das aguas muito espaço depois de misturar-se com as ondas do mar mais opulento. Pelo que, diremos que ella he um suave fumo do fogo do amor, e que do proprio modo que a lenha odorífera lança hum vapor leve, alvo e cheiroso, assi a saudade modesta e regulada dá indicios de um amor fino, casto e puro. Não necessita de larga ausencia: qualquer desvio lhe basta para que se conheça.» (1) Em Duarte Nunes de Leão vamos egualmente encontrar as mesmas especulações psychologicas sobre a saudade, que se tornou o sentimento caracteristico do povo portuguez; é esta a poesia que os poetas quinhentistas não sentiram, porque viviam da imitação latina e

(1) *Epanaphora da Hist. portugueza*, p. 286.

italiana. Castanheda ou João de Barros têm mais poesia na realidade das suas chronicas do que todas as odes *ad sodales* que o seculo XVI nos deixou; Camões comprehendeu isto estudando-os.

Quando os historiadores da Europa procuravam imitar em suas narrações as efflorescencias rhetoricas de Tito Livio, fazendo da historia uma declamação formal, calculada e fria, sem outro movimento a não ser o de exercitos automaticamente em batalhas, e da vida moral apenas as ephemérides da côrte, nós tivemos um historiador que abandonou estes moldes, narrando os factos pela impressão recente: sente a agitação de um povo inteiro, acompanha os aventureiros por mares desconhecidos á busca de novas regiões, chora tambem as lagrimas da despedida, saúda as maravilhas do mar que se produzem no horisonte como um presagio de felicidade, arrosta o horror das tormentas e dos cabos, alegra-se á vista da terra desejada, — é João de Barros. As suas *Decadas*, que só no titulo justificam a errada antonomasia que se lhe dá de *Tito Livio portuguez*, revelam mais profundamente o genio maritimo d'este povo, de que todos os poemas, segundo o juizo de Quinet. João de Barros descreve a scena da partida de Vasco da Gama, não como o chronista official, mas como a alma popular que se agita com os grandes sentimentos da sua época. Os aventureiros que se atiram aos mares, desconhecendo as terras em que hão de aferrar, como a eleição dos mezes em que esperem as monções propicias em que devam partir, saem em procissão invocando

o céo, preparando-se com os sacramentos para a viagem d'onde nunca talvez mais voltarão. O povo segue-os atraz, respondendo com voz confusa e crente á ladainha, até aos bateis. Chegados á borda do mar, o silencio foi a linguagem suprema do sentimento de um povo que chorava de joelhos, possuido da aspiração do infinito que o tornava grande e eterno na historia. Ajoelhavam-se á borda da agua, como diante de um baptisterio immenso em que a humanidade adquiria uma nova consciencia das suas forças, e em que se lhe ia revelar o berço das suas origens. Estes factos continuos da vida, a agitação da incerteza, imprimiram um character melancholico no povo portuguez; os aventureiros maritimos têm essa melancholia tradicional dos fervorosos que desciam ao *Purgatorio de Sam Patricio*, incertos, receiosos se tornariam a voltar á vida salvos, se ficariam mortos de terror e pelos peccados nas sombras da caverna tremenda. Os nossos descobridores são assim; partem, embrenham-se no pelago insondavel, não para se certificarem da santidade da sua alma, mas para annunciarrem á humanidade que a civilização é a obra exclusiva da consciencia da sua solidariedade. Os nossos poetas não presentiram esta ordem de emoções cuja melancholia celtica lembra o *Purgatorio de Sam Patricio*; nos chronistas, aonde menos se devera esperar, é que nos apparece em toda a ingenuidade da verdade extrema. Como João de Barros descreve a partida! Vêmol-a, seguimol-a: «No qual acto foi tanta a lagrima de todos, que n'este dia tomou aquella praia pósse de muitas que

n'ella se derramaram na partida das Armadas, que cada anno vão a estas partes que Vasco da Gama ia descobrir; donde com razão lhe podemos chamar *praia de lagrimas* para os que vão, e terra de prazer aos que vêm. E quando veiu ao desfraldar das vellas, que os mareantes, segundo seu uso, deram aquelle alegre principio de caminho, dizendo: *Boa viagem!* todos os que estavam promptos na vista d'elles, com uma piedosa humanidade dobraram estas lagrimas: e começaram de os encomendar a Deos, e lançar juizos segundo o que cada um sentia d'aquella partida. Os navegantes, dado que com o fervor da alma e alvoroço d'aquella empreza embarcaram contentes, tambem passado o termo do desferrar das vellas, vendo ficar em terra seus parentes e amigos, e lembrando-lhe que sua viagem estava pósta em esperança, e nem em tempo certo nem logar sabido; assim os acompanharam em lagrimas e pensamentos d'aquella incerta viagem: tanto estiveram promptos n'isso, té que os navios se alongaram do porto.» (1) Os nossos historiadores venceram a corrente erudita, ficaram coloristas; o contacto do natural dá-lhes phantasia e paixão, quebra-lhes a aridez da chronica; quando menos pensam fazem um poema. Nem de outro modo se póde explicar a acção de Castanheda e de João de Barros sobre Camões.

Nas expedições maritimas o aventureiro vae dando aos logares os nomes que tira dos sentimentos que o

(1) *Decada* I, liv. 4, fl. 63. Ed. 1628.

alentam; a paragem tormentosa affigura-se-lhe na imaginação com todos os horrores tradicionaes da geographia maravilhosa da idade media, elle vence o temor chamando-lhe o cabo da *Boa Esperança*. A *Terra da boa gente*, o rio dos *Bons signaes*, traduzem aquelles momentos indiziveis de satisfação em que se mostrava possível a realidade da empresa audaciosa. O incitamento que levava aos perigos e incertezas do mar os descobridores era o *serviço de Deos*, como o confessa Vasco da Gama a el-rei Dom Manoel, e Christovam Colombo, que procura um novo dominio para onde sonhava que se devia estender o christianismo. Ha uma relação mystica entre o christianismo e o mar; Martene traz essa antiquissima fórmula baptismal do Missal gothico-gallicano, em que o sacerdote convida o povo a vir áquella praia: « *Stantes, fratres carissimi, super ripam vitrei fontis, novos homines addhuc eis de terra litori, mercaturos sua commercia. Singuli navigantes pulsent mare novum, non virga sed cruce: non tactu sed sensu: non baculo sed sacramento. Locus, quidem, parvus, sed gratia plenus. Bene gubernatus est Spiritus Sanctus. Oremus ergo...* » (1) N'esta fórmula baptismal, Michelet, o vidente do passado, presentiu o genio das expedições maritimas conservado no christianismo, como vemos na *Odyssea celtica* das viagens de San Brendan. (2) O baptismo era designado pelos epithetos de *nativitas secunda, unda genialis*; e Santo Agos-

(1) Martene, *De antiquis ritibus Ecclæsia*, t. I, p. 175.

(2) *Origines du Droit*, p. 10.

tinho affirma: «*Per mare transitus baptismus est.*» (1) Na vida do papa portuguez Sam Damaso ha o mesmo pensamento: «*fratres quoque nostri, in typi baptismi per medium mare transierunt.*» (2) Como não havia a egreja sanctificar os mares, quando era feita como um navio, voltada para o Oriente? «*Ecclesia sit ad instar navis, e ad Orientem conversa.*» A segunda Constituição Apostolica desenvolve a imagem poetica: «Bispo, quando reunires a assembleia dos servos de Deos, vigia, como *patrão d'este grande navio*, para que a decencia e a ordem aí sejam conservadas. Os diaconos, como outros tantos *remadores*, designarão os logares aos *passageiros* que são os fieis... Primeiro que tudo, o edificio será longo, á *maneira de navio e voltado para o Oriente*... No meio se assentará o Bispo, tendo de ambas as partes as cadeiras dos seus padres. Os diaconos em pé, vestidos de modo que possam ir aonde fôr preciso, farão as vezes de *marinheiros que manobram o navio*. Terão o cuidado de que, no resto da assembleia, os leigos observem a ordem prescripta, e que as mulheres separadas dos outros fieis guardem silencio...» (II, 57.) Em Gil Vicente achamos este mesmo sentimento religioso maritimo, que era tradicional na Egreja :

Remando vão remadores,
Barca de grande alegria;
O patrão que a guiava,
Filho de Deos se dizia.

(1) Serm. 213, c. 8.

(2) Biblioth. PP. MM., t. xxvii, 63.

Anjos eram os remeiros
 Que remayam á porfia.
 Estandarte de *Esperança*,
 Oh que bem que parecia!
 O mastro de *Fortaleza*
 Como cristal reluzia;
 A vela com *Fé* cozida
 Todo o mundo esclarecia;
 A ribeira mui serena
 Que nenhum vento bolia.

(1, 246.)

Na poesia popular portugueza ainda se conserva este espirito religioso puro e extranho ao canonismo que esterilidou a Igreja; eis um fragmento de um canto do Minho:

Vinde vêr a barca nova
 Que se vae deitar ao mar,
 Nossa Senhora vae dentro,
 Os anjinhos a remar.
 Sam José vae por piloto,
 Nosso Senhor por general;
 Arreiraram-se as bandeiras,
 Viva o rei de Portugal.

(*Canc. Popul.*, p. 171.)

E em um romance sacro da tradição oral da Ilha de Sam Jorge sobre os *Reis Magos*, é admiravel o sentimento religioso maritimo:

Uma fragata divina
 Nove mezes navegou,
 Achou o mar em bonança,
 Em Belem desembarcou.
 Ella parece que é pobre,
 Traz fazendas excellentes,

Para ir vender á India
 A partes do Oriente.
 Marinheiros que vão n'ella
 Levam um tão doce cantar,
 As aves dos altos céos
 Nos mastros lhe vem poisar !
 Os peixinhos do mar fundo
 A borda vem escutar, etc.

(*Cantos do Archipelago Açoriano*, n.º 63.)

No rarissimo poema de Frei Paulo da Cruz, (o Fradinho da Rainha) sobre a *Trasladação de Sam Vicente*, tambem se encontra uma descripção allegorica da náó mystica:

He seu convés a *Confissão* de fóra,
 Sua bomba o desprezo da abundancia;
 As camaras, a *Fé* que dentro móra,
 O léme a *Lei*, a gávea a vigilancia;
 A *Oração* a agulha guiadora,
 O mastro a *Cruz*, a ancora a constancia
 A poja e vela, temor e desejo;
 A *Graça* é o vento largo e não sobejo.

Os *Milagres* a forte artilheria,
 Os *Doutores* os déstros marinheiros,
 Os *Martyres* soldados de valia,
 E todos os *Christãos* os passageiros...

(Fl. 124, v.)

O symbolo do navio, segundo Maury, é de origem christã; (1) nos poetas da Egreja, as imagens são de preferencia tiradas da poesia do mar; a Cruz, em Sam Paulino de Nola, é comparada a uma *ancora*; os illumi-

(1) *Essai sur les Legendes pieuses au moyen-age*, p. 102.

nadores representavam a egreja na fôrma de um *navio*, o *mastro* a cruz, e os diabos figuravam os *ventos*. Quando a hymnologia da Egreja do Occidente tocava a sua expressão mais brilhante, do seculo XII a XIV, começou a ouvir-se aquella antiphona sublime, e anonyma como todas as grandes creações, a que os italianos chamam o Cantico dos marinheiros, a *Salve Regina*, onde o ideal de Maria ainda conserva essa elevação que o mysticismo lhe tirou—o sentimento da maternidade; a Virgem tornou-se a estrella do mar; cansado do fragor das procellas e dos parceis occultos, o nauta a invoca: *Ave, maris stella!*

Tal era a crença portugueza na época das expedições da India; Camões condemna o catholicismo que machinava a ruina da nacionalidade, e repassa o seu poema d'esta unção popular medieval, de um christianismo que ía desaparecer pela intolerancia canonica. Este sentimento maritimo e religioso está representado na Architectura portugueza; é por isso que os Jeronymos se completam pelos *Lusiadas*. No mosteiro de Belem, como diz Quinet, está condensado o genio do povo portuguez: «A architectura é gothica, mas a centêlha do genio está em ter-lhe associado todos os caracteres da vida do mar: cordões de pedra, que ligam uns com os outros os pilares gothicos, altos mastros de mezena que sustentam as ogivas, os florões e as naves, emquanto a vela da humanidade se infuna no seculo XVI com a viração do céu. É a casa de Deos, da edade media, mas aparelhada como um navio a largar. Se se entra no in-

terior do claustro, já as fructas e as plantas dos continentes novamente descobertos, os côcos, os ananazes, as pampelinussas estão colhidas e dependuradas pelos baixos relevos. O espirito da aventura, do perigo, da sciencia, do descobrimento, respira-se n'estas paredes, mais do que em uma Chronica. É a impressão d'esse momento indizível de enthusiasmo em que Christovam Colombo, Vasco da Gama, Magalhães, Dom João de Castro, entoavam de joelhos o *Gloria in excelsis*, ao amainar o panno á vista de terras desconhecidas. Aqui as sereias gothicas nadam em mar de alabastro, acolá macacos trepadores do Ganges se bambôam no cabo da nave da egreja de Sam Pedro. Os periquitos do Brazil adejam em volta da Cruz do Golgotha. Sobre os brazões correm lagrimas. Ajuntae mappas-mundi de marmore, astrolabios e esquadros aos crucifixos, machados de abordagem, escadas, por toda a parte maçãme, nós de cordas enroladas que amarram as columnas, as pilastras, e sentireis na menor particularidade uma egreja maritima, a náó empavezada do Christo hespanhol e portuguez, que no meio dos desalentos do homem singra em paz, vento em pôpa, por mares nunca d'antes navegados.» (1)

É admiravel a harmonia que existe entre o facto historico que determinou a Portugal a sua acção no mundo moderno, e a crença religiosa e o sentimento artistico da sua architectura; a synthese d'estas diversas manifestações de um mesmo estado moral, é o que constitue a

(1) Quinet, *Oeuvres completes*, t. ix, p. 135.

verdade dos *Lusiadas*. Conta a tradição, que o descendente de Vasco da Gama ao saber que se ía publicar o poema que immortalisava o heroe, respondera: « *Nós temos os titulos, e não carecemos do Poema.* » De todos os titulos que alcançámos da nossa grandeza como potencia maritima, da nossa riqueza colonial, da independencia da nossa nacionalidade, tudo está extincto e só nos resta o poema. (1)

d) Elemento pessoal: « *Concepção e allusões* »

As epopêas eruditas não podem ser entendidas se se abstrair da individualidade que as concebeu; a relação entre o artista e a obra é um dos pontos mais essenciaes da critica, e o que distingue este genero de poemas das concepções anonymas em que a expressão de uma raça se não accentuou ainda em uma livre personalidade. Nas epopêas eruditas, o poeta *invoca*, seguindo a inconsciente tradição religiosa do canto mythico, mas introduz tambem a sua pessoa; Virgilio apresenta-se, antes de fallar do seu heroe: *Ille ego qui quondam...* e os epicos da Renascença não abstráem de si, começando pelo sacramental *Eu canto*. Este primeiro encontro da personalidade do poeta deve levar a procurar na feição individual o porquê da concepção; como o seu pro-

(1) Nos *Estudos da Edade media* publicámos os principaes trechos d'esta critica, mas sem a sua completa deducção; é por isso que aqui os reproduzimos para lhes restituir o verdadeiro sentido.

prio sentimento recebeu e comprehendeu o facto historico; como as relações particulares com a sua época deixaram vestigios nas dispersas allusões e na opinião tacita dos seus typos. Grande parte d'este processo para a comprehensão dos *Lusiadas* está contida na *Vida de Camões*; voltando a este problema, queremos pôr em evidencia certas partes da epopêa que seriam inexplicaveis se se ignorasse como ellas foram uma sequencia fatal do character do poeta. O motivo porque Camões não recolheu nos *Lusiadas* a lenda e o facto de ter Nicoláo Coelho abandonado traiçoeiramente a armada de Vasco da Gama, para chegar primeiro a Lisboa e receber as alviças da descoberta, só se póde explicar pela amizade com Jorge Coelho, poeta e humanista, filho d'aquelle descobridor, e secretario do Cardeal Dom Henrique. Era a amizade santa que lhe inspirava essa outava em que perpetuou o nome de Heitor da Silveira, tambem poeta e companheiro da desgraça. Dotado de uma organização destemida, e exaltada pela monomania historica da *Valentia*, nunca lhe faltou a validez moral e o desassombro das suas convicções, quando passou um traço sobre a estirpe do Gama; quando condemnou a barbaridade canibal de Affonso de Albuquerque mandando matar Ruy Dias; (1) ou chamando *iniquo* a el-rei Dom Manoel

(1) O Soneto que começa: *No mundo poucos annos e cançados*, que os biographos dizem tór sido feito á morte de Ruy Dias, traz no Ms. do seculo xvi, que completa a edição de 1595 (exemplar da Bibl. Nac.) a rubrica seguinte: « *A Pero Moniz, que morreu no mar do Monte Felix, em epitaphio.* » Para a eterna vingança de Ruy Dias basta a estrophe dos *Lusiadas*.

por ter sido injusto contra Duarte Pacheco; ou mostrando a apagada e vil tristeza da côrte de Dom Sebastião, aonde a classe sacerdotal conspirava contra a nacionalidade. Esta natureza altiva enche o seu poema, em que é também heroe, e aonde descreve o seu naufragio na costa de Camboja, as suas prisões, e o como salvou o manuscripto dos *Lusiadas*, em que trabalhava.

Camões tomou a sério este caracter de um affectado arrojo, tão peculiar do seculo XVI; tanto nos seus versos, como nas suas Cartas, como na sua biographia, Camões foi sempre um *Valentão*, que fazia alarde da sua coragem. Não se comprehende esta feição pittoresca, se o considerarmos fóra da corrente do seu tempo; elle nos revelará pelo seu lado sincero, este sentimento que veio a degenerar em uma monomania quixotesca. Ao cantar os seus amores, diz Camões, que os amores que não vêm acompanhados de ruidos, dissensões e mortes não são dignos d'este nome; na comedia de *El-rei Seleuco*, fallamos nos ranchos nocturnos que andavam atacando os côrros em que se representavam *Autos* do Natal, e que se batiam com os rufiões de magustos; elle esteve preso na cadeia do tronco de Lisboa, mais de um anno por ter dado um golpe no toutiço de Gonçalo Borges, moço dos arreios de D. João III; logo que chegou á India, as suas primeiras communicações foram com os mais conhecidos *valentões* de Gôa, que o nomearam árbitro das suas pendencias, como Manoel Serrão e Callisto de Siqueira; na sua primeira *Carta* para o reino, gaba-se Camões com inteiro fundamento de que nunca ninguem

lhe viu os calcanhares, que antes tem obrigado muitos a mostrarem os seus. Lamentando a morte do seu amigo Dom Tello, assassinado n'um duello, a sua primeira queixa é por não se ter achado ao seu lado.

Nas estancias omittidas do canto IV dos *Lusiadas*, Camões descrevia os transeos do combate com expressões emphaticas dos Valentões; a propria experiencia das batalhas em que entrou serviu-lhe de criterio para as regeitar do seu poema. Transcrevemos algumas estrophes, porque elle aí introduz os valentões de Sevilha, como os conhecia no seculo XVI:

Guevara roncador, que o rosto untava
Mãos e barba do sangue que corria,
Por dizer que dos muitos que matava
Saltava n'elle o sangue e o tingia:
Quando d'estes abusos se jactava
De través lhe dá Pedro, que o ouvia,
Tal golpe, com que ali lhe foi partida
Do corpo a vã cabeça e a torpe vida.

Pelo ár a cabeça lhe voôu
Inda cantando a historia de seus feitos;
Pedro, do negro sangue que esguichou
Foi todo salpicado, rosto e peitos;
Justa vingança do que em vida usou:
Logo com elle ao occaso vão direitos
Carrilho, João de Lorca, com Robledo;
Porque os outros fugindo vão com medo.

*Salazar, gram taful, e o mais antigo
Rufião que Sevilha então sustinha . . . , etc.*

N'estas outavas Camões esquecia-se de que estava descrevendo uma batalha campal do seculo xv, e pelos habitos da convivencia descrevia as luctas dos *Valentones* e rufiões que haviam dado feição á sociedade aristocratica do seculo xvi; indignas da epopêa, são comtudo admiraveis pelo espirito de verdade com que retratam a vida moral que produziu as creações poeticas do *Romançero de Guapos*.

Vicente Espinel, que descreve na novella picaresca de *Marcos de Obregon*, o modo como obedeceu a esta monomania de *Valente*, leva-nos aí inferir qual o motivo que levou Camões a abandonar Lisboa. Conta Espinel: «Estuve en Sevilla algun tiempo viviendo de noche y de dia inquieto con pendencias y enemistades... Determiné de apartarme de *este vicio poltron que en Sevilla me arrastaba*, y para esto tuvo modo de pasar á Italia en servicio del Duque de Medina Sidonia.» (1) Foi uma resolução assim desesperada que levou Camões a alistar-se para ir servir na India, para fugir aos laços que os acontecimentos lhe armavam em Lisboa. Era este o espirito do seculo xvi; as guerras de civilisação haviam acabado; luctavam os interesses egoistas das dynastias. O valor tornara-se tambem egoista no *Valentão*. Quando Camões descrevia a batalha de Aljubarrota, fugia-lhe a mente para as relações do *Carcere real de Sevilha*, d'onde saíam as mais pittorescas tradições das façanhas dos *Valentones*.

(1) *Op. cit.*, p. 201-2. Ed. 1867.

O facto de haver Camões saído de Lisboa e recebido a impressão immediata da natureza oriental, foi uma das principaes condições do desenvolvimento da sua concepção poetica. Permanecendo em Lisboa sob o regimen da erudição de Ferreira, ou perturbado pelos pequenos odios de um Caminha, esterilizava-se, e viria a acobertar a falta do sentimento com a emphase hespanhola escrevendo em castelhano, como aconteceu a Dom Manoel de Portugal. Antes de ser determinada pelo naturalista Humboldt a influencia dos novos climas sobre o genio de Camões, já os nossos primeiros chronistas o reconheciam por experiencia. Castanheda, escrevendo a *Historia do Descobrimento*, confessa: «pera o que me ajudou muito ir á India, onde fui com Nuno da Cunha em companhia do Licenciado Lopo Fernandes de Castanheda, meu pae, que por mandado de vossa Alteza foi o primeiro Ouvidor da Cidade de Goa. — E assi vi os logares em que se fizeram as cousas que avia d'escrever pera que fossem mais certas; porque muitos escriptores fizeram grandes erros no que escreveram por não saberem os logares de que escreviam.» E na dedicatória á rainha D. Catherina, referindo-se á verdade da sua historia: «Mas que a fui saber á India, passando na viagem bravas e terriveis tormentas, com que me vi perto da morte e sem esperanza da vida, com trabalhos de grande fome e de muito maior sêde. E lá com mil perigos, em mui espantosas pelepas de bombardadas e espingardadas sem conto. E antre ellas soube eu a verdade do que avia de escrever de muitas cousas de vista

e outras d'ouvido.» — «Porque muito sobrenatural hade ser o engenho que hade saber escrever do que nunca viu. O que se não póde dizer, porque vi tormentas, vi batalhas no mar e pelejas na terra, e espadajar navios e bater muros e vencer a inimigos, e falo como experimentado.»

Depois d'isto cabem aqui as profundas palavras de Humboldt, por onde se mostra que a feição original e propria que distingue Camões de todos os poetas da Europa, lhe adveiu de um facto psychologico, a impressão natural; (1) traduzimos do *Cosmos*: «Este character de verdade, que nasce de uma observação immediata e pessoal, brilha no mais alto gráo na Epopêa nacional dos portuguezes. Sente-se fluctuar como um perfume das flores da India através d'este poema escripto sob o céu dos tropicos, na gruta de Macáo e nas ilhas Molucas. Sem me demorar a discutir uma opinião arrojada de Fr. Schlegel, segundo a qual os *Lusiadas* de Camões excedem em muito o poema de Ariosto pelo brilho e riqueza de imaginação, eu posso affirmar pelo menos, como observador da natureza, que nas partes descripti-

(1) Na Ecloga III, onde Camões narra a sua viagem para a India, vem notadas as primeiras impressões que serviram para a concepção do Adamastor. *Hist. de Camões*, I, 213.— Na Ecloga VII dos *Faunos*, está a primeira ideia do episodio da *Ilha dos Amores*, originada das suas primeiras impressões pessoaes na côrte de D. João III. Das impressões pessoaes tiradas da estação prolongada junto do Monte Felix, tirou a descripção do escrobuto a bordo das Náos do Gama. (*Lus.*, c. v, est. 81 a 83.)

vas dos *Lusiadas*, nunca o enthusiasmo do poeta, o encanto dos seus versos e os doces accentos da sua melancolia alteraram um ponto a verdade dos phenomenos. A arte, tornando as impressões mais vivas, deu realce á grandeza e á fidelidade das imagens, como acontece todas as vezes que ella se inspira de uma fonte pura. Camões é inimitavel quando pinta a relação perpetua que se opéra entre a atmospheria e o mar, as harmonias que reinam entre a fórma das nuvens, suas transformações successivas, e os diversos estados pelos quaes passa a superficie do oceano. Primeiramente, mostra esta superficie encrespada por um leve sôpro de vento; as vagas apenas alevantadas coruscam com o raio de luz que se reflecte n'ellas; depois, os baixéis de Coelho e de Paulo da Gama, assaltados por uma medonha tempestade, luctam contra todos os elementos desencadeados. Camões, é, no sentido proprio da palavra, um grande pintor maritimo. Camões havia combatido junto do Monte Atlas, no Imperio de Marrocos; combatera no Mar Roxo e no golfo Persico; duas vezes dobrara o Cabo, e durante dezeseis annos, penetrado de um profundo sentimento da natureza, havia prestado attenção, sobre as ribas da India e da China, a todos os phenomenos do Oceano. Descreve o fogo electrico de Santelmo, que os antigos personificavam sob os nomes de Castor e Pollux; chama-lhe «*a luz viva, que a maritima gente tem por santa*», pinta a formação successiva das trombas ameaçadoras e mostra, como: «no ár um vaporsinho e subtil fumo, ia-se pouco a pouco accrescen-

« tando, d'aqui levando um cano ao polo summo, chupan-
« do mais e mais se'engrossa e cria; mas depois que de
« todo se fartou, o pé que tem no mar a si recolhe e pelo
« céo chovendo em fim voôu. » Quanto á explicação d'es-
tes mysterios maravilhosos da natureza, isso pertence,
diz o poeta, cujas palavras parecem ser ainda a critica
do tempo presente, aos sabios de profissão, que enfatua-
dos do seu espirito e da sua sciencia, manifestam des-
dem pelas narrativas recolhidas da bocca dos navegado-
res sem outra guia senão a experiencia. Camões não se
mostra simplesmente um grande pintor na descripção
dos phenomenos isolados; realça tambem em compre-
hender o conjuncto de um só relance. O terceiro canto
dos *Lusiadas* reproduz em alguns traços a configura-
ção da Europa, desde os mais frios paizes do Norte até
ao reino da Luzitania e até ao Estreito onde Hercules
terminou o seu ultimo trabalho. Em tudo deixa allusões
aos costumes e á civilisação dos povos que habitam esta
parte do mundo tão ricamente articulada. Da Prussia,
da Moscovia e dos paizes « *que o Rheno frio lava* » passa
rapidamente ás planicies deliciosas da Grecia « *que creas-
tes os peitos eloquentes e os juizos da alta phantasia* ». No
decimo canto o horisonte alarga-se mais; Thetys conduz
Gama a uma alta montanha para lhe desvendar os se-
gredos da estructura (machina) do mundo, e o curso
dos planetas segundo o systema de Ptolomeu. É uma
visão cantada no estylo de Dante; e como a terra é o
centro de tudo o que se move com ella, o poeta tira d'aí
ocasião para expôr o que se sabia dos paizes recente-

mente explorados e das suas diversas produções. Não se limita, como no terceiro canto, a representar a Europa; relancêa todas as partes da terra, mesmo o Brazil e as descobertas de Magalhães «no feito, com verdade, portuguez; porém não na lealdade.» (1)

Que accrescentar depois das eloquentes palavras com que Humboldt restitue aos *Lusiadas* a verdade do sentimento da natureza que os inspirou? depois de Schlegel provar a sua superioridade sobre as grandes epopêas da Europa, a *Araucana*, o *Orlando*, ou a *Jerusalem libertada*? depois de Quinet ter filiado nos *Lusiadas* esse facto que restituiu ao homem a consciencia das suas origens, o facto da Renascença oriental em que se está exercendo a elaboração scientifica do seculo XIX? Poucas palavras poderemos accrescentar, e essas mesmas particularisadas pelo sentimento e pela historia nacional. Antes da Europa ter conhecido o pensamento intimo dos *Lusiadas*, já a obra prima de Camões havia alcançado na consciencia portugueza esse dom moral que Valmiki attribue á epopêa oriental do *Ramáyana*: «Feliz quem lê todo este livro!... Elle dá a sabedoria ao brahma, a valentia ao chatrya, e a riqueza ao mercador. *Se por acaso um escravo o ouve, fica enobrecido.*» A nacionalidade portugueza estava irremediavelmente extincta desde 1580; mas esse livro dos *Lusiadas*, no qual alguma cousa da santidade natural do *Ramáyana* o dis-

(1) Humboldt, *Cosmos*, p. 64 a 67, do t. II. Trad. franceza de Galuski. 1855.

tingue de todos os livros da Europa, foi o que deu aos políticos a consciencia da nossa autonomia, aos guerreiros a bravura para reagirem contra a absorpção de Castella, e aos que eram escravos a dignidade de quere-rem ser um povo livre.

CAPITULO III

A Parodia do Canto I dos «Lusiadas»

O que significa a fórma litteraria da parodia.— Os Goliardos do seculo XIII, parodiam bacchicamente os hymnos da egreja.— A tradição dos Goliardos em Portugal; como revive nos divertimentos escolares dos Jesuitas.— Condições moraes em que os tres estudantes de Evora parodiam os *Lusiadas*.— Noticia contemporanea de Francisco Soares Toscano.— Biographias de Luiz Mendes, Manoel Luiz Freire, Bartholomeu Varella e Manoel do Valle.— Importancia das *Festas bacchanaes* para a restituição do texto camoniano.— Outras tentativas de parodia dos *Lusiadas* no seculo XVII.— Relação entre a intelligencia do texto de Camões e o sentimento nacional.

Em 1589 estava extincta a nacionalidade portugueza, e a garra de Philippe II cevava-se dos seus desastres da Invencivel Armada sobre as forças vivas de Portugal; os Jesuitas eram absolutos senhores da educação nacional nas Universidades de Coimbra e Evora, e deturpavam a seu belprazer o poema dos *Lusiadas*; todos os poetas quinhentistas escreviam poemas gratulatorios ao invasor, ou íam a Madrid implorar prebendas. Havia uma profunda degradação do espirito nacional, um esquecimento completo de que este paiz teve condições organicas de autonomia. Este estado moral acha-se claramente reflectido na travessura de alguns estudantes da Universidade de Evora, que em 1589 tiveram o desfastio de parodiarem o primeiro canto dos *Lusiadas* em louvor dos mais celebres borrachos que

existiam em Evora. As manifestações litterarias obedecem a uma lei ethnica, cuja verdade e importancia se deduz não só da relação do estado social para a obra, mas da comparação dos factos analogos de outras litteraturas. Quando se escreveu a parodia da *Iliada*, na qual os heroes cantados pela nacionalidade grega eram invertidos em rãs e ratos na *Batrachomyomachia*, já os declamadores alexandrinos, sobre um sólo que não era livre, abafavam as tradições vitaes da Grecia sob o pezo das explanações rhetoricas. Era n'este estado moral que o philosopho e historiador Diogenes Laercio reproduzia alguns versos da parodia de um discurso de Ulysses, attribuindo-a a Crates. As antigas *prosas* populares da egreja, os ritos poeticos em que o povo tomava parte na liturgia foram parodiados por aquelles mesmos que, sem terem a crença que eleva e sanctifica, estabeleceram na egreja o systema da intolerancia. Um hymno latino do seculo XIII em louvor da Virgem, que começa:

Verbum bonum et suave,
 Personemus illud Ave,
 Per quod Christi fit conclave
 Virgo, mater, filia...

foi n'esse mesmo seculo parodiado no sentido bacchico:

Vinum bonum et suave,
 Bonis bene, pravis prave,
 Cunctis dulcis sapor, ave,
 Mundana laetitia... (1)

(1) *Histoire litteraire de la France*, t. xxii, p. 141.

Historiando este genero hybridado e sem ideal do seculo XIII, escreve um dos redactores da *Historia litteraria da França*: «Existem tambem d'esta época parodias no genero bacchico em prosa, de um atrevimento ainda mais insolente, e que parecem quasi um sacrilegio. Uma das mais bellas orações da christandade, o *Pater*; o symbolo da fé catholica, o *Credo*; o *Confiteor*, os Evangelhos e até a missa toda serviram de base a estas ignobeis parodias, que pareceriam de um outro seculo.» (1) A lei moral que fez produzir estas aberrações é a historia da egreja no seculo XIII: «As queixas sobre a avariza de Roma, a simonia dos prelados e até dos pontifices soberanos, accusados de venderem o patrimonio do crucificado, como então se dizia nos cantos dos trovadores e dos troveiros. . .» (2) O mesmo facto litterario se repete no seculo XVII em França, quando a nação era composta da nobreza, clero e *os outros*; quando a lei era o arbitrio real, a ordem economica da sociedade as *ton-tinas*, a crença religiosa a sensualidade *quietista*, e a via para chegar ás supremas honras a devassidão; é n'este chamado o seculo de Luiz XIV, que o genero burlesco attinge a maxima importancia e absorve o gosto publico. Escreve Pellisson: «Cada qual se julgava capaz de usar o burlesco, desde as damas e senhores da côrte até ás criadas e escudeiros. Este furor do burlesco. . . foi tão longe, que os livreiros nada imprimiam que não tivesse

(1) *Ibid.*, p. 142.

(2) *Ibid.*, p. 146.

este nome, que por ignorancia ou para dar mais saída á mercadoria, impunham ás cousas as mais sérias... D'aqui resultou que em 1649 se imprimiu uma obra séria com o titulo: *Paixão de nosso senhor Jesus Christo em versos burlescos.* » Era o seculo em que a Maintenon convertia á devoção Luiz XIV, e o seu marido Scarron transvertia a *Eneida*. (1)

Isto nos basta para conhecer o sentido litterario da parodia do primeiro canto dos *Lusiadas*; isto lhe assigna o seu valor moral na historia da sociedade portugueza do fim do seculo XVI. A parodia intitula-se: « *Festas bacchanaes: conversão do primeiro canto dos Lusiadas do grande Luiz de Camões, vertidos do humano em o de — vinho por uns caprichosos auctores: sc. o dr. Manoel do Valle, Bartholomeu Varella, Luiz Mendes de Vasconcellos, o Licenciado Manoel Luiz, no anno de 1589.* » O erudito chantre de Evora, Manoel Severim de Faria, que colligia tudo quanto interessava á gloria de Camões, conservava na sua opulenta livraria o original d'esta parodia na propria letra de Varella, que lhe contou as particularidades e pequenas circumstancias em que as *Festas bacchanaes* foram compostas; este original veio parar á livraria do Conde de Vimeiro, que era em grande parte formada com o fundo da de Severim. Francisco Soares Toscano, o auctor do *Parallelo de Principes e Varões illustres*, extraiu em 1619

(1) *Histoire de l'Academie*; d'après L. Lalane, *Curiosités litteraires*, p. 75.

uma cópia d'este poema, de que abundam as versões, á qual acrescentou uma curiosa noticia dos quatro factos auctores. Transcrevemol-a na sua integra, accrescentando depois alguns factos:

« Esta obra da conversão do primeiro canto do poema de Luiz de Camões, se fez no anno de 1589, para a qual concorreram quatro pessoas, a saber: o *Dr. Manoel do Valle*, deputado da Santa Inquisição e que compoz o livro dos Ensalmos em latim, que agora imprimiu; outro foi *Bartholomeu Varella*, natural de Vianna junto a Evora, o qual já falleceu, que era irmão de Diogo Pereira, que foi este anno ás côrtes que el-rei D. Filippe II fez em Lisboa, por procurador d'esta cidade de Evora. Foi Bartholomeu Varella clerigo e grandissimo poeta. O terceiro foi *Luiz Mendes de Vasconcellos*, criado do Arcebispo Dom Theotonio, o qual postoque não era poeta, se achou ao fazer da obra; e só fez um verso, que é o ultimo da outava 17; porque estando elles suspensos no cuidado de completarem a dita outava, e parados no verso que diz:

Por que este é o que aqueenta a velha idade

e accudiu o dito Luiz Mendes, concluindo:

Desterrando a agua-pé d'esta cidade.

« O quarto e principal auctor foi o licenciado *Manoel Luiz*, bacharel; e este anno de 1619 vive com o

Priorado de Terena. Este foi o promovedor d'esta obra, e a fez quasi toda ou a melhor d'ella.

«Quando a fizeram, eram então todos theologos; e ás tardes, acabado o estudo, saíam pela porta de Machede, e assentados em um ferrageal, íam traduzindo para a bebedice as taes outavas de Camões, fingindo uma embarcação de Lisboa para Evora, como Camões a de Portugal para a India Oriental; e compozeram a tal obra dentro em dois mezes, no cabo dos quaes saíram com ella: sendo que já os estudantes suspeitavam de alguma applicação (postoque não soubessem de certo o que era) pelos verem ír todas as tardes para fóra dos muros e communicarem seus papeis, sem darem conta d'isso a ninguem.

«Finalmente, saída a obra, foi muito festejada e estimada de todos; e lendo-a o Padre Ferrer, castelhano, (varão doutissimo da Companhia, do qual o dr. Manoel do Valle traz uma carta no seu livro) e fallando-se n'ella costumava dizer: — Que era a melhor obra que nunca saíra nem elle vira, se não fosse tão suja.

«Depois como se divulgou, cada um a quiz emendar como entendia, d'onde vem andarem hoje as cópias com tanta diversidade de leituras. Porém, eu, esta que aqui vae, a trasladei do proprio original e letra de Bartholomeu Varella, que está em poder do Chantre da Sé d'esta cidade, Manoel Severim de Faria, que a houve do dito Varella, e lhe fiz algumas notas para intelligencia da obra.

«O Soneto que vae no fim, fel-o o mesmo Manoel

Luiz; e o Epigramma latino é feito por um christão novo, natural d'esta cidade, chamado Pedro Vaz, o qual era boa rez e mui galante, ainda que o dr. Manoel do Valle me disse, que o não fizera elle, e que era um bebado perdido.

« Isto me parece basta para se saber o como esta obra se fez. E eu, *Francisco Soares Toscano*, a fiz aos 10 de Janeiro de 1619. » (1)

Qual o motivo que levaria os engraçados estudantes de Evora a converterem os heroes nacionaes dos *Lusíadas* em *borrachões assignalados*? É certo que o grande epico foi o primeiro a satyrisar em 1555 a beberroia que dominava em Goa, por occasião de ser nomeado governador Francisco Barreto. « *Finge, que em Goa, nas festas que se fizeram á successão de um Governador, sahiram a jogar as cannas certos homens, a que não sabia mal o vinho. . .* » E termina a furibuuda *Satyra do Torneio*: « Muitos outros homens illustres quizeram ser admittidos n'estas festas e cannas, e que se fizera memoria d'elles, conforme suas calidades; mas infinita escriptura fôra, *segundo todos os homens da India são assignalados*; e por isso bastam para servir de amostra do que ha nos mais. » Esta *Satyra* só foi publicada em 1616, e por isso não crêmos que houvesse influido no espirito *bacchico* da parodia. Os quatro estudantes de Evora obedeciam á tradição das escholas da idade media, e metrificaram as *Festas bacchanaes* com o mesmo espirito dos *Goliar-*

(1) Vid. *Miscellanea historica e litteraria*, n.º 1, p. xi a xiii.

dos do seculo XIII, esses clerigos vagabundos e histriões, dos quaes se encontra ainda um exemplar em Evora no seculo XVI, o celebre dizidor Antonio Ribeiro Chiado. Os *Goliardos* apparecem citados nas *Ordenações affonsinas*, como clerigos que tem « em costume almoçar, jantar, merendar ou beber na taverna »; (1) no *Cancioneiro* de Resende, o palaciano Alvaro de Brito, descreve os *goliardos*, como:

Estudantes pregadores
Metem santas escripturas
Em sermões
Dirivados em amores, etc.

(fl. 25, col. 1, v.)

Os mesmos costumes existiam em Hespanha, aonde estes estudantes eram chamados *Sopistas* e *Tunantes*; (2) os quatro parodistas de Evora disciplinados sob a férula jesuitica, deram largas a sua comprimida *goliardice* desacatando a não comprehendida epopêa nacional. O estudo das humanidades foi levado pelos jesuitas para a chateza, para os trechos rhetoricos desmembrados das obras primas nas suas *Selectas*; amollecera essa viril linguagem do latim nas suas insipidas tragicomedias; era por isso que o jesuita padre Ferrer, considerava com o seu falso gosto litterario as *Festas bacchanaes* como a melhor obra que existia se não fosse tão suja! A parodia do primeiro canto dos *Lusiadas* é um

(1) *Ord. Aff.*, l. III, t. 15, § 18.

(2) *Epopêas da raça mosarabe*, p. 276.

puro fructo da educação jesuitica, em que as altas creações da arte são reduzidas a exercicios de eschola, ao *ludus* disciplinar da *Ratio Studeorum*. A tradição escholastica, sempre em lucta contra o espirito secular, ainda apparece no seculo XVIII na Universidade de Coimbra. As poesias em latim macarronico, que compõem o *Palio metrico*, são um anachronismo em quanto ao espirito moderno em que nasceram, mas representam o estado moral da intelligencia e da tradição clerical portugueza do seculo XVIII. A Universidade de Coimbra não tinha sido fundada pelo espirito secular que tirou o ensino aos conventos; nasceu bafejada pelo Prior de Santa Cruz de Coimbra e pelo Bispo de Lisboa até que no seculo XVI veio a cair em poder de s jesuitas. Ora na Universidade de Coimbra nunca existiu o espirito secular que fecundou todas as outras Universidades da Europa; em Coimbra, ainda hoje, existe esse profundo antagonismo entre o *clericus* ou o escholar, e o *laicus* ou o que elles chamam grotescamente o *futric*. Este antagonismo, que tem chegado a produzir confictos como a thomarada, revela-nos que a Universidade de Coimbra existe ainda n'esse estado de atraso moral em que um goliardo escrevia:

Aestimetur autem *laicus* ut brutus,
Nam ad artem surdus est et mutus. (1)

(1) Apud Comparetti, *Virgilio nel medio evo*, I, 249.

Nos costumes academicos de hoje ainda existe o antigo *Vejamin*, discurso insultuoso aos que se graduavam em doutores, conservado agora nas theses e grãos aos calouros. Ainda nas cadeiras do ensino os lentes gastam o tempo em contos e exemplos, como os dos *fablieaux*; ainda existem os *sopistas* da idade media nos estudantes que *andam á lebre*, e os *Tunantes* antigos fazem hoje versos romanticos ás raparigas da terra e divagam. Tudo isto nos mostra que o auctor da Macarronea foi um dos ultimos *Goliardos* ou clerigo-jogral, como classifica a Ordenação affonsina, e que os seus versos pertencem a essa classe de litteratura que se compõe da poesia popular latina da idade media, litteratura em que o *clericus* em contacto com o povo, mas sem imitar o povo, escreve n'uma lingua erudita com a ingenuidade e simplicidade popular. Tal é o sentido d'esse livro tido até hoje como simplesmente engraçado.

Isto nos fará comprehender a situação moral e litteraria d'esses quatro engraçados estudantes da Universidade jesuitica de Evora.

Depois da noticia de Francisco Soares Toscano, convem completar a exposição biographica com algumas investigações recentes; comecemos pelo *Dr. Manoel do Valle de Moura*. Este sacerdote, que póde dizer o mesmo que de si dizia o celebre goliardo Gualtier Maps ao seu amigo Giraud de Barri, « que fôra melhor recompensado pelos seus cantos em lingua vulgar do que pelos seus livros em latim », nasceu em Arrayolos em 1564; seus paes foram Francisco do Valle, escrivão da camara da

villa, e Victoria Caldeira, bastante versada em letras. (1) Doutor em Theologia, Prior de Santa Christina de Barroso, Preceptor de um filho dos Duques de Bragança D. João e D. Catherina, Deputado da Inquisição de Evora em 1603, Arcebispo e Inquisidor geral, (2) auctor da succulenta obra sobre feiticeria *De Encantationibus et Ensalmis*, tódos estes titulos de Manoel do Valle de Moura ficaram no esquecimento, e só o conservarão na tela da historia algumas insignificantes estrophes que compartilham da eternidade dos *Lusiadas*. Manoel do Valle falleceu em Evora, de edade provectissima, cego, em 18 de Maio de 1650. Teve tempo de ver como o poema que não comprehendera penetrou o coração d'este povo da consciencia da sua autonomia.

Bartholomeu Varella, que era tambem clerigo, e *grandissimo poeta*, na phrase de Toscano, era já fallecido em 1619; as relações com Manoel Severim de Faria explicam nos as suas qualidades litterarias, apesar de Barbosa o não citar na *Bibliotheca Lusitana*. Toscano, que conversava ácerca da elaboração da parodia com o Dr. Manoel do Valle, recolheu varias notas que lhe serviam para a intelligencia do poema; essas notas não acompanharam até hoje as variantes numerosas das *Festas bacchanaes*. Em um manuscripto encontrou o snr. visconde de Juromenha esta nota relativa a Bartholomeu Varella: « Ao auctor d'esta tão bem cantada bebe-

(1) Frei Luiz dos Anjos, *Jardim de Portugal*, p. 607. Apud. Juromenha, *Obras de Camões*, t. 1, p. 309.

(2) *Miscell.*, p. vi.

dice chamaram Bartholomeu Varella, homem em Evora em trage de estudante, que fôra já juiz por vezes, na confraria de Baccho; do qual licenciado se conta que estando em um cadafalso (catafalcó) em Evora, e molestando-lhe a calma grandemente os bofes cosidos em vinho, o soccorreram com um puccaro de agua, e bebendo o dito licenciado, accudiu uma voz de fóra:— Ah! Senhor Varella, isso é penitencia!» Como consta d'esta mesma nota, Bartholomeu Varella era Prior de Oriola. A confraria de Baccho a que allude a nota, corrobora a tradição escholastica dos *goliardas*; o trage de estudante ainda nos apparece no *Hyssope* de Diniz, como usado por monomania pelo medico de Elvas o Xavier pequeno.

De Luiz Mendes, estudante da Universidade de Evora, e famulo do Arcebispo Dom Theotonio, resta a parte mais viva e popular da parodia, sendo o que menos trabalhou n'ella, a anedocta da *agua-pé*.

A Manoel Luiz Freire, licenciado, e Prior de Terena em 1619, cabe a gloria infeliz da lembrança da parodia e as honras de quasi toda a composição; cita-o o Padre Francisco da Cruz na sua Bibliotheca portugueza manuscripta. Pertence-lhe tambem o Soneto *Ao auctor d'esta obra*:

Polo que Baccho viu com vosso canto
Entende que lhe sois afeiçoado;
Que cirurgião mal experimentado
Não póde de feridas saber tañto.

Na versão da Bibliotheca Nacional (D-4-43), vem um segundo soneto pelas mesmas consoantes, e inedito:

Celebre com applauso e immortal canto
O que he de vinho mais affeiçoado,
Vosso nome em tonel experimentado,
Se engenho póde haver que diga tanto.

A mesma ideia satyrica do epitheto *gurges* dado aos grandes beberões, apparece n'este mesmo soneto no verso:

Se o *golfo* nomeado de Lepanto
Vinho fôra, e em secco já deixado
Por vós, que Baccho tem gratificado,
Ao mundo todo dera grande espanto.

O nome que se lê na estancia xxx das *Festas bacchanæes*:

Mas *Pero Vaz* ali não consentia
Nó que Francisco disse, conhecendo
Que esqueceria um bebado eminente
Se cá viesse beber aquella gente,

é, segundo Toscano, o do auctor do epigramma latino, que se perdeu, ao auctor da parodia. Toscano, já em 1619 fallava das copias andarem «com tanta diversidade de leitura». Na Bibliotheca de Evora, existe uma cópia intitulada: *Imitação ou remedado do primeiro canto dos Lusíadas de Camões feito á borracheira, por MANOEL LUIZ FREIRE.* (1) O manuscrito da Bibliotheca nacional, tem outro titulo e auctor: *Canto 1.º de Luiz de Ca-*

(1) *Ms. Cod. cxii*, 1-36, fl. 298; *ib.* 1-40, fl. 200.

mões, vertido por um Estudante de Evora, e outros dizem que pelo DR. MANOEL DO VALLE, Deputado do Santo Officio.» Nos Mss. da Academia das Sciencias, existe no Catalogo de Caminha citada outra cópia com o titulo: «*Camões ao burlesco, in-4.º, ANONYMO.*» Só a cópia de Toscano é que se intitula *Festas bacchanaes*; a estas variantes do titulo, corresponde a diversidade das variantes do texto, como tivemos occasião de observar pela cópia da Bibliotheca nacional, aonde rara é a octava que não tenha de uma a seis divergencias de lição.

Esta parodia interessa bastante para o estudo do texto camoniano; os *Argumentos* anonymos em octava rima, que apparecem pela primeira vez na edição dos *Lusiadas* de 1663 e attribuidos a João Franco Barreto, já vêm invertidos na parodia de 1589. Tendo Franco Barreto nascido em 1600, e dirigido a edição dos *Lusiadas* de 1631, aonde não introduziu os argumentos, segue-se que lhe não pertencem, e por ventura são obra de Camões, que os omittiria na edição de 1572. Eis a prova da existencia dos *Argumentos* em 1589:

• Parodia

*Fazem concilio os bebados da corte
Oppõe-se aos Bagulhentos Pedro ingente;
Favorece-os o Catigela forte,
No Lamarosa tem seu lava-dente.
De inveja Lieu lhe busca a morte
Decendo a Monte-Mór contra esta gente,
Que vê em rio Mousinho a acção traidora,
E a Peramanca chega vencedora.*

Poema

Fazem Concilio os Deoses na alta corte
 Oppõe-se Bacco á luzitana gente,
 Favorece-a Venus e Mavorte
 E em Mombaça lança o ferreo dente ;
 Depois d'aquí mostrar seu braço forte
 Destruindo e matando juntamente
 Torna as partes buscar da roxa aurora
 E chegando a Mombaça surge fóra.

Faria e Sousa, que via n'esta parodia uma homenagem a Camões, diz: «las mas de las otavas son bueltas á este proposito con gran felicidad.» Transcrevendo metade da estancia, dá a noticia de um continuador da parodia: «*El canto 2.º*, continua (y no con menos felicidad) Antonio de Magallanes y Menezes, señor de la Ponte da Barca, que este año de 1645 aqui en Madrid, me referió algunas estancias.» A este tempo reinava em França a monomania do burlesco, e em Hespanha o estylo picaresco; o fidalgo seguia uma moda da aristocracia. Magalhães e Menezes foi filho de Constantino de Magalhães e Menezes, e de D. Isabel Manuel de Aragão; Philippe IV, por carta de 17 de Fevereiro de 1635 confirmou-o como setimo senhor da Ponte da Barca, e Dom João IV o conservou na sua posse por carta de 7 de Fevereiro de 1648. Magalhães estava aparentado com o grande epico pelo seu casamento com D. Maria da Silveira, filha de Antonio Vaz de Camões. (1) Faria e Sousa, apesar da sua admiração por

(1) Juromenha, *Obras de Camões*, t. 1, p. 344.

Camões, não escapou á monomania da parodia; diz elle: «Yo, quando en mi mocedad atendia a esto, bolvi tambien algunas, de que se me acuerdan los primeros quatro versos de la 90 del canto 5.º, que son:

Da bocca do facundo capitão...

« y mi rebuelta dice d'este modo:

Da bocca do fecundo borrachão
 Pendendo estavam todos bem bebidos,
 Quando deu fim a grande inundação
 Dos altos cópos, grandes e subidos. (1)

Mas nem sempre os *Lusiadas* foram parodiados no estylo da beberroia; Frei Christovam Osorio, em uns versos feitos a Frei Pedro da Covilhã, que fôra na Armada de Vasco da Gama á descoberta da India, parodiou a primeira estancia da epopêa:

Aãs armas *de um varão* assignalado
 Que da occidental praia Luzitana
 Por mar que nunca fôra navegado
 Passou com quem passou á Taprobana, etc. (2)

Um facto capital se dá com a critica e intelligencia do poema de Camões; quanto mais se perde a consciên-

(1) *Comm. ás Rimas*, t. I, p. 354.

(2) *Pancarpia*, p. 122. Ed. 1628.

cia da nacionalidade portugueza, tanto mais o poema parece defeituoso aos espiritos que respiram n'essa atmospherã de decadencia. As parodias do seculo XVI e XVII correspondem ás criticas de um Manoel Pires, de um padre Macedo ou da Conversação preambular.

CAPITULO IV

Jeronymo Corte Real

Influencia da sua fidalguia no caracter aventureiro e na sua poesia. — Casa com uma filha de Jorge de Vasconcellos, e fica apparentado com os Sás. — Relações com os principaes poetas do seu tempo. — Vae á India e Africa em 1571. — Epistola inedita em que descreve a composição do seu poema do *Segundo Cêrco de Diu*. — Seu talento para o desenho e pintura. — Despreza as tradições populares na composição do poema a *Austriada*, escripto sobre a batalha de Lepanto. — Acompanha D. Sebastião a Africa, onde fica captivo; escreve um poema, hoje perdido, sobre este desastre. — Motivos porque escrevia o *Naufragio de Sepulveda* antes de 1589. — Segue servilmente n'este poema a admiravel *Relação do Naufragio do Galeão grande S. João*, nas situações mais tragicas. — Imita algumas expressões de Camões nas trez outavas da morte de Sepulveda no episodio do Adamastor. — Estado mental do poeta quando compoz o *Auto dos Novissimos do Homem*. — Representa o estado da sociedade portugueza no fim do seculo xvi.

Assim como em volta da *Eneida* de Virgilio se agrupa uma serie de epopêas em que a realidade historica suppre a ignorancia das tradições nacionaes, assim apoz os *Lusiadas* apparecem logo no seculo xvi bastantes poemas com o caracter de chronicas rimadas ou metrificadas, mais submissas aos preceitos classicos, mais orthodoxas, e inspiradas pelo desejo de destituir da importancia que alcançara no publico o poema de Camões. Inferiores a Lucano, a Stacio, a Valerio Flaco, os épicos que se seguiram a Camões pertencem a essa cabala vergonhosa que veiu amargurar os ultimos annos da vida

do poeta, depois do apparecimento dos *Lusiadas* em 1572.

O genio ficou vingado, porque elles deixaram a medida da sua pujança. O primeiro que figura entre estes espiritos que tanto se preocupavam com a realisação de uma epopêa nacional perfeita, é Jeronymo Côrte Real; o seu nome anda cercado dos mais extraordinarios louvores nos versos encomiasticos de Antonio Ferreira, de Pedro de Andrade Caminha, de Diogo Bernardes, do Conde de Portalegre, de André Falcão de Rezende, de D. Manoel de Portugal, D. Simão da Silveira, e de Luiz Franco Corrêa, seus contemporaneos; attribuem-lhe todos os talentos, a erudição classica e a bravura militar, a facil concepção poetica, o gosto musico, a imaginação para o desenho e pintura em que o julgavam um assombro, os conhecimentos da astronomia, finalmente a sua alta nobreza e a sua eloquencia, fazem que sejam mesquinhas as comparações de novo Apollo, novo Marte e novo Apelles. Todas estas qualidades não poderam conseguir que Jeronymo Côrte Real occultasse nas suas obras a physionomia de uma rasa mediocridade, que a sua aristocracia e opulencia encobriam aos olhos dos poetas pobres que lhe pediam esmola, como Falcão de Rezende ou Bernardes, e que o lisonjeavam com teimosia como o Caminha ou Francisco de Sá de Menezes. Os louvores do Dr. Antonio Ferreira fixamos com certeza, que em 1569 já a sua actividade litteraria era bastante exercitada para merecer as attenções de um tal mestre; os talentos encyclopedicos de um Gar-

cia de Rezende, ou de um Gil Vicente, eram agora em Jeronymo Côrte Real habeis curiosidades de uma educação humanista, mas não já esse característico dos possantes espiritos creadores do fim do seculo xv. A essa educação aristocratica, á qual se ligava a prenda essencial de saber fazer versos, tambem competia o seguir a vida das armas nos póstos militares da Africa e da India, que Jeronymo Côrte Real visitou até ao anno de 1571. Que differença entre esta confirmação ostentosa da nobreza, e a vida trabalhada de Camões! Jeronymo Côrte Real recolheu-se a Evora, á sua vivenda idyllica do Morgado da Palma, e ali se entregou ao estudo de Homero e de Virgilio, como verêmos na sua Epistola inedita a Francisco de Sá, seu parente e capitão das guardas de el-rei. Antes de entrarmos n'esta phase da sua vida, que pertence totalmente á historia litteraria, importa notar alguns outros factos particulares que explicam o motivo das suas principaes composições. Jeronymo Côrte Real era terceiro filho de Manoel Côrte Real, capitão da Ilha Terceira, e de D. Brîtes de Mendonça, filha de Inigo Lopes de Mendoza, fidalgo de Valladolid casado com D. Maria de Baçan, condessa de Valderrama. Este seu parentesco fez com que escrevesse tambem em castelhano, desculpando-se no prologo do seu poema a *Austriada*, que por ter por avós os Mendozas e os Baçaus obedece a uma obrigação igual á que lhe impõe o uso da lingua portugueza. Uma irmã de Jeronymo Côrte Real, segundo as tradições dos Nobiliarios, era chamada a *Braguilha dos Vedores da Fa-*

zenda, por ter sido casada em segundas e terceiras nupcias com D. Francisco de Faro, poeta e senhor de Viemieiro, e com João Gomes da Silva, ambos Vedores. Como a Côrte Real, tambem a seu cunhado D. Francisco de Faro escrevia Falcão de Rezende:

Das ondas da pobreza vil cercado
A derradeira tabua a que me apego
Me leva a vós como a seguro porto.

Por isto se vê que a invencível pobreza de Camões é que o não deixava merecer tamanhos elogios. Foi por ventura depois do seu regresso á quinta do Morgado da Palma, que Jeronymo Côrte Real casou com D. Luiza da Silva, nada menos do que dama da fralda da rainha D. Catherina, e filha do riquissimo Jorge de Vasconcellos, Provedor dos almazens de Lisboa e poeta do Cancioneiro. A terrível rainha D. Catherina, de um catholicismo feroz pelos escrupulos moraes, estava bem segura das prendas do talentoso moço para consentir n'esse casamento. Por parte de sua mulher D. Luiza da Silva, ficou Jeronymo Côrte Real apparentado com João Rodrigues de Sá, de quem dizem os Nobiliarios: «*viveu mais de cem annos e foi grande poeta e orador;*» e com Francisco de Sá de Menezes, tambem poeta, ambos tios de sua mulher. Por motivo d'este parentesco, escreveu Jeronymo Côrte Real um outro poema sobre a desasthada morte de D. Leonor de Sá e de Manoel de Sousa Sepulveda no naufragio na Terra do Natal. N'esse poema, o *Naufragio de Sepulveda*, onde, á imitação de

Camões, introduz um esboço da historia de Portugal, celebra em onze outavas as Victorias navaes de João Rodrigues de Sá, o das *Galés*:

João Rodrigues de Sá era chamado
(D'aquelle decendeis, que é tão famoso)
Um coração e animo arriscado
Está no peito illustre valoroso, etc.

(c. XIII, p. 254-6.)

O editor do poema, allude a esta origem de familia: «fez este discurso do naufragio de Manoel de Sousa de Sepulveda e de D. Lianor de Sá sua mulher, vindo da India por Capitão de uma Náo por nome o Galeão Grande, *assi por ser esta senhora muito parenta de sua mulher D. Luiza da Silva a quem elle muito amava...*» O muito amor que teve a sua mulher não obstou a que tivesse duas filhas naturaes, D. Brites da Silva, que casou com Antonio de Sousa de Abreu, Alcaide mór de Borba, que herdou os manuscriptos do poeta, e D. Antonia, que foi Freira da Soledade. (1) A falta de descendia legitima é que o provocava a estas divagações. No doce remanso da sua vida opulenta na Quinta do Morgado da Palma, Jeronymo Côrte Real occupava-se no estudo das obras classicas da antiguidade, na pintura, e em escrever Epistolas para a côrte. No *Cancioneiro* de Luiz Franco, encontra-se uma Epistola a Francisco de Sá de Menezes, Capitão-mór das Guardas de el-rei,

(1) Bibl. do Porto, Ms. n.º 443, fl. 166, v.

escripta em 1573, ém que lhe pede conselhos para a composição da epopêa em que trabalhava e que intitulou *Segundo Cêrco de Diu*. Esta Epistola, totalmente desconhecida e ainda inedita, embora nos revele a inferioridade do lyrismo de Côrte Real, tem o merecimento de nos retratar o seu viver intimo, os estudos em que se occupava, o primeiro esboço da epopêa que projectava, e algumas feições do seu character:

Jeronymo Côrte Real a Francisco de Sá, Capitão-mór
das Guardas de El-Rei

No tempo em que deixei aquelle estado,
 Aquella vida livre e prigueirosa
 Que o nosso entendimento traz atado,
 Passando quantos termos a ociosa
 Edade juvenil vae tropeçando
 Seguindo via occulta e tenebrosa,
 Me recolhi no campo, e fui deixando
 O vão inutil tempo em que vivia
 E ao estudo latino me fui dando.
 Umás horas gostando da poesia,
 Buscando as duras guerras do Troyano
 E os naufragios do mar que padecia.
 Buscava tudo o mais que o Mantuano
 D'elle cantou com voz tão desusada,
 Mostrando-nos o engenho mais que humano.
 Outras, lá nas estrellas enlevada
 A fantasia tinha, os cursos vendo
 Dos planetas e a ordem concertada,
 Com que operações grandes vão fazendo
 Em todos os mortaes e os movimentos
 Dos céos que ao Criador obedecendo,
 Vão por medidos pontos, por momentos
 Edades consummindo, renovando,
 Mostrando em casos graves mil portentos.
 Outras vezes o tempo ia gastando
 Em ler segredos mil da natureza
 Que manifesto a Deos estão mostrando.

Tratava dos agrestes a simpreza,
O uso pastoril rude e grosseiro,
Tratava de suas almas a pureza.
Um amor via entre elles verdadeiro,
Uma amisade facil, sem engano,
Mui longe da que trata o lisongeiro.
Ali passava o mez, passava o anno
Sem vêr o vulgo misero queixar-se
E sem saber do amigo a perda ou dano.
Nem via o mal para mais mal mudar-se,
Ouvia só nas arvores frondosas
Com o zefiro confuso um som formar se.
Em verdes campos cheios de formosas
E odoríferas flores sempre andava,
Ou por serras erguidas e fragosas.
A Atheon e a Céphalo imitava
Seguindo a dura caça, ou na ribeira
Tomar os brandos peixes procurava.
Passava a vida assim d'esta maneira
Contente por me vêr em tal estado
Na gloria cá no mundo verdadeira,
As mais que civis guerras no senado
Por César levantadas e movidas
Contra o insigne genro celebrado,
Onde tanta nobreza e tantas vidas
De valerosos homens se perderam
E em pouco espaço foram destruidas;
Lia continuamente o que escreveram
Salustio e Tito Livio apregoando
As cousas que os Romãos então fizeram.
Estes authores lendo fui euidando
Com quanta mais razão justo seria
Dos nossos Portuguezes ir tratando.
Pois em batalhas mil se lhes devia
Uma fama e um nome eterno ao mundo,
E de Homero ou de Virgilio a poesia.
Este Cêrco que em Diu foi segundo
Quiz escrever, assi como pudesse
E o animo esforçado e furibundo.
Os fortes Capitães que o interesse
Da honra só lhes fez obrar taes feitos
Que cada um por Cesar se tivesse.

E dos outros fidalgos cujos peitos
Ardendo em fogo de honra s'offereceram
A morte, sem ter mais outros respeitos.
Trabalhos escrevi que padeceram
No discurso do Cêrquo, e a famosa
Batalha que depois ali venceram.
De minha propria mão a bellicosa
Historia debuxei, e aquelle honrado
Castigo que fez vista piadosa.
Não mais outro interesse pretendendo
Que acudir ao que se ía já apagando
E já quasi de todo escurecendo,
Me fez n'este tratado ir empregando
O rudo e fraquo engenho a noite e o dia
O divino favor só invocando.
Quebrantada e opprimida a fantasia
Mil vezes intentei atraz tornar-me
E em fim alçar a mão do que escrevia.
Mas logo ali sentia castigar-me
Com dura reprehensão e um pungimento
Não deixava já mais de atormentar-me.
Mostrava-me o ligeiro pensamento
Estando quasi todo transportado
Mil phantasticas fórmas n'um momento.
Na erva fresca e flava reclinado
Do longo de um ribeiro sonoro,
De álemos e freixas assombrado,
Estava sendo entrado o gracioso
Tempo em que Filomena mais sentida
Se mostrava do cunhado rigoroso.
Os olhos tinha promptos na corrida
No rumor surdo e brando da agua pura
Que ali por pedras vinha repartida.
Quando do claro Delio a formosura
Já nas inchadas ondas se escondia
E a noite se chegava quasi escura.
O rustico pastor já recolhia
O vagaroso gado, e lá no Oriente
A filha de Latona apparecia,
Erguendo-se da terra mansamente
Com prateados raios caminhava
Para as partes remotas do Occidente.

Ali o meu pensamento me mostrava
 Os trabalhos de Diu, e os perigos
 Do Cêrquo, que escrever determinava.
 Vi soberbos e fortes inimigos
 Mostrar-se poderosos aos cerquados,
 E vi morrer ali muitos amigos.
 A muitos d'elles via traspassados
 Aquellas vivas côres já perdidas,
 Com sangue negro já desfigurados.
 Bradando me mostravam as feridas,
 As entranhas abertas, n'esta brava
 Batalha, em cem mil partes recebidas.
 De proseguir tal obra duvidava
 Quando a meu parecer um homem vi
 O qual d'esta maneira me falava:
 — Dize-me, que duvidas? vês aqui
 Varões tão sinalados, que morreram
 Sem d'elles já memoria haver aí.
 Verás mortes crueis que receberam
 Por defender a Fé, a Patria honrando,
 Verás feitos heroicos que fizeram. —
 Os olhos onde o vira levantando
 E lançados, um corpo vi aberto
 Grandes rios de sangue derramando.
 Vi o rosto já defunto descoberto
 Foi de mi conhecido e alegrei-me
 Depois que se chegou a mi mais perto.
 Do grande sobresalto assegurei-me,
 Mas de o vêr vir assi tão maltratado
 Com feridas tão frescas espantei-me.
Dom Francisco d'Almeida, nomeado
 No mundo com razão, este é o que digo,
 Este é o valeroso e esforçado.
 Este é o que no exercito inimigo
 Faz mil males e damnos sempre dando
 Aos Mouros crudelissimo castigo:
 Este é o que os annos sempre foi passando
 Em guerras perigosas e alcançava
 Immortal fama n'ellas pelejando.
 A voz d'este varão me despertava
 O nome d'elle vi que bem merece
 Sobir ao céo que Marte dominava.

- Vi que a virtude d'este resplandece
 Por toda a redondeza glorioso
 Gosa d'aquelle ao qual tudo obedece.
 N'aquelle fero assalto impetuoso
 A morte se rendeu tendo já feito
 Seu estrago nos Turcos espantoso.
- Dom João Manoel* ali mostrava o peito
 Onde tanta virtude se encerrava
 Com lançadas com golpes já desfeito.
- Cosmo de Pina* vi que pelejava
 Com coração robusto e ousadia
 E a vida pela honra ali entregava.
- Vi *Atropos* rigorosa em triste dia
 Cortar a *Dom Fernando* os tenros annos,
 Mas o nome ao mais alto céo sobia.
- Vi entrar mil notaveis varios damnos,
 A morte tão sentida e lamentada
 D'aquelle, um dos mais fortes Luzitanos.
- Este era *Dom Francisco* cuja espada
 Dos Turcos foi temida, o apellido
 Dos antigos *Menezes* só chamada.
- No baluarte minado vi ardido
Dom João d'Almeida dino de louvores,
 O corpo (não o nome) consummido.
- E vi *Jorge de Sousa* entre os milhores
 Contado por hum d'elles, traspassado
 De lançadas e golpes os maiores.
- Vi de *Tristão de Sá* desfigurado
 Aquelle gentil rostro que sohia
 Mostrar-se entre outros mil aventajado.
- Após estes logo aí me parecia
 De famosos varões em largo bando
 Uma mui generosa companhia.
- Vi que todos se andavam revolçando
 Pela sangrenta terra e a memoria
 D'elles que se ia já quasi acabando.
- Vi outros que inda vivem, cuja historia
 Por toda a redondeza bem merece
 Ser celebrado com triumpho e gloria.
- Vi *Dom João Mascarenhas* que enriquece
 O nome lusitano e o levanta
 Ao qual fortuna e fado favorece.

- As cousas d'elle vi que nos espanta
 Aquelle estreito Cêrquo perigoso
 No qual honra ganhou e fama tanta.
- Aquelles mil combates que animoso
 Resistiu e venceu e a derradeira
 Batalha, onde ficou victorioso.
- Vi-lhe levar ali a dianteira
 Mostrando grão valor e braço forte,
 Vi que os Turcos lhe dão larga carreira.
- Passar vi muitos d'estes crua morte
 Aos pés d'este varão tão excellente
 Ó estrella ditosa e rara sorte.
- Tambem me offerecia juntamente
 Aquelle *Dom Manoel de Lima* ousado
 Aquelle que venceu a tanta gente.
- Aquelle que de louro coroado
 Merece que triumphos mui honrosos
 Ser com Pompeo e Cesar memorado.
- Aquelle que com mil fogos espantosos
 Cidades abrazou na fertil terra
 Que os Mouros fez fíear d'elle medrosos.
- Aquelle que em Cambaya tanta guerra
 E tanto estrago fez como he sabido,
 Aquelle que em si valor e honra encerra.
- A *Dom Alvaro de Castro* vi metido
 No meio de um grão golpho procelloso
 Pera ser d'elle Diu soccorrido.
- Mil vezes alagado de um furioso
 Embravecido vento atraz tornava
 Da ventura amostrando-se queixoso.
- Vi que as soberbas ondas constratava
 Lutando ali com ellas as vencia
 E em Diu quasi só desembarcava.
- Lourenço Pires* vi cuja valia
 Os Tavoras antigos illustrava
 E a insigne prosápia ennobrecia.
- Aos fortes sarracenos assombrava
 O esforço e conselho tão prudente
 D'este heroe valeroso que alcançava
- De Helicon e Parnasso juntamente
 Segredos milagrosos e escondidos
 Pela sua parte são á mais da gente.

Na guerra casos mil encarecidos
 Lhe concedeu Bellona, e em Sciencia
 Minerva o assentou entre escolhidos.
 Vi *Dom Pedro d'Almeida* em competencia
 Pelejando imitar os mais ousados
 Fazendo aos Mouros grande resistencia.
 Não tendo ainda então bem acabados
 Desoito annos no assalto tão violento
 Os annos tenros bem afortunados.
 Mostrava-me tambem o pensamento
 A *Bastião de Sá* muito ferido
 Em honra só fazendo fundamento.
 Mostrava-se ousado e atrevido
 Mostrava o grão valor de sangue puro
 Enobrecia o seu nobre apellido.
 Com esforço, com animo seguro
 Dissimulando a dor acerba e fera
 Defendia o aberto e roto muro.
 Este e outros mil feitos que fizera
 Durando áquel'duro Cêrquo mereciam
 Que este meu Livro só d'elle escrevera.
 As cousas sinaladas que faziam
 Aquelles dous valentes cavalleiros
 Que aos Romanos antigos precediam.
 Estes dous eram sempre dos primeiros
 Que a vida pela honra aventurando
 Se arriscaram a perigos verdadeiros.
Dom Jorge um d'elles he que pelejando
 Mostra a ver sempre n'elle alta bondade
 Muitos e grandes feitos acabando.
 N'este Livro verás a calidade
 D'este gentil mancebo a valentia
 Destruindo Barache em tal idade.
 O outro que com este apparecia
Antonio Moniz era que bradava:
 Ah não deixeis tal obra assi tão fria.
 Grandes cousas notaveis d'elle achava,
 Dignas de se escreverem em pedra dura,
 E a este a India mil louvores dava.
 Devido e justo ó que na futura
 Edade se apreçoem, não ficando
 O que um tal homem fez em sombra escura.

Vi que vinha rompendo e assombrando
 Um conflicto naval, e transparente
 Remedio onde Neptuno tem seu mando.
 Vi bem armada, destra e forte gente
 Em fustas, galeões, galés ligeiras
 E vi um Capitão n'ellas patente.
 Dobrando os remos abrem mil carreiras
 Pelo mal alterado e turbulento
 Com ricos estandartes e bandeiras.
 Levam velas incliadas com bom vento,
 De branca, espessa espuma rodeadas,
 Em numero eram dez, menos de cento.
 Todas com grossos tiros vão armadas
 Passando umas por outras á porfia,
 Com mil gritas nos áres levantadas.
 O Viso-Rei aqui me apparecia
 Desejando já ver-se dentro em Dio
 Onde grande victoria pretendia.
 Onde aquelle soberbo rei gentio
 Perdeu Capitães grandes, perdeu gentes,
 Perdeu artelharia e senhorio.
 Tudo isto o pensamento ali presente
 Contino me trazia estimulado
 Ao meu espirito seu fervor impaciente.
 Que estas imagens todas vinham dando
 Gritos, me parecia, que se queixavam
 De mi, porque me ía descuidando.
 A honra e fama da patria apresentavam,
 Venceram-me com isto, e não sabiam,
 Que escolhendo-me a mi não acertavam.
 Trabalhei por fazer o que pediam,
 Em fraco estylo, rudo, escurecido,
 Mas assi n'elle vae o que queriam.
 A ti, que no mais alto estás subido,
 Do Parnaso, e das Musas tens mais partes
 E de todas és tão favorecido,
 A ti, que tal prudencia, engenho e arte
 Animo valeroso e esforçado
 Ambos Deoses te dão, Apollo e Marte;
 Peço com diligencia e com cuidado
 Queiras ver este Livro que escrevi,
 Que a mi tanto trabalho tem custado;

E peço-te que emêdes o que aí
 Desnecessario fôr e mal polido,
 E sabendo-se que o viste, e já de ti
 Vem, será de todos recebido. (1)

Este poema do *Segundo Cêrco de Diu*, publicado em 1574, foi escripto ao ruido que então fazia em todo o orbe litterario a epopêa de Camões, que saíra á luz em 1572; Côrte Real tambem dirigiu o seu poema a Dom Sebastião, mas já suspeitando que esses vinte e um cantos eram illegiveis para o joven monarcha, acompanhou-os dos desenhos das batalhas: «E porque a lectura he grande, *debuxei* de minha mão os combates e tudo o mais que no decurso d'este trabalhoso cêrco succederão, para que a invenção da pintura satisfaça a rudeza do verso.» Os poetas celebraram o *Segundo Cêrco de Diu* com os maiores encomios, tendo ficado mudos diante dos *Lusiadas!* Luiz Alvares Pereira aponta-o como vencedor de Orpheo, D. Jorge de Menezes como tendo mais que humana habilidade, Francisco de Andrade, como já immortal, Pedro de Andrade Caminha diz que ella espanta os que mais entendem, e Bernardes, que louvara Camões a pedido, termina exaltando-o:

Orpheo a voz lhe deu, Apollo a *lyra*,
 Amor a branda *penna*, Marte a *lança*,
 E o seu proprio *pincel* a natureza.

(1) *Canc. ms.*, de Luiz Franco, fl. 55 a 69 v.

Eram estes os poetas que formavam a miseravel cabala contra Camões, julgando abafar-lhe o genio pelo seu pedante silencio. Como discipulo de Ferreira, Jeronymo Côrte Real abandonou a rima, e adoptou o verso solto; não lhe conhecia a estructura, que o torna rythmico e natural, com os hemistychios, e variedade das vogaes predominantes, e por isso os seus versos soltos são uma prosa carregada de epithetos e cortada por endecasyllabos. Basta lêr o summario de cada um dos cantos do *Segundo Cêrco de Diu*, para concluir que se escrevesse uma chronica em prosa não se exigiria mais connexão critica. Este successo das armas portuguezas na India ultrapassa os limites da coragem; o cêrco sustentado por Dom João de Mascarenhas em 1546 foi um esforço resultante de uma antiga feição do character portuguez, a teimosia biliosa excitada pelo fanatismo catholico e pela submissão passiva á auctoridade monarchica; lendo-se no affectado Jacintho Freire a narração d'este cêrco, descobre-se através da falsa rhetorica as immensas situações poeticas para a formação de uma epopêa. Apesar de ter tambem seguido a vida das armas, Côrte Real nada alcançou do ideal e da tradição d'esse feito, que sustentou por muitos seculos a nossa auctoridade moral no Oriente.

Como para fazer sentir mais a accusação contra Camões, por misturar a mythologia grega com o christianismo, Côrte Real, começa a sua invocação intencionalmente:

Deixo o Monte Parnaso e a Caballina
 Fonte, tão celebrada n'outro tempo;
 Deixo Apollo e Minerva: deixo as Musas,
 Que os antigos poetas invocaram,
 Não alcançando o bem tão verdadeiro
 Da nossa Fé sagrada e luz divina.
 O gram Calvario invoco, invoco a fonte
 Do santissimo sangue n'elle aberta,
 Onde foram lavadas nossas culpas,
 Onde foram remidas nossas almas, etc.

A invocação continúa n'este estylo de jaculatoria, como preparação condigna para uma narrativa descolorida. Comparetti demonstra com um tino critico eminente, que a poesia do christianismo ao desenvolver-se nos moldes classicos da poesia da antiguidade não podia deixar de receber novamente essas entidades tradicionaes de Apollo, Minerva e as Musas, porque nas civilisações primitivas as concepções poeticas são conjunctamente religiosas; a Renascença accetando-as pelo seu lado poetico tinha de supprir o prestigio religioso com a crença dos dogmas novos. N'este ponto o syncretismo de Camões, tantas vezes condemnado pelos criticos, torna-se uma profunda verdade artistica realisada pela audacia de um grande espirito. (1)

(1) « Gravi incompatibilità rendevano grande il disagio in cui trovavarsi l'idea cristiana e la poesia del cristianismo nelle forme classiche. L'antica religione e l'antica poesia erano sorelle, e tanto avevano di comune nelle cause, nelle origini e nello sviluppo loro, che in grandissima parte s'identificavano. La mitologia, creazioze poetica essa stessa aveva tanta parte nelle espressioni, nelle imagini, nei concetti e nel frasario poc-

A impressão dos *Lusiadas* conhece-se na concepção final do *Segundo Cêrcio de Diu*, quando no canto xx Côrte Real introduz a allegoria do *Merecimento*, que leva Dom João de Castro ao Templo da Memoria, e lhe mostra pintados em uma parede os feitos dos portuguezes na Africa e na India. Á maneira de Camões, que chamava ao antigo e bravo Heitor da Sylveira o *Heitor portuguez*, tambem Côrte Real o caracteriza por essa mesma antonomasia:

Aquelle Heitor famoso da Sylveira
Retrato do Troyano em preço e armas.
(c. XXI, p. 410.)

De um lado a prisão á realidade historica, de outro a inanidade das allegorias, mostram-nos que Jeronymo Côrte Real não tinha o senso artistico para achar esse justo meio que é o ideal. A sua educação como pintor, de um genero em que a expressão das imagens era dada por fitas que se lhes desenrolavam da bocca com ditos sentenciosos, levava-o a procurar uma identica

tico, per non parlare della parte ancor più essenziale che avea negli ideali poetici, che era impossibile ridurre le forme antiche a cantare Cristo e i santi senza che c'entrassero Apollo, le Muse é tutto l'Olympo pagano. Ben é vero che, appunto per la natura schiettamente poetica di tutto quei fantasmi, poté avvenire che, dinanzi alla nová idea religiosa, questi spogliassero affatto del loro valore religioso e serbandolo, come nomi e fatti fantastici il loro valore poetico, s'infiltrassero nella poesia e nell'arte cristiana e sopravivessero anche nel pensiero moderno europeo fino ad un punto che puo alla prima parer sorprendere.» Comparetti, *Virgilio nel medio evo*, t. I, p. 216.

concepção poetica; como amostra do seu lyrismo reproduzimos uma Epistola inedita ao poeta Dom Simão da Silveira, amigo de Camões, em que lhe explica um quadro que pintara. Fixamos esta composição em 1575:·

Jeronymo Côrte Real a D. Simão da Silveira, mandando-lhe amostrar
uma Pintura da Mocidade e da Velhice

Negava Phebo já seus raios d'ouro
Lá na segunda casa onde assentado
Ficou aquelle ousado e fero Touro,
Que a filha de Agenor pelo salgado
Reino passou, em Libia traspassando
Com grave dor o pay desconsolado.
Os dois filhos de Leda visitando
Com aprazivel rostro o campo, a serra,
Ares, feras e gentes alegrando;
De mil côres então se veste a terra,
Mostra-se então Amor mais esforçado
O arco dobra e move dura guerra.
Fui-me ao campo viver, onde apartado
Do trátego e revolta da cidade
Contente estava livre e sem cuidado.
Não me anojava lá vêr a maldade
O artificio enganoso lisonjeiro,
Do que traz na apparencia a santidade.
Pouqua pena me dava o conselheiro
Se para officio ou cargo ali admittia
Não sangue, nem saber, mas só dinheiro.
E muito menos pena então sentia
Vendo o enganoso e falso contrafeito
Que para si as mercês só pretendia.
Um bom zelo mostrando hum bom respeito
Pera nos ajudar, tratando sómente
D'aquillo que vencer mais seu proveito.
Os tristes que serviram no Oriente
Em combates, em cêrcos trabalhosos
Só requerem uns com causa urgente,
Julgados são por vãos ou por mimosos
Se o máo despacho engeitam, mais julgados
Serão elles de nós por cubiçosos.

Não via requerentes arrastados,
 Nem os despachadores esquecidos,
 Nem fidalgos tão nobres aggravados.
 Nem lagrimas não via, nem gemidos
 Dos que dano recebem, nem me dava
 Por quantos males lá vejo movidos.
 Com latinos authores só passava
 O tempo que ligeiro vae voando,
 N'elles gosto e proveito sempre achava.
 Effectos naturaes considerando
 Vi produzir o campo a fremosura,
 Por onde se vae Deos manifestando.
 O roxo lyrio vi e a rosa pura
 Em toda perfeição, vi do cunhado
 Queixar-se filomena com brandura.
 Com doce e triste pranto namorado
 Contava a fera historia renovando
 O abominavel, torpe e vil peccado.
 O claro e manso rio murmurando
 Por toscas pedras vi que repartia
 As cristalinas aguas convidando,
 Aquelle rouco som a quem o ouvia
 A um agradavel somno, ou enlevada
 A fantasia ali se suspendia.
 O álemo e a faia inclinada
 Por zephiro e favonio brandamente
 Ali vi com voz surda e mal formada.
 A domestica Progne diligente
 Vi com grande artificio o aposento
 Fazer para seus filhos entre a gente;
 No solitario e doce apartamento
 Vi das pintadas aves a harmonia
 Com que suavemente o subtil vento
 Com estranhos acentos se rompia
 Com clausulas sem arte, mas ornadas,
 De uma natural graça que movia
 Tristes almas de amor assassinadas
 Fazendo-as transportar em mil branduras
 Que mil vezes em vão são desejadas.
 Vi os desertos montes, vi as duras
 Fragosissimas serras, vi os prados
 Juntamente mostrar mil fremosuras.

Estes alegres mezes vi passados
 E vi succeder outros desgostosos
 Com sembrantes medonhos, carregados.
 Bulcões negros e tristes, espantosos,
 O ár todo cobriam quando entrava
 Apollo em outros signos invernosos.
 Quando a humida casa visitava
 Do centauro Chiron com ligeireza
 Lá para o pollo austral se declinava.
 O campo vi coberto de tristeza
 De espinhos e de abrolhos sem proveito,
 De uma dura e esteril aspereza.
 Via sem cortezia e sem respeito
 O gracioso ornato destruido
 Gastado todo já, todo desfeito.
 Pelo sereno céu via estendido
 Um negro e triste manto d'espedaçadas
 Nuvens que o sol nos tinham escondido.
 Vi arvores ficar desconsoladas,
 Queixando-se do tempo rigoroso,
 Que tristes as deixou e despojadas.
 Vi de todo passado o gracioso
 Aprazível verão, e vi entrado
 O inverno intratavel e furioso.
 O manso rio vi todo alterado
 Turbulento com furia vir bramando,
 De nova força d'aguas ajudado.
 Boreas, Austro e Euro pelejando
 Vi com grande braveza levemente
 Grossos e antigos freixos arrancando.
 O miseravel gado paciente
 Em vão, arripiado, se aqueixava,
 Tambem vi fazer isto a quem mais sente.
 Na negra escura noite suspirava
 O bufo infausto, e d'esta voz que ouvia
 Outra mais triste voz elle formava.
 N'estes longos suspiros respondia
 A namorada nympha aliviando
 A saudade e o mal que padecia.
 Vendo isto ali, me foi representando
 O pensamento a nossa humana vida
 Com quantos termos n'ella himos passando.

A força juvenil já convertida
 Por discurso de dias em fraqueza
 E o bello rostro e fórma avorrecida.
 Aquella destra e solta ligeireza
 Do robusto mancebo já mudada
 N'um ser atado, inutil e em torpeza.
 Vi ser cousa geral e costumada
 Converter-se o cabello de ouro puro
 Em branca neve á moça delicada.
 A diva luz dos olhos, o seguro
 Ledo, afavel sembrante, vi mudar-se
 Em espectaculo, triste, aspero e duro.
 O branco e liso rostro enverrugar-se,
 Aquella côr sanguina vi perder-se
 E em fórma já mortal vi transformar-se.
 Vi todo acabar-se e escurecer-se
 Aquella graça, e aí, aquelle estado
 Que com razão merece obedecer-se.
 Vi todas as injurias que o irado
 Crudelissimo tempo faz passando
 N'aquelles por quem Deos é tão louvado.
 Quando tudo isto vi, quiz debuxando .
 Por minha mão mostrar a fresca idade,
 Como vae por seus pontos acabando.
 Como emfim se desfaz uma beldade,
 Como em fórma tristissima fenece
 A suave e gentil venestudade.
 Qual se torna despois que se envelhece
 O branquo peito, a branca mão tão pura,
 Que todo coração duro enternece,
 Porque inda que livre, isenta e dura
 Vontade ou condição se mostre armado
 Não póde resistir á fremsura.
 Que, só um virar d'olhos descuidado
 Um só sembrante honesto e doce riso
 Um só parecer brando e delicado
 Transtorna, rende e mata de improviso,
 Emudece, desmaia e desordena
 Até os annos e as cãs com maior siso.
 Quem poderá valer-se do que ordena
 Amor, ah duro, ingrato, fementido
 Promettendo bens da dura pena.

Triste do que se vê por ti perdido,
 Antre esperanças vãs e certos d'annos,
 Mil vezes morto e nunca arrependido.
 Rodam dias e mezes, rodam annos,
 Foge o tempo ligeiro, e n'isto param
 Emfim para morrer e mais enganos.
 Gran lastima me faz vêr que acabaram
 Aquella frêmosura tam prezada
 E em figura tam vil se contentaram.
 Isto me faz pintar a desejada
 Edade e est'outra tão aborrecida
 Tão mizera, tão pobre e desprezada.
 Aqui verás, senhor, quam destruida
 Por discurso do tempo a fremosura
 N'este oppósito fica convertida.
 Aqui verás emfim quam pouco dura
 Aquillo porque mil vezes morremos
 Aquillo porque humna alma se aventura.
 O que nos faz fazer grandes extremos
 Olha bem em que para, em que fenecem,
 Aquellas cujas sem-razões soffremos.
 As que com nosso mal se en-oberbecem,
 Tanto que o mundo tem em pouco ou nada,
 Mas mais lhes é divido mais merecem,
 E outra opinião he falsa e errada. (1)

Além dos debuxos que acompanham um outro poema epico a *Austriada*, e que revelam um desenhador byzantino, Barbosa Machado encarece o seu talento para a Pintura, dando como prova o quadro de *S. Miguel*, na capella das Almas da parochia de Santo Antão, de Evora. Não podemos deixar de ratificar este juizo infundado com as seguras palavras do homem que estudou mais profundamente a Arte portugueza: «Après

(1) *Canc. Ms.* de Luiz Franc., fl. 153 a 159 v. Dom Simão da Silveira agradeceu com um Soneto que fica publicado.

tant d'éloges ridicules, je serais bien disposé à feliciter celui qui en est l'object de que ses dessins ne soient pas connus.» (1)

Em 1572 a liga catholica conseguira um triumpho contra os Turcos, d'onde resultou o attribuir-se a segurança da Europa á intolerancia catholica. A batalha de Lepanto, ganha por Dom João de Austria, por effeito dos encomios propalados por todos os fanaticos chegou a ser tambem celebrada nos cantos populares portuguezes. Na tradição oral de Coimbra encontramos um fragmento de romance, que depois achámos na sua integridade primitiva na tradição oral da Ilha de S. Jorge em quatro versões importantissimas. (2) Jeronymo Côrte Real não soube comprehender a poesia d'estes romances populares, que no seu tempo seriam por ventura muito mais extensos. Querendo compôr um poema sobre a batalha de Lepanto para lisongear Philippe II, escreveu em 1576 a *Austriada* com a mesma severidade de exactidão e de logica de um chronista.

Na dedicatória de Jeronymo Côrte Real a Philippe II, diz: «Trabajé para aver para este effecto las mas verdaderas informaciones, que me fueran posibles tomando la substancia de aquellas que aun de varias partes me fueran traídas, al fin se reduzian todas á la mas comun opinion.» Este caracter historico predomina no poema, e na *Historia do Combate Naval de Lepanto*, por

(1) Raczyński, *Dicc. hist. artistique du Portugal*, p. 56.

(2) *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez*, t. I, e t. IV.

D. Caetano Rossel, Jeronymo Côrte Real é citado para confirmar certos pontos duvidosos. (1)

Jeronymo Côrte Real acompanhou este poema de uma Pintura da Batalha Naval: «*debuxado de mi mano, para que la variedad de las colores e la invencion de la pintura a que V. M. es inclinado, haga facil aquel peso y molestia de una lectura falta de invencion, y d'aquel ornamento y polido estylo que en los grandes ingenios solos se hallan.*» Philippe II, que em 1576 já calculava a sorte de Portugal, entendeu dever agradecer a este illustre fidalgo: «Al magnifico y amado nuestro Hieronymo Côrte Real: Magnifico e amado nuestro. Mucho he holgado con vuestra carta y con el libro que aveis compuesto de la batalla naval y victoria que nuestro Señor tuvo por bien de dar a la Christiandad contra la armada del Turco siendo general de la Liga el illustrissimo D. Juan de Austria mi hermano. Porque en la carta mostrais el afficion que teneis a mis cosas, y en la obra ingenio, juizio y otras buenas partes de que Dios os ha dotado: que lo uno y lo otro me ha sido muy agradable y assi os lo agradezco mucho: con asseguraros que para qualquiera cosa en que os tocare, hallareis en mi la voluntad que vuestra persona meresce. De Madrid a 8 de Novembre de 576. Yo ElRey.» Nas varias poesias encomiasticas a Jeronymo Côrte Real, D. Fernando Henriques diz dos heroes de Lepanto:

(1) *Op. cit.* p. 113, not. 17.

El grande Luzitano os ha librado
Vuestros hechos poniendo alla cumbre.

D. Francisco de Moura, escreve-lhe:

Louve-te a natureza, que de quanto
Em ti quiz ajuntar, tal honra tira,
E a patria que seus feitos mortos vira
Louve-te juntamente com Lepanto.

E termina aproveitando-se a seu modo do conceito camoniano:

« Sem á dita de Achilles ter inveja.»

Caminha escreve, ácerca dos seus talentos e da sua bravura:

Hieronymo aqui escreve, e d'aqui canta,
Illustre em sangue, illustre em verso o espirito...

Este espirito que canta, em tudo raro
Igualmente *pudera obrar co'a espada*
O que felicemente obrou co'a penna.

André Falcão de Resende, associa o louvor da *Aus-triada* com o do *Segundo Cêrco de Diu*:

Tudo isto mostra o claro canto e espirito
Do gram Côrte Real, que ao Lusitano
João cantou no Cêrco e oriental guerra;
E ora na occidental cantando invicto
Inclito João de Austria soberano
Alças Phebo seu canto em toda a terra.

Falcão de Resende tambem celebra, em um Soneto *Ao livro que fez Jeronymo Côrte Real do Segundo Cêrco de Diu*, (1) que não vem junto com as homenagens de 1574, este poeta rico, cuja opulencia provocava ás bajulações. Em 1578, quando Falcão de Rezende estava como Juiz de fóra em Torres Vedras, escrevia a Côrte Real:

A minha pobre vida, ou quasi morte,
 Tua quieta vida cubiçando
 Podes Côrte Real, na real côrte
 Gosar tranquilamente o ocio amado,
 Por bem aventurada e nôva sorte.

.....

Como o incorrupto e namorado Alpheo
 Sem contaminar nunca sua pureza
 Córta as salgadas ondas pelo meo;

Assi com alto espirito, arte e destreza
 Cortando as frias aguas vãs do abuso
 Dos indoutos, e a barbara rudeza,

E quieto entre povo tão confuso
 Cantas do nosso bom rei milagroso,
 Os heroicos feitos fóra do uso,

Em puro e claro estylo, grave e honroso,
 A ti, á patria, aos teus, como é devido
 A sujeito tão alto e poderoso. (2)

N'este tempo Jeronymo Côrte Real achava-se em Lisboa, chamado por Dom Sebastião, como todos os outros fidalgos, para o acompanharem na tresloucada expedição do joven monarcha a Africa. Do seu talento artistico para a pintura se serviram os exaltados da ex-

(1) *Obras*, p. 95.

(2) *Ibid.*, p. 305.

pedição, para que cooperasse na divisa da empreza aventureira, a qual constava de duas Pyramides com as palavras: *Amor, Fé, Amor*. (1) A antiga bravura portugueza, que Jeronymo Côrte Real celebrara no *Segundo Cêrco de Diu* já não existia; eram outros os tempos, e o heroismo estava substituído pela *Valentia* dos guapos, tão bem caracterisada nos costumes de Sevilha. Em uma carta do seculo XVI, em que se relata o desastre de Alcacer, se encontra uma phrase ironica, que prova esta monomania da nossa aristocracia. Tendo-se dissuadido Dom Sebastião de dar batalha em um certo dia, os fidalgos incitaram-no fazendo-lhe tudo facil: «E o padre Fernão da Silva, *pela muita experiencia que tinha das cousas de Sevilha*, fez isto de melhor maneira, ajudando-se da velhice e oração de Jorge da Silva, que pediu a el-rei, n'aquelle momento, que lhe fizesse mercê das orelhas de Maluco para as comer com azeite e vinagre.» (2) Pela sua parte el-rei Dom Sebastião tambem obedecia a essa infatuação dos *Valentones* de Sevilha, porque já levava os poetas que haviam cantar a epopêa do seu triumpho, e a corôa de ouro com que se havia de acclamar imperador de Marrocos. Diz a citada carta contemporanea do desastre: «Cuidou passar a Africa com a facilidade com que monteava em Pancas e Almeirim. E é isto tanto assim, que levava corôa de ouro

(1) Ferdinand Denis, *Portugal*, p. 269.

(2) Ap. *Summario de Varia Historia*, do snr. Dr. Guimaraes, t. iv, p. 130.

cerrada para o dia que entrasse em Marrocos se coroar imperador de Marrocos, e vestidos e alabardas para os seus da guarda saírem o mesmo dia, pintadas as armas reaes e a corôa cerrada por timbre; e o padre Fernão da Silva estudada a pregação da victoria.» (1) O mundo moral tambem tem as suas doenças contagiosas, de que a historia dá a prova com essas hallucinações geraes das Cruzadas, das perseguições religiosas, da feiticeria, dos convulsionarios; a historia da peninsula do fim do seculo XVI, e principalmente os destinos de Portugal andaram ligados a esta monomania aristocratica dos *Valentones*. No seu poema do *Naufragio de Sepulveda*, Jeronymo Côrte Real introduz á maneira de Camões uma visão em que a figura allegorica de um sabio mostra a Pantaleão de Sá a historia de Portugal representada desde D. Affonso Henrique até ao desastre de Alcacer Kibir. Era um logar commum de todas as epopêas. No Canto XIV descreve largamente esse desastre como quem assistiu a elle e tambem ficou captivo, descrevendo a morte de um seu irmão herdeiro da casa dos Côrtes-Reaes, e fazendo uma enfadonha ennumerção de todos os apellidos heraldicos dos cavalleiros que foram com o monarcha a essa tonta aventura. Como já dissemos, o poeta D. Manoel de Portugal era casado com uma irmã de Jeronymo Côrte Real; esta circumstancia fez com que memore tambem no seu poema a morte de seus sobrinhos D. João e D. Henrique de Portugal:

(1) *Ibid.*, p. 129.

Ambos estes são filhos do prudente
 Dom Manoel, com rasão tão celebrado,
 Digo, aquelle a que Marte deu sua espada.
 E o sabio Apollo a vêa mais delgada. (1)

Ali tambem memora D. Gonçalo Coutinho, o grande amigo de Camões, que ficou no captiveiro:

Tambem *Coutinhos* vão determinados
 Romper não só os imigos, mas um muro
 Fortissimo que achassem romperiam
 E á pura força adiante passariam.
 (Ib., p. 273).

Quando o genro de Côrte Real, publicou o poema do *Naufragio de Sepulveda*, dedicou-o ao Duque de Bragança Dom Theodosio II, alludindo ao seu captiveiro em Africa; n'este poema, consagrou o poeta seis outavas ao Duque, que:

Já por seu rei então enresta a lança
 C'o mais ousado e forte em competencia,
 Não tendo inda *doze annos* bem perfeitos
 Emprehende já famosos e altos feitos.
 (Ib., p. 278.)

Por isso escreve Antonio de Sousa, justificando a dedicatória: «e recebel-a V. Excellencia será mercê que fará a Jeronymo Côrte Real — de quem sei certo que se vivera tinha determinado de se empregar todo em escrever as grandezas d'esta casa è o *cativeiro* de Vossa

(1) *Naufragio de Sepulveda*, p. 275. Ed. 1783.

Excellencia.» N'esta passagem da dedicatória de Manoel de Sousa, feita um anno depois da morte de Jeronymo Côrte Real, allude-se tambem ao poema inedito e hoje totalmente perdido, que se intitulava *Perdição de El-Rei Dom Sebastião em Africa, e das calamidades que se seguiram a este Reino*. Cita-o Barbosa Machado. Entre as calamidades que se seguiram ao desastre de Africa deve-se contar o profundo abatimento do espirito publico; na Carta contemporanea que temos citado, vem este negro quadro: «É para chorar e acabar de pasmarmos da louquice d'esta terra. Haver n'ellas donas illustres e de qualidade, com tam larga licença como tomaram, na desolação, de andar no modo das romarias, e na invenção com que pedem a Deos vida e liberdade dos maridos e filhos captivos, porque não ha devoção defeza que não façam, nem feiticcia que não busquem, para lhes dizer o que vae em Africa. Não ha beata que com suas superstições as não roube de quanto têm. Tão andejas se fizeram por modo de galanteria, que duvido que os maridos se o souberem, queiram de lá sair pelas não verem. Outras se ajuntam nas egrejas e já se conhecem todas.» Não vimos isto mesmo com a França, consolando-se com os milagres de Lourdes depois da catastrophe da campanha franco-allema? Como abastado, Jeronymo Côrte Real facilmente conseguiu o seu resgate, e as longas saudades de sua mulher D. Luiza da Silva o levaram a, pouco depois que regressou á patria, entregar-se á composição da sua epopêa, o *Naufragio de Sepulveda*, por ser D. Leonor de Sá «muito parenta de sua mulher

a quem elle muito amava.» Este poema, que ficou inédito até á morte de Jeronymo Côrte Real em 1593, já estava completamente escripto antes de 1589, porque Pero de Andrade Caminha, no Epigramma CLXXXV, falla da impressão que lhe causou a sua leitura:

Cantando de Leonor a formosura,
 Entre as musas, Jeronymo, creado,
 De suavidade encheste e de brandura
 Meu peito, de tristezas occupado.
 Quando a chorar vieres a *ventura*
 Que lhe deu triste morte em triste estado,
 Que espirito pôde haver que te ouça e viva?
 Que peito onde sua pena não reviva?

Por este Epigramma se vê que Jeronymo Côrte Real communicára a Caminha o poema ainda nos primeiros cantos, que é aonde descreve a fôrmosura de D. Leonor de Sá. Caminha insensivelmente se lembra do verso de Camões, ao tratar de Sepulveda nos *Lusiadas*:

Triste ventura, negro fado os chama . . .

O proprio Jeronymo Côrte Real não pôde evitar a imitação d'essas tres admiraveis outavas que excedem o que Dante tem de mais accentuado; diz Camões, referindo-se á morte de Sepulveda e de sua mulher:

Abraçados as almas soltarão
 Da formosa e miserrima prisão.

Côrte Real serve-se d'este mesmo pensamento:

D'aquella escuridão *as almas juntas*
 Dos corpos desiguaes, *iguaes se partem,*
E da prisão mortal libertadas
 Descansar ambos vão . . .

(p. 346.)

Além de muitas phrases camonianas, Côrte Real tambem imita por vezes em outavas intercalladas no verso solto, a fórmula de prophesia tal como a usou Camões no episodio de Adamastor. Era este o poema que Jeronymo Côrte Real mais estimava, como vemos por esta declaração de seu genro: «Entre as peças que herdei de meu sogro Jeronymo Côrte Real, que Deus tem, em um escriptorio aonde elle recolhia as que muito estimava, achei esta historia e verdadeiro discurso do infelice successo de Manoel de Sousa de Sepulveda e Dona Lianor de Sá, sua mulher e dois filhos. Eu estimei muito achal-a, porque em sua vida lhe ouvi dizer que *fôra esta a obra que elle tinha por mais filha do seu engenho que algumas que fizera e em que mais cabedal de trabalho puzera.*» Por esta razão avaliaremos mais detidamente o *Naufragio de Sepulveda*, procurando os elementos tradicionaes de que se serviu o poeta para a sua obra, que mereceu ser traduzida em castelhano por Francisco Contreras em 1624 com o titulo de *Nave tragica de India de Portugal*, e modernamente em francez, por Fournier. Contam os Nobiliarios, que Garcia de Sá promettera em casamento sua filha D. Leonor de Sá ao capitão de Ormuz Luiz Falcão; Manoel de Sousa Sepulveda declarou que era casado clandestinamente com

ella, segundo se usava tão frequentemente no seculo XVI, como vêmos com os tragicos amores do Duque de Aveiro e de Christovam Falcão. O velho Garcia de Sá não quiz faltar á sua palavra, e Luiz Falcão appareceu morto de um tiro; attribuiu-se o crime aos amores de Sepulveda, que tempo depois recébeu a mão de D. Leonor de Sá, uma das damas mais formosas de Goa. (1) Em 1552 foi o naufragio d'este cavalleiro, que morreu com sua mulher e dois filhos nas terras do Natal; este desastre foi attribuido a designio da providencia, mas a relação do Naufragio ditada pelo Guardião da Náo, Alvaro Fernandes, em Moçambique, ao traçar as extraordinarias situações em que se viram os desgraçados esposos, vagamente allude a esse castigo que tornava ainda mais sombria a catastrophe. É esta omissão uma das bellezas da Relação ingenua; aí se lê: «Partiu n'este Galeão Manoel de Sousa, *que Deus perdoe*, para fazer esta desventurada viagem...» E um pouco adiante: «Andando assim n'este trabalho, tornou-lhe outra vez a faltar o vento a les-sudueste, e temporal desfeito, e já

(1) « Da morte de Luiz Falcão se non sabe ainda certeza, que faz ter-se d'ella más suspeitas; prazera a Deos que se saberá, para se fazer a justiça que tão novo caso n'estas partes requere: querem dizer que se asou sua morte porque, em sendo o inverno, mandou Luiz Falcão cinco mil pardãos ao governador Garcia de Sá, tanto que soube que era governador, do dinheiro de vossa alteza, e que por isso se deixou d'acabar de pagar aos soldados e casados, de que se tem mais suspeita: o vedor da fazenda dos contos, que foi fazer diligencia sobre sua morte, escreverá a Vossa alteza a certeza.» Cartas de Simão Botelho, Cart. II, ed. Felner, *Subsidios para a Hist. da India*.

então parecia que Deus era servido do fim que ao depois tiveram.» O proprio Sepulveda ao animar os seus companheiros de naufragio roça pelo mesmo presentimento: «bem vedes o estado a que por nossos peccados sômos chegados, e eu creio verdadeiramente que os meus só bastavam para por elles sermos póstos em tamanhas necessidades como vedes que temos, etc.» (1) Jeronymo Côrte Real fazendo nascer os amores de Sepulveda de uma situação bucolica banal em que vê a famosa dama retratada na agua, aproveita-se da tradição nobiliarchica, e quasi que chega a declarar que o Sepulveda mandou assassinar Luiz Falcão:

..... determina
 O nobre pae casar esta formosa
 Filha com *Luiz Falcão*, varão insigne.

E contando a situação de Sepulveda:

Revolve na cançada phantasia
 Remedios differentes, *nenhum acha*
Que o possa descansar, em quanto a vida
Ao seu duro adversario lhe durasse.
 (p. 35.)

O Amor determina matar esse rival:

He necessario mãe, que o Falcão moura,
 Porque o Souza e Leonor ambos descansem;
 Para o matar me offereço, *mas seria*
Bom conselho fazer-se isso secreto.
 (p. 36.)

(1) *Hist. tragico-maritima*, t. 1, p. 17.

Depois de realisada a morte de Luiz Falcão:

Suspeita-se que Amor no caso infando
Tão iniquo e cruel fosse homicida;
E que de um tão injusto e bruto feito
Sua cegueira só tivesse culpa . . .

Mas a palreira fama diz e affirma
Que o cego Amor só n'elle teve culpa.
(p. 68.)

Por fim, Jeronymo Côrte Real, ao narrar a situação decisiva que consummou o desastre de Sepulveda, no momento em que mandou entregar as armas aos Cafres, introduz grosseiramente um pedido da sombra de Luiz Falcão que reclama a Deus vingança (p. 516). É este o unico elemento tradicional aproveitado pelo poeta; tudo o mais é producto de uma falsa rhetorica, ou copiado da Relação do naufragio. As ampliações rhetoricas, para todos os que tem lido os traços inimitaveis da narrativa feita pelo naufrago em Moçambique em 1554, causam indignação igual á do convencionalismo ante uma dor real. Os dezeseite cantos do poema, são fundados sobre esta constante profanação, como a descripção do nascimento de D. Leonor de Sá, a vingança do Amor e o aposento da Determinação, Protheo namorado de D. Leonor de Sá, na viagem, e ciumes de Amphitrite, novo amor Pan por D. Leonor, ficção do Templo da Mentira e da Verdade, etc. Com certeza, Jeronymo Côrte Real não tinha o minimo vislumbre de ideal poetico.

O pouco que ha de natural no *Naufragio de Sepulveda* é tirado da prosa franca da Relação. A lingua portugueza, sempre escripta por eruditos moralistas auctoritarios, que só tinham em vista manifestar a área dos seus conhecimentos, e que nunca sentiram senão conformes com as opiniões mais abonadas, pela primeira vez se aproximou da espontaneidade da expressão oral n'essas narrativas simples e eloquentes pela impressão immediata da realidade, em que os velhos marinheiros portuguezes contavam os seus desastres. Essas Relações, escriptas para esmolarem na côrte, ou para satisfazerem a curiosidade de um publico que não tinha outras emoções, acham-se parte dispersas, e parte colligidas na *Historia tragico-maritima*; ali se vê quanto póde esta lingua, fallada nas grandes tempestades do mar, sôlta das convenções dos chronistas, dos prégadores, dos jurisconsultos e apologeticos. Parece que as palavras se animam, da mesma fórma que o accento natural mostra a correcção morta de uma pronuncia unicamente grammatical. Se não existissem essas Relações dos naufragios, podia-se dizer que a lingua portugueza, que começou a ser tão cedo escripta, nunca fôra fallada; não era esterilmente que no principio do seculo xvi estava constituida a nacionalidade portugueza, cuja consequencia viva era a linguagem. De todas as Relações a mais tetrica, de lances mais shakespearianos, e em que o que conta ignora o que são effeitos de estylo, e portanto attinge a maior sublimidade, é a *Relação da mui notavel perda do Galeão grande S. João*, em que se narra a

morte de Sepulveda. Jeronymo Côrte Real, se tivesse um pequeno lume de ideal não tornava a pôr a mão n'este assumpto, para o qual a arte não pôde trazer mais altura; bastava lembrar-se de que poderiam um dia aproximar os seus versos carregados de epithetos, mas frios, d'aquella prosa impensada, mas que revolve todas as fibras.

Pequenissimas circumstancias da Relação acham-se reproduzidas no poema, taes como o symbolo da guerra entre os selvagens: «andaram por lá dois sem acharem pessoa viva, senão algumas casas de palha despovoadas, por onde entenderam que os negros fugiram com medo, e então se tornaram ao arrayal, e *em algumas das casas acharam frechas metidas, que dizem que é o seu signal de guerra.*» (*Hist. trag.*, I, 16). Eis o poema:

Estes trez companheiros partem logo,
 E com ligeiro passo a terra intentam;
 Solicitos se mostram, mas não acham
 Do que lá vão buscar cousa mais certa
 Que *uma guerra notoria*, clara e vista
 Que elles muito temeram; *porque acharam*
Em pobres casas já desamparadas
Mettidas por signal agudas setas;
 Que entre elles é pregão, e assi divulgam
 Odio, guerras crueis, estrago e morte, etc.

(p. 141).

O trabalho de Côrte Real consistia em ampliar a situação da narrativa, da mesma maneira seguida por outro poeta, o auctor da *Elegiada*, que trata o desastre de Sepulveda como um episodio contado por Pantaleão de Sá:

Antre nós trez ousados escolhemos
 Que sem temor movessem o passo asinha,
 A descobrir a terra, porque achassem
 Alguns que as cousas d'ella acclarassem.

Os quaes tendo dois dias caminhado
 Sem verem mais que *rusticas cabanas*,
 Com *frechas bem fincadas (modo usado*
Na guerra d'estas gentes inhumanas), etc.
 (*Eleg.*, Cant. vi, 119.)

Este encontro de Côrte Real com Luiz Pereira parece resultado de uma combinação litteraria entre ambos, porque no *Naufragio de Sepulveda* trata-se o desastre de Alcacer-Kibir como episodio, e na *Elegiada*, escripta sobre este desastre, entra como episodio o naufragio de Manoel de Sousa; ambos puzeram em verso a mesma fonte, que foi a narrativa ditada por Alvaro Fernandes.

Tomemos uma das situações altamente patheticas da Relação: « Em todo este mez poderiam ter caminhado cem leguas: e pelos grandes rodeios que faziam no passar dos rios, não teriam andado trinta leguas por cósta; e já então tinham perdidas dez ou doze pessoas; só um filho bastardo de Manoel de Sousa de dez ou onze annos, que vindo já mui fraco da fome, elle e um escravo, que o trazia ás costas, se deixaram ficar atraz. Quando Manoel de Sousa perguntou por elle, que lhe disseram que ficava atraz obra de meia legua, esteve para perder o siso, e por lhe parecer que vinha na trazeira com seu tio Pantaleão de Sá, como algumas vezes acontecia, o perdeu assim; e logo prometeu quinhentos cruzados a

dous homens, que tornassem em busca d'elle, mas não houve quem os quizesse acceitar, por ser perto da noite e por causa dos tigres e leões; porque como ficava homem atraz, o comiam; por onde foi forçado não deixar o caminho que levava e deixar assim o filho onde lhe ficava os olhos.» (*Hist. trag.*, ib. p. 20). Eis a conversão poetica:

Andado tem cem leguas, mas de todas
 Só trinta proveitosas lhe ficaram;
 Que pollas grandes voltas das ribeiras
 Grande espaço de terra fica inutil.
 Crece a fome em geral, crece o trabalho,
 Alento e forças quasi desfallecem,
 Alguns se rendem já, já de cansados
 Se deixam ser de tigres mantimento . . .
 Entre estes tambem fica um gentil moço
 Filho do Capitão, porém nacido
 De mulher differente, este não tinha
 Então dezeseis annos bem compridos

 Sentiu o Souza muito a morte d'este
 Parecendo-lhe ser por seu descuido,
 E dentro no seu peito se reprehende,
 E de não o achar menos se dá culpa.
 O caminho prosigue, onde lhe ficam
 A cada passo já mortalhas tristes, etc.

(p. 151.)

Luiz Pereira tambem desenvolve na *Elegiada* esta pathetica situação, ainda mais prêso da narrativa. Um dos lances mais violentos, que preparam a immensa catastrophe, é aquelle em que conhecem que o Capitão Manoel de Sousa está com a razão perturbada: «Tambem se diz que o Capitão vinha já n'aquelle tempo mal-

tratado do miolo, da muita vigia e muito trabalho, que carregou sempre n'elle mais que em todos os outros.» E depois de uma furia repentina contra os pretos que o conduziam em uma almadia: «Em verdade, quem conhecera a Manoel de Souza, e soubera sua descrição e brandura, e lhe vira fazer isto, bem poderia dizer que já não ía em seu perfeito juizo, porque era discreto e bem attentado; e d'ali por diante ficou de maneira, que nunca mais governou a sua gente como até ali o tinha feito.» (Ib., p. 26).

O Souza, differente já do Souza
 Que ser soía, com Leonor se embarca . . .
 Por não tocar um baixo o batel forcem
 D'aquella via e rasto que atrás deixam . . .
 O nobre Capitão cuida ser manha
 E que o apartam dos outros com malicia.
Como elle do trabalho e das vigias
Levasse já o juizo embaraçado,
 Arranca a espada á colera movido . . .
 Quem outro tempo viu este prudente
 Esforçado varão, manso, tratavel
 Cortez, discreto e brando, e agora o via
 Do juizo e razão já tão mudado, etc.

(p. 308-9.)

Em consequencia d'este estado imprevisto em que caíra o que dirigia a comitiva, apressou-se o cumulo da desgraça; na primeira povoação de Cafres que encontraram, exigiram que entregassem as armas, a que Sepulveda, já sem nada comprehender, accedeu. D'aqui em diante ficaram á mercê dos selvagens, que os despiram e os mandaram embora pelo deserto. O poema segue

com enfadonhas e mythologicas ampliações estes lances da Relação, com logares communs banaes que contrastam com a realidade e produzem a indignação. Eis o lance supremo da narrativa em prosa, que dá a medida da desgraça de Sepulveda, e da estupidez do seu cantor: «E Dona Leonor ía já tão fraca, tão triste e desconsolada, por vêr seu marido da maneira que ía, e por se vêr apartada da outra gente, e ter por impossivel poder-se ajuntar com elles, que cuidar bem n'isto é cousa para quebrar os corações. Indo assim caminhando tornaram outra vez os Cafres a dar n'elle e em sua mulher e em esses poucos que íam em sua companhia, e ali os despiram, sem lhe deixarem sobre si cousa alguma. Vendo-se ambos d'esta maneira com duas creanças muito tenras diante de si, deram graças a Nosso Senhor. Aqui dizem, que D. Leonor se não deixava despir, e que ás punhadas e bofetadas se defendia, porque era tal que queria antes que a matassem os Cafres, que vêr-se núa diante da gente, e não ha duvida que logo ali acabara sua vida, senão fôra Manoel de Souza, que lhe rogo se deixasse despir, que lhe lembrava que nasceram nús, e pois Deus d'aquillo era servido, que o fosse ella. Um dos grandes trabalhos que sentia, era verem dois meninos pequenos seus filhos, diante de si chorando, pedindo de comer, sem lhes poderem valer. E vendo-se D. Leonor despida, lançou-se logo no chão, e cubriu-se com os seus cabellos, que eram muito compridos, fazendo uma cova na areia, onde se meteu até á cintura, sem mais se erguer d'ali. Manoel de Souza foi então a uma

velha sua aya, que lhe ficara ainda uma mantilha rota, e lha pediu para cobrir D. Leonor e lha deu; mas comtudo nunca mais se quiz erguer d'aquelle logar, onde se deixou cair quando se viu núa.— Os homens que estavam ainda em sua companhia, quando viram a Manoel de Souza e sua mulher despida, afastaram-se d'elles um pedaço, pela vergonha que houveram de vêr assim seu Capitão e D. Leonor. Então disse ella a André Vaz, o piloto:— Bem vêdes como estamos, e que já não podemos passar d'aqui, e que havemos de acabar por nossos peccados; ide-vos muito embora, fazei por vos salvar, e encommendae-nos a Deus; e se fordes á India e a Portugal em algum tempo, dizei como nos deixastes a Manoel de Souza e a mim com meus filhos! — E elles vendo que por sua parte não podiam remediar a fadiga de seu Capitão, nem a pobreza e miseria de sua mulher e filhos, se foram por esses matos buscando remedio da vida... E Manoel de Souza ainda que estava maltratado do miolo, não lhe esquecia a necessidade que sua mulher e filhos passavam de comer. E sendo ainda manco de uma ferida que os Cafres lhe deram em uma perna, assim maltratado se foi ao mato buscar frutas para lhe dar de comer; quando tornou achou Dona Leonor muito fraca, assim de fome, como de chorar; e achou um dos meninos mortos, e por sua mão o enterrou na areia. Ao outro dia tornou Manoel de Souza ao mato a buscar alguma fruta, e quando tornou, achou D. Leonor fallecida, e o outro menino, e sobre ella estavam chorando cinco escravas com grandissimos gritos. Dizem que elle não

fez mais, quando a viu fallecida, que apartar as escravas d'ali, e assentar-se perto d'ella, com o rosto posto sobre uma mão, por espaço de meia hora, sem chorar, nem dizer cousa alguma, estando assim com os olhos postos n'ella, e no menino fez pouca conta. E acabando este espaço se ergueu, e começou a fazer uma cova na areia com ajuda das escravas e sempre sem se falar palavra a enterrou, e o filho com ella, e acabado isto, tornou a tomar o caminho que fazia quando ia buscar as frutas, sem dizer nada ás escravas e se meteu pelo mato, e nuuca mais o viram, etc.» (1) O homem que traçou estas linhas, em que expõe situações meramente exteriores, não sabia descrever emoções subjectivas, mas é certo que poucas vezes a linguagem humana exprimiu mais profundamente as agonias da vida! Nenhum genio tocou ainda tanta e tão forte simplicidade. Jeronymo Côrte Real ao pôr em verso esta situação no *Naufragio de Sepulveda* (canto XVI), desceu ao estado da bestialidade dos Cafres que despojaram D. Leonor dos vestidos; o mediocre teve a coragem de comparar esta cruenta realidade com a imagem de Venus vista nua pelo pastor no monte Ida! E para cunulo de insensatez, desenvolve largamente um episodio, de Phebo ao raiar do dia, que se apaixona pelo corpo de D. Leonor, e desce á terra em figura de pastor para se fazer amado! Era assim que se comprehendia a poesia em Portugal, no fim do

(1) *Hist. trag. marit.*, t. 1, p. 33 a 36.

seculo XVI, e eram estes metrificadores que pretendiam annullar o genio de Camões.

Além de outros ineditos que Manoel de Sousa de Abreu herdou de seu sogro, deve comprehender-se o livro intitulado *Epilogo de Capitães Insignes*, que apparece citado pelo seu contemporaneo Frei Bernardo de Brito, (1) e era ainda conhecido no meado do seculo XVII, porque o cita Antonio de Sousa Macedo. (2) Ineditas ficaram essas duas Epistolas colligidas no *Cancioneiro* de Luiz Franco, que aqui transcrevêmos; e Frei Bernardo de Brito traz na *Monarchia Luzitana* algumas estrophes de uma «*Elegia de amores que fez, estando na cidade de Evora, a uma Dama illustre, natural d'aquella terra*; entre outras delicadezas que lhe diz encarecendo sua graça e formosura . . .

Nem por terdes na terra em que nascestes
 A Venus favoravel nos amores,
 Cuideis isenta ser, pois me vencestes.
 Não reconhecem lei os passadores
 Do cego encantador, que o mundo adora,
 Nem tem a mãe poder em seus ardores.
 No monte vos vi, já que alguma hora
 Viu d'um Poeta as armas victoriosas
 Em que Marte e Amor vivem agora.
 Já Venus vos deixou selvas umbrosas,
 Por causa do rigor de Galatêa
 E vos trocou em brenhas temerosas.
 Quem vos possui com guerra vos arrea,
 Tudo cruel em vós contemplo, e vejo
 Os montes da fermosa Cithareã.

(1) *Monarch. Luzit.*, Part. 1, liv. 2, cap. 15.

(2) *Flores de España*, cap. 14, Excell. 2.

Pelo nome moderno se me rejo
Por Pumares regados com meus olhos,
Cavados com a força do desejo.» (1)

Por isto se vê que Frei Bernardo de Brito teve conhecimento das poesias lyricas de Jeronymo Côrte Real, hoje perdidas. Em 1768, Francisco Luiz Ameno, publicou um desconhecido inedito de Côrte Real, o *Auto dos Quatro Novissimos do Homem, no qual entra tambem uma Meditação das penas do Purgatorio*. Na advertencia escreve o impressor: «Casualmente chegou á minha mão um manuscripto antigo, que constava de composições de diversos authores; entre as quaes achei tambem esta, que agora te offereço, leitor amigo. É obra do grande Jeronymo Côrte Real . . . , se tens algum conhecimento de estylos, creio não duvidarás ser isto obra sua . . . Não me atrevi a mudar nada da orthographia com que estava escripto, porque a letra mostrava tanta antiguidade, que quando não fosse a do proprio original seria de uma cópia feita immediatamente d'elle.» Esta rapida noticia do impressor Ameno revela-nos a existencia de mais um Cancioneiro de poesia quinhentista que chegou até ao seculo XVIII. O *Auto dos Novissimos do Homem*, apesar do seu titulo dramatico, é um insipido poemeto de um catholicismo sem ideal, escripto em verso solto, como usava Côrte Real nos seus poemas.

Este poemeto, que ainda é mais destituído de senso poetico do que os *Novissimos do Homem* de Rolim de

(1) *Monarch. Luzit.*, p. 1, lib. 4, cap. 8.

Moura, é um documento de um cerebro decaído, a quem a preocupação catholica da morte aggravou mais a senilidade. Como testemunha de tantos desastres, não admira que elle caísse em uma tão triste depressão moral:

Acabem-se já os baixos pensamentos
D'esta fraca, mortal, humana vida,
As nevoas se desfaçam e os vapores
D'estas tristes, mundanas ignorancias, etc.

O isolamento na sua Quinta do Morgado da Palma augmentou ainda mais a tristeza d'esta alma, que não teve n'este mundo uma noção verdadeira que o levasse a fortalecer-se e a contentar-se com a realidade da vida; tendo fallecido antes de 1593, conforme fixa Barbosa, não chegou a vêr como a memoria de Camões renascia como um palladio nacional, nem como os seus versos lyricos se tornaram a expressão apaixonada da alma portugueza.

CAPITULO V

Francisco de Andrade e Luiz Pereira

Educação humanista de Francisco de Andrade. — Mão poeta lyricô. — Falta de imaginação. — Como trata o assumpto do *Primeiro Cêrcô de Diu*. — Dedicatória a Philippe II. — Recompensa. — Modo de tratar as façanhas portuguezas na Asia. — Malaca e as tradições indigenas. — Luiz Pereira é superior em metrificacão e colorido poetico a Andrade. — A *Elegiada* não é inspirada por um sentimento nacional como a *Chanson de Roland*. — Caracter diffuso d'estes poemas historicos. — Prometia continuar a *Elegiada*. — Nunca foi continuada, porque a verdadeira continuação teria sido em 1640. — Conclusão ácerca da falta de conhecimento do valor das tradições nacionaes.

Assim como a poesia lyrica portugueza do seculo XVI decaiu desde que o idealismo platonico, manifestado no lyrismo de Camões, foi substituido pelas doutrinas alexandristas, do mesmo modo a comprehensão da epopêa nacional tornou-se frívola e absurda pela obliteração completa das tradições populares. Os Jesuitas estavam senhores absolutos do ensino em Portugal desde 1555; assim como o seu instituto transformava o individuo em um agente passivo, o seu plano procurava tambem tirar ás nações a individualidade substituindo-lhes as suas tradições por um humanismo esteril e sem physionomia. O que é o contagio do *culteranismo* em Hespanha, do *marinismo* em Italia, do *preciosismo* em França, do *euphuismo* em Inglaterra, senão o resultado de um mesmo systema de educação litteraria imposto pelas

escholas jesuiticas? Todos estes paizes tinham bastante vigor para resistirem ao contagio do máo gosto, se elle viesse transmittido por um unico centro litterario. O character com que se manifesta na Europa este vicio geral, resultante de um superficial mas exclusivo *humanismo*, começa em Portugal no momento em que a nossa instrucção publica caíu em poder dos jesuitas; elles substituiram o velho theatro nacional pelas suas insulas tragi-comedias latinas; atacaram os cantos populares inculcando á força na memoria das crianças as suas chátas jaculatorias em redondilhas, como vêmos pela *Relação do Naufragio do Galeão San Thiago em 1585*, em que em vez das velhas *Salvas*, de que falla Gil Vicente, conseguiram fazer cantar:

Todo o fiel christão
 É mui obrigado
 A ter devoção
 A santa cruz . . . (1)

D'esta fórma chegaram a ser desconhecidas as tradições nacionaes, a ponto de entrarmos no seculo XVII e apenas acharmos um Rodrigues Lobo e um D. Francisco Manoel de Mello, que deveram a sua superioridade ao vago instincto que os levou a inspirar-se frouxamente d'essa tradição. O regimen humanista imposto pelo ensino jesuitico esterilizou os nossos escriptores quinhentistas, que seguiram forçadamente as escholas

(1) *Hist. Tragico-Maritima*, t. II, p. 128.

da Companhia; e este vicio de ensino entrou tão profundamente na educação portugueza, que apesar de todos os esforços de Pombal, ainda hoje nenhum governo soube livrar-se da preponderancia de disciplinas anachronicas e sem resultado, estabelecendo a justa discriminação em instrumentos para adquirir conhecimentos, e em noções positivas que façam progredir as concepções individuaes. Pela preponderancia que ainda vêmos hoje se pôde calcular o gráo d'esse exclusivismo humanista do seculo XVI.

Francisco de Andrade, que pertence a uma distincta familia de eruditos, mais conhecido pela sua *Chronica de D. João III*, deixou manifestos os vicios do humanismo jesuitico nas suas poesias. A prosa arredondada e emphatica podia encobrir-lhe a mediocridade de espirito; mas a poesia, filha da espontaneidade de sentimento, e ella mesma fórma de uma concepção geral, deu todo o relevo á vulgaridade rasa d'este metrificador. Francisco de Andrade escreveu uma epopêa pelos moldes camonianos, intitulada o *Primeiro Cêrco de Diu*; as suas poesias lyricas ficaram desconhecidas até hoje. No *Cancioneiro* de Luiz Franco acham-se algumas d'essas composições, que bastam para explicar o motivo do prosaísmo da sua epopêa. Francisco de Andrade aprendera, como todos os que frequentavam as escholas da Companhia, a arte de metrificar, e ensaiára-se em composições latinas e portuguezas; esta cultura humanista era uma distincção para a vida palaciana, e por isso todos se esforçavam em alcançar tal prenda. Pelas

poesias lyricas de Francisco de Andrade se vê que elle escrevia na corrente da moda, *invita Minerva*, já traduzindo do latim os *Epodos* de Diogo de Teive, ou a *Philomela* de S. Boaventura, já metrificando em castelhano ou em portuguez com essa cansada monotonia de quem não desampara um modello, e repete uma interminavel antithese. Do *Cancioneiro* de Luiz Franco, (fl. 221), extraímos este começo de uma Elegia inedita, muito extensa, para que se conheça o character do lyrisimo de Francisco de Andrade:

Belisa um só amor d'esta alma triste,
 Um só descanso meu, uma só vida,
 Em quem todo meu bem ou mal consiste.
 Bilissa, a quem esta alma está rendida
 Com tão sobejo amor, tão de verdade,
 Que o seu mór bem é ser por ti perdida.
 Quão contrario parece em tal beldade
 Que o coração cativa com brandura,
 Haver tanta dureza e crueldade;
 Quão contrario parece em formosura
 Que deixa muito atraz o que é humano,
 Condição deshumana, aspera e dura, etc.

Tudo o mais que se segue é martellado na mesma corda, com um esforço mais proximo da negação poetica do que as proprias composições de Caminha; a consciencia d'esta incapacidade levava a encobril-a com o uso de uma lingua estrangeira. O castelhano, pela riqueza dos seus modellos poeticos, como pelo seu colorido e vigor, encobria melhor esta falsificação. Francisco de Andrade escreveu tambem em castelhano uma longa

Epistola de Dido a Eneas, também inedita, da qual copiamos aqui os primeiros tercetos:

Qual suele de Meandro en la Ribera
 El blanco Cysne ya cerquano a muerte
 Soltar la dolorosa box prostrera,
 Así te escrivo y no pera moverte,
 Que ser tu por mis lagrimas movido
 Ni el cielo lo consiente ni mi suerte. . . (1)

Por ultimo caracterisemos o seu lyrismo com a traducção da mimosa Elegia latina de S. Boaventura:

Tercetos de Filomena

Filomena suave, que cantando
 O fim do bravo inverno denuncias,
 E a vinda do verão alegre e brando,
 E com tuas suaves harmonias,
 Um coração levantas derribado
 A novas esperanças e alegrias.
 Vêe este meu espirito meu cansado
 Que uma condição e natureza
 Creio que vencerão meu duro fado.
 Mandarei que vás vêr uma belleza
 Que a vida e alma lá me traz comsigo,
 Cercada de continua e aspera tristeza.
 Porém, temo-te n'isto um só perigo,
 Aonde o maior mal mais aproveita
 Aonde mór amor, maior inigo.
 Que vendo sua beldade tão perfeita
 Que não tem egual seu merecimento
 Lhe fiques tu como eu também sujeita.

(1) Ap. *Canc. ms.* de Luiz Franco, fl. 226 a 230.

- Porém vae, que não a y nenhum tormento
 Que se não contenta em bem dobrado,
 A quem a contemplar um só momento.
 E se te não impede teu euidado
 Lá lhe dirás de mi toda a verdade
 Pois me vês andar n'ella transformado.
 Presenta-lhe esta minha saudade;
 Presenta-lhe este amor, esta fé pura,
 Tão indina da sua crueldade.
 Presenta-lhe tambem sua brandura,
 Presenta-lhe um mal que ella pagaria
 Com a vista da sua formosura.
 Ali celebrará tua harmonia
 Aquella que teu canto só merece
 Ali farás o accento que eu faria.
 Se vires lá que meu serviço esquece
 (Costume é já antigo, não te espante)
 Porque amor de razão nada conhece.
 Dirás a essa mais dura que diamante
 Quão constante em amar sempre me viste
 Pois sempre o mal e amor vão por diante.
 Dir-lhe-has que por ella esta alma triste
 Anda cerquada de continua pena
 Dir-lhe-has que n'ella só meu bem consiste.
 Se me perguntares doce Filomena
 Que formosura é esta onde mando,
 Que a tamanhos males me condemna?
 Digo-te que não sei por que tal ando,
 Que menos d'ella entende o pensamento
 Quanto mais está n'ella contemplando.
 Sei só quam desigual é meu tormento
 Mas que não poderá nunca gabar-se
 Com mais pequeno seu merecimento.
 E mais será escusado declarar-se
 Porque o teu coração diante d'ella
 Logo se lhe virá a subjeitar-se.
 Vel-a-has entre todas tanto bella
 Qual sóe resplandecer a grã Diana,
 Junto com qualquer outra baixa estrella.
 Ver-lhe-has uma altiveza soberana,
 Ver-lhe-has dois contrarios n'um sujeito
 Porque verás brandura deshumana.

Ver-lhe-has parecer brando duro peito
 E não te espantarás se se ella esquece
 D'este amor que lhe tenho tão perfeito.
 Ver-lhe-has que o maior mal que se padece
 Sendo por parecer tão excellente
 Se paga muito pouco o que merece.
 Vae, Filomena amada, vae contente
 Pois te foi tal ventura concedida,
 Não temas o perigo que he presente.
 Porque pouco é perder por ella a vida,
 E mais se, póde ser que ella quizesse,
 Entender que por ella anda perdida.
 Oxalá me a ventura concedesse
 Mover pela servir sabendo ella
 E nunca meu tormento mais valesse.
 Que quem na vida não póde movel-a,
 A piedade, do mal que dá, fazia
 Póde ser que na morte a cause n'ella.
 Se te dixer alguém que parecia
 Desatino esta hida, dize tudo,
 Quanto tu entenderes que eu diria.
 Dize-lhe que amor me faz já mudo,
 Pera dizer os males que padeço,
 Dize-lhe que nunca houve amor sisudo.
 Se ella dixer que mais lhe desmereço
 Em ousar de pôr n'ella o pensamento,
 De quanto por meus males lhe mereço,
 Dize-lhe que bem lhe paga meu tormento
 A ousadia e mais que não attenta
 Amor estado, nem merecimento.
 Se alguém dixer que pois que se coutenta
 Este amor com tão pouco como é vél-a,
 (O que ninguem dirá) não atormenta.
 Dize que não ha nada pouco n'ella,
 Pois que o menos que ella póde dar-me
 Isso é o mais que posso esperar d'ella.
 Se ella disser que pois quiz entregar-me
 A este mal que a mi sempre é presente,
 Não tem ella razão de remedear-me.
 Dize-lhe que o mór mal que esta alma sente
 É ter por experiencia já sabido
 Que onde amor, razão não se contenta.

Filomena, tu tens bẽm entendido
 Todo mal que em mim ha, Deos ora queira
 Que seja tambem lá bẽm conhecido.
 E se esta fé não é tão verdadeira
 Como digo, moura eu desesperado,
 Da que é minha esperança derradeira.
 De ti, oh Nimpha, eu morra desamado,
 De ti não seja crido meu tormento,
 De ti meu amor seja desprezado.
 Se me a mi presenta o pensamento
 Mais dina outra que he de ser amada
 Se tu só não és meu contentamento.
 Oh Filomena bẽm aventurada
 Pois gosarás o bẽm que merecia
 Esta alma em amor toda transformada.
 Mas pois te dá essa dua, o que devia
 A una vontade onde ella sempre mora,
 Seja meu todo mal tua alegria,
 Faça ella o que quizer, morra eu embora. (1)

Apesar do profundo sentimento poetico do grande mystico S. Boaventura, Francisco de Andrade teve o poder de transformar a suave Elegia em uma tristeza banal; por aqui se vê como o sentimento popular que ainda predominava na egreja do seculo XIII, se tornou incomprehensivel para o isolamento aristocratico da mesma egreja no seculo XVI. Como máo poeta lyrico, Francisco de Andrade mostrou-se na epopêa sem consciencia da sua inferioridade.

Celebrando os feitos bellicos do *Primeiro Cêrco de Diu*, Andrade revela o sentimento nacional que o inspirava, bajulando o invasor hespanhol Philippe II,

(1) *Canc.* de Luiz Franco, fl. 224 v. a 226. Existe publicada em um pequeno folheto do seculo XVI.

(cant. I, est. 4) que destruiu a liberdade da sua patria. Em paga d'esta degradação do poeta, Philippe II nomeou-o em 24 de julho de 1599 para escrever as Chronicas de D. João III, Dom Sebastião, Cardeal Dom Henrique, e a sua propria; (1) como a questão já não era de brio mas de interesse, foi Francisco de Andrade o primeiro que recebeu a gratificação de 50\$000 reis e de 100\$000, que se pagava aos chronistas môres do reino. O poema do *Primeiro Cêrco de Din*, é uma pura chronica rimada, em que a outava italiana, tão bella na epopea de Camões, se torna do mais raro prosaísmo. Prendendo-se aos factos historicos mais provados, só tem o recurso da accumulacão de epithetos para completar os versos sempre frouxos. Apenas allude á tradiçào popular do *Abade João*, (ib. est. 67-74), aproveitando-se de Camões da ficção de uma Ilha Encantada, (cant. IX, est. 38.) Uma comprehensão estreita do maravilhoso christão, tira-lhe essa liberdade dantesca tão necessaria á fórma epica, e prende-o ao emprego de acanhadas e falsas allegorias. O proprio Costa e Silva, que obedeceu á superstição dos classicos quinhentistas, não teve coragem para encobrir a inferioridade de Francisco de Andrade. Eram estes os que formavam a cabala contra Camões, mesmo ainda depois da morte. As façanhas dos heroes portuguezes nas conquistas de alem-mar, tinham tambem um lado poetico, que estes metrificadores não

(1) Torre do Tombo, liv. 8.º das *Mercês de Philippe II*, fl. 12 a 14 v.

comprehenderam; eram as tradições oraes trazidas pelos que haviam batalhado. Os chronistas, como vêmos em Castanheda, procuravam essas relações, mas os poetas contentavam-se em pôr em verso as chronicas. Temos um exemplo importante no assumpto historico da *Malaca conquistada*, de que é heroe Affonso de Albuquerque; Sá de Menezes, desconhecendo totalmente o elemento tradicional d'esse factó, tratou-o sob o ponto de vista allegorico, sem vida, sem movimento, sem realidade; nas tradições orientaes essa conquista apparece com as grandes situações de um extraordinario poema, como vamos vêr.

Em uma *Historia dos Reis dos Malayos de Malâka*, (1252-1511) apresentada por Aristide Marre na undecima sessão do Congresso dos Orientalistas em 1873, vêm excellentes subsidios tradicionaes para a concepção de uma epopêa sobre Affonso de Albuquerque. Transcrevêmos alguns trechos d'esse antiquissimo monumento, para que se veja quanto os nossos poetas teriam sido admiraveis, se em vez de imitarem os moldes classicos tivessem procurado inspirar-se das tradições orientaes:

«No tempo do Bandhara *Sri Maha Radja*, o porto de *Malaka* tornara-se o mercado mais importante das Indias Orientaes. Encontrava-se aí uma multidão de baixes, e de ricos mercadores vindos do Japão, da China, de Sião, das Molucas, das cóstas de Coromandel, da Persia e da Arabia. Desde *Ayer-Zéléh* até á entrada da bahia de *Moar*, era tudo um vasto mercado fornecido

de toda a especie de fazenda. Desde a cidade de *Kelang* até á barra de *Penadjar*, seguiam-se as construcções ao longo da praia em uma linha não interrompida. Todo o individuo que fosse de *Malaka* a *Djagara*, não tinha necessidade de levar lume consigo, porque aonde lhe aprouvesse parar sempre achava casas habitadas. A cidade de *Malaka*, a fóra o que tinha fóra dos seus muros, contava dezenove *laska*, ou 190:000 habitantes. Tal era a metropole da península malaya, quando appareceu pela primeira vez nas suas aguas um navio *franggi* (europeu); era um navio portuguez chegado de Goa para commerciar. O capitão foi perfeitamente acolhido pelo Bandhara, e ficou encantado de tudo quanto viu, durante a sua permanencia em *Malaka*. Na sua volta a Gôa, fez ao vice-rei Affonso de Albuquerque um relatório tal, que este se apressou a mandar uma fróta de sete navios e treze galeões, commandada por Gonçalo Pereira, para submeter a opulenta cidade de *Malaka*. Esta primeira expedição falhou, graças principalmente á vigorosa resistencia prompta e habilmente organisada pelo Bandhara *Sri Maha Radja*. Os Portuguezes voltaram para Gôa, convencidos na maior parte de que emquanto o Bandhara *Sri Maha Radja* fosse vivo, nunca conseguiriam apoderar-se de uma cidade que elle defendia tão bem. Alguns capitães não temeram o manifestar esta opinião diante de Albuquerque, que se contentou com responder:— Para que me fallaes assim? Não me é permittido abandonar Gôa n'esta occasião, mas logo que me veja fóra da vice-realeza e senhor meu,

irei eu mesmo atacar *Malaka*, e então se verá se eu farei ou não essa conquista. — Emquanto esperava o fim do seu cargo, Albuquerque addiô provisoriamente a execussão do seu intento. O Sultão *Mahmud Châh*, livre do perigo presente, e crendo-se ao abrigo, de futuro, de novos ataques da parte dos Portuguezes, entregou-se completamente, postoque já velho, a toda a soltura das suas paixões, e não tardou a commetter o mais negro de todos os seus attentados. O seu fiel *Bandhara Sri Maha Radja*, casava a sua linda e seductora filha *Tun Fatimah*, com *Tun-Ali*, filho de *Sri Nara Diradja*. O rei foi convidado a assistir á cerimonia, que consistia em os dois noivos comerem reunidos um prato de arroz. Foi então que, pela primeira vez o Sultão *Mahmud Châh* viu *Tun Fatimah*, e regressou para o seu palacio com o coração possuido de um amor desenfreado pela filha, e de um rancor secreto contra o pae. O casamento não deixou de se effectuar, e *Tun Fatimah* deu a seu esposo um filho, que se chamou *Tun Trang*. Durante este tempo o Sultão procurava um meio de satisfazer o seu furor, e de conseguir a sua vingança. Tendo-lhe sido dirigidas queixas mal fundadas, pelos inimigos de *Bandhara*, deu o seu proprio *kris*, como signal da sua vontade soberana, a dois dos seus officiaes, *Tun Sura Diradja* e *Tun Indra Sagara*, com ordem de matarem o *Bandhara*. O nobre velho entregou-se-lhes sem defeza, desarmando os seus parentes e a sua gente, sendo depois assassinado sem piedade com seu irmão *Sri Nara Diradja*, seu filho *Tun Hassan*, e o seu genro *Tun Ali*,

marido de *Fatimah*. Logo que o Bandhara morreu, o Sultão tomou por mulher *Tun Fatimah*, e, melhor informado das falsas accusações feitas contra o Bandhara, deu ordem a que matassem o *Radja Modeliar*, um dos culpados, que empalhassem horizontalmente *Kitul*, que fôra a alma da intriga, e com elle sua mulher e seus filhos, que arrazassem a sua casa e os lançassem ao mar. Mas a bella e tocante *Fatimah*, feita rainha de Malaka nunca mais soube o que era alegria; conta-se que enquanto ella viveu com o Sultão *Mahamud Châh*, nunca a viram sorrir uma unica vez; accrescenta-se tambem, que quando ella se achava grávida, procurava abortar, porque não queria ter filhos do Sultão. Esta invencivel melancholia de uma mulher que elle amava loucamente, deu ao Sultão a tristeza e os remorsos, e decidiu-o a abdicar em favor de seu filho *Ahmed*. Retirou-se para o interior das terras ao norte de *Malaka*, e ali, em um sitio chamado *Kayer-Hara*, entregou-se ao estudo do Sufismo sob *Mokhaddem Sadar Djihan*.

« Affonso de Albuquerque, cognominado o *Sadjerat malayu*, depois de ter resignado a sua vice-realeza, foi a Portugal reclamar uma Armada. O rei de Portugal deu-lhe quatro grandes navios, cinco carracas e quatro galeões; Albuquerque tornou a Gôa, aonde equipou mais trez baixeis, outo galeotas, quatro galeões, e quatro barcas mais pequenas, ao todo quarenta e trez vellas. Esta fróta singrou direita para Malaka. Logo que chegaram, os Portuguezes desembarcaram, o Sultão *Ahmed* monta o seu elephante *Djinaia* e vae ao seu encontro. Os Por-

tuguezes são repellidos e tornam-se a embarcar. No dia seguinte o combate recomeça encarniçado, os canhões portuguezes fazem terriveis estragos nos Malakezes; o Sultão *Ahmed*, montado sobre outro dos seus elephantes e armado com uma longa lança faz prodigios de valor, apesar de estar ferido em uma mão. Os Portuguezes ficam vencedores, e o Sultão *Ahmed* foge até *Pakoh*, e d'ali, subindo o rio, até *Panarigan*. Depois d'isto o Sultão *Ahmed* e o Sultão *Mahmud*, seu pae, refugiaram-se em *Pahang*, d'onde tinham tirado grandes soccorros, e aonde receberam do *Radja* um magnifico acolhimento.

« Pouco tempo depois os principes se separaram; *Mahamud* retirou-se para a ilha de *Bintang*, e o Sultão *Ahmed* foi fundar a cidade de *Kopeh*. Ali, o seu proceder despresador para com os nobres e grandes que o haviam seguido irritou o odio do Sultão *Mahamud*, que lhe mandou um dos seus officiaes para o matar. Assim morreu o ultimo rei malayo de *Malaka*, e foi enterrado em *Bukit-Batu*. Quanto ao Sultão *Mahamud*, o seu odio implacavel contra o estrangeiro não se extinguiu com o seu alento vital no principado de *Djor* que elle havia fundado; porque cem annos depois, é d'ali e do *Atchin* que partiram os golpes que lançaram por terra o dominio Portuguez em *Malaka* . . . , com proveito da *Hollanda*. » (1)

(1) Ap. *Congrès international des Orientalistes*, t. 1, p. 549 a 552. (1873.)

O final d'esta importantissima chronica malaya con-diz com o pensamento que levou Francisco de Sá de Menezes a escrever a *Malaca conquistada*. Por esta transcripção se póde avaliar quanto os nossos epicos se afastaram da comprehensão de uma tão severa fórma litteraria; Francisco de Andrade, Vasco Mousinho de Quevedo ou Francisco de Sá de Menezes escreveram por esse prurido de uma educação exclusivamente humanista, que busca em tudo pretextos para exercer-se; puzeram em pratica as regras que haviam aprendido na Rhetorica do Padre Cypriano, imposta pela Companhia.

Superior a Francisco de Andrade, mas apenas na metrificação e quando muito n'um vago colorido, é Luiz Pereira Brandão auctor de uma longa e monotona epopêa, a *Elegiada*. O assumpto d'este poema seria bastante para elevar o sentimento de um homem ou mesmo de um povo, se os individuos e a época não estivessem profundamente decahidos; a ruina do exercito portuguez em Africa e a perda da nacionalidade portugueza são o thema da *Elegiada*. Quanto póde inspirar uma derrota, provocando os accentos mais altivos da dignidade humana na fórma da bravura, vê-se por essa assombrosa gesta franceza do seculo XII intitulada a *Chanson de Roland*. A differença entre o vigor moral do seculo XII e do seculo XVI, entre o momento em que se criava o terceiro estado e em que succumbia sob a independencia das monarchias estribadas nos exercitos permanentes, acha-se no modo como o velho troveiro celebra a derrota de Roncesvalles, e como o humanista do Collegio

dos jesuitas canta a perda da nacionalidade portugueza. Que sentimento de independencia nacional inspirava Luiz Pereira, quando elle começa por dedicar a *Elegiada* ao Cardeal Archiduque Alberto, que estava governando então Portugal por ordem de Philippe II? A derrota completa de elrei Dom Sebastião em Africa, em vez de preoccupar os politicos, que deveriam ter alentado o partido nacional contra as pretensões de Philippe II, veiu apenas ministrar aos poetas mais um pretexto para exercitarem a sua habilidade de humanistas em uma epopêa erudita; Estevam Rodrigues de Castro tambem escreveu uma epopêa sobre *D. Sebastião*, hoje perdida, e tambem resta memoria de outra epopêa inédita de Jeronymo Côrte Real, intitulada *Perdição de Elrei D. Sebastião*. A indole d'estes poemas, conhece-se pelo unico que subsiste, que é a *Elegiada*, exaltada pelo proprio Côrte Real; este titulo derivado da designação de uma fórmula lyrica, mostra que a perda da nacionalidade só se lhes antolhava como assumpto de lamentação resignada e não como fundamento solemne para um protesto de independencia. Luiz Pereira começa pelo nascimento de D. Sebastião, e accumula em derramadas ontavas todos os factos da historia portugueza do seculo XVI, promettendo ainda no fim do interminavel poema offerrecer aos leitores uma continuação. Qual podia ser a continuação natural da *Elegiada*, senão o admiravel successo da Revolução de 1640, que sacudiu o jugo dos Philippes? Luiz Pereira não chegou até ao dia d'esse grande feito, em que revivia a nacionalidade,

mas então já fóra da vida historica. Não lhe era possível presentil-o, e exaltando a generosidade magnanima do invasor, a continuação da *Elegiada*, seria o panegyrico de todos os que se venderam a Philippe II. Mais admira o não ter havido um poeta no seculo XVII, que comprehendesse a grandeza épica da revolução de 1640 inspirada em grande parte pelo sentimento nacional que os *Lusiadas* despertaram em João Pinto Ribeiro, que os commentava. A falta de comprehensão das tradições nacionaes conduziu estes escriptores a uma invencivel mediocridade.

Uma conclusão mais alta se tira d'este facto da inferioridade dos poetas épicos para explicar a decadencia da litteratura: todas as vezes que os povos perdem o conhecimento das suas *origens*, extingue-se-lhes tambem a consciencia da liberdade. Todas as vezes que os conquistadores quizeram perpetuar o seu dominio, procuraram destruir e fazer esquecer ao vencido o seu passado, as suas tradições. Foi preciso destruir completamente a vasta civilisação mexicana, tão antiga e importante como a do Egypto, para que o hespanhol se fixasse na America do sul. Tivemos este mesmo instincto nas conquistas do Oriente; destruimos os templos e os livros brahmanicos para nos senhorearmos da Asia. Diz Weber: «Depois que Vasco da Gama, tendo costeado a Africa, chegou pela primeira vez em 1598 com um navio á Costa do Malabar, os Portuguezes, os Hollandezes e os Francezes e Inglezes compartilharam por seu turno a dominação da India, na maior parte das vezes,

desgraçadamente, de uma maneira que tem sido a vergonha da civilisação europêa.» (1) Fallando das ruinas do assombroso templo de Elephanta, escreve Jacoliot : « Parece que os Portuguezes, nas suas viagens aventurosas pelo mundo só foram os companheiros da Santa Inquisição; por onde quer que esta gente aportou, nunca saltou em terra sem ser precedida de um monge e de uma bandeira, e hoje não se encontra nos paizes em que installou as suas feitorias, senão vestigios d'essa loucura religiosa por toda a parte. Não podendo destruir Elephanta pelos meios ordinarios, fizeram saltar com explosões e fogueiras a maior parte dos enormes pilares que sustentavam a abobada, e a tiro despedaçaram os baixos relêvos os mais maravilhosos. Apesar d'esta furia insensata, o monumento resistiu no seu conjuncto, e ainda lá está de pé, com as suas cabeças privadas de corpo, suas columnas quebradas, estatuas mutiladas, accusando estes escravos romanos, de terem lacera-do e maculado uma das mais velhas paginas da historia da humanidade.» (2) O que nós fizemos ao passado da India, inspirado por um catholicismo intolerante, já nol-o havia feito esse mesmo catholicismo levando-nos por outros meios a esquecer tambem as nossas *origens*. Fômos um povo sem *tradição* nacional, e conseguintemente sem uma Litteratura propria, sem independencia politica, a ponto que no fim do seculo XVI estavamos

(1) *Histoire de la Litterature indienne*, p. 39, trad. de Sados.

(2) *Christna et le Christ*, p. 240.

por esta lei fatal da historia, reduzidos á condição de pária sob o dominio hespanhol. Para que a Europa chegasse ao Cesarismo do seculo XVIII foi preciso que se esquecesse das suas origens da edade media. A litteratura foi o agente d'esta renovação mediévica pelo Romantismo. Para que Portugal tenha a vida de uma nacionalidade livre é preciso que se retempere no seu passado, para a crença e para a indignação, e é por isso que o nome de Camões suscitará sempre a ideia de renascimento.

FIM.

CORRECÇÕES E ADDITAMENTOS

PARTE I

Pag. 11: — Estavamos em Portugal em um tal estado de atraso scientifico, que em 1537 Dom João III fez essa primeira reforma dos estudos, mandando chamar mestres estrangeiros, á qual mais tarde os Jesuitas nas tradições escolares deram o nome irrisorio — o tempo dos francezes. (Eliminem-se as linhas que se referem a Ayres Barbosa, bem como o extracto de uma Carta apocrypha, falsamente attribuida ao snr. Felner, que nos confessou não reconhecer na geração actual ninguem com os conhecimentos litterarios para fazer uma tal falsificação.)

Pag. 52: — João de Camões . . . casou com Inez Gomes da Silva . . . — Isto explica-nos as relações do poeta com a familia do Regedor, de grande importancia na côrte, e á qual pertencia esse poeta Jorge da Silva, namorado da Infanta D. Maria, de quem Camões foi amigo.

Pag. 58: — Seria o casamento nos principios de 1523 . . . — Na Canção x, (ed. 1874) que é autobiographica, diz Camões que fôra amamentado não por sua mãe, mas

*Foi minha ama uma fera; que o destino
Não quiz que mulher fosse a que tivesse
Tal nome para mi, nem haveria,
Assi criado fui porque beb-asse
O veneno amoroso de menino. . .*

(Pag. 43.)

E nas variantes da edição de 1595, tambem repete:

*Por ama tive uma fera, que o destino
Não quiz que melhor fosse a que tivesse
Para o que elle de mi fazer queria.*

(Ib. 180.)

Esta versão tira todo o sentido figurado á antecedente, e d'aquí se conclue, que Camões fôra amamentado por uma alimaria; e se nos lembrarmos da muita velhice a que chegou D. Anna de Sá, aproximando todas estas circumstancias, se póde inferir que ella casou muito nova, pelo menos antes dos dezeseite annos de idade, e que soffreu em consequencia do parto, porque depois de Camões não teve mais filhos. E' n'esta mesma Canção x, que o poeta allude ao anno de 1524, em que nasceu.

Pag. 58: — De Simão Vaz de Camões restam bastantes documentos historicos... Eis os documentos pela sua ordem e importancia:

1.º *Registo da Casa da India*, de 1550, cita Simão Vaz de Camões como pae do poeta, e morador á Mouraria.

2.º *Registo da Casa da India*, de 1553, em que indica outra vez a paternidade.

3.º *Carta de Perdão de D. João III*, de 7 de Março de 1553, em que repete a paternidade, declara o titulo de Cavalleiro, e a residencia em Lisboa.

4.º *Alvará de Philippe II*, de 5 de Fevereiro de 1585, em que allude a serviços, sendo então fallecido.

Pag. 62: — Finalmente Faria e Sousa decidiu-se pela naturalidade de Lisboa... Um outro argumento egualmente convincente para provar esta naturalidade são certos solecismos lisbonenses, ainda hoje bastante usuaes, e que só se encontram em Camões, como *hei-lhe-de*, por: hei de lhe, *hades*, por *hasde*, e a expletiva *a*, etc.

Mas ha se de soffrer que o Fado disse

(*Lus.*, I, 75.)

Pag. 79: — O estudo do grego tambem encontrava a mesma predilecção... A este tempo se deve referir a traducção dos oito livros da *Iliada*, em verso solto, que no seculo passado se acharam na Bibliotheca do Marquez de Tancos.

Pag. 52: — Foi por capitão de uma náó... Na *Relação de Naufragio da Náó Conceição*, em 1555, no Baixo de Pero dos Banhos, cita-se como o primeiro fallecido o Feitor da Náó,

Simão Vaz: « Tanto que *Simão Vaz*, Feitor da Náo, a viu arrombada, logo se metteu na primeira batelada, em a qual saú em terra, e andou n'ella por espaço de uma hora toda em rondando, tão pasinado, como homem fóra de seu juizo. Lembrou-se que lhe ficára um pouco de dinheiro em um cofre; tanto que lhe lembrou, tornou-se a embarcar para tornar á Náo, e quando lá foi já o não achou; então se tornou com o Capitão e com Affonso da *Gama*, que inda não tinha vindo á terra, e quando veiu ao desembarcar não se quiz saír do batel, e disse-lhe o Capitão Affonso da *Gama*: — Não torneis á Náo, que não tendes lá que fazer. — Elle, dizem que lhe respondeu: — Eu quero tornar para fazer tirar algumas cousas que são necessarias. — E não se quiz saír e ficou-se em o batel com o Contra-Mestre e Marinheiros; e tanto que o batel foi remando e que se afastou das pedras, olhou para terra e então disse, que o tornassem a pôr em terra; e os Marinheiros e Contra-Mestre não quizeram, porque tinham já levada a fatexa, e os mares quebravam muito rijo; não ouzaram a tornar; e n'isto chamou por um mancebo que se chamava Pedro Alvares, sobrinho do Mestre, Marinheiro da Náo, e dizem que elle lhe dissera d'esta maneira: — Dizei-me, Foam; querem me matar os Marinheiros? Elle lhe respondeu, que nem dissesse tal cousa, nem cuidasse n'isso. Respondeu então o Feitor:— Se sois meu amigo, ponde-me em terra, senão lançar-me-hei ao mar. E n'isto lhe disse um Antonio Gonçalves, que vinha por Condestavel da Náo, que se lançasse se quizesse, que não havia de tornar á terra; e elle com isto se despediu e se lançou ao mar, e hindo para terra vieram uns mares grandes, e passaram por riba d'elle, e vindo junto das pedras veiu um mar e o botou entre as mesmas pedras e ali se afogou, e ao outro dia o achamos morto, porque o mar o botou fóra, e vinha com umas mordeduras nas pernas, que pareciam de peixes, e enterramol-o na Ilha, e com a sua morte fomos muito tristes, porque até então não tinha morrido nenhuma pessoa.» (*Hist. Tragico-maritima*, t. I, p. 186.) Esta náo partira de Lisboa no primeiro de Abril de 1555; o facto de se encontrar n'ella o Capitão Affonso da *Gama*, e ao mesmo tempo a malevolencia da marinhagem contra o Feitor da Náo. *Simão Vaz*, leva-nos a induzir que este seria o pae do poeta, que ao achar-se pobre acceitara a viagem da India. A tradição recolhida por Mariz « de que naufragara nas costas da terra firme de Gôa » confirma-se diante d'esta relação do naufragio, escripta por Manoel Rangel.

Pag. 122: — Francisco de Moraes frequentava a côrte litteraria da Infanta... Camões glosou um outro mote de Francisco de Moraes, que começa:

Triste vida se me ordena . . .

No *Canc. Ms.*, de Luiz Franco (fl. 102), vem com a rubrica: «*Vilancete de Francisco de Moraes.*» É de crêr, em vista d'estas relações litterarias, que fossem amigos pessoaes.

Ib.: — A moda da côrte, que se comprazia com as novellas do Cyclo dos Palmeirins. — Dom Gonçalo Coutinho escrevia, dominado por esse gosto um *Palmeirim de Inglaterra e Dom Duardos*; e Dom Simão da Silveira entretinha-se com a novella de Francisco de Moraes para se libertar das impertinencias de D. Guiomar Henriques.

Ib.: — cançonetas, algumas das quaes foram pedidas por el-rei Dom João III, como se deprehende — do mote: «Do la mi ventura» que tem a rubrica: «*Al Rey.*»

Pag. 137: — O lugar onde teve origem este puro amor foi na Igreja das Chagas, — a qual, segundo a opinião de José Maria da Costa e Silva «então existia junto do Convento das Trinas, de que era annexa, e que depois, por desavenças entre os Frades e os Irmãos se transferiu para o sitio do Pico onde hoje existe, isto em virtude de bullas pontificaes que correm impressas e eujos originaes se conservam no Cartorio da dita ermida.» (*Ensaio biographico-critico*, t. iv, p. 117.)

Pag. 140: — (Nota 2.) Em vez de Bibliotheca publica, lê-se: Bibliotheca das Necessidades.

Ib. 143: — A outra D. Catherina de Athayde, septima filha de D. Francisca da Gama. (Vid. a redondilha colligida dos ineditos de Faria e Souza, em que Camões galantea sobre a palavra *Gama*, synonymo de côrça, a quem desejava caçar.)

Pag. 173: — Ficara-lhe na côrte o joven e namorado D. Antonio de Noronha... — Na edição das Rimas, de 1595, a *Elegia II*, traz a rubrica: «*A D. Antonio de Noronha, estando na*

India. Mas no *Ms.* de Luiz Franco, fl. 2, v., traz esta mais verdadeira: « *De Ceita, a um Amigo.* » Abaixo verêmos o porque da confusão das duas rubricas.

Pag. 180: — Dom Antonio de Noronha, camarada de Camões . . . (Vid. infra.)

Ib. 190, 213: — Nas poesias lyricas de Camões, encontram-se varias referencias a *D. Antonio de Noronha*, umas manifestamente allusivas ao joven filho do Conde de Linhares, escolhido para justar em 1552 com o principe D. João, no celebre Torneio de Xabregas; outras referencias são de natureza que revelam relações mais antigas e intimas, que de certo Camões não as podia ter com esse joven, taes como o contar a sua vida militar em Ceuta e os seus desgostos na côrte. É evidente que ha aqui uma homonymia com outro D. Antonio de Noronha, que suppômos ser o filho do Vice-Rei Dom Garcia de Noronha, o qual militava na India.

Pelas rubricas d'essas lyricas, tanto do *Ms.* de Luiz Franco, como das edições do seculo xvi, nunca aproveitadas pelos criticos, estabelecemos a seguinte separação entre os dois personagens: A Ecloga II, que memora a estada de Camões em Africa, traz esta rubrica no *Cancioneiro* de Luiz Franco: *De Ceita, a um Amigo.* Na edição das Rimas de 1598, traz outra rubrica, mas que explica a antecedente: *A Dom Antonio de Noronha, estando na India.* D'aqui se conclue, que Camões escrevera esta Ecloga quando militava em Ceuta, e que a dirigiu a D. Antonio de Noronha, não o filho do Conde de Linhares, ainda em idade infantil, mas ao filho do Vice-Rei D. Garcia de Noronha, bravo militar, que já antes de 1550 estava na India.

Na Ecloga VII, Camões falla das guerras em que se vira o seu amigo; traz esta composição no *Ms.* de Luiz Franco a rubrica: *Dirigida a D. Antonio de Noronha;* já se vê que a referencia não pôde deixar de ser senão ao filho do Vice-Rei. Isto se fortalece mais com a Ode XIII em que celebra D. Antão de Noronha, que militara com Camões em Africa até 1550 em que acompanhou para a India seu tio o Vice-Rei D. Affonso de Noronha. (Couto, *Dec. VI*, l. 9, cap. 1.) Estes dois bravos militares encontraram-se nas campanhas de ultramar: « O Visorey mandou D. Antonio de Noronha, filho do Visorey D. Garcia de Noronha, que fosse tomar posse da Armada de D. Antão de Noronha, por elle ficar muito mal da sua perna, de que

ficou aleijado.» (*Ib.*, p. 868.) Este successo refere-se ao anno de 1552, antes de Camões partir para a India. Camões tambem mostrava os seus versos a Dom Antão de Noronha, e mais tarde recebeu d'este a nomeação para a Feitoria de Chaul.

As composições lyricas que se referem a D. Antonio de Noronha, filho do Conde de Linhares, tem já outro character. A Ecloga que começa: « A quem darei queixumes magoados » traz em varias edições das Rimas a rubrica incompleta: *Da sua puericia*; porém no *Ms.* de Luiz Franco tem esta rubrica: *A Dom Antonio de Noronha*; e na rubrica da edição de 1598: *Feita do Autor, na sua puericia*. Estas duas rubricas completam-se, e sua entende-se d'elle D. Antonio de Noronha, escolhido pela sua muita puericia para justar com o principe em 1552, quando Camões já se achava em Lisboa.

Camões embarcou para a India em 1553, e por isso a Ecloga III, que no *Ms.* de Luiz Franco traz a rubrica: *Da Yndia, a Dom Antonio de Noronha*, deve entender-se como enviada ao esperançoso filho do Conde de Linhares, que já então fôra militar por causa dos seus amores nos póstos de Africa. Em abril de 1553 morreu este joven cavalleiro no desastre de Ceuta, e na côrte fallecera tambem o principe D. João por causa da precocidade do seu casamento. Camões allude a estes dois successos na Carta I, e celebra-os na Ecloga I.

D'esta fórma se explica o sentido das differentes rubricas a D. Antonio de Noronha, que os biographos julgavam ser exclusivamente o filho do Conde de Linhares.

Pag. 189: — Arrebatou a sua imaginação para o campo de uma epopêa nacional. — Na Ecloga IV (*Parnaso*, p. 48), dirigida a uma Dama, Camões revela a esperança que tinha em elevar-se pela composição de uma Epopêa, inspirando-o ella:

Podeis fazer que creça d'hora em hora
O nome Lusitano e faça inveja
A Esmirna, que d'Homero s'engrandece;
Podeis fazer tambem que o mundo veja
Soar na rude frauta o que a sonora
Cythara mantuana só merece.

Pag. 196: — A um fidalgo que lhe tardava com uma camisa galante — accrescente-se a declaração da rubrica de 1595 — na India.

Pag. 202:—o grande poeta, conhecido então pelo nome de Luiz Vaz de Camões... Assim se differenciava de Luiz Gonçalves de Camões, irmão d'esse Simão Vaz de Camões, que violou o convento das freiras de Santa Anna, em 1553.

Pag. 229:—Esse insuportavel cruzeiro... Camões descreve o clima doentio, e foi durante esta estação naval que morreram varios tripulantes, entre elles o seu amigo Pero Moniz, natural de Alemquer. —O Soneto 103, que Faria e Sousa julgava composto á morte de Ruy Dias, mandado executar arbitrariamente por Affonso de Albuquerque, apparece em um appenso manuscrito que anda encadernado na edição das Rimas de 1595, e em letra do seculo xvi, com a rubrica: « *A Pero Moniz, que morreu no mar do Monte Felix, em epitaphio* », como se póde vêr no exemplar da Bibliotheca Nacional. N'esse Soneto, tão admiravel como a Canção x, torna a descrever o clima a que resistiu:

..... mas ár corrupto
Me fez manjar de peixes em ti, bruto
Mar que bates a *Abassia* fera e avara...

Na Canção x, falla o poeta, como contrarios á vida, no sol ardente, as aguas frias e os ares grossos. Diante d'esta preciosa rubrica, torna-se inadmissivel a antiga interpretação de Faria e Sousa.

Pag. 230:—(A grande amizade de Camões por D. Francisco de Almeida, tio de D. Margarida da Silva, explica um dos motivos da sua intimidade com Dom Antonio de Noronha, então bastante joven.)

Pag. 233:—Luiz de Lemos... Por ventura era este amigo de Camões um medico portuguez de quem falla D. Francisco Manoel de Mello. (*Cartas*, p. 492.)

Pag. 251:—O que prova a proximidade dos dois manuscritos... Uma prova ainda mais clara de que o manuscrito dos *seis cantos*, que o poeta trouxe de Macão, foi abandonado em Gôa depois de uma segunda elaboração, talvez provocada pela necessidade de tornar a copiar o livro deteriorado pelo naufragio, são as constantes relações d'este manuscrito com o

primeiro canto dos *Elusiadas* copiado por Luiz Franco, o qual tambem colligiu essas trez outavas omittidas, e que no exemplar dos *seis cantos* se seguiam á estrophe LXVII, com leves variantes, que accusam uma redacção intermedia ou anterior:

Sobre a Thebana *parte* descendeu. *Ms.* dos 6 Cantos
Sobre a Thebana *patria* descendeu. *Ms.* de L. Franco.

Para onde o sol nasce se moveu. *Ms.* dos 6 Cantos
Lá por onde o sol nasce se moveu. *Ms.* L. Franco.

Onde reina o mui sancto Presidente. *Ms.* dos 6 Cantos
Por onde impera o sancto Presidente. *Ms.* L. Franco.

Pag. 263:—Tambem teve estreita amisade com Heitor da Silveira; mas crêmos que elle não assistiu ao Convite, porque « *inveruando em Gôa* » em 1561 é que viveu na companhia de Camões.

Hoje podemos affirmar que foi em setembro de 1561 que Heitor da Silveira chegou á India, e por tanto que a época do Convite é anterior a este anno; importa observar que existiram na India dois *Heitores da Silveira*, tio e sobrinho, ambos celebrados por Camões, e que nós confundimos.

O 1.º *Heitor da Silveira*, era filho do terrivel Coudel-mór Francisco da Silveira; nasceu em 1497 e morreu na Ilha dos Mortos em 1531 em um combate, com trinta e quatro annos de idade. (*Nob. ms. dos Silveiras*, fl. 238.) E a este que se refere Camões nos *Lusiadas*, cant. x, estancia 60. Partiu para a India em 1521, e por isso podemos avançar que nunca foi tratado pessoalmente por Camões; a elle se refere o bello retrato traçado por D. Luiz Lobo, que acima publicámos. (*Hist. de Camões*, Part. I, p. 285 a 287.)

Heitor da Silveira, não podendo supportar o temperamento bilioso de seu pae, que foi o algoz de toda a sua familia, retirou-se para a India; o Coudel-mór querendo por todas as fórmas desherdar o filho mais velho Fernão da Silveira, escreveu a Heitor da Silveira para que viesse da India; o nobre cavalleiro recusou-se a ser instrumento d'esta iniquidade, mas o terrivel Francisco da Silveira serviu-se do seu filho mais novo Bernaldim da Silveira, e casando-o com uma filha de um grande valido de el-rei D. Manoel, conseguiu por este modo que o rei fizesse ou confirmasse a doação dos bens da Sovereira a Ber-

naldim da Silveira, desherdando d'elles o primogenito Fernão da Silveira. Foi isto depois da morte de Heitor da Silveira, entre 1531 e 1536 em que falleceu o Coudel-mór.

Do casamento de Bernaldim da Silveira com D. Ignez de Noronha, filha do alto valido D. Bernardim de Almeida, é que nasceu o grande amigo de Camões e poeta, Heitor da Silveira, a quem se referem as trovas *em ajuda*. (Vid. *Hist. de Camões*, t. 1, p. 285.)

2.^o *Heitor da Silveira*. — A injustiça do Coudel-mór caíu sobre toda a familia de Bernardim da Silveira. No *Nobiliario ms.* de D. Luiz Lobo se lê: « a justiça que Fernão da Silveira não achou diante dos homens não faltou diante de Deos, porque Bernardim da Silveira não logrou mais aquella injusta mercê que quatro annos, porque morrendo seu pae no anno de 1536, elle morreu afogado no de 1540, vindo da India, e seu filho *Heitor da Silveira*, nascido do matrimonio causa d'aquella mercê, que n'ella succedeu, postoque com duas ou trez mulheres fosse casado, de nenhuma teve filhos, e tambem morreu vindo da India, de peçonha.» (*Nob.*, fl. 202.)

O primogenito da casa da Sovereira, era Francisco da Silveira, que morreu com seu pae, que fôra por Capitão da Náo Gallega. Duas irmãs de Heitor da Silveira foram freiras, D. Cecilia de Noronha, em Odivellas, e D. Margarida de Noronha em Santa Catherina de Sena, em Evera. Podemos fixar o nascimento de *Heitor da Silveira* em 1535; foi-lhe confirmada a casa da Sovereira em 28 de setembro de 1540. O *Nobiliario ms.* que seguimos, diz: « Foi á India com o Conde de Redondo (1561) onde serviu todo o tempo do Conde, e de João de Mendonça e de D. Antão de Noronha, e vindo com elle na dita náo sua, morreu. Foi fidalgo de muito bom entendimento e corteção; foi casado com D. Jeronyma de Menezes, filha de D. Luiz de Menezes, de quem teve Bernardim da Silveira, que morreu menino, e por morte d'esta mulher casou com D... filha de... que não teve geração, porque não permittiu Deos que a injusta doação feita a seu pae e a elle em deserdamento de Fernão da Silveira tivesse effeito na mais longa successão... » (*Ib.*, fl. 240, v.)

A segunda mulher que o genealogista não descobriu, era irmã de André Falcão de Rezende, que na sua Epistola 1, traz a rubrica: « A *Heitor da Silveira*, seu cunhado, estando na India.» (Vid. *Hist. de Camões*, t. II, p. 49.)

Por isto se vê quanto importava estabelecer a distincção entre Heitor da Silveira, celebrado nos *Lusiadas*, e no *Pri-*

meiro Cêrco de Diu, de Francisco de Andrade, e o poeta Heitor da Silveira, companheiro e amigo de Camões, na época de 1561 a 1570. Ambas estas personalidades se completam na Historia, devendo o ultimo a immortalidade ao sentimento de dedicação que sempre teve por Camões.

Pag. 281:—Miguel Rodrigues Coutinho, que tinha o alcunho de *Fios-Seccos*, talvez pela valentia com que se houve no *Segundo Cêrco de Diu* . . . Em uma Carta de Soropita, achamos a locução popular que justifica a nossa interpretação: « e com *fios seccos* dados em borda de alguidar vermelho, cortámos . . . »

Pag. 284:—Foi n'este anno de 1562, que Manoel Godinho, apesar de não ter educação litteraria (*não saber latim*) tirou algumas cópias dos proprios originaes de Camões como se sabe pelo manuscripto achado por Faria e Sousa em Escalona, o qual tinha o titulo *Fabula de Narciso*.

Pag. 291:—Na Carta II, quando Camões allude á vida moral dos aventureiros portuguezes na India, aproxima do caso uma certa glosa satyrica da celebre elegia em redondilhas *Recuerd el alma adormida*: « A este proposito, pouco mais ou menos se fizeram umas *Voltas* a um Mote de enchemão, que diz por sua arte zombando, mais que não de siso (que toda a galanteria he tiral a d'onde se não espera) o qual crêde que tem mais que roer que um praguento. Por tanto *Recuerd el alma adormida*, e mande escumar o entendimento, que de outra maneira, de fuera dormiredes pastorcico.» O sentido d'este trexo é indubitavelmente allusivo á bella satyra glosada sobre este *mote*, que anda colligida no *Cancioneiro* de Luiz Franco; e como ella feria muitas susceptibilidades poderosas, Camões não se dá por auctor d'ella, mas dil-o impessoalmente, dando-o a entender.

Pag. 327:—Em uma Epistola de Jeronymo Côrte Real a Francisco de Sá de Menezes, antes de 1574, no tempo em que andava escrevendo o poema do *Segundo Cêrco de Diu*, falla como se não existissem os *Lusiadas*:

Estes autores lendo, fui cuidando
Com quanta mais razão justo seria
Dos nossos portuguezes ir tratando;

Pois em batalhas mil se lhe devia
Uma fama e um nome eterno ao mundo,
E de Homero ou de Virgilio a poesia.

Jeronymo Côrte Real, Francisco de Sá de Menezes, ambos intimos de Caminha, e o proprio Jorge Ferreira de Vasconcellos, o poeta favorito do principe Dom João e de D. Sebastião, eram por este tempo ainda os inimigos de Camões.

Pag. 328, e linh. 11:—Collocar aqui a anedocta de Camões com o Duque de Aveiro.

Pag. 337:—Sobre esta *Fabula de Narciso*, escreve Manoel Severim de Faria, considerando-a como uma versão: «Outras traducções fez em verso em que se não mostrou menos elegante, como foi a *Elegia da Paixão*, de Sanazarro; o *Psalmo Super flumina Babyloniae*; a *Fabula de Biblis*, e a de *Narciso* e outras.»

Pag. 382:—*Al retortero* . . . No seculo xv havia em Portugal e Hespanha uma dansa chamada *Retorta*, de uso popular; *retorteiro*, significa aqui o povo revolucionado.

Pag. 388:—Em pouca terra enterrado . . . Refere-se á pobreza da sepultura de Camões, o portanto leva a concluir que a memoria de Miguel Leitão foi collocada antes de 1594, antes da homenagem de D. Gonçalo Coutinho. A amisade de Miguel Leitão deve fixar-se depois do regresso do cativo de Africa, em 1579.

Pag. 237:—Accresce a estas provas . . .—O character energico de Francisco Barreto acha-se sobretudo retratado na *Relação do Naufragio da Náo Aguia*, aonde a sua vontade inabalavel serviu de providencia a todos. Aí tambem se descreve o seu character liberal. (*Hist. tragico-maritima*, I, 246.)

Pag. 245:—Camões, a quem se chamava *bacharel* latino.—Lê-se na *Relação do Naufragio do Galeão Sam Bento*: «o *Licenciado Christovam Fernandes*, que na India fôra chanceler e *Provedor-mór dos Defunctos* . . .» (*Ib.* I, 78.) Isto justifica a necessidade de habilitações juridicas em Camões.

Pag. 252:—*Provedor-mór dos Defunctos*—Quanto aos lucros d'este cargo, lê-se no *Index de toda a Fazenda*, de Luiz

Figueiredo Falcão: « Importam quanto cada um quer, conforme ao trato que tem e ao que recebem das partes. » (Pag. 136.) Esta incerteza dos salarios e honorarios é que provocaria por certo as intrigas com o governador Francisco Barreto.

Pag. 263: — Por que não estava n'ella D. Francisco de Almeida. — Camões deixa sentir nos *Lusiadas* esta profunda sympathia, quando falla de

..... os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora.
(*Lus. I, st. 14.*)

Pag. 278: — O povo o insultava com romances . . . — Seria por ventura quando Francisco Barreto voltou a Gôa depois do seu naufragio. (Notar as suas relações com D. Constantino de Bragança na *Hist. tragico-maritima.*)

Pag. 292: — É n'este ponto que a tradição colloca as viagens de Camões a Malaca e ás Molucas. — É certo que o poeta teve relações de amizade com Pedro Barreto, que então tinha a capitania de Sunda; e o convite para o levar consigo para a capitania de Moçambique, para onde fôra mudado em 1567, seria por tel-o ali encontrado.

Quando Humboldt, no *Cosmos*, caracteriza o sentimento da natureza nos *Lusiadas*, deriva essa verdade das impressões immediatas recebidas por Camões: « Este caracter de verdade, que nasce de uma observação directa e pessoal, brilha no mais alto gráo na epopêa nacional dos portuguezes. Sente-se exalar como um perfume das flores da India através d'este poema escripto sob o céu dos tropicos, na gruta de Macáo e nas ilhas *Molucas*. » (1) Os profundos conhecimentos geographicos de Humboldt, dão ás suas palavras a força de um argumento poderoso, a favor da hypothese de ter Camões estado algum tempo nas *Molucas*. Os biographos collocam este facto no periodo mais obscuro da vida de Camões (1564-1567), mas não dão fundamento algum, porque só tem achado nos versos do poeta vagas allusões que se referem a toda a natureza oriental. Apesar de tudo tem-se conservado sempre a tradição. Porém, confrontada a Canção vi com a Canção xvi, vê-se que um novo sentido se

(1) Tom. II, pag. 65. Trad. de Galuski.

descobre. A Canção vi não póde referir-se a Gôa, como interpretou o snr. visconde de Juromenha, porque aí se descreve uma ilha *vulcanica e habitada por extranhos*. Com estes caracteristicos vamos encontrar no archipelago das Molucas uma ilha vulcanica, habitada por selvagens, que é a *Amboina*, e ao mesmo tempo achamos a sua exacta descripção na Canção xvi, em tudo conforme ás descripções dos modernos viajantes. A ilha de *Amboina* é celebre pela sua ribeira, e por tanto não se póde accetar a interpretação proposta pelo snr. visconde de Juromenha, que localisa a *Ribeira de Buina*, no Algarve, junto a Villa Nova de Portimão. Vejamos os textos segundo esta nova luz. E' certo que a Canção vi de Camões (ed. da *Actualid.*) se refere a uma das Molucas, onde se suspeitava ter estado Camões:

Com força desusada
 Aqueita o fogo eterno
 Uma ilha nas partes do Oriente,
 De extranhos habitada,
 Aonde o duro inverno
 Os campos reverdece alegremente.
 A lusitana gente
 Por armas sanguinosas
 Tem d'ella o senhorio;
 Cercada está de um rio
 De maritimas aguas saudosas.

Estes versos referem-se á ilha de *Amboina*, uma principal do archipelago das Molucas, formada por duas peninsulas montanhosas, entre as quaes, por meio de uma revolução que as separou, está a vasta bahia, que não ultrapassa setecentos metros. Do lado esquerdo da cidade, entre uma opulenta verdura corre uma ribeira que vae ter ao mar: É por isso que na Canção xvi (ed. da *Actualidade*, xv) escreve Camões:

Por meio de umas serras mui fragosas
 Cercadas de silvestres arvoredos,
 Retumbando por asperos penedos
 Correm perennes aguas delectosas,
 Na ribeira de *Buina*, assi chamada.
 Celebrada, etc.

As flôres que Camões descreve pouco differem das que aponta Jurien de la Gravière, que faz uma descripção da riqueza surprehendente d'esta Ilha do Archipelago das Molucas. Em um canto popular de *Amboina*, ouviu este viajante: « Bem vindos sejam os estrangeiros. Nós temos visto muitos d'estes rostos palidos. Os portuguezes foram os primeiros que vieram,

mas foram repellidos pelos Hollandezes (1).» A natureza vulcanica da Ilha de Amboina, os longos combates que ella custou á dominação portugueza, a salubridade e esplendor de vegetação que ella ainda hoje apresenta, justificam a descripção da Canção vi, e coincidem com o nome de *Boina*, da Canção xvi de Camões. Por tanto podemos concluir, que de facto Camões esteve algum tempo nas Molucas, especialmente em *Amboina*, (1564-6) e que foi no tempo d'esta sua expedição que celebrou a peripecia dos infelizes amores com *Dinamene*, e contraíu a sua amizade com Pedro Barreto, que tanto o affligiu. Estas induções philologicas dão mais força á deducção scientifica de Humboldt, e por ventura irão diminuindo os problemas que envolvem a vida de Camões.

Pag. 293: — Dinamene... Esta dama partira de Goa e morreu afogada no mar... — São quatro os Sonetos em que Luiz de Camões celebrou uma dama, que morreu afogada no mar, muito criança e gentil, e que elle amara na época da sua vida aventureira no Oriente. (2) Nenhum dos biographos de Camões pôde ainda localisar a época d'estes amores, nem tão pouco resolver o problema — se existe alguma allusão historica n'estas vagas situações esboçadas.

Em primeiro lugar, existe uma época completamente obscura na vida do poeta, na qual a tradição colloca a sua viagem ás Molucas; é n'esta época (1564-1566) que se devem fixar esses amores mysteriosos, porque a mesma obscuridade impenetravel envolve estes dous successos da sua vida. Aqui, como em tudo, a analogia é o primeiro processo da indução. Ora, a viagem ás Molucas explica a amizade que tomou a Camões Pero Barreto, que em 1561 tinha a Capitania de Sunda, e que mais tarde se lembrou de o levar comsigo quando foi transferido para a Capitania de Moçambique. O facto de *Dinamene* morrer afogada no mar, e a que o poeta allude:

Faltou te a ti na terra sepultura,
Eternamente as aguas lograrão
A tua peregrina formosura...

coincide com um successo semelhante, que vem contado na *Relação do naufragio da não S. Paulo*, em Sumatra, em 1561. Aproximemos o trecho da relação, e ver-se-ha que o quadro é

(1) Jurien de la Gravière, *Les Moluques*, (*Rev. des Deux Mondes*, 1851, vol. iv, p. 223.) Interessantissimo para esta questão.

(2) Sonetos xxiii, lxxii, lxxxi e clxx.

em tudo semelhante ao que se celebra n'esses quatro Sonetos. E por isso, poder-se-ha concluir, que a época da viagem ás Molucas foi pouco depois de 1561 e que os Sonetos elegiacos a *Dinamene* se referem á morte de *D. Isabel de Vasconcellos*, menina de quinze annos « muito formosa e bem afigurada » que morreu afogada no mar. Eis a relação, como a escreveu Henrique Dias:

« Aos onze de janeiro, depois do sol tomado em onze grãos e um sesmo, vento sueste honesto e galerno, o dia claro e mui sereno, governando em Nordeste quarta de Leste, nos aconteceu *um triste e desastrado caso, que em todos causou grandissima dôr e compaixão, por ser o desastre em si muito para isso, e para commover a commiseração a toda a pessoa, por ser em quem foi.* Seria entre o meio dia e uma hora, quando alguns, que por bordo estavam, gritaram: — Homens ao mar! — e era que da varanda da camara do leme em que ia agasalhado com sua mulher Diogo Pereira de Vasconcellos, um fidalgo que vinha provido das viagens do Pegú, parece que indo tirar ou pôr alguma cousa, caiu ao mar uma moça, sobrinha sua, filha de um seu irmão, que consigo trazia; chamava-se *D. Isabel, de idade de quatorze até quinze annos, muito formosa e bem afigurada;* e em caindo, em quanto deram a não por davante, ia já meia legua, que foi á vista de todos sempre sobre agua, batendo com os pés e com as mãos; a que o capitão e todo o homem honrado com elle acudiu, mandando ao mestre que deitasse o batel fóra, e ao piloto que puzesse a Não á trinca, o que nem um nem outro quiz fazer, dizendo e dando por razão, que ia já muito longe, e que não aproveitava nada, e que era trabalho e perigo de mais; e assim mandou o piloto governar sua rota abatida ao marinheiro que ao leme estava, a que o capitão mandou estar á trinca logo, ou por isso lhe cortar a cabeça á mesma hora, de que levou uma espada para o fazer; com o qual medo todos os marinheiros nos começaram a ajudar a deitar o esquite ao mar, a que já com ajuda do calafate e guardião, valentes homens do mar, tinhamos dado um apparelho; e assim se foi em continente ao mar, com o calafate e marinheiros em busca da moça, que já não apparecia; e depois de duas grandes horas que lá andaram, a acharam sem falla sobre a agua, que andava acabando de morrer; trouxeram-na, e já quando na Não entrou *vinha de todo morta, com um rosto tão sereno e bem assombrado, que parecia viva;* andou quasi uma hora sobre a agua, viva e morta sem nunca se ir ao fundo; encommendou-a o padre, e em uma alcatifa com um

pelouro aos pés se tornou ao mar; e assim desta maneira e desta idade cortaram as parcas e seu fado os seus dias, etc.» (*Hist. trag.-mar.*, t. 1, p. 410.)

A profunda poesia d'este lance descripto pelo naufrago, aproximada dos sentidissimos Sonetos de Camões, mostra-nos uma unica realidade. O facto de ser D. Isabel de Vasconcellos de quinze annos, muito formosa e bem afigurada, e de uma familia nobre de Goa, revela-nos a sensação que a noticia produziria na metropole das colonias, e quanto impressionaria Camões para celebral-a, personificando-a em *Dinamene*, uma deusa do mar.

N'este naufragio se achou tambem *Bento Caldeira*, o que fez mais tardé a primeira traducção castelhana dos *Lusiadas*.

Pag. 295: — Na Feitoria de Chaul, em que era provido... — No *Indice de toda a Fazenda* se lê: «O officio de Feitor e Alcaide-mór d'esta fortaleza, importará nos tres annos, dez mil pardaes.» (*Pag. 105.*) Era de provisão triennial; por isto se vê a anciedade em que estava Camões para voltar á patria, quando em 1567 abandonou a esperança da provisão para partir para Moçambique.

Pag. 298: — E foi escrevendo muito em um livro, que ia fazendo, que intitulava *Parnaso*... Na Elegia á morte de Dom Tello, vem a rubrica: «*Achou-se em um Manuscripto do Bispo Dom Rodrigo da Cunha, feito no anno de 1568.*» Por esta data se vê, que o poeta estava então em Moçambique em pura pobreza, e ia escrevendo o seu *Parnaso*, como o conta Diogo do Couto; isto nos leva a concluir que este Manuscripto de 1568 formava parte do *Parnaso*, que lhe foi roubado, e consequentemente, que sob este titulo se comprehendiam as poesias lyricas.

298: — Dom João Pereira... Era irmão do Conde da Feira.

Pag. 359: — Que contraste n'estas sublimes homenagens... Camões influu nos principaes lyricos hespanhoes do fim do seculo xvi e principio do seculo xvii. Quevedo de Villegas, traz nas *Tres ultimas Musas castellanas* a versão seguinte do Soneto xxiv de Camões:

Siete años de pastor Jacob servia
al padre de Rachel, serrana bella;
mas no servia a el, servia à ella,
que a ella solo en premio pretendia.

Los días en memoria de aquel día
 passava contentando-se con vella;
 mas Laban, cauteloso, en lugar d'ella,
 ingrato à su lealtad, le diera Lia.

Viendo el triste pastor, que con engaños
 le quitan a Raquel, y el bien que espera
 por tiempo, amor, y fé merecida,

Bolvio à servir de nuevo otros slete años,
 y mil sirviera mas, sino tuviera
 para tan largo amor tan corta vida. (1)

O original de Camões (*Parnaso*, tom. 1, n.º 24) é muito mais perfeito, sobretudo no final, pela fórma dramatica que lhe deu. O estudo comparativo dos Sonetos de Herrera e de Camões, é tambem um modo de accentuar esta extraordinaria individualidade poetica.

Pag. 374: — Benito Caldera, joven portuguez que residia em Madrid... — É de crêr que Bento Caldeira tivesse relações pessoas com Camões na India, porque o vemos naufrago em 1561 na náó Sam Paulo, na ilha de Sumatra: «Bento Caldeira, criado del-rei, e muito homem de sua pessoa, que ía provido na Feitoria de Baçaím.» (*Híst. trag. marít.*, t. 1, p. 429.)

Pag. 391: — O augmento de 4\$000 reis de tença a D. Anna de Sá, começados a vencer em 17 de novembro de 1584, deve attribuir-se a uma como indemnisação á mãe do poeta, por ter acabado n'esse anno o privilegio da edição dos *Lusiadas*. De facto no anno de 1584 é que se fez a primeira edição da epôea depois de morto o seu auctor. — N'este Alvará de 5 de fevereiro de 1585 se sabe que D. Anna de Sá ainda era viva, apesar de ser já em 1582 considerada como *muito velha e muito pobre*; contava então pelo menos oitenta annos de idade. Póde-se por tanto induzir a época da sua morte, porque sendo publicados por Affonso Lopes, moço da capella real em 1587, os dois *Autos* de Camões, e não sendo respeitadas os direitos ou privilegios da unica herdeira de Camões, é porque já era com certeza fallecida. Como na serenidade da phrase antiga *Obdormivit in Domino*, a sua memoria occultou-se sob a immensa gloria de seu filho.

(1) Ed. de 1670, p. 38. Madrid.

Pag. 428: — Descrição de Macáo. — «Entre os jardins com que a opulenta phantasia dos negociantes inglezes dotou Macáo, existe um que o viajante não deve esquecer-se de visitar. Os caramboleiros (*caramboliers*) e as acácias protegem com o dôce frêmito de sua sombra este fresco mirante d'onde a vista descobre o estreito canal do porto interior, as ilhas numerosas cujos planos se succedem e se confundem ao longe, e as brancas muralhas de Casa Branca. No cume d'esta collina, então solitaria e selvagem, é que o auctor dos *Lusiadas* vinha, conta-se, meditar e concentrar-se. Os rochedos consagrados pela tradição, cuja severa simplicidade foi desfigurada por um cuidado importuno, não conservam nenhum vestigio d'esta poetica estancia. Mesmo o silencio, o silencio tão caro ao poeta, já não habita este asylo. O ecco, que não acordava outr'ora senão para repetir as estrophes immortaes, é incessantemente perturbado hoje pelo estridente estouro de morteiros. Não existe povo cujas alegrias de devoção sejam mais estrepitosas do que dos Chinezes. Que um junco desdobre as pezadas velas e, prestes a largar do porto, queira invocar a Virgem Kuan-yn, que um festivo ou lugubre cortejo circule nas ruas, de repente, aos toques retumbantes do goug, ouvireis misturar-se o crepitar de longas restecas de bombas que a mão de uma criança tem penduradas na extremidade de um bambú. Estas incessantes detonações perseguir-vos-hão até ao inno dos mais reconditos aposentos, e virão arrancar-vos bruscamente ás vossas meditações.

«Comtudo é preciso convirmos, que se os chinezes se não encarregassem de divertir pelos seus gritos, pelas salvas, pelo barulho do bronze sonoro, a taciturnidade da cidade portugueza, poder-se-ia acreditar que se estava em uma cidade abandonada ou caída em lethargia. Os cinco mil habitantes que compõem a população christã de Macáo são tão sedentarios, mas mais silenciosos que o grillo da lareira. As mulheres só saem de casa para visitarem as egrejas» etc. Jurien de la Gravière, *La colonie européenne en Chine*, (*Rev. des Deux Mondes*, 1851, vol. iv, p. 798.)

PARTE II

Pag. 6: — O genio amoroso dos portuguezes. . . Jorge Ferreira de Vasconcellos, descreve admiravelmente este caracter: «E não me negareis ser esta a principal inclinação portugueza,

e d'esta lhe veiu a cavalleirosa opinião e primor que tem sobre todos ess'outros, e estimarem as mulheres sobre todos. Porque o enganoso *italiano* dissimula o amor, louva a sua dama por trovas, se a alcança logo a encerra e tem como captiva, se desespera alcançal-a, diz mal d'ella e quer-lh'o. O alegre *francez* trabalha contental-a por serviços, cantigas e festas; vendo-se sujeito chora, como a alcança, logo a despreza, e busca outra; se a não póde aver ameaça-a e vingá-se se póde. O frio *alle-mão* ama brandamente, segue com enganos e peitas, caso que deseje não se sogiga, alcançando-a esfria-se, se a não alcança esquece-se desestimando-a. Só o *portuguez*, ânego e timbre dos hespanhoes e grimpa de todas as nações, como atilado, gentil, galante e nobre esposo, compadece todos os effeitos do amor puro, não consente mal em sua dama, não soffre ver-se ausente d'ella, busca de noite e de dia onde e como a veja, queria sempre estar com ella, emagrece com cuidados e má vida, muda toda a má condição em boa, queima-se por dentro em pensamentos, que humilde representa com lagrimas e suspiros, signaes de verdadeira dôr. Em todo seu querer unido e conforme com o d'ella, constante na sua fé, e chaina sempre por ella em suas affrontas, como a alcança nunea a deixa até á morte, e assim a faz senhora de si mesmo; não pretende proveito, salvo o d'ella polo qual commette fouto todos os perigos; nem dormindo perde d'ella lembrança, antes n'isso se deleita, determinando viver e morrer com ella, se desespera mata-se ou faz extremos mortaes, tudo isto e muito mais se acha no bom Portuguez, da sua natural constellação apurado no amor; etc.» Comed. *Eufrosina*, act. v, sic. 5.)

Pag. 162 a 172: — Sobre as poesias de Ayres Telles de Menezes. — Na sua edição da *Feira de Anexins*, de D. Francisco Manoel de Mello, o snr. Innocencio Francisco da Silva, imputa-nos o acabarmos «de descobrir que um Ayres Telles de Menezes, captivo em 1578 na batalha de Alcacer, é o proprio que em 1495 escrevera em linguagem do seculo xviii uma elegia á morte d'el-rei Dom João ii. *Risum teneatis?*» (Pag. xxxviii, not.) Como não havemos de rir da comprehensão do snr. academico, quando fômos nós, quem pela primeira vez desdobrou a homonymia entre o poeta da côrte de Dom João ii, e o captivo de Alcacer? Quem fixou a data dos *Ineditos* de Caminha pelo soneto á morte de Frei Luiz de Montoya em 1569, e as relações do poeta do fim do seculo xvi com André da Fonseca, não podia concluir pelo asserto do snr. Innocencio. Não tendo obtido

justiça do illustre bibliographo, tambem já nada tínhamos a esperar da sua boa fé.

Para que esta nota não fique uma repetição esteril, accrescentamos aqui alguns dados sobre *André da Fonseca*: era filho de Ayres da Fonseca e de Beatriz Monteiro; casou na villa de Villar Mayor com Beatriz Telles. (Vid. *Relação da nobre Família dos FONSECAS*, fl. 142, Ms. n.º 117 da Bibl. do Porto.)

Pag. 343 a 353: — Transcrevemos integralmente estas outavas de João de Barros, pelas numerosas inducções a que ellas conduzem; no tempo de João de Barros, isto é, na mocidade de Dom João III, ainda predominava na litteratura portugueza a outava da eschola hespanhola do tempo de Affonso o Sabio; para que a outava italiana, que Ariosto tornara épica, chegasse entre nós á perfeição a que a elevou Camões, foi preciso que Sá de Miranda fizesse as primeiras tentativas. Camões conhecia o *Clarimundo* de João de Barros, quando mostra, nos *Lusiadas*, que não é preciso recorrer a invenções fabulosas para celebrar a fama nacional:

Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, crúas estocadas,
E' d'esses gastadores, que sabemos,
Mãos de tempo com fabulas sonhadas:

(cant. VI, est. 66.)

D'estes mesmos diz Soropita: « certos aventureiros, pagens da lança da tolice, cujo officio é contar contos prolixos, de uns certos manganases desencadernados, que primeiro que preguem uma lança do que querem contar, irão cem vezes a Roma; etc. » (*Poes. e Pros.*, p. 103.)

Camões soube melhor do que João de Barros achar o que havia de poetico na historia de Portugal; por assim dizer, cada outava de João de Barros deu um completo episodio a Camões. Referindo o milagre de Ourique:

Dirá: Ó meu Deus, a mim para quê?
Sê aos herejes, imigos da Fé,
Fé em que eu ardo d'amor mui ardente,

com que vigor dramatico Camões o excede:

Aos inféis! Senhor, aos inféis,
E não a mim que sei o que podeis.

Sobre a outava em que João de Barros celebra o caracter justiceiro de D. Pedro, Camões cria o inexcédível episodio de Ignez de Castro; o mesmo com a batalha de Aljubarrota. O presentimento ligado á *esphera armilar*, na outava de João de Barros, dá o magnifico episodio do sonho de D. Manoel; a homenagem do Cabo da Boa Esperança, ingenua e mansa, dá o sublime episodio do Adamastor. A superioridade de Camões, em comprehender a profunda poesia da realidade historica, acha-se n'esta estrophe:

Que por muito e por muito que se afinem
N'estas fabulas vãs, tão bem sonhadas,
A verdade, que eu canto nua e pura
Vence toda grandiloqua escriptura.

A narrativa de toda a historia de Portugal feita por Vasco da Gama ao Rei de Melinde (cant. II, est. 109, até ao canto IV est. 80) é esta intuição profunda da estrutura organica da epopeia, que levou o genio de Camões a agrupar em volta do facto historico mais predominante com que nos assignalámos na civilização, o complexo de todas as tradições em que se concentra a vida moral de uma nacionalidade. No canto II, est. 47, Camões reproduz a tradição da viagem de Vasco da Gama, quando animou os seus companheiros amedrontados por um terremoto no mar: « *Não hajaes medo, que o mar treme sob nós.* »

A bella tradição conservada na *Chronica dos Vicentes*, ácerca da palma que floresceu na sepultura do cavalleiro Henrique, é aproveitada nos *Lusiadas*:

Olha Henrique, famoso cavalleiro,
A palma que lhe nasce junto á cova...

E no canto VIII, est. 25, celebra tambem essa façanha tradicional conservada na *Chronica da Conquista do Algarve*:

Vês Tavila tomada aos moradores
Em vingança dos sete caçadores...

Pag. 432: — Relação manuseripta dos *Doze de Inglaterra*... A primeira vez que achamos citada a tradição dos *Doze de Inglaterra* é em Jorge Ferreira, *Memorial das Proezas da segunda Tavola Redonda*, (cap. 46,) novella que esteve inedita desde 1554 até 1567: «E em tempo del-rei Dom João, de Boa Memoria, sabemos que seus vassallos no cerco de Guimarães

se nomearam por *Cavalleiros da Tavola Redonda*, e elle por *El-rei Arthur*. E de sua côrte mandou *treze* cavalleiros portuguezes a Londres, que se desafiaram em campo çarrado com outros tantos ingrezes nobres e esforçados, por respeito das damas do Duque Delencastro.» N'esta tradição, como se vê pela referencia aos *treze*, Magriço é considerado como chefe dos *doze pares de Inglaterra*; a tradição cavalheiresca reviveu por occasião do poetico Torneio de Xabregas.

CATALOGO GERAL DOS POETAS PORTUGUEZES NO SECULO XVI

§ I. — POETAS EPICOS

- 1 Bartholomeu Ferraz de Andrade.
- 2 Francisco de Andrade.
- 3 Francisco de Sá de Menezes.
- 4 Jeronymo Côrte-Real.
- 5 João Pereira Côrte-Real.
- 6 Luiz Brandão Pereira.
- 7 LUIZ DE CAMÕES.
- 8 Pedro da Costa Perestrello.
- 9 Vasco Mousinho de Quevedo Castello Branco.

§ II. — POETAS LYRICOS

- 10 D. Affonso de Castello Branco.
- 11 Frei Agostinho da Cruz.
- 12 D. Álvaro de Lencastre (Duque de Aveiro).
- 13 D. Alvaro de Abranches.
- 14 Alvaro Egas Moniz.
- 15 Dr. Alvaro Vaz.
- 16 André Falcão de Resende (amigo de Camões).
- 17 André da Fonseca.
- 18 André de Quadros.
- 19 Andre Soares.
- 20 André de Sousa Diniz.
- 21 Antonio de Abreu, o Engenhoso (amigo de Camões).
- 22 Antonio de Castilho.
- 23 Antonio Corrêa da Costa.
- 24 Dr. Antonio Ferreira.
- 25 Antonio Leitão.
- 26 Antonio de Lemos.
- 27 Antonio Mendes.
- 28 Antonio Martins.
- 29 D. Antão de Noronha (amigo de Camões).

- 30 Antonio Ribeiro.
- 31 Antonio Ribeiro Chiado (amigo de Camões):
- 32 D. Antonio de Roxas.
- 33 Antonio Trancoso Corrêa.
- 34 Antonio da Silva.
- 35 Antonio de Sá de Menezes.
- 36 Frei Antonio da Visitação.
- 37 Dr. Ayres Pinhel.
- 38 Ayres Telles de Menezes.
- 39 Balthazar de Brito e Andrade.
- 40 Balthazar Dias.
- 41 Balthazar Estaço.
- 42 Bartholomeu Varella.
- 43 Benito Caldeira.
- 44 Bernardim Ribeiro.
Fr. Bernardo de Brito (Vid. Balthazar de Brito).
- 45 Bernardo Rodrigues (amigo de Camões).
- 46 Christovam Falcão.
- 47 Fr. Christovam Osorio.
- 48 Diogo de Abreu.
- 49 Diogo de Betencor.
- 50 Diogo Bernardes.
- 51 Diogo do Couto (amigo de Camões).
- 52 D. Diogo de Castello Branco.
- 53 Diogo de Castillo.
- 54 Diogo Fernandes.
- 55 Diogo Lopes.
- 56 Diogo de Mendonça.
- 57 Diogo de Menezes.
- 58 Diogo Soares de Albergaria.
- 59 Diogo Taborda Leitão.
- 60 Diogo de Teive.
- 61 Duarte Dias.
- 62 D. Duarte (Infante).
- 63 D. Duarte (Marquez de Franchilla).
- 64 Duarte d'Oliveira.
Duque de Aveiro.
- 65 Estacio de Faria (amigo de Camões).
- 66 Estevam Ribeiro.
- 67 Estevam Rodrigues de Castro.
- 68 Estevam de Villalobos.
- 69 D. Francisco d'Acunha.
- 70 D. Francisco da Costa.

- 71 Francisco da Costa Pereira.
- 72 D. Francisco de Faro.
- 73 Francisco Gomes de Azevedo.
- 74 D. Francisco Child Rolim de Moura.
- 75 Francisco Galvão.
- 76 D. Francisco de Moura.
- 77 Francisco Lopes (Medico da Rainha).
- 78 Francisco de Moraes.
- 79 Francisco Moraes Durante.
- 80 Francisco Faria Lobo.
- 81 D. Francisco de Portugal (amigo de Camões).
- 82 Francisco Rodrigues Lobo.
- 83 Francisco de Sá de Menezes.
- 84 Francisco de Sá e Miranda.
- 85 S. Francisco Xavier.
- 86 Fernão Alvares d'Oriente (amigo de Camões).
- 87 Fernão Rodrigues Lobo Soropita.
- 88 Fernão da Silveira.
- 89 D. Fernando Corrêa de Lacerda.
- 90 D. Fernando de Menezes.
- 91 Gaspar Antonio.
- 92 Gaspar Freire.
- 93 Gaspar Gil Severim.
- 94 Gaspar Gomes Pontino.
- 95 Gonçalo Annes Bandarra.
- 96 Gonçalo Carneiro.
- 97 D. Gonçalo Coutinho (amigo de Camões).
- 98 Gonçalo Fernandes.
- 99 Gonçalo Fernandes Trancoso.
- 100 Gomes Freire de Andrade,
- 101 Gregorio Silvestre.
- 102 Heitor da Silveira (amigo de Camões).
- 103 Henrique Gareez.
- 104 Henrique Nunes de Santarem.
- 105 D. Henrique de Portugal.
- 106 Padre Ignacio de Azevedo.
- 107 Jeronymo Dias Leite.
- 108 D. Joanna da Gama.
- 109 João de Aguiar Goes.
- 110 João de Barros.
- 111 D. João de Castello Branco.
- 112 D. João Lobo (Barão d'Alvito).
- 113 João Lopes Leitão.

- 114 João Mendes (Licenciado).
- 115 João Pinto Delgado.
- 116 João Ribeiro.
- 117 João do Couto.
- 118 Jorge Coelho.
Jeronymo Corte Real.
- 119 Jorge Fernandes (o Fradinho da Rainha).
- 120 Jorge Ferreira de Vasconcellos,
- 121 Jeronymo Franchi de Connestagio (Conde de Portalegre).
- 122 D. Jorge de Lencastre.
- 123 D. Jorge de Menezes.
- 124 Jorge da Silva (amigo de Camões).
- 125 Jorge de Monte-mór (amigo de Camões).
- 126 D. Jorge de Faro.
- 127 Leonardo Turriano.
- 128 D. Leoniz Pereira (amigo de Camões).
- 129 Dona Leonor de Mendanha.
- 130 Lopo Rodrigues Camello.
- 131 D. Luiz de Athayde.
- 132 Luiz Alvares Pereira.
- 133 Luiz Brochado.
Luiz de Camões.
- 134 Luiz de Crasto.
- 135 Luiz Franco Corrêa (amigo de Camões).
- 136 D. Luiz (Infante).
- 137 Luiz Mendes de Vasconcellos.
- 138 D. Luiz de Menezes.
- 139 Luiz da Silva Brito.
- 140 Luiz da Victoria.
- 141 Manoel Corrêa Montenegro (amigo Camões).
- 142 Manoel de Leyva.
- 143 D. Manoel de Portugal (amigo Camões).
- 144 Manoel Luiz Freire.
- 145 Manoel Machado de Azevedo.
- 146 Manoel Sampaio.
- 147 Manoel da Veiga Tagarro.
- 148 Frei Marecos de Lisboa.
- 149 D. Maria (Infanta).
- 150 Martim de Crasto.
- 151 Meirinho Mór.
- 152 Miguel Leitão de Andrada.
- 153 D. Miguel da Silveira.
- 154 Frei Nicolau Dias.

- 155 Paula Vicente.
 156 Paulo Machado.
 Frei Paulo da Cruz (Vid. Jorge Fernandes).
 157 Pedro de Andrade Caminha.
 158 Pedro Barroso.
 159 Pedro da Cunha.
 Pedro da Costa Perestrello.
 160 Pedro de Castro.
 161 D. Pedro Diniz.
 162 Pedro da Fonseca Vasconcellos.
 Pedro Affonso de Vasconcellos.
 163 Frei Pedro de Padilha.
 164 Padre Pedro Ribeiro.
 165 Pedro Sanches de Vianna.
 166 Philippe de Aguilar.
 167 Sancho de Vasconcellos.
 168 Seleuco Lusitano.
 169 Simão Rodrigues Giscardo.
 170 D. Simão da Silveira (amigo de Camões).
 171 Simão Rodrigues da Veiga.
 Simão da Veiga.
 172 Padre Simão Vaz de Camões.
 173 Simião Vaz Crespo.
 174 Fr. Theotónio da Gama.
 175 Fr. Thomé de Jesus.
 176 Vasco da Silveira.

§ III.—POETAS DRAMATICOS

- 177 Affonso Alvares.
 178 Padre Alvaro Lobo.
 179 Antonio de Azevedo.
 180 Antonio Gomes.
 181 Fr. Antonio de Lisboa.
 182 Antonio Pereira.
 183 Antonio Peres.
 184 Antonio Pires Gonge.
 185 Frei Antonio de Portalegre.
 186 Antonio Prestes.
 Antonio Ribeiro Chiado.
 187 Ayres Victoria.
 Balthazar Dias.
 188 Fr. Braz de Rezende.

- 189 Clemente Lopes.
190 Francisco Luiz.
191 Padre Francisco Vaz de Guimarães.
192 Gil Vicente.
193 João de Escobar.
194 João Lopes de Oliveira.
195 João Rodrigues de Beja.
196 P. Fr. João de Moura.
197 Henrique Lopes.
Jorge Ferreira de Vasconcellos.
198 Jorge Pinto.
Luiz de Camões.
199 Pedro Vaz Quintanilha.
200 Sebastião Pires.
201 Simão Garcia.
202 Simão Machado.
203 Vicente Alvares.
-

INDEX

HISTORIA DE CAMÕES

ADVERTENCIA..... v

PARTE II

Eschola camoniana

LIVRO I. — OS POETAS LYRICOS

CAPITULO I — Camões e o platonismo erotico-mystico no seculo XVI.....	4
CAPITULO II — André Faleão de Resende.....	31
CAPITULO III — Dom Manoel de Portugal.....	75
CAPITULO IV — Fernão Alvares d'Oriente e a Poesia portugueza em Goa.....	97
CAPITULO V — Pedro da Costa Perestrello, Francisco Galvão, Ayres Telles de Menezes, André da Fonseca....	145
CAPITULO VI — Estevam Rodrigues de Castro.....	173
CAPITULO VII — Manoel da Veiga Tagarro e a <i>Laura de Anfriso</i>	188
CAPITULO VIII — Balthazar de Brito e Andrade (Frei Bernardo de Brito) e a <i>Sylvia de Lisardo</i>	213
CAPITULO IX — Fernão Rodrigues Lobo Soropita.....	240
CAPITULO X — Miguel Leitão de Andrade.....	266
CAPITULO XI — Dom Gonçalo Coutinho, Dom Simão da Silveira, Vasco Mousinho de Castello Branco.....	286

LIVRO II. — OS POETAS EPICOS

CAPITULO I — Primeiras tentativas de uma Epopêa nacional.....	319
a) <i>Affonso Geraudes e o Poema da Batalha do Salado</i>	323
b) <i>Diogo Brandão e a Lamentação á morte de Dom João II</i>	330
c) <i>Diogo Velho, Coplas á descoberta da India</i>	333
d) <i>João de Barros, e os rudimentos da Epopêa portugueza</i>	341
e) <i>Luiz Anriques, Poema sobre a Tomada de Azamor</i>	354
CAPITULO II — <i>Os Lusíadas</i> , epopêa da Nacionalidade portugueza	363
a) <i>Elemento mythico: O Maravilhoso nos Lusíadas</i>	371
b) <i>Elemento tradicional: Episodios nos Lusíadas</i>	392
1. <i>As Quinas</i>	394
2. <i>Egas Moniz</i>	405
3. <i>Giraldo Sem-pavor</i>	411
4. <i>A Rainha D. Maria</i>	415
5. <i>Ignez de Castro</i>	418
6. <i>O Infante Santo</i>	421
7. <i>Velloso</i>	422
8. <i>Naufragio de Sepulveda</i>	424
9. <i>Deze de Inglaterra</i>	429
10. <i>As sete partidas do Infante D. Pedro</i>	434
11. <i>A Ilha dos Amores</i>	437
c) <i>Elemento historico: Poesia da Navegação</i>	450
d) <i>Elemento pessoal: Concepção e allusões</i>	469
CAPITULO III — A Parodia do Canto I dos <i>Lusíadas</i>	480
CAPITULO IV — Jeronymo Côrte Real.....	497
CAPITULO V — Francisco de Andrade, e Luiz Pereira....	543
ADDENDA e CORRIGENDA.....	563
CATALOGO GERAL DOS POETAS PORTUGUEZES DO SECULO XVI...	585

1875

IMPRESA PORTUGUEZA — EDITORA

Rua do Bomjardim, 181

PORTO



roso e lascivo dos amores de Lançarote e Ginevra, accendeu-se n'ellas tanto a força do amor, que ardia secreto, que quasi fóra de si se abraçaram ambos, e ajuntando as bocças estiveram tanto espaço transportados na doçura do sensual apetite que não puderam deixar de ser vistos, e effectuando depois seu danado desejo e perseverando n'isso com menos resguardo que lhes convinha, o veiu a saber Lançarote, que tanto os espiou e com tão secretos modos, de cima de uma camara onde se communicavam, que os pode tomar juntos no auto, e atravessados ambos de um golpe os matou com uma lança. (1)

As tradições da Tavola Redonda não podiam ser comprehendidas por um seculo que não achava o bello fóra da antiguidade classica. Vejamos agora como Camões renovava a memoria dos principaes trovadores da Provença. Eis os tercetos traduzidos:

Assi, ora a um cabo e outro olhando,
Vi ir n'uma florida e verde relva
Gente que de amor ia resoando.

Eis *Dante* e *Beatriz*, e a da Selva,
Eis *Cim de Pistoia*, e o gentil *Guidão*
Que de não ser primeiro ira leva.

Eis outros dous *Guidos*, que louvados são,
Honesto bolonhez, e os sicilianos,
Que soiam ir diante e detrás vão.

Senunchio e *Francisquim*, assás humanos,
E junto d'elles passava gram tropel,
De vulgares engenhos transmontanos.

(1) Obras, t. v, p. 110.

Esta folha é a que substituiu a de igual numero nos exemplares postos á venda.

Vija a doçura e a
pág. 105 do T. III

Antre elles o primo *Arnaldo e Daniel*
 Gram poeta de amor, que a sua terra
 Honrou seu dizer galante e donzel.

E aquelles que amor mui leve aferra,
 Um e outro *Pedro*, e segundo *Arnaldo*,
 E os que são vencidos em mór guerra.

Primeiro e segundo *Raimbaldo*,
 Que cantou *Beatriz* em *Monferrado*,
 E o velho *Pier d'Alvernia* com *Giraldo*.

Folguedo que a *Marselha* o nomé ha dado,
 E a *Genova* tirado, e no extremo
 Trocou por melhor patria o estado.

Giaufre Rudel, que usou vela e remo,
 Para buscar sua morte, e o *Guilhelmo*,
 Que por cantar chorou no triste extremo.

Amerigo, *Bernardo*, *Hugo* e *Anselmo*,
 E outros mil a quem a sua lingua,
 Foi sempre espada e lança, escudo e elmo. (1)

Depois de se saber a comunicação que no fim do seculo xv tivemos com os eruditos de Italia, não nos admira poder Camões escrever o commentario d'estes tercetos. Reproduzimos-o pela sua importancia litteraria e para se vêr o estado em que estava entre nós a tradição provençalesca :

« E mostra logo a *Dante e a Beatriz*, da qual elle cantou, porque além da sua Comedia celebrada, escre-

(1) *Obras*, t. v., p. 23.

veu Sonetos e Cantigas namoradas; e apoz elles a Selvagia e *Cino de Pistoia*, que d'ella escreveu; e *Guidão* de Arezo, *que de não ser primeiro ira leva*, dando a entender que, postoque fosse bom compositor, foi depois avantajado de Dante e de Cino.— *Eis outros dous Guidos*, os quaes no dizer foram louvados; hum he *Guido Cavalgante*, douto nos estudos da poesia e muito mais nos da philosophia; e o outro *Guido Guivizeli*, de Bolonha, de que ha algumas obras.— *E Honesto Bolonhez*, do qual se lê uma balata, que começa: «La partenza che foe dolorosa» e os *sicilianos* compositores, sem nomear nenhum, *que soiam ir diãnte*, primeiro nas rimas, e ora *detras vão*, por serem depois avantajados de muitos.— *Senunchio*, do seio florentino, e *Francisquim*, dos Albizos, de cujas composições se acha uma balata que começa: «Per fogir riprensione»; os quaes ambos foram tão cortezes, humanos e amorosos, como he notorio, amigos do poeta e do seu tempo.— *E junto d'elles passava gram tropel de vulgares engenhos transmontanos*, de diversos costumes e diversas linguas. *E antre elles o primo Arnaldo Daniel*, grande poeta d'amor que a sua terra honrou seu dizer galante e donzel, brando e amoroso. Foi este de um castello chamado de Ribarac, no Bispaço de Peragos, que é em Provença, de nobre sangue, ornado de letras. Ajou uma gentil dama da Gascunha, mulher de Guilherme de Bovilha, e sendo sempre d'ella contrariado celebrou nas suas rimas, pelas quaes antre os dezidores de Provença, foi no louvor o primeiro.— *E aquelles que amor muito leve afferra*, hum e outro

Pedro, sc. Pedro Vidal, que foi tão doudo e vão que cria e tinha por mui certo que quantas o viam todas o amavam, e de todas se gabava falsamente, até que o marido de huma donna honrada o mandou tomar e furar-lhe a lingua; e então se passou além do mar de Chipre, onde se casou com huma grega, metendo-lhe na cabeça que era neta do Imperador de Constantinopla, e que directamente lhe pertencia a successão do avô; pelo que se tornou a Provença com determinação de fazer armada para ir tomar a posse do imperio. O outro, Pedro Nigeri de Avernia, que, sendo Conego de Claramonte, por presumir de dizedor, e querer andar na côrte, renunciou a conegia, e amou madama Nesmen-guarda, valerosa e nobre senhora, que tinha côrte em Narbona, e por seu dizer galante foi d'ella muito amado e honrado, bem que no fim o despediram por certa presumpção que se teve de que não amava debalde.— *E segundo Arnaldo*, menos famoso; a differença de Arnaldo Daniel. E ambos foram de uma patria, mas designaes nas condições e na fama, posto que este tambem fosse muito bom dizedor; e não podendo viver em sua terra andou correndo muitas partes do mundo, e em cada lugar se namorava de novo, e enfim amou e cantou a condessa de Burlas, filha do proconde Raimondo, e mulher do visconde de Beders, que foi chamado talha-ferro, e houve assás honra e proveito.— *E os que foram vencidos em mór guerra*, que são um e outro Raimbaldo; hum dos que foi senhor de Arvenga, e Coteson e outros castellos, valeroso cavalleiro e galante

compositor, e especialmente amou madama Maria Verde Folha, gentil dama provenciana, e por fama se namorou tambem da Condessa de Urgeil, filha do Marquez de Busca, que foi lombarda; as quaes ambas celebrou em suas rimas e foi d'ellas amado. O outro Raimbaldo, chamado por outro nome Pairops, foi hum pobre cavalleiro de Vacchieras, dado ao dizer em rimas e não muito sabedor. Viveu muito tempo honradamente na côrte do principe de Arvenga, e vindo depois a Monferrado esteve muitos annos em serviço do marquez Bonifacio, e amou e cantou madama Beatriz, irmã do Marquez, e mulher de Arrigo do Carreto; e por isso se diz *que cantou Beatriz em Monferrado.*—*E o velho Pier de Alvernia*, que foi natural do Bispado de Claramonte, de gentil engenho e singular doutrina; gentilhomem e gracioso, e no cantar excedeu a todos os transmontanos; mas era tão pagado de si e das suas obras que desprezava as dos outros compositores. Viveu largo tempo, e no extremo, feita penitencia de suas culpas, falleceu, deixando de si no mundo louvada opinião.—*Com Giraldo*, provençalmente chamado Gerault di Berveil. Este foi de hum castello de Limoges, e posto que de nascimento se achasse baixo e escuro, pelo estudo de polidas letras, e principalmente pela virtude de sua veia e engenho natural, se levantou e fez claro. Trazia sempre comsigo dous cantores que cantavam suas rimas pelas côrtes, e quanto podia ganhar e alcançar, que não era pouco, tudo dava á igreja da sua patria e a seus parentes pobres.— «*Folgado*, filho de um mercador de

Genova, o qual ficando rico por morte de seu pae, e sendo de alto e gentil espirito, se deu á conversação e amisade de valerosos cavalleiros e foi havido em grande reputação de El-Rei Ricardo, e do Conde Raimondo de Tolosa, e muito mais de Baral de Marselha, seu senhor, cuja mulher elle amou e louvou muito em suas composições, posto que lhe fosse isenta e esquiva. *Que a Marselha o nome ha dado e a Genova tirado*, porque sendo genovez era chamado Folguedo de Marselha. *E no extremo trocou por melhor patria o estado*, sc., pela celeste, porque tanto que falleceu sua senhora, que elle muito amava e celebrava, tomou em tanto desgosto a vida, e a vaidade do mundo, que se metteu na ordem de Cister, com dous filhos que tinha, endereçando seu pensamento e obras ao verdadeiro fim; e sua mulher se fez tambem freira da mesma ordem.

« *Giaufre Rudel*, que foi senhor de Blaia, se namorou por fama da Condessa de Tripoli, e compoz em seu louvor muitas cantigas namoradas. *Que usou véla e rémo para buscar sua morte*, porque forçado do desejo de ver exteriormente a que no interior tanto amava, e tinha no coração, se embarcou para Tripoli, e adoeceu na viagem de tão grande enfermidade, que quando chegou ao porto, o tinham por finado; e sabendo-o a Condessa mandou que lh'o levassem com muita diligencia, e tomando-o nos braços com lagrimas e palavras de verdadeiro amor o chamava pelo seu nome, e como se o amor lhe tornara a restituir os espiritos de novo, cobrou alento e pulso, e conheceu onde estava e quem o

tinha, e começou a fallar dando-lhe grandes louvores de tamanho galardão de seus trabalhos, mas logo nos mesmos braços da Condessa expirou, a qual ficou tão cortada d'aquelle acontecimento que renunciou o mundo e se fez freira.

«*E o Guilherme, que alguns chamam Cabestem. Este foi um gentil-homem da terra do Rossillon, que he entre Catalunha e Narbona, e namorou-se muito da mulher de Raymundo de Castro Rossillon, de cujos amores alcançou o desejado effeito pelo valor de seu animo, e pela virtude e força de seu gentil engenho; e vindo á noticia do marido, pelas cantigas que em louvor d'ella cantava, se armou um dia com certos seus amigos e criados, e achando-o descuidado e com pouca companhia o matou e tirou-lhe o coração e mandou fazer d'elle um manjar, muito bem feito, e levou-o á mulher que comesse, e sabendo ella o que era o comeu de muito boa vontade, gabando e encarecendo muito aquella iguaria, e acabando de comer fez um voto que em sua vida não comeria outra por lhe não danar o gosto que d'aquella lhe ficava; e indignado o marido de tamanha constancia ou pertinacia correu a tomar a espada para a matar, e ella a se lançar por uma varanda abaixo, e em cahindo morreu. Foi este caso logo publicado pela terra, com gram fama, e sabendo-o El-Rei de Aragão, cuja terra era, foi em pessoa a Rossillon e fez prender a Raymundo, que falleceu na prisão e mandou-lhe derribar os seus castellos, e a mulher e o amigo fez sepultar juntos em uma sumptuosa sepultura diante da igreja*

de Peripinhão, e mandou que todos os cavalleiros e damas d'aquella terra lhes celebrassem o annual todos os annos.

«*Amerigo*. D'este nome se acham dous rimadores: hum de Belengi de Bardidions, de hum castello chamado a Espada, o qual amando madama Gentil, huma das damas da Gascunha, compoz por ella muitos versos galantes e namorados e acabou seus dias em Catalunha. O outro foi de Piguilhão de Tolosa, filho de hum mercador de Paris, cujo engenho, sendo assás disposto a dizer mal, todavia escreveu algumas cousas em louvor de uma dama patricia, e indo a Catalunha foi muito favorecido de El-Rei Affonso, por suas delicadas e graciosas cantigas, e falleceu depois em Lombardia.

«*Bernardo*. Este foi de pessoa assás bello e aprazivel, filho de um forneiro e muito namorado da mulher do Visconde Vent Dorus, hum dos Castellos de Limoges, de onde era natural, e cantou d'ella grandemente; e sendo descobertos seus amores lhe conveiu apartar-se, e foi-se á Duqueza de Normandia, moça, gentil mulher e amorosa, cujos louvores derramou em seus sonetos e cantigas que não foi sem galardão; casando-se ella depois com El-Rei Henrique de Inglaterra, foi elle a Tolosa ao Conde Raimundo, ante o qual esteve honradamente emquanto viveu o conde, e como falleceu, enfiado elle do mundo se fez frade.

«*Ugo* de Penna, natural de hum castello chamado Mon-Messat, situado no Genovez. Foi mais nomeado por cantar bem as cantigas alheias, que por fazer as

suas, e depois que consumiu no jogo o que tinha, sê casou e casado falleceu.

«*E Anselmo* Faudite, que foi natural de Userta, terra de Limoges. Sendo seu pae muito ruim cantor sahio a elle, e havendo pelo jogo e pela gula cahido em pobrissimo estado, andava com a mulher, que sabia bem tanger, cantando pelas côrtes.» (1)

Diante d'este importantissimo documento, conhece-se a verdade da affirmação de Lord Strangford, nas *Notas sobre a Vida e escriptos de Camões*: «He had studied and admired the poems of Provence.» Estava no espirito da sua educação erudita; o platonismo amoroso dos seus Sonetos não era só um resultado da passividade, mas um resto de culto pela tradição provençal. No Commentario dos *Triumphos*, vem citados onze Sonetos de Petrarcha para explicarem o pensamento do poeta; esses Sonetos foram conhecidos por Camões e alguns d'elles traduzidos na sua *Lyrica*; traz tambem explanações mythologicas, que mostram terem sido o primeiro impulso que recebeu a imaginação de Camões, como o Soneto de Leandro e Hero, de Jacob e Rachel, o mytho de Stratonice do auto de *El-rei Seleuco*, uma descripção da Ilha de Venus, a comparação de Canace, Baccho considerado como Deus da India, as cidades que disputaram o berço de Homero, o dito de Scipião, repetido na Carta I da India, e outras características infalliveis que provam á evidencia pertencer esse ma-

(1) *Obras*, t. v., p. 120 a 123.

nuscripto, descoberto pelo snr. Visconde de Juromenha, a Camões. (1)

O gosto do seculo xv tambem levava os poetas de *Cancioneiro* a traduzirem os *Triumphos* de Petrarcha; foi esta mesma influencia que predominou nas primeiras tentativas poeticas de Camões, que n'isto seguia os habitos da aristocracia, ao passo que transigia com a eschola italiana. A primeira versão dos *Triumphos* de Petrarcha, que se fez na Peninsula, pertence a Alvar Gomes, e anda recolhida junto á *Diana* de Jorge de Monte-Mór; transcrevemos aqui as passagens correspondentes á versão de Camões, para se vêr como a tradição da eschola hespanhola accomodava ao metro de redondilha os tercetos de Petrarcha:

Mira las manos de *Iseo*,
 Cata la reina *Ginebra*,
 Que viene en tal devanco
 Que por cumplir su desco
 Mil vezes su fama quebra.
Lanzarote e don *Tristan*
 Y el rei *Artur* y *Galvan*,
 Y otros muchos son presentes
 De los que dicen las jentes
 Que á sus aventuras van. (2)

Turbaba-me en conocer
 La fuerza y el gran poder
 D'este amor tan triunfante
 Que trajo à *Beatriz* y al *Dante*
 Donde yo los pueda ver.

.....

(1) Quando no cap. vii tractarmos da restituição do *Par-naso de Camões*, exporemos os argumentos que nos levam a esta convicção.

(2) Cap. ii. Apud Gallardo, *Bibliotheca*, t. i, p. 618.

Viles ali que decian
 La pena que padecian
 Cuan doblada la sentian

 Al tiempo que la callabam.

Y vi la lengua dorada
 Ya seca, toda arrugada,
 Del buen *Cino de Pistoia*
 Que solia ser anosoya
 Del dios Apollo preciada.

Otros muchos sabios vi
 De nuestros italianos
 De los que yo conoci,
 Sin lengua estaban alli
 Atados de pies y manos.
 Y aquel con cara serena
 Que hizo llamarsela buena,
Amerigo, Hugo, Arnaldo,
Guidon, Anselmo, Giraldo,
 Todos en una cadena.

Além d'esta influencia exercida pela poesia italiana no genio de Camões, importa ver agora a acção de seu tio, Geral de Santa Cruz de Coimbra; d'este escreve o *Agiologio lusitano*: «Estando pois certo dia recitando algumas devoções, como costumava diante do sepulchro do Santo Rei Dom Affonso Henriques, lhe appareceu glorioso, dando-lhe as graças de quão excellentemente se havia portado no cargo.» (1) O facto da visão de D. Bento de Camões, indica-nos como Luiz de Camões veiu a conhecer as lendas do fundador da monarchia, o milagre de Ourique, a fidelidade de Egas Mo-

(1) *Op.*, t. I, p. 32.

niz, a praga de sua mãe, que soube admiravelmente introduzir nos *Lusiadas*, por ventura conhecidas tambem pelas *Chronicas breves de Santa Cruz de Coimbra*. Foi a visão em 1542, em tempo que estava Camões para abandonar Coimbra.

Um outro facto, que não deixou de produzir sérias consequencias para o futuro do joven poeta foi o acontecimento de 14 de Agosto de 1539; um collegial do Collegio de Todos os Santos achou um grande thesouro debaixo das escadas que iam para a torre do Mosteiro de Santa Cruz; chamava-se Aleixo de Figueiredo, e ia-o subrepticamente levando para casa de seu pae, por nome Nuno Borges. Sabido o successo, Dom Bento de Camões quiz que o thesouro pertencesse ao Mosteiro, e el-rei D. João III, queria pela sua parte apoderar-se d'elle, fiado na Ordenação. «Sobre este thesouro andou o Priol geral D. Bento em requerimentos e demanda com El-Rey, dizendo pertencer ao Mosteiro, mas deram sentença por El-Rei.» (1) Logo no anno seguinte, deuse um novo conflicto entre o Prior e D. João III; em 20 de Outubro de 1540, vagaram as rendas do Priorado-Mór de Santa Cruz, por morte do Infante D. Duarte, irmão do rei; D. Bento de Camões, apoderou-se d'ellas a bem do seu Mosteiro, e D. João III appellou para o Papa Paulo III, que em 1541 mandou deferir essas rendas a seu filho bastardo D. Duarte. (2) Era da

(1) *Chr. dos Conegos Regr.*, p. 290.

(2) No *Summario de Varia historia*, do snr. Dr. Ribeiro Guimarães, t. III, p. 14, encontram-se os dados biographicos

familia do Camareiro-Mór do Infante D. Duarte a namorada do poeta, D. Catherina de Athayde, e tambem pertencia á casa do Infante, o maior inimigo de Camões, Pedro de Andrade Caminha. Com certeza estes apaniguados não se esqueceriam de lembrar ao monarcha o recente conflicto com o tio do poeta, que duas vezes ousou contradizer as pretenções regias. D. Bento de Camões morreu a 2 de Janeiro de 1547, como se vê nos livros de Obitos de Moreira de S. ^oJorge, e no de S. Vicente. (1)

Nas leis organicas da trasladação da Universidade de Lisboa para Coimbra, achamos varias disposições, prohibindo aos estudantes frequentarem as aulas e fazerem formatura sem terem seguido a matricula nos diversos annos. O rigor da lei mostra quanto este abu-

d'este infante; nasceu em 1521 de el-rei Dom João III e de D. Isabel Moniz, moça da camara da rainha D. Leonor, terceira mulher de Dom Manoel, e morreu a 19 de Novembro de 1543 no paço dos Estãos, de bexigas: « Este sujeito, em verdes annos teve todos estes beneficios: Prior-Mór de Santa Cruz de Coimbra, Abbade de Sam Miguel de Refoios de Basto, de Sam Bento, de S. Martinho de Caramos, e de S. João de Longavaros; succedeu a Dom Frei Diogo da Silva no arcebis-pado de Braga tendo apenas vinte um annos de idade, morreu porém antes de ser sagrado.— Principiou a escrever em latim a historia dos Reis de Portugal, de que o erudito Nicolau Antonio diz ter lido em Roma varios fragmentos; e D. Antonio Caetano de Sousa traz nas *Provas* da sua *Historia Genealogica* uma Oração que este Dom Duarte compoz e recitou no mosteiro da Costa, da ordem de S. Jeronymo, sobre o estudo e o amor da philosophia, que mostra bastante erudição e solido pensar.»

(1) Jur. Obr., t. 1, p. 488, not. 19.

so estava inveterado, chegando até a provarem a frequencia da formatura por testemunhas; é por isso que não se encontra o nome de Luiz de Camões nas matriculas antigas. Sobre este ponto escreve o snr. Visconde de Juromenha: «Consta-nos que no Archivo da Universidade de Coimbra existem matriculas muito antigas, que vão ao tempo da trasladação, e registo das formaturas; porém tendo-se ali procurado a do nosso Poeta *não se encontrou.*» (1)

O que parecia uma negligencia, explica-se hoje por um abuso, do qual por ventura se aproveitou Camões, como muitos dos seus contemporaneos. (2)

(1) *Ibid.*, t. 1, p. x, not. 2.

(2) Em uma Carta regia de 3 de Novembro de 1539, se lê: «que alguns studantes se não querem assentar na matricula d'essa universidade... e os annos que cursarem não poderão provar por testemunhas,» etc. — E em uma Portaria de 18 de Março de 1540, achamos concedida licença a dous estudantes para provarem a sua frequencia por testemunhas, visto não estarem matriculados: «Reverendo Bispo Reitor Amiguo, eu el-Rey vos envio muito saudar, vi a Carta que me escrevestes o que dizees como nã quizestes que se contassem os Cursos aos Bachareis que ora se querem graduar, senã aaquelles que se achavã matriculados segundo forma da provisão e Regimento que sobre ello passei: foi assi bem feito e assi ei por bê que se cüpra e guarde e porem pollas Rezons que na dita carta dais ei por bê que a Guaspar Antunes, scholar en leis, e a Luiz Daraujo estudante en Canones, se receba prova de testemunhas pera elles provarem ho dito Guaspar Antunes trez annos que diz que studou nesse studo de Coimbra sem ser matriculado, e a Luiz de Araujo dous annos que outro si diz que studou no dito estudo sem se matricular, e provando os ditos cursos per testemunhas lhe sejã contados no numero dos cursos que hã de ter pera se graduarẽ de bacharees assi como se lhe contarã se estiverã matriculados. Anrique da Motta, a fez en Lixboa, a dezenove de março de mil quinhentos e quarenta.»

Na época em que Luiz de Camões deixou Coimbra, pode-se dizer qual era o estado dos dois Collegios de Santa Cruz, pelo que sabemos do anno de 1544. Era reitor no Collegio de S. Miguel, Francisco de Mesquita; collegiaes D. Antonio da Silva, que veio a ser capellão de D. Sebastião; Manoel de Quadros, que morreu em Alcacer-kibir, e era irmão de André de Quadros, amigo de Camões; Manoel da Fonseca, que foi Corregedor da côrte e primeiro Juiz do Fisco; João d'Araujo, que foi Deão de Leiria; Manoel de Vide, que foi Desembargador do Paço; Manoel de Almeida, que foi Corregedor da côrte; Antonio de Barros, que foi Governador do Priorado do Crato.

No Collegio de Todos os Santos, que era dos estudantes honrados pobres, era Reitor Aleixo de Figueiredo, e collegiaes, Rodrigo Lopes de Carvalho, Francisco Pinheiro; Fernão de Brito, Antonio Serrão e João de Seixas, naturaes de Coimbra, Luiz de Castilho, filho de Diogo de Castilho, e Gonçalo Pires, filho de Duarte Pires, que foi mestre das obras dos dois Collegios. (1)

Foi ainda quando Camões estava em Coimbra, em 1542, que o Duque de Bragança D. Theodosio, vindo em romaria a S. Thiago, se agasalhou no Mosteiro de Santa Cruz, onde se demorou alguns dias. (2) A esta

(1) *Chr. dos Con. Reg.*, p. 301.

(2) *Ib.*, t. II, p. 298.

época attribuímos a composição do Soneto XXI, dirigido ao Duque:

Ao nosso Portugal, que agora vemos
Tão diferente do seu ser primeiro,
Os vossos deram honra e liberdade.

E em vós, grão successor e *novo herdeiro*
Do Bragança Estado, ha mil extremos
Egues ao sangue, e móres que a idade.

Tinha então Camões dezoito annos, e estava já apto para poder moralisar ácerca dos costumes; é por isso que não nos conformamos com a opinião do snr. Visconde de Juromenha, que julga esse Soneto «*escripto aos onze annos da vida do Poeta, ou antes*» fundando-se em que a phrase *novo herdeiro*, não podia ser dita, muito além de 20 de Setembro de 1533; em que o Duque D. Jayme morreu. A esta visita a Coimbra do Duque D. Theodosio, (1) refere-se mais claramente o Soneto CCXXVII:

Levantae, minhas Tagides, a frente
Deixando o Tejo ás sombras nemorasas;
.....
Fique um pouco de vós o rio ausente
.....
Vinde ver a Theodosio grande e claro,
A quem está offerecendo maior canto
Na cythara dourada o louro Apollo.

(1) *Obras*, t. I, p. 16.

Minerva, do saber dá-lhe o dom raro,
Pallas lhe dá o valor de mais espanto,
E a Fama o leva já de polo a polo. (1)

Por estes versos, se vê que o Duque estava ausente da côrte; este Soneto por si fixa a data do antecedente. O Duque D. Theodosio aproveitou-se da sua passagem por Coimbra, para mandar seus irmãos D. Theotónio e D. Fulgencio para serem educados em Santa Cruz. Como vimos, era então moda a educação litteraria da aristocracia n'esse Mosteiro. Sobre este ponto, tambem escreve Cardoso, no *Agiologio lusitano*: «Pelo que muitos Princepes e Senhores d'este Reino, excitados pelo exemplo e singular virtude d'estes religiosos, os cumularam de grandes favores e beneficios, desejando muitos summamente, que seus filhos se criassem nos santos costumes, que alli se professavam. D'estes foi o senhor D. Antonio, filho do Infante D. Luiz, que depois foi Prior do Crato, e por morte do Cardeal D. Henrique, aclamado de muitos Rei de Portugal, dado que infaustamente; o mesmo foram aquelles dous principes da Casa de Bragança, D. Theotónio, que depois foi arcebispo de Evora, e D. Fulgencio, que entre outros opulentos beneficios, foi D. Prior de Guimarães.» (2) Pode-se affirmar que durante o tirocinio d'estes estu-

(1) *Obras*, t. II, pag. 114.

(2) *Agiol. lus.*, t. I, pag. 41.

dos, Luiz de Camões contrahiui as principaes amisades, que o acolheram quando appareceu na côrte.

Durante os estudos, e talvez por occasião das ferias ou pelos festejos de algum doutoramento, escreveu Camões um Auto, da velha eschola de Gil Vicente, imitado de Plauto, intitulado os *Amphytriões*. (1) Sabendo-se do uso das representações dramaticas nos divertimentos academicos, que consistiam quasi sempre em tragedias de Seneca, ou em novas composições todas em latim, o Auto de Camões, em redondilha popular e em linguagem vernacula, só se explica como uma reacção turbulenta de eschola, que chasqueava por esse modo das cousas em que os graves doutores queriam ainda misturar o ensino. Nos *Amphytriões*, deixa o poeta vêr um vestigio por onde se conhece que lhe eram familiares os Autos, então em folha volante, de Gil Vicente; aí repete o celebre romance da tragedia de *Dom Duardos*:

Voy-me á las tierras estrañas
A dó ventura me guia.

Falando do uso dos centões, diz D. Francisco de Portugal, na *Arte de Galanteria*: «Que solamente le sufrimos en esto de valerse de versos, los que la antiguidad estabeleció aprobaciones, una vez en la vida, y otra en la muerte, dexando exceptuado por comission

(1) Vid. *Hist. do Theatro portuguez*, t. 1, pag. 240.

particular el *Auto de Don Duardos*, en aquellas certezas echas de molde para successos materiales:

O que agoa tão sabrosa
Toda se me apresentou en el coração,
O responde como vistes
O vistes como respondes
Sagrada flôr en las flôres.

«y lo de Artada a Julian, para las criadas en las desesperaciones, si mi consejo tomara no se iria, aunque con riesgo de que le succeda, como al (D. Juan de Silva, Conde de Portalegre) que trayendo por resposta dos versos de un Romance a una dama, dixo ella: — Oh que cansada cosa, discretos de cartapacio.» (1) Por aqui se vê quanto em verdes annos já Camões era versado na galanteria palaciana; um filho d'este Conde de Portalegre, tambem frequentou as escholas de Santa Cruz.

Em 1554, Ferreira referia-se ao uso das representações dramaticas pelos escholares em Coimbra; quando em 1551 o Prior do Crato acabou de estudar *Philosophia e Metaphysica*, e o Infante D. Luiz pediu ao Prior geral D. Francisco de Mendanha, que lhe dêsse o gráo de bacharel em Artes, houve uma grande festa dramatica: «Ordenou então o mesmo Prior geral, que este acto se fizesse com grande solemnidade. Para isto houve provisão de El-Rei D. João III, que podesse o snr. D. Antonio receber o dito gráo em Santa Cruz na

(1) *Art. de gal.*, p. 100.

Aula ou Geral em que se fazem os *Quodlibetos* e *Augustinianas*. E que seu mestre o Padre D. Braz lhe orasse no acto, e lhe pozesse as insignias de Mestre em Artes. Ordenou mais para a tarde d'aquelle dia uma tragedia do Gigante Goliath em latim, que representaram os Estudantes nobres da Universidade na Claustro da Portaria, que fica anterior ao Mosteiro.» (1) «De tarde se representou a tragedia do *Gigante Goliath* na claustro da Portaria, com grande apparatus e se acabou com uma musica mui suave, cantando a côros aquella letra do triumpho de David, que teve do *Gigante*:

Saul percussit mille,
Et David decem millia.» (2)

Na linguagem popular portugueza ainda se encontra o nome de *Goliardo*, significando o rufião e frascario, derivado das tropelias que faziam os estudantes que representavam *Goliath*. Lá diz o Chiado, na *Pratica de outo figuras*: «Em beber sou um *Goliath*.» D'aqui se vê qual foi o motivo que fez com que Camões, ainda nos Estudos escrevesse o Auto dos *Amphytriones*, talvez para solemnizar o gráo de *bacharel latino*, que chegou a receber, como se deprehende d'estes versos do seu amigo André Falcão de Resende: «*A Luiz de Camões. Re-*

(1) D. Nicolau de Santa Maria, *Chron.*, liv. x, p. 183.

(2) *Ib.*, t. II, p. 319.

prehende aos que, desprezando os doutos, gastam o seu com truhães:

Esta é, Camões, que quem escreve ou fala
Em numeroso verso, ou segue e usa
A poetica prosa, e quer ornal-a;

E o natural engenho applica á musa,
Alguma hora do pó se levantando,
Logo algum vil espirito o nota e accusa:

« Vedes, o triste (diz aos de seu bando)
« Que he *Bacharel latino*, e nada presta,
« É poeta o coitado, é monstro infando. (1)

N'esta Satyra, André Falcão de Resende retrata a situação do grande Camões, desprezado no meio da sociedade portugueza da ultima metade do seculo XVI; por tanto'pode-se devidamente inferir, que é a Camões que se refere o epitheto de *Bacharel latino*. Camões assistira á reforma dos estudos em Coimbra; D. João III por Carta regia de 9 de Fevereiro de 1537 mandara que se lêsse desde o primeiro de Março de 1538. O esplendor que apresentaram desde o começo inspiraram a Camões esta celebre outava dos *Lusíadas*, quando fala de el-rei D. Diniz:

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva;
E de Helicon a musas fez passar-se
A pizar do Mondego a fertil herva.

(1) *Obras* de André Falcão, pag. 283.

Quanto póde de Athenas desejar-se,
Tudo o soberto Apollo aqui reserva;
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
De *baccharo* e do sempre verde louro. (1)

Um desastroso erro politico destruiu de repente a obra de tantos sabios. Dom João III mandou entregar o Collegio das Artes aos Jesuitas; (2) o afamado Diogo

(1) Cant. III, est. 97.

(2) « Consta por narrativa de hum Alvará del Rei Dom Sebastião, que El-Rey Dom Joaõ seu avó mandou entregar aos Padres da Companhia o edificio, casas e assento do Collegio das Artes, que tinha mandado fazer na Universidade de Coimbra, e lhe foy entregue no mez de Septembro de 1555, por Bartholomeu da Costa, Contador de sua casa.» *Ann. de D. João III*, p. 446.

Nas Memorias e Documentos, que Frei Luiz de Sousa reuniu para os *Annaes de Dom João III*, vem os seguintes apontamentos ácerca do Collegio das Artes:

« *Renda do Collegio das Artes:*

« O Collegio das Artes e Latinidade tem das rendas da Universidade	3,500 cruz.
« E no Almojarifado de Coymbra até ser provido n'outra parte.....	500 cruz.
	<hr/> 4,000 cruz.

« Mais tem sete arrobas de cera pera a capella do collegio cada anno.

« Esta fazenda he com obrigação de terem continuos setenta Religiosos, a saber: dezoito pera Mestres, a saber quatro pera os quatro cursos de Arte; dez que tem dez classes de Latinidade e Retorica: hum que lê grego, outro Ebrayco; dous que ensinam a ler e escrever; hum Prefeito dos Estudos, que no tempo dos Francezes se chamava *Principal*; quatro sacerdotes, que se occupam em ouvir de confissões os estudantes, que se confessom pollo menos huma vez cada mez; doze

de Teive foi repellido do ensino, e a Grammatica do Padre Manoel Alvares começou a bestificar as intelligencias. O character de ensino litterario dos Jesuitas está lucidamente traçado n'estas palavras de Michelet:

«É deploravel vêr protestantes e livres pensadores (Bacon, Ranke, Sismondi, Auguste Comte, etc.) louvarem os jesuitas como mestres e excellentes *latinistas*. Elles tiveram um conhecimento superficial da antiguidade. Evidentemente, nunca leram nem conheceram os verdadeiros, os grandes eruditos do seculo xvi. Nas mãos dos jesuitas tudo se tornou frouxo e falso. Estas linguas masculinas e altivas, o que ficaram sendo nos seus Collegios? Quão molles e feminisadas. O seu reinado de *humanistas*, póde chamar-se com toda a verdade, o predominio da chateza.

«Nunca o diabo fará a obra de Deos. O mais que faz são contrafacções ignobeis e caricaturas. O fructo jesuitico, derivado da Italia corrupta, do grotesco idyllio de Tirsis e de Corydon, envenenou a Europa.» (1)

que com seu *Reytor* são necessarios pera officiays e serviço do Collegio; quatro moços de serviço e huma besta.

«Os que faltam pera cumprimento dos setenta da obrigação são muytos que estão prestes pera substituirem quando adoecem os mestres; outros que estão pera examinadores dos que passam de humas classes pera outras; outros que vão estudando pera d'elles se fazerem mestres. Ha dois guardas que levam de salario 24\$000 reis; hum porteyro, hum varredor, um tangedor do sino.» *Ann. de D. João III*, p. 454.

(1) Michelet, *Nos fils*, p. 149, 4.^a ediç.

Quando Camões saíu de Coimbra ainda o ensino não estava corrompido pela roupeta; ainda levava consigo uma séria erudição que o não esterilisava, e as doces saudades das suas primeiras affeições, e dos sitios que melhor o impressionaram.

8270



HISTORIA DE CAMÕES

POR

THEOPHILO BRAGA

PROFESSOR DE LITTERATURAS MODERNAS
ESPECIALMENTE DE LITTERATURA PORTUGUEZA
NO CURSO SUPERIOR DE LETRAS

2 VOLUMES

- 1.º Vida de Luiz de Camões (pag. viii-443)
- 2.º Eschola de Camões (pag. vi-592). Completos.

Preço da obra..... 2\$000 rs.

Com o presente volume fica terminada a *Historia de Camões*, na qual, com os recursos de factos inteiramente desconhecidos ou pela primeira vez aproximados e interpretados, se acha traçado o vasto quadro da civilização portuguesa no grande seculo dos Quinhentistas. Embora se toquem todas as phases da vida politica e social, da instrução publica, dos desastres nacionaes, da influencia das fortes individualidades, tudo se liga directamente a Camões por essa relação íntima que existe entre um seculo fecundo e um alto espirito. É por isso que a *Vida de Camões* sae fóra dos limites e do plano de uma biographia. A sua feição lyrica está estudada na critica dos numerosos poetas que o imitaram; a sua epopeia deixa pela primeira vez de ser julgada pelas regras de Aristoteles e de Le Bossu, aproveitando-se a moderna comprehensão das creações epicas para determinar a natureza da sua estrutura. Esta obra mereceu já ao eminente M. Lullé a confissão, na *Revue de Philosophie positive*, de que elle produzira o mais vivo interesse; e o mais que se pôde ambicionar de que estudam.

Vende-se em todas as Livrarias do Porto e Lisboa.

PQ
9212
B73
pt.2
bk.2

Braga, Theophilo
Historia de Camões

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

